

Anexo 1

Ficha da Escola A ¹

1. Elementos de Identificação²:

1.1. Designação: Escola Secundária Poeta António Aleixo

1.2. Localização: Barlavento Algarvio

1.3. Início do funcionamento

Data da sua criação: 13/07/1965

Data da entrada em funcionamento, nas atuais instalações: 29/08/2011

Observações: A escola foi intervencionada pela Parque Escolar tendo sofrido obras de requalificação

1.4. Situação dentro do Ensino

	*Anterior	*Atual
Ensino Oficial	X	X
Básico	X	
Secundário	X	X
Ensino Recorrente Noturno	X	
Ensino Recorrente Diurno		
EFA	X	X
CNO	X	X

*Assinalar com um X as situações correspondentes

Observações: _____

2. O Edifício e os Espaços

2.1. Características gerais

Projeto da construção (designação, etc): Projeto original do Arquiteto José Sobral Blanco em 1961, da Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário do MOP.

Antiguidade do edifício atualmente a ser intervencionado: 47 anos

1 Adaptado de Estrela, Albano (1994). Teoria e prática de observação de classes – Uma estratégia de formação de professores. (4ª edição). Porto: Porto Editora.

2 Por razões de ordem ética não é feita a identificação exaustiva da Escola, no que se refere à localização.

Observações:

Os objetivos da intervenção são:

-recuperar a Escola existente conservando os seus valores arquitetónicos de qualidade, que apesar do tempo se mantêm atuais e funcionais;

-adaptar a Escola aos novos objetivos programáticos de um ensino atual, atuante e participativo;

-corrigir os aspetos ligados ao conforto e funcionalidade dos vários espaços e das suas variadas tipologias;

-permitir soluções abertas e suficientemente flexíveis para uma utilização dinâmica atual e futura;

-encontrar soluções técnicas e construtivas que permitam uma exploração e utilização sustentada e equilibrada quanto a custos de manutenção e garantam boas condições de habitabilidade e conforto;

-maior e melhor integração da escola na sua comunidade.

2.2. As áreas

2.2.1 Área total: 23.000

2.2.2. Área total abrangida pelo Edifício ou Edifícios: 6420

2.2.3. O edifício consta de:

Bloco único	Blocos independentes	Número de pisos (em cada bloco)	Observações
Sim <input checked="" type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/> Nº de Blocos ___	No edifício novo: 3 pisos	No edifício construído de raiz temos 4 pisos
Não <input type="checkbox"/>	Não <input checked="" type="checkbox"/>	No edifício antigo _____	

2.2.4. As áreas descobertas distribuem-se por:

(assinalar com um x)

Único pátio interior	
Único pátio à volta do edifício	
Pátio de recreio e jardins	X
Áreas desportivas	X

2.2.5. As áreas cobertas (não edifício) distribuem-se por:

(assinalar com um x)

Alpendres	
Telheiros	
Alpendres e telheiros	
Alpendres e faixas de circulação	
Telheiros e faixas de circulação	
Alpendres, telheiros e faixas de circulação	

Observações: _____

2.2.6. Limites do domínio escolar com o meio circundante

(assinalar com um x)

Presença de gradeamentos intransponíveis	X
Presença de muros intransponíveis	
Presença de gradeamentos ou muros convencionais	
Ausência de qualquer vedação	

Observações: _____

2.2.7. Espaços de circulação interna:

(assinalar com um x)

Corredores amplos e bem iluminados	X
Ausência de corredores, as salas dão para um átrio	
Corredores pouco amplos	
Presença de faixas cobertas destinadas à circulação entre pavilhões	
Outros	

2.2.8. Acesso aos pisos:

(assinalar com um x)

Rampas	
Escadarias	X
Elevador	X

Observações: _____

3. Instalações

	número
Sala de aulas (“normais”)	37
Ginásios	3
Oficinas	2
Salas de informática	10
Laboratórios	8
Sala de projeções	0
Auditório	1
Gabinete da Direção da Escola	3
Balneário dos alunos	2
Balneário dos professores	2
Gabinetes dos Grupos de recrutamento	2
Gabinete SASE	1
Sala de Diretores de Turma	1
Gabinetes/salas para receber os Encarregados de Educação	2
Sala de Professores	1
Sala do aluno	1
Sala para os clubes	2
Sala de Associação de Pais	1
Sala de Associação de Alunos	1
Sala de Reuniões	2
Papelaria/Reprografia	1
Centro de Recursos/Biblioteca	1
Cozinha e refeitório	1
Gabinete médico	1
Gabinete de Orientação escolar	1
Gabinete de Apoio ao aluno	1
Outros: -Sala de funcionários	1
-Bar	2

Observações: As salas de aula têm, em alguns casos, projetores, não havendo uma sala destinada apenas a projeções

4. Atividades/Projetos de escola (2011/2012)

(assinalar com um x)

Clube de ciências	
Clube de solidariedade e animação	
Desporto Escolar	X
Grupo teatro	X
EPS –Educação para a Saúde	X
Projeto Qualidade 2013 (Autoavaliação)	X
Aprender a Empreender	
Gab. Apoio ao Aluno (GAA)	X
Projeto ENEAS	X
Outros: -Projeto colaborativo (professores)	X
-Projeto OTES	X
-Projeto AVI – Estudo principal do PISA 2012	X
-Projeto Testes Intermédios	X

Observações: _____

5. População escolar

5.1. Pessoal Docente

Sexo		Professor efetivo do quadro de escola	Professor profissionalizado não pertencente ao quadro de escola (contratados)	TOTAIS
		M - Masculino	50	7
F - Feminino		62	11	
	Total M-F	112	18	130

Idade	Total de Professores efetivos e contratados							
	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	50-54	55-59	60-64
	M- 0	M- 7	M- 10	M- 15	M- 8	M- 12	M- 6	M- 1
F- 1	F- 10	F- 8	F- 9	F- 17	F- 18	F- 5	F- 3	

Observações:

-Os dados constantes na grelha são relativos a Março de 2012

-Nº total de professores do Departamento de Línguas, a lecionar “língua estrangeira” de nível secundário no ano letivo de 2011/2012: 8 professores (5 lecionam Inglês e 3 lecionam Espanhol)

5.2. Alunos

	Cursos Científico-Humanísticos e Tecnológicos	Cursos Profissionais	Cursos de Educação e Formação	Cursos de Educação e Formação de Adultos
Nº de turmas	34	13	1	2
Média de idades	-----	-----	-----	-----
Nº de Alunos	847	302	26	-----
Nº de alunos que não transitaram de ano	-----	-----	-----	-----

Observações:

-Os dados constantes na grelha são relativos a Dezembro de 2011

-Total de alunos do ensino diurno no ano letivo de 2011/2012: 1136 alunos

-Total de alunos do ensino noturno no ano letivo de 2011/2012: ± 300 alunos

6. **Regulamento Interno da Escola**

6.1.A sua construção foi partilhada / participada SIM NÃO

6.2.Linhas Gerais: “O Regulamento Interno^I, uma das pedras basilares da autonomia, é um instrumento educativo fundamental que rege os direitos e deveres dos membros de uma organização, instituição, escola. É uma disposição oficial que permite encaminhar a escola conforme a lei, explicitando e facilitando a execução da mesma, através da definição das normas e regras fundamentais de funcionamento. Assim, deve ser, fundamentalmente, um instrumento que reflita a missão, o princípio, o valor, as meta e as estratégias preconizados no projeto educativo e que revele a capacidade da Escola para incrementar a sua autonomia” (citado em Regulamento Interno ESPAA, 2011/2012, pp. 7).

I “o documento que define o regime de funcionamento do agrupamento de escolas ou da escola não agrupada, de cada um dos seus órgãos de administração e gestão, das estruturas de orientação e dos serviços administrativos, técnicos e técnico-pedagógicos, bem como os direitos e os deveres dos membros da comunidade escolar”

Alínea b), artigo 9.º do Decreto - Lei n.º 75/2008, de 22 de abril

6.3.Princípios determinantes para a sua construção: “A Escola é e será aquilo que todos e cada um dos elementos da comunidade educativa pretendem que seja, é um agente privilegiado de socialização, promovendo a assimilação de atitudes e valores da sociedade. A participação de todos é determinante para uma escola que pretende atingir níveis de excelência, mas essa participação terá de respeitar um fio condutor, para que se possa construir o quotidiano da escola num exercício permanente dos direitos e dos deveres de cidadania, por todos quantos nela convivem sem, contudo, constranger a liberdade inerente a um trabalho criativo que tenha em conta a diversidade da Escola” (citado em Regulamento Interno ESPAA, 2011/2012, pp. 7).

Nota: O Regulamento Interno é um dos instrumentos operacionalizadores do Projeto Educativo, devendo, assim, observar-se a articulação entre os objectivos definidos e as iniciativas planeadas no sentido da sua consecução.

O Projecto Educativo, por sua vez, tendo por base os princípios constantes da Lei de Bases do Sistema Educativo, actuais e pertinentes, e reafirmados nos artigos 3.º e 4.º do Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de Abril, determina que a escola dê resposta à missão que lhe está confiada, prestando “um serviço público em condições de qualidade e equidade, e dessa forma potenciar a formação de cidadãos dotados de *“competências e conhecimentos que lhes permitam explorar as suas capacidades, integrar-se na sociedade e dar um contributo para a vida económica, social e cultural do País”*, ou seja, indivíduos com a capacidade de saber conduzir o seu destino de forma responsável, autónoma e defendendo os princípios de vivência democrática. (...) Ao assumir a autonomia que lhe é reconhecida como instituição e favorecer um processo de identidade própria, o projecto educativo materializa a sua imagem, pressupõe uma vontade colectiva, um envolvimento comunitário e a capacidade de promover, de forma sustentada, o seu desenvolvimento organizacional (uma administração educativa descentralizada, uma competência técnica de gestão, processos eficazes de liderança e de avaliação). (...) O projecto educativo de escola norteado por princípios orientadores particularmente centrados nos alunos, pressupõe o conhecimento das características, motivações e expectativas dos mesmos; o conhecimento do contexto em que se desenvolve o processo educativo; o estabelecimento de prioridades educacionais e o reconhecimento de estratégias de intervenção, bem como a necessária participação de todos os implicados no processo educativo (alunos, pais/encarregados de educação, professores, funcionários, autarquia, representantes da comunidade local).

Sendo um documento orientador, pressupõe que a sua concretização não se esgote nas linhas apresentadas, implicando, pelo contrário, um espírito de abertura e de resposta às necessidades e exigências da constante evolução da sociedade” (citado em Projeto Educativo 2008/2011* da ESPAA, pp. 3, 4).

.A Direção da Escola Secundária Poeta António Aleixo: _____
Portimão, Março de 2012

*O projeto Educativo foi prorrogado por mais um ano.

Ficha da Escola B¹

1. Elementos de Identificação²:

1.1. Designação: Escola Secundária Manuel Teixeira Gomes

1.2. Localização: Barlavento Algarvio

1.3. Início do funcionamento

Data da sua criação: 28/12/1968 – Escola Industrial e Comercial de Portimão

Data da entrada em funcionamento, nas atuais instalações: 1982/83

Observações: A escola iniciou a atividade como secção de Escola Industrial e Comercial de Silves no ano 1964/65

1.4. Situação dentro do Ensino

	*Anterior	*Atual
Ensino Oficial	X	X
Básico	X	
Secundário	X	X
Ensino Recorrente Noturno	X	X
Ensino Recorrente Diurno		
EFA		X
CNO		X

*Assinalar com um X as situações correspondentes

Observações: _____

2. O Edifício e os Espaços

2.1. Características gerais

Antiguidade do edifício: 30 anos

Estado de conservação BOM RAZOÁVEL MAU

Observações: Foi cancelada a intervenção por parte da Parque Escolar, prevista para 2012.

1 Adaptado de Estrela, Albano (1994). Teoria e prática de observação de classes – Uma estratégia de formação de professores. (4ª edição). Porto: Porto Editora.

2 Por razões de ordem ética não é feita a identificação exaustiva da Escola, no que se refere à localização.

2.2. As áreas

2.2.1 Área total: 4 hectares

2.2.2. Área total abrangida pelo Edifício ou Edifícios: _____

2.2.3. O edifício consta de:

Bloco único	Blocos independentes	Número de pisos (em cada bloco)	Observações
Sim <input type="checkbox"/>	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Nº de Blocos: 6	Bloco Administrativo e Bloco C – 1 piso Blocos A, B e D – 3 pisos	
Não <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>		

2.2.4. As áreas descobertas distribuem-se por:

(assinalar com um x)

Único pátio interior	
Único pátio à volta do edifício	
Pátio de recreio e jardins	X
Áreas desportivas	X

2.2.5. As áreas cobertas (não edifício) distribuem-se por:

(assinalar com um x)

Alpendres	
Telheiros	
Alpendres e telheiros	
Alpendres e faixas de circulação	
Telheiros e faixas de circulação	X
Alpendres, telheiros e faixas de circulação	

Observações: _____

2.2.6. Limites do domínio escolar com o meio circundante

(assinalar com um x)

Presença de gradeamentos intransponíveis	X
Presença de muros intransponíveis	
Presença de gradeamentos ou muros convencionais	
Ausência de qualquer vedação	

Observações: _____

2.2.7. Espaços de circulação interna:

(assinalar com um x)

Corredores amplos e bem iluminados	
Ausência de corredores, as salas dão para um átrio	X
Corredores pouco amplos	
Presença de faixas cobertas destinadas à circulação entre pavilhões	X
Outros	

2.2.8. Acesso aos pisos:

(assinalar com um x)

Rampas	
Escadarias	X
Elevador	X

Observações: Elevador no Bloco B

3. Instalações

	número
Sala de aulas (“normais”)	35
Ginásios	1
Oficinas	1
Salas de informática	7
Laboratórios	11
Sala de projeções	1
Auditório	1
Gabinete da Direção da Escola	1
Balneário dos alunos	6
Balneário dos professores	2
Gabinetes dos Grupos de recrutamento	10
Gabinete SASE	1
Sala de Diretores de Turma	1
Gabinetes/salas para receber os Encarregados de Educação	3 Gabinetes
Sala de Professores + Salas de trabalho	4
Sala do aluno	1

Sala para os clubes	1
Sala de Associação de Pais	1
Sala de Associação de Alunos	1
Sala de Reuniões	1
Papelaria/Reprografia	1
Centro de Recursos/Biblioteca	1
Cozinha e refeitório	1
Gabinete médico	_____
Gabinete de Orientação escolar	1
Gabinete de Apoio ao aluno	1
Outros	

Observações: _____

4. Atividades/Projetos de escola (2011/2012)

(assinalar com um x)

Clube de ciências	X
Clube de solidariedade e animação	X
Desporto Escolar	X
Grupo teatro	X
EPS –Educação para a Saúde	X
Projeto Qualidade XXI	X
Aprender a Empreender	X
Gab. Apoio ao Aluno e Família	X
L.E.I.A.	X
Outros	X

Observações: _____

5. População escolar

5.1. Pessoal Docente

		Professor efetivo do quadro de escola	Professor efetivo não pertencente ao quadro	Professor já profissionalizado não efetivo	Professor não profissionalizado com habilitação própria	Professor sem habilitação própria	TOTAIS
Sexo	M - Masculino	44	4	21	-----	1	
	F - Feminino	69	5	24	2	-----	

	Total M-F	113	9	45	2	1	170
Idade	< 25 anos	-----	-----	-----	-----	-----	
	25-45 anos	4	7	40	2	1	
	45-65 anos	111	-----	5	-----	-----	
	>65 anos	-----	-----	-----	-----	-----	
		115	7	45	2	1	170

Observações:

-Os dados constantes na grelha são relativos ao ano letivo de 2010/2011

-Nº total de professores de todos os Departamentos/Grupos disciplinares a lecionar em Março de 2012 (independentemente da variável “Sexo”, “Idade” e “Situação profissional”): 154 professores (120 são do Quadro de Escola e 34 são Contratados)

-Nº total de professores do Departamento de Línguas, a lecionar “língua estrangeira” de nível secundário no ano letivo de 2011/2012: 17 professores (11 lecionam Inglês e/ou Alemão; 5 lecionam Espanhol e 1 leciona Latim)

5.2. Alunos

	Cursos Científico-Humanísticos e Tecnológicos	Cursos Profissionais	Cursos de Educação e Formação de Adultos	Formação Modular-Alemão	Formação Modular certificada- nível 3
Nº de turmas	26	27	9	-----	-----
Média de idades	16,7	17,7	-----	-----	-----
Nº de Alunos	514	436	161	-----	-----
Nº de alunos que não transitaram de ano	135	-----	-----	-----	-----

Observações:

-Os dados constantes na grelha são relativos ao ano letivo de 2010/2011

-Total de alunos do ensino diurno no ano letivo de 2011/2012: 1080 alunos

-Total de alunos do ensino noturno no ano letivo de 2011/2012: 120 alunos

Regulamento Interno da Escola

6.1.A sua construção foi partilhada / participada SIM NÃO

6.2.Linhas Gerais: o regulamento interno define os princípios orientadores da atividade da escola, a normas genéricas de funcionamento de escola e as disposições relacionadas com processos eleitorais.

6.3.Princípios determinantes para a sua construção: a qualidade do ensino e das aprendizagens que promovem uma cultura de exigência e responsabilidade são apostas fundamentais da ESMTG que contribuem com o desenvolvimento de uma cultura também ela humanista, que valoriza a cidadania, a liberdade, a solidariedade, a tolerância, o respeito pela diferença e as preocupações ecológicas.

A Direção da Escola Secundária Manuel Teixeira Gomes: _____

Portimão, Março de 2012

Ficha da Escola C ¹

1. Elementos de Identificação²:

1.1. Designação: Escola Básica e Secundária da Bemposta

1.2. Localização: Barlavento Algarvio

1.3. Início do funcionamento

Data da sua criação : Setembro de 2010

Observações: _____

1.4. Situação dentro do Ensino

	*Anterior (2010/2011)	*Atual (2011/2012)
Ensino Oficial	X	X
Básico	X	X
Secundário	X	X
Ensino Artístico Integrado	X	X
Ensino Recorrente Noturno		
Ensino Recorrente Diurno		
EFA		
CNO		

*Assinalar com um X as situações correspondentes

Observações: As turmas do secundário são Cursos Profissionais de Música

2. O Edifício e os Espaços

2.1. Características gerais

Antiguidade do edifício: 1 ano

Estado de conservação BOM RAZOÁVEL MAU

Observações:

1 Adaptado de Estrela, Albano (1994). Teoria e prática de observação de classes – Uma estratégia de formação de professores. (4ª edição). Porto: Porto Editora.

2 Por razões de ordem ética não é feita a identificação exaustiva da Escola, no que se refere à localização.

2.2. As áreas

2.2.1 Área total: 5 hectares

2.2.2. Área total abrangida pelo Edifício ou Edifícios: _____

2.2.3. O edifício consta de:

Bloco único	Blocos independentes	Número de pisos (em cada bloco)	Observações
Sim <input checked="" type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/> Nº de Blocos ____		
Não <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>		

2.2.4. As áreas descobertas distribuem-se por:

(assinalar com um x)

Único pátio interior	
Único pátio à volta do edifício	X
Pátio de recreio e jardins	X
Áreas desportivas	X

2.2.5. As áreas cobertas (não edifício) distribuem-se por:

(assinalar com um x)

Alpendres	
Telheiros	
Alpendres e telheiros	
Alpendres e faixas de circulação	
Telheiros e faixas de circulação	
Alpendres, telheiros e faixas de circulação	

Observações: Não existem

2.2.6. Limites do domínio escolar com o meio circundante

(assinalar com um x)

Presença de gradeamentos intransponíveis	X
Presença de muros intransponíveis	
Presença de gradeamentos ou muros convencionais	
Ausência de qualquer vedação	

Observações: _____

2.2.7. Espaços de circulação interna:

(assinalar com um x)

Corredores amplos e bem iluminados	X
Ausência de corredores, as salas dão para um átrio	
Corredores pouco amplos	
Presença de faixas cobertas destinadas à circulação entre pavilhões	
Outros	

2.2.8. Acesso aos pisos:

(assinalar com um x)

Rampas	
Escadarias	X
Elevador	X

Observações: _____

3. Instalações

	número
Sala de aulas (“normais”)	
Ginásios	1
Oficinas	_____
Salas de informática	1
Laboratórios	4
Sala de projeções	1
Auditório	1
Gabinete da Direção da Escola	1
Balneário dos alunos	4
Balneário dos professores	2
Gabinetes dos Grupos de recrutamento	6
Gabinete SASE	_____
Sala de Diretores de Turma	1
Gabinetes/salas para receber os Encarregados	

de Educação	2
Sala de Professores	1
Sala do aluno	1
Sala para os clubes	
Sala de Associação de Pais	
Sala de Associação de Alunos	
Sala de Reuniões	X
Papelaria/Reprografia	X
Centro de Recursos/Biblioteca	X
Cozinha e refeitório	X
Gabinete médico	X
Gabinete de Orientação escolar	
Gabinete de Apoio ao aluno	X
Outros	

Observações: _____

4. Atividades/Projetos de escola (2011/2012)

(assinalar com um x)

Clube de ciências	
Clube de solidariedade e animação	X
Desporto Escolar	X
Grupo teatro	
EPS –Educação para a Saúde	X
Projeto Qualidade XXI	
Aprender a Empreender	
Gab. Apoio ao Aluno e Família	X
L.E.I.A.	
Outros	X

Observações: _____

5. População escolar

5.1. PESSOAL DOCENTE

		Professor efetivo do quadro de escola	Professor efetivo não pertencente ao quadro	Professor já profissionalizado não efetivo	Professor não profissionalizado com habilitação própria	Professor sem habilitação própria	TOTAIS
Sexo	M - Masculino	12	7	10	7	0	36
	F - Feminino	16	6	13	10	1	46
	Total M-F	28	13	23	17	1	82
Idade	< 25 anos	0	0	1	0	0	1
	25-45 anos	10	15	26	14	1	66
	45-65 anos	7	8	0	0	0	15
	>65 anos						

Observações:

- Os dados constantes na grelha são relativos a Março de 2012

- Nº total de professores do Departamento de Línguas, a lecionar “língua estrangeira” de nível secundário no ano letivo de 2011/2012: 1 professor a lecionar Inglês

5.2. Alunos

	Ensino Básico (articulado e não articulado)	Ensino Secundário (articulado e não articulado)	Cursos de Educação e Formação	
Nº de turmas	22	2	0	
Média de idades	13	18	_____	
Nº de Alunos	520	35	_____	
Nº de alunos que não transitaram de ano				

Observações:

- Os dados constantes na grelha são relativos a Março de 2012

- Total de alunos do ensino diurno no ano letivo de 2011/2012: 555

6. Regulamento Interno da Escola

6.1.A sua construção foi partilhada / participada SIM NÃO

6.2.Linhas Gerais:

6.3.Princípios determinantes para a sua construção:

Definir as linhas orientadoras da vida e organização escolar.

A Direção da Escola Básica e Secundária da Bemposta: _____

Portimão, Março de 2012

Anexo 2

Questionário 1

Este questionário insere-se num trabalho de investigação realizado no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação e da Formação, especialidade – **Observação e Análise da Relação Educativa** – na Universidade do Algarve. Pretende-se recolher informação para a caracterização, descrição e interpretação da importância da formação, em particular, a da formação contínua, no desenvolvimento de competências profissionais e pessoais do professor de língua estrangeira, bem como dos dispositivos de formação mais positivamente correlacionados com o sucesso das aprendizagens dos alunos do ensino secundário.

O questionário é anónimo.

Por favor, não deixe nenhuma resposta em branco.

1.Sexo: Masc. Fem.

2.Idade: _____

3.Habilitações académicas

- Bacharelato.....
Licenciatura.....
Mestrado Pré-bolonha.....
Mestrado profissionalizante para o ensino.....
Outra. Qual? _____

Especifique, se possível, a habilitação anterior num dos seguintes parâmetros:

- Via Ensino.....
Ramo Educacional.....
Ramo Científico das Universidades Clássicas com profissionalização.....
Ramo Científico das Universidades Clássicas sem profissionalização.....
Outra. Qual? _____

4. Situação Profissional (situação em que se encontra colocado)

- Contratado profissionalizado.....
Contratado com habilitação própria.....
Efetivo do Quadro de Escola.....
Efetivo não pertencente ao Quadro de Escola.....

5. Anos de serviço: _____

6. Anos/níveis que leciona: 2º ciclo 3º ciclo secundário

7. Identifique a(s) Língua(s) estrangeira(s) a lecionar no presente ano letivo:

- Inglês.....
Francês.....
Alemão.....
Espanhol.....
Latim.....

8. Refira, numa escala de 1 a 5 de Likert (1= *Nada Importante* 2= *Pouco Importante* 3= *Importante* 4= *Muitas Vezes Importante* 5= *Sempre Importante*), o grau de importância que cada afirmação tem em termos da contribuição dos programas de formação contínua frequentados na aquisição/atualização de competências profissionais e pessoais:

	1	2	3	4	5
aprofundamento de competências cognitivas no domínio do conhecimento científico e didático da disciplina que leciona	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
atualização da competência pedagógica por forma a promover uma pedagogia centrada no aluno, conducente ao desenvolvimento da autonomia e da autoaprendizagem (autorregulação)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
planificação e avaliação de estratégias de apoio às aprendizagens previstas no plano curricular da disciplina	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
capacidade de comunicar e de estimular o interesse dos alunos pela aprendizagem criando empatia com os mesmos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
(re)construção de saberes orientados para a resolução de problemas de cariz disciplinar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
desenvolvimento de metodologias de avaliação das aprendizagens dos alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
capacidade de diversificar estratégias de ensino adequadas às necessidades dos alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
capacidade de diversificar estratégias de ensino face aos recursos e instrumentos disponíveis	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
competências ao nível do uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
construção de materiais didáticos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
desenvolvimento de atitudes de colaboração com todos os membros da ação educativa, permitindo a reflexão/troca de experiências	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
capacidade de questionar sobre a sua própria maneira de planificar, apresentar e avaliar os diferentes conteúdos da sua disciplina	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

capacidade de estimular o recurso à produção de investigação educativa, com vista a introduzir mudanças na sua prática pedagógica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
postura crítica e capacidade de intervenção face às exigências que lhe são impostas pela realidade social e educativa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
desenvolvimento de um espírito de abertura à inovação e uma busca constante pela auto-valorização do seu processo de formação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
desenvolvimento de capacidades assertivas nas relações interpessoais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
compreensão e implementação das medidas propostas ao nível da gestão e reorganização curricular	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
capacidade de análise e crítica pelas questões éticas e sociais da escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
compreensão dos textos normativos, legislação sobre a carreira docente, sobre as decisões e opções tomadas pela Administração Central/Regional	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

9. Refira, numa escala de 1 a 5 de Likert (1= *Nada Importante* 2= *Pouco Importante* 3= *Importante* 4= *Muitas Vezes Importante* 5= *Sempre Importante*), o grau de importância que cada afirmação tem em termos da contribuição dos programas de formação contínua frequentados no sucesso das aprendizagens dos alunos, nos seguintes aspetos da prática pedagógica:

Recursos Tecnológicos

	1	2	3	4	5
o uso de ambientes multimédia, por ex. imagem, som, vídeo, jogos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
a criação de fóruns, chats, videoconferência	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
a diversidade de material didático, por ex. criação de sites voltados para publicação de trabalhos de alunos, de periódicos online	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
a variedade de escolha de informação e rapidez no acesso à mesma através de bibliotecas virtuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
a possibilidade de o professor divulgar informação em parceria com os seus alunos através de <i>homepages</i> .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Estratégias Didáticas

a diversificação de exercícios, tais como, questionários, exercícios de escolha múltipla, “*jumbled sentences*”, palavras cruzadas, etc.

a dinamização de trabalhos de grupo para consolidação de práticas de estruturação do discurso interativo e transacional

a construção de um portefólio promovendo o trabalho autónomo e a aquisição de métodos de estudo pelo aluno

o uso de *lay-outs/diseño*, *prompts*, gravuras, títulos, e outros recursos como forma de desenvolver processos de antecipação à leitura, associando ideias ao assunto dos textos

leitura de textos, *shortstories* e outros registos escritos como forma de avaliar opiniões, sentimentos e juízos de valor dos alunos e os seus progressos como leitor

Metodologias de Ensino

a elaboração de fichas de trabalho individuais, em suporte escrito

a utilização pelo professor de suportes visuais e audiovisuais através de mapas conceptuais, gravuras, vídeos, *trailers/tráiler* de filmes, para posteriormente servirem de testagem de compreensão individual de leitura dos alunos

a utilização da versão interativa do manual escolar adotado como recurso para autocorreção de exercícios

a discussão dos trabalhos realizados pelos alunos, seguida da devolução comentada pelo professor

exposições temáticas, seguido de debate sobre tópicos do programa

Dinâmicas de Sala de Aula

o uso de *Drills/ejercicios*: o aluno aprende através de repetição intensiva de padrões fonéticos (pronúncia), de vocábulos, itens gramaticais, etc.

o uso de *Roleplaying/juego de roles*: o aluno aprende a língua através de dramatizações

o uso de *Diary Writing/escribir un diario*: o aluno aprende a refletir sobre as temáticas abordadas

o uso de atividades de *Brainstorming*: “*Call my bluff/dados mentirosos*”; “*Pass the buck*”; “*A circular story*”, etc, são atividades lúdicas para rever estruturas e vocabulário estudado

o uso de biblioteca de imagens: servem de apresentação temática e de estratégia para a compreensão de leitura de textos e a aprendizagem de aspetos gramaticais

Obrigada pela colaboração!

Anexo 3

Estimação da fiabilidade interna Alfa de Cronbach

- ✓ **Estimação da fiabilidade interna Alfa de Cronbach do grupo de variáveis da questão 8.**

```
GET
  FILE='E:\Código SPSS_1.sav'.
DATASET NAME DataSet1 WINDOW=FRONT.
RELIABILITY
  /VARIABLES=VAR_8_1 VAR_8_2 VAR_8_3 VAR_8_4 VAR_8_5 VAR_8_6 VAR_8_7
VAR_8_8 VAR_8_9 VAR_8_10 VAR_8_11 VAR_8_12 VAR_8_13 VAR_8_14 VAR_8_15
VAR_8_16 VAR_8_17 VAR_8_18 VAR_8_19
  /SCALE('ALL VARIABLES') ALL
  /MODEL=ALPHA.
```

Reliability

[DataSet1] E:\Código SPSS_1.sav

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	14	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	14	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,981	19

- ✓ **Estimação da fiabilidade interna Alfa de Cronbach do grupo de variáveis da questão 9.**

```
RELIABILITY
/VARIABLES=VAR_9_1 VAR_9_2 VAR_9_3 VAR_9_4 VAR_9_5 VAR_9_6
VAR_9_7 VAR_9_8 VAR_9_9 VAR_9_10 VAR_9_11 VAR_9_12 VAR_9_13
VAR_9_14 VAR_9_15 VAR_9_16 VAR_9_17 VAR_9_18 VAR_9_19 VAR_9_20
/SCALE('ALL VARIABLES') ALL
/MODEL=ALPHA.
```

Reliability

[DataSet1] E:\Código SPSS_1.sav

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	14	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	14	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,970	20

✓ **Estimação da fiabilidade interna Alfa de Cronbach do total de variáveis em estudo (questões 8. e 9.)**

```
GET
  FILE='E:\Código SPSS_1.sav'.
DATASET NAME DataSet1 WINDOW=FRONT.
RELIABILITY
  /VARIABLES=VAR_8_1 VAR_8_2 VAR_8_3 VAR_8_4 VAR_8_5 VAR_8_6 VAR_8_7
VAR_8_8 VAR_8_9 VAR_8_10 VAR_8_11 VAR_8_12 VAR_8_13 VAR_8_14 VAR_8_15
VAR_8_16 VAR_8_17 VAR_8_18 VAR_8_19 VAR_9_1 VAR_9_2 VAR_9_3 VAR_9_4
VAR_9_5 VAR_9_6 VAR_9_7 VAR_9_8 VAR_9_9 VAR_9_10
VAR_9_11 VAR_9_12 VAR_9_13 VAR_9_14 VAR_9_15 VAR_9_16 VAR_9_17
VAR_9_18 VAR_9_19 VAR_9_20
  /SCALE('ALL VARIABLES') ALL
  /MODEL=ALPHA.
```

Reliability

[DataSet1] E:\Código SPSS_1.sav

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	14	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	14	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,984	39

Anexo 4

Questionário 2

Este questionário insere-se num trabalho de investigação realizado no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação e da Formação, especialidade – **Observação e Análise da Relação Educativa** – na Universidade do Algarve. Pretende-se recolher informação para a caracterização, descrição e interpretação da importância da formação, em particular, a da formação contínua, no desenvolvimento de competências profissionais e pessoais do professor de língua estrangeira, bem como dos dispositivos de formação mais positivamente correlacionados com o sucesso das aprendizagens dos alunos do ensino secundário.

O questionário é anónimo.

Por favor, não deixe nenhuma resposta em branco.

1. Sexo: Masc. Fem.

2. Idade: _____

3. Habilitações académicas

- Bacharelato.....
Licenciatura.....
Mestrado Pré-bolonha.....
Mestrado profissionalizante para o ensino.....
Outra. Qual? _____

Especifique, se possível, a habilitação anterior num dos seguintes parâmetros:

- Via Ensino.....
Ramo Educacional.....
Ramo Científico das Universidades Clássicas com profissionalização.....
Ramo Científico das Universidades Clássicas sem profissionalização.....
Outra. Qual? _____

4. Situação Profissional (situação em que se encontra colocado)

- Contratado profissionalizado.....
Contratado com habilitação própria.....
Efetivo do Quadro de Escola.....
Efetivo não pertencente ao Quadro de Escola.....

5. Anos de serviço: _____

6. Anos/níveis que leciona: 2º ciclo 3º ciclo secundário

7. Identifique a(s) Língua(s) estrangeira(s) a lecionar no presente ano letivo:

- Inglês.....
Francês.....
Alemão.....
Espanhol.....
Latim.....

8. Refira, numa escala de 1 a 5 de Likert (1= *Nada Importante* 2= *Pouco Importante* 3= *Importante* 4= *Muitas Vezes Importante* 5= *Sempre Importante*), o grau de importância dos programas (ações) de formação contínua frequentados(as) na aquisição/atualização de competências profissionais e pessoais:

	1	2	3	4	5
.Aprofundamento de competências cognitivas no domínio do conhecimento científico e didático da disciplina que leciona	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
.Atualização da competência pedagógica por forma a promover uma pedagogia centrada no aluno, conducente ao desenvolvimento da autonomia e da autoaprendizagem (autorregulação)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
.Planificação e avaliação de estratégias de apoio às aprendizagens previstas no plano curricular da disciplina	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
.Capacidade de comunicar e de estimular o interesse dos alunos pela aprendizagem criando empatia com os mesmos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
.(Re)construção de saberes orientados para a resolução de problemas de cariz disciplinar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
.Desenvolvimento de metodologias de avaliação das aprendizagens dos alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
.Capacidade de diversificar estratégias de ensino adequadas às necessidades dos alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
.Capacidade de diversificar estratégias de ensino face aos recursos e instrumentos disponíveis	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
.Competências ao nível do uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
.Construção de materiais didáticos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
.Desenvolvimento de atitudes de colaboração com todos os membros da ação educativa, permitindo a reflexão/troca de experiências	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
.Capacidade de questionar sobre a sua própria maneira de planificar, apresentar e avaliar os diferentes conteúdos da sua disciplina	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
.Capacidade de estimular o recurso à produção de investigação educativa, com vista a introduzir mudanças na sua prática pedagógica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| .Postura crítica e capacidade de intervenção face às exigências que lhe são impostas pela realidade social e educativa | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| .Desenvolvimento de um espírito de abertura à inovação e uma busca constante pela auto-valorização do seu processo de formação | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| .Desenvolvimento de capacidades assertivas nas relações interpessoais | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| .Compreensão e implementação das medidas propostas ao nível da gestão e reorganização curricular | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| .Capacidade de análise e crítica pelas questões éticas e sociais da escola | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| .Compreensão dos textos normativos, legislação sobre a carreira docente, sobre as decisões e opções tomadas pela Administração Central/Regional | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

9. As afirmações que se seguem abordam aspetos da prática pedagógica do professor de língua estrangeira que poderão contribuir para o sucesso das aprendizagens dos alunos. Refira, numa escala de 1 a 5 de Likert (1= *Nada Importante* 2= *Pouco Importante* 3= *Importante* 4= *Muitas Vezes Importante* 5= *Sempre Importante*), o grau de importância dos programas (ações) de formação contínua frequentados(as) na implementação de:

Recursos Tecnológicos

- | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| .O uso de ambientes multimédia, por ex. imagem, som, vídeo, jogos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| .A criação de fóruns, chats, videoconferência | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| .A diversidade de material didático, por ex. criação de sites voltados para publicação de trabalhos de alunos, de periódicos online | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| .A variedade de escolha de informação e rapidez no acesso à mesma através de bibliotecas virtuais | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| .A possibilidade de o professor divulgar informação em parceria com os seus alunos através de <i>homepages</i> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

Estratégias Didáticas

1 2 3 4 5

.A diversificação de exercícios, tais como, questionários, exercícios de escolha múltipla, “*jumbled sentences*”, palavras cruzadas, etc.

.A dinamização de trabalhos de grupo para consolidação de práticas de estruturação do discurso interativo e transacional

.A construção de um portefólio promovendo o trabalho autónomo e a aquisição de métodos de estudo pelo aluno

.O uso de *lay-outs/diseño*, *prompts*, gravuras, títulos, e outros recursos como forma de desenvolver processos de antecipação à leitura, associando ideias ao assunto dos textos

.Leitura de textos, *shortstories* e outros registos escritos como forma de avaliar opiniões, sentimentos e juízos de valor dos alunos e os seus progressos como leitor

Metodologias de Ensino

1 2 3 4 5

.A elaboração de fichas de trabalho individuais, em suporte escrito

.A utilização pelo professor de suportes visuais e audiovisuais através de mapas conceptuais, gravuras, vídeos, *trailers/tráiler* de filmes, para posteriormente servirem de testagem de compreensão individual de leitura dos alunos

.A utilização da versão interativa do manual escolar adotado como recurso para autocorreção de exercícios

.A discussão dos trabalhos realizados pelos alunos, seguida da devolução comentada pelo professor

.Exposições temáticas, seguido de debate sobre tópicos do programa

Dinâmicas de Sala de Aula

1 2 3 4 5

.O uso de *Drills/ejercicios*: o aluno aprende através de repetição intensiva de padrões fonéticos (pronúncia), de vocábulos, itens gramaticais, etc

.O uso de *Roleplaying/juego de roles*: o aluno aprende a língua através de dramatizações

.O uso de *Diary Writing/escribir un diario*: o aluno aprende a refletir sobre as temáticas abordadas

.O uso de atividades de *Brainstorming*: “*Call my bluff/dados mentirosos*”; “*Pass the buck*”; “*A circular story*”, etc, são atividades lúdicas para rever estruturas e vocabulário estudado 1 2 3 4 5

.O uso de biblioteca de imagens: servem de apresentação temática e de estratégia para a compreensão de leitura de textos e a aprendizagem de aspetos gramaticais

Obrigada pela sua colaboração!

Anexo 5

Estruturação da Entrevista ¹

(aos Professores de língua estrangeira)

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Perguntas	Técnicas ²
Legitimação da entrevista e motivação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Informar sobre os objetivos do trabalho de investigação ▪ Motivar os inquiridos 	Esta entrevista faz parte de um trabalho de investigação que pretende recolher informação para a caracterização, descrição e interpretação da importância da formação, em particular, a da formação contínua, no desenvolvimento de competências profissionais e pessoais do professor de língua estrangeira, bem como dos dispositivos de formação mais positivamente correlacionados com o sucesso das aprendizagens dos alunos do ensino secundário	<p>Explicitação clara dos objetivos do trabalho de investigação e das razões da utilização da técnica de pesquisa, entrevista semidiretiva</p> <p>Estabelecimento de uma relação de empatia entre E.-e.³</p>
Identificação dos inquiridos	Identificar os inquiridos	<ul style="list-style-type: none"> • Situação profissional • Total de número de anos de serviço como professor(a) de Língua estrangeira • Número de anos como professor(a) de Língua estrangeira na escola onde atualmente leciona • Anos a que leciona • Língua(s) estrangeira(s) a lecionar no presente ano letivo 	
O estatuto epistemológico da prática pedagógica na formação inicial/específica do docente	Conhecer a representação que os docentes têm do conceito de «estágio pedagógico»	<p>1. Considera o «estágio profissional» como uma mera preparação técnica para o desempenho de uma atividade? Sim/Não</p> <p>1.1. Quais eram as suas expectativas iniciais relativamente à formação a obter durante o período da profissionalização?</p> <p>1.1.1. Poder-se-á afirmar existir uma discrepância entre o perfil profissional necessário ao funcionamento e desenvolvimento da escola e o perfil profissional transmitido durante a profissionalização? *(Por outras palavras, considera a formação inicial desajustada da realidade por não preparar o professor para o exercício docente?)</p> <p>1.2. Em que dimensões/aspetos da sua prática enquanto docente se fez sentir essa formação inicial, os saberes/competências resultantes e adquiridos durante o seu estágio pedagógico? *(Por exemplo: No currículo dos conteúdos/nas competências cognitivas? Na competência pedagógica? Nas competências inter-relacionais? Na dimensão reflexiva incentivadora da autoformação e de processos de investigação-ação?)</p> <p>1.2.1. Explícite.</p>	<p>Estabelecimento do percurso da entrevista por blocos identificadores de diferentes conceitos a explorar; cada bloco alternando entre um conjunto de perguntas fechadas e perguntas abertas..</p> <p>Ao longo da entrevista:</p>

*Se o e. (entrevistado) não abordar espontaneamente a questão geral, o E. (Entrevistador) propõe outras alternativas (sub-temas)

1 O formato da grelha foi inspirado em Estrela, Albano (1994)

2 Não existe, necessariamente, uma correspondência entre as perguntas e as técnicas, tal como aparecem na grelha visto as técnicas terem sido utilizadas, com flexibilidade, ao longo das entrevistas

3 E. (entrevistador) –e. (entrevistado). Vide Ghiglione e Matalon (1997)

		<p>Longo da Vida) atribui primazia? Qual(ais) a(s) dimensão(ões) que melhor traduz(em) o conceito de «um bom docente do Ensino Secundário»? *(Por outras palavras, quais as competências, conhecimentos e atitudes que melhor definem «um bom docente do Ensino Secundário»?)</p> <p>3.1.1. Fundamente.</p> <p>3.2. Através dos programas (ações) de formação contínua, conseguiu ampliar todas as competências legitimadas e traduzidas nesse referencial (Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto)?</p> <p>3.2.1. Especifique.</p> <p>4. Na sua opinião, concorda com a necessidade de todos os professores frequentarem programas de formação contínua, o que se traduzirá necessariamente no desenvolvimento de diversas competências, tendo em conta a natureza multidimensional do conhecimento profissional dos professores?</p> <p style="text-align: center;">Sim/Não</p> <p>4.1. Justifique. *(Por exemplo: por razões meramente avaliativas e de progressão na carreira? Que outras?)</p>	<p>assunto ou divague, o E. deve procurar fazer com que volte ao tema;</p>
<p>Recolher informação sobre as práticas docentes e suas alterações resultantes dos programas de formação contínua e, concomitante mente, da transformação do <i>habitus</i> do professor</p>	<p>Conhecer a representação que os docentes têm da sua experiência formativa continuada, associada a outras «experiências e situações profissionais», e a sua contribuição para o desenvolvimento de competências profissionais e pessoais</p>	<p>5. Os programas de formação contínua têm-no(a) ajudado a redefinir objetivos relativamente à sua atuação estratégica enquanto professor(a)?</p> <p style="text-align: center;">Sim/Não</p> <p>5.1. Refira situações concretas de formação que tenham contribuído para o desenvolvimento de competências profissionais e pessoais levando-o(a) a alterar aspetos da sua prática pedagógica.</p> <p>5.1.1. Refira as razões que conferiram significado a essa experiência formativa.</p> <p>6. Sobre a experiência profissional (níveis já lecionados, cargos anteriormente desempenhados...), bem como a formação específica (habilitações académicas) e a mobilidade profissional (situação profissional), considere-as como situações inovadoras enquanto fatores condicionantes de alguma mudança da sua prática pedagógica, e ao longo da sua carreira?</p> <p style="text-align: center;">Sim/Não</p> <p>6.1. Em que medida?</p> <p>6.2. Concorda com a ideia de que os professores com mais tempo de serviço e mais horas de formação são melhores profissionais no exercício da sua profissão?</p> <p style="text-align: center;">Sim/Não</p> <p>6.2.1. Em que dimensões e em que competências? *(Por exemplo: Na Avaliação das aprendizagens? Na relação pedagógica com os alunos? Nas estratégias de apoio à aprendizagem dos alunos? Na participação em atividades educativas?)</p>	<p>-o E. deve reformular as perguntas quando necessário; deve recorrer à utilização de silêncios breves, permitindo a reflexão;</p> <p>-o E. deve recorrer à utilização de expressões, p.ex. "o que quer dizer com isso?"; "Não sei se percebeu o que quis dizer!"; "É possível detalhar?"; "Pode dizer-me mais alguma sobre isso?"; "Você tem um exemplo...?"; "Quer</p>

*Se o e. (entrevistado) não abordar espontaneamente a questão geral, o E. (Entrevistador) propõe outras alternativas (sub-temas)

1 O formato da grelha foi inspirado em Estrela, Albano (1994)

2 Não existe, necessariamente, uma correspondência entre as perguntas e as técnicas, tal como aparecem na grelha visto as técnicas terem sido utilizadas, com flexibilidade, ao longo das entrevistas

3 E. (entrevistador) –e. (entrevistado). Vide Ghiglione e Matalon (1997)

<p>Perspetivar o grau de importância da formação contínua no desenvolvimento de competências profissionais e pessoais</p>	<p>Conhecer a representação que os docentes têm dos dispositivos de formação frequentados, associada ao «desenvolvimento de competências cognitivas e/ou relacionais» e a um «paradigma conceptual» subjacente a esses mesmos dispositivos</p>	<p>7.Sobre os programas de formação contínua frequentados ao longo dos anos, considera-os como dispositivos através dos quais tem conseguido ampliar algumas das suas competências cognitivas e/ou relacionais, enquanto professor(a) de língua estrangeira, concebidos numa lógica de educação permanente? Ou pelo contrário, tem-se deparado com alguns constrangimentos/obstáculos a esse desenvolvimento de competências? 7.1.Justifique contextualizadamente. 7.1.1.Em termos gerais, como classifica então os programas de formação continuada frequentados por si? Nada importantes; Pouco importantes; Importantes; Muitas vezes importantes; Sempre importantes</p> <p>8.Relativamente à sua conceção, em que modelos de aprendizagem se baseavam a maioria dos programas de formação que frequentou? *(Por exemplo: Modelos de aprendizagem associados a uma orientação conceptual mais teórica, do tipo transmissivo e tecnicista? A uma orientação conceptual de teor tecnológico, por forma a desenvolver nos formandos a capacidade de selecionar e decidir qual a competência mais adequada a cada situação? A uma orientação conceptual de teor mais desenvolvimentista, que prioriza os processos de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos? A uma orientação conceptual de teor personalista e enfatizadora de estratégias de autodescoberta pessoal no sentido em que cada formando desenvolve as suas estratégias de aproximação e perceção do fenómeno educativo? A uma orientação conceptual de teor social-reconstrucionista, que coloca a ênfase na capacidade de análise e crítica pela questões éticas e sociais da escola? A uma orientação conceptual mais de teor prático, que tem em conta a experiência prévia do formando, a sua capacidade de observação, de reflexão e, simultaneamente, de questionar sobre a prática pedagógica?) 8.1.Explicitite.</p> <p>9.Já frequentou alguma ação de formação desenvolvida pelo CFAE de Portimão e Monchique sediado na escola Poeta António Aleixo? 9.1.Em caso afirmativo identifique o nome da ação e o ano em que a frequentou. 9.2.Enquanto professor(a) de língua estrangeira e na sua perspetiva, o CFAE de Portimão e Monchique tem conseguido dar resposta à procura de formação pelos professores dos grupos de recrutamento de língua estrangeira das escolas associadas ao centro, nomeadamente aquela que neste momento integra? 9.2.1.Justifique.</p>	<p><i>acrescentar...?";</i> <i>"Não sei se entendi bem... o que quis dizer com...?";</i> <i>"Como assim?... Você poderia especificar/exemplificar/fundamentar...?";</i> <i>"Isso é muito interessante. E isto acontece sempre?"</i></p> <p>-para mudar de assunto, o E. deve usar frases fortes de ligação como <i>"agora gostaria de tratar de uma outra questão..."</i>;</p> <p>-o E. deve procurar obter exemplos, relatos de factos e incidentes críticos que ajudem a descrever o relato;</p>
---	--	---	---

*Se o e. (entrevistado) não abordar espontaneamente a questão geral, o E. (Entrevistador) propõe outras alternativas (sub-temas)

1 O formato da grelha foi inspirado em Estrela, Albano (1994)

2 Não existe, necessariamente, uma correspondência entre as perguntas e as técnicas, tal como aparecem na grelha visto as técnicas terem sido utilizadas, com flexibilidade, ao longo das entrevistas

3 E. (entrevistador) –e. (entrevistado). *Vide* Ghiglione e Matalon (1997)

	Conhecer expectativas quanto à formação ideal/desejada	10. Refira uma ação de formação que desejasse frequentar durante este ano letivo e que neste momento idealiza para si: descreva-a em termos dos seus objetivos, modalidades e conteúdos temáticos.	
Perspetivar o grau de importância da formação contínua para o sucesso das aprendizagens dos alunos	Conhecer a representação que os docentes têm dos dispositivos de formação frequentados, associada a um conjunto de «objetivos definidores da atuação estratégica» do professor de língua estrangeira, tendo sobretudo em vista o sucesso das aprendizagens dos alunos	11. Acha que as ações de formação contínua frequentadas por si (o)a têm ajudado na implementação de algumas práticas pedagógicas inovadoras? Sim/Não 11.1. Dê exemplos de algumas dessas práticas no âmbito de <u>Recursos Tecnológicos</u> , <u>Estratégias Didáticas</u> , <u>Metodologias de Ensino</u> e <u>Dinâmicas de Sala de Aula</u> . 12. Na sua opinião, quais os fatores que determinam/condicionam em grande escala o sucesso das aprendizagens dos alunos. 12.1 Fundamente.	-cross-checking passado 5/10 minutos, o E. faz a mesma pergunta
Analisar o modo como os professores de línguas perspetivam a evolução das suas práticas curriculares, da sua ação pedagógica, bem como o sistema educativo em geral (“escola” atual)	Conhecer a representação que os docentes têm das vantagens do «modelo curricular» ao nível organizacional da gestão da prática pedagógica, da gestão dos tempos da prática pedagógica, e ao nível da gestão curricular Conhecer a representação que os docentes têm relativamente a alguns problemas da carreira, na atualidade	13. Acredita na crescente autonomia do professor enquanto agente de desenvolvimento curricular? Sim/Não 13.1. O processo de construção de um projeto curricular implica a sua avaliação e adaptação à realidade dos contextos escolares pela população docente. Sob que princípio(s) é que será possível a autonomia da gestão curricular? *(Por exemplo: Através da formação obrigatória para os docentes que terão a seu cargo novas áreas curriculares disciplinares e não disciplinares? Redução da continuada extensão dos programas da disciplina? Redução na atribuição de tarefas extra-aula aos professores a despeito do ensino propriamente dito? Redução ou aumento da carga letiva em algumas disciplinas?) 14. Na sua opinião, a formação inicial prepara o docente para todos os papéis inerentes à função docente? Prepara-o(a) para outras áreas que não as somente ligadas ao contexto de sala de aula? *(Por exemplo: Cargos no âmbito da educação especial? Da administração escolar? De supervisão pedagógica?) Sim/Não 14.1. Justifique com situações da sua experiência pessoal. 15. Na sua opinião, a formação de professores, nomeadamente, a de professores de língua estrangeira deve acompanhar todo o seu percurso de vida, desde a formação	A entrevista terá aproximadamente a duração de 60 minutos.

*Se o e. (entrevistado) não abordar espontaneamente a questão geral, o E. (Entrevistador) propõe outras alternativas (sub-temas)

1 O formato da grelha foi inspirado em Estrela, Albano (1994)

2 Não existe, necessariamente, uma correspondência entre as perguntas e as técnicas, tal como aparecem na grelha visto as técnicas terem sido utilizadas, com flexibilidade, ao longo das entrevistas

3 E. (entrevistador) – e. (entrevistado). Vide Ghiglione e Matalon (1997)

		<p>inicial até à etapa da sua carreira, na qual presentemente se encontra, com a oferta de programas de formação continuada?</p> <p style="text-align: center;">Sim/Não</p> <p>15.1. De que modo? *(Por exemplo: Através de dispositivos de autodidatismo? De dispositivos de formação especializada? De dispositivos de formação institucional centrada na escola, conciliando-se o desenvolvimento pessoal e profissional do professor com o desenvolvimento organizacional da escola?)</p> <p>16. Ao nível das políticas de formação institucional, tem conseguido frequentar ações de formação (preferencialmente creditadas) de acordo com as suas necessidades e interesses reais?</p> <p style="text-align: center;">Sim/Não</p> <p>16.1. Justifique.</p> <p>16.2. Na sua opinião, quais as razões que à partida podem constituir um maior impedimento à existência de mais oferta formativa?</p>	
--	--	--	--

*Se o e. (entrevistado) não abordar espontaneamente a questão geral, o E. (Entrevistador) propõe outras alternativas (sub-temas)

1 O formato da grelha foi inspirado em Estrela, Albano (1994)

2 Não existe, necessariamente, uma correspondência entre as perguntas e as técnicas, tal como aparecem na grelha visto as técnicas terem sido utilizadas, com flexibilidade, ao longo das entrevistas

3 E. (entrevistador) –e. (entrevistado). *Vide* Ghiglione e Matalon (1997)

Anexo 6

Estruturação da Entrevista¹

(ao Diretor do Centro de Formação de Associação de Escolas - CFAE - de Portimão e Monchique)

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Perguntas	Técnicas ²
Legitimação da entrevista e motivação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Informar sobre os objetivos do trabalho de investigação ▪ Motivar os inquiridos 	Esta entrevista faz parte de um trabalho de investigação que pretende recolher informação para a caracterização, descrição e interpretação da importância da formação, em particular, a da formação contínua, no desenvolvimento de competências profissionais e pessoais do professor de língua estrangeira, bem como dos dispositivos de formação mais positivamente correlacionados com o sucesso das aprendizagens dos alunos do ensino secundário	<p>Explicitação clara dos objetivos do trabalho de investigação e das razões da utilização da técnica de pesquisa, entrevista semidiretiva</p> <p>Estabelecimento de uma relação de empatia entre E.- e.³</p>
Identificação dos inquiridos	Identificar os inquiridos	<ul style="list-style-type: none"> • Cargo que desempenha na Instituição • Número de anos a desempenhar esse cargo 	
O papel dos diversos intervenientes na conceção, implementação e avaliação da política de formação do Centro de Formação de Associação de Escolas (CFAE) de Portimão e Monchique	Conhecer os papéis a desempenhar pelos vários intervenientes relativamente à conceção, implementação e avaliação da política de formação do CFAE de Portimão e Monchique	<p>1.Em primeiro lugar, gostaria de saber, em sua opinião, como se desenrolou o processo de definição da política de formação do CFAE? *Tópicos sugestivos: Qual o contributo dado pelo Diretor do Centro? Qual o contributo dado pelos Conselhos Pedagógicos das escolas associadas? Qual foi a intervenção das escolas associadas nesse processo? Qual foi a intervenção dos professores, individualmente ou em grupo nesse processo?</p> <p>2.Pode-me descrever o modo como o CFAE concebeu o processo de identificação das necessidades de formação? *Tópicos sugestivos: Quem concebeu o processo de levantamento de necessidades? Que métodos foram utilizados para a identificação de necessidades e quais foram considerados mais úteis? Que</p>	<p>Estabelecimento do percurso da entrevista por blocos identificadores de diferentes conceitos a explorar.</p> <p>Ao longo da entrevista:</p> <p>-o e. deve ser estimulado a fazer o relato de como percebe o assunto, a falar franca e livremente;</p> <p>-o E. deve obter informações e não discutir, conscientizar ou esclarecer o e. . O ideal é que o e. perceba o seu interesse, não a sua opinião; deve por isso</p>

*Se o e. (entrevistado) não abordar espontaneamente a questão geral, o E. (Entrevistador) propõe outras alternativas (sub-temas)

1 O formato da grelha foi inspirado em Estrela, Albano (1994)

2 Não existe, necessariamente, uma correspondência entre as perguntas e as técnicas, tal como aparecem na grelha visto as técnicas terem sido utilizadas, com flexibilidade, ao longo das entrevistas

3 E. (entrevistador) –e. (entrevistado). Vide Ghiglione e Matalon (1997)

		<p>estruturas foram envolvidas no levantamento de necessidades? Que dificuldades foram surgindo nesse levantamento?</p> <p>3.Que prioridades foram definidas quanto às necessidades de formação decorrentes do levantamento efetuado? Quais foram os critérios que levaram a essa definição de prioridades?</p> <p>4.Pode-me descrever o processo de elaboração dos planos de formação do CFAE? O que pensa do modo de elaboração dos planos de formação do CFAE?</p> <p>*Tópicos sugestivos: Qual o tipo de ligação estabelecida entre o CFAE e as escolas associadas? Que tipo de articulação se estabeleceu entre o CFAE e os formadores na conceção das ações de formação oferecidas? Qual a articulação existente entre o Diretor do Centro e os Conselhos Pedagógicos das escolas associadas?</p> <p>5.Que tipo de estruturas de apoio foram necessárias criar para a conceção e implementação do plano de formação?</p> <p>6.De que forma foi concebida a avaliação do plano de formação? O que pensa da forma como foi concebida a avaliação do plano de formação?</p>	<p>assumir o papel de ouvinte curioso e estimular o seu e. a abordar com naturalidade cada questão; e evitando perguntas indutoras de resposta, ambíguas ou que gerem respostas apenas do tipo sim/não;</p> <p>-o E. deve utilizar uma linguagem acessível, precisa; deve também atender ao ritmo de resposta do e. bem como ajudá-lo a refletir, explicando e perguntando sobre conceitos caso possa haver dúvida; -caso o e. fuja do assunto ou divague, o E. deve procurar fazer com que volte ao tema;</p> <p>-o E. deve reformular as perguntas quando necessário; deve recorrer à utilização de silêncios breves, permitindo a reflexão;</p> <p>-o E. deve recorrer à utilização de expressões, p.ex. <i>"o que quer dizer com isso?"</i>; <i>"Não sei se percebi o que quis dizer!?"</i>; <i>"É possível detalhar?"</i>; <i>"Pode dizer-me mais alguma sobre isso?"</i>; <i>"Você tem um exemplo...?"</i>; <i>"Quer acrescentar...?"</i>; <i>"Não sei se entendi bem... o que quis dizer com...?"</i>; <i>"Como assim?... Você poderia especificar/exemplificar/fundamentar...?"</i>; <i>"Isso é muito interessante. E isto acontece sempre?"</i>;</p>
<p>As relações estabelecidas entre o CFAE em estudo e o Ministério da Educação e entre o CFAE e o Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua (CCPFC)</p>	<p>Conhecer as relações que se têm estabelecido entre o CFAE em estudo e o Ministério da Educação, entre o CFAE e o Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua (CCPFC) e entre CFAE e os parceiros educativos locais (instituições do ensino superior e autarquias)</p>	<p>7.O que pensa do tipo de comunicação estabelecido entre o CFAE e a DREALG? E entre o CFAE e os diferentes programas do Fundo Social Europeu (FOCO, PRODEP, POPH) para financiamento da formação?</p> <p>8.Qual é a sua opinião acerca do tipo de comunicação estabelecido entre o CFAE e o Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua (CCPFC)?</p> <p>9.Que apreciação faz dos critérios de análise pedagógica e financeira</p>	<p>-para mudar de assunto, o E. deve usar frases fortes de ligação como <i>"agora gostaria de tratar de uma outra questão..."</i>;</p> <p>-o E. deve procurar obter exemplos, relatos de factos e incidentes críticos que ajudem a descrever o relato;</p>

*Se o e. (entrevistado) não abordar espontaneamente a questão geral, o E. (Entrevistador) propõe outras alternativas (sub-temas)

1 O formato da grelha foi inspirado em Estrela, Albano (1994)

2 Não existe, necessariamente, uma correspondência entre as perguntas e as técnicas, tal como aparecem na grelha visto as técnicas terem sido utilizadas, com flexibilidade, ao longo das entrevistas

3 E. (entrevistador) –e. (entrevistado). Vide Ghiglione e Matalon (1997)

		<p>utilizados, pelas equipas dos programas FOCO, PRODEP, POPH e com as quais já trabalhou, para a análise das propostas de ações de formação?</p> <p>10. Que tipos de apoio o CFAE recebeu da DREALG? Qual é a sua opinião acerca dos tipos de apoio recebidos?</p> <p>11. Quais foram as dificuldades que acredita terem existido nas relações entre o CFAE e o Ministério da Educação? Quais foram os fatores que facilitaram as relações?</p> <p>12. Quais foram as dificuldades que acredita terem existido nas relações entre o CFAE e o Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua (CCPFC)? E os fatores de facilitação?</p> <p>13. Com que instituições o CFAE estabeleceu relações de parceria?</p> <p>14. Qual é a sua opinião acerca das razões que conduziram às relações de parceria?</p> <p>15. O que pensa acerca dos objetivos que as parcerias se propuseram atingir?</p> <p>16. Que tipos de mecanismos foram criados para a comunicação, a coordenação de iniciativas e a tomada de decisões entre o CFAE e os parceiros educativos locais?</p> <p>17. Qual é a sua opinião acerca da evolução das parcerias que o CFAE tem estabelecido?</p> <p>18. Em sua opinião, qual tem sido o impacto das relações de parceria na política de formação do CFAE?</p>	<p>A entrevista terá aproximadamente a duração de 60-90 minutos.</p>
<p>As linhas orientadoras da política de formação e as prioridades definidas pelo</p>	<p>Conhecer as fundamentações acerca das grandes linhas orientadoras da política de formação, assim como das</p>	<p>19. O que pensa acerca das grandes linhas orientadoras definidas pelo CFAE para a formação?</p> <p>20. Quais as razões que considera estarem subjacentes à definição</p>	

*Se o e. (entrevistado) não abordar espontaneamente a questão geral, o E. (Entrevistador) propõe outras alternativas (sub-temas)

1 O formato da grelha foi inspirado em Estrela, Albano (1994)

2 Não existe, necessariamente, uma correspondência entre as perguntas e as técnicas, tal como aparecem na grelha visto as técnicas terem sido utilizadas, com flexibilidade, ao longo das entrevistas

3 E. (entrevistador) –e. (entrevistado). Vide Ghiglione e Matalon (1997)

CFAE em estudo	prioridades definidas pelo CFAE em estudo	<p>dessas grandes linhas orientadoras?</p> <p>21.Qual a sua opinião acerca das prioridades, definidas pelo CFAE, para a formação?</p> <p>22.Quais as razões que considera estarem subjacentes à definição dessas prioridades?</p>	
Os problemas sentidos quanto à concretização da política de formação do CFAE em estudo	Conhecer os problemas que têm sido sentidos pelo Diretor do Centro de Formação de Associação de Escolas quanto à concretização da política de formação do CFAE em estudo	<p>23.Na sua perspetiva que fatores têm afetado negativamente a implementação da política de formação do CFAE? Como é que têm sido contornados esses problemas?</p> <p>*Tópicos sugestivos: Problemas administrativos? Carência de recursos humanos? Infraestruturas físicas do CFAE? Recursos materiais?</p> <p>24.Na sua perspetiva, que influência (positiva/negativa) as alterações legislativas referentes à formação contínua tiveram na implementação da política de formação do CFAE?</p>	
As características da formação oferecida pelo CFAE em estudo	Conhecer as características da formação oferecida pelo CFAE em estudo	<p>25.Que critérios têm determinado as áreas/temas mais abrangidos pelas ações de formação?</p> <p>*Tópicos sugestivos: Pedidos concretos dos professores? Expectativas das escolas associadas? As possibilidades de oferta existentes?</p> <p>26.Em que áreas/temas não tem sido possível dar resposta à procura de formação? Na sua perspetiva, que razões determinaram essa incapacidade de resposta?</p> <p>26.1.Relativamente aos grupos de recrutamento de língua estrangeira (Inglês, Alemão, Espanhol, Latim) das escolas associadas de ensino secundário, tem sentido alguma dificuldade em dar resposta aos pedidos de formação? Na sua perspetiva, que razões determinaram essa incapacidade de resposta?</p> <p>27.Quais as modalidades de formação que têm sido na sua maioria levadas à prática?</p> <p>*Tópicos sugestivos: Cursos de formação? Círculos de estudos? Oficinas de formação?</p>	

*Se o e. (entrevistado) não abordar espontaneamente a questão geral, o E. (Entrevistador) propõe outras alternativas (sub-temas)

1 O formato da grelha foi inspirado em Estrela, Albano (1994)

2 Não existe, necessariamente, uma correspondência entre as perguntas e as técnicas, tal como aparecem na grelha visto as técnicas terem sido utilizadas, com flexibilidade, ao longo das entrevistas

3 E. (entrevistador) –e. (entrevistado). *Vide* Ghiglione e Matalon (1997)

		<p>27.1. Porquê?</p> <p>28. Para além da formação financiada que outras iniciativas de formação foram desenvolvidas pelo CFAE?</p> <p>29. Qual é a sua opinião sobre os ciclos de formação de curta duração?</p> <p>*Tópicos sugestivos: Quem foram os proponentes dessas ações? Em que diferiam os objetivos que se pretendiam atingir com estas ações quando comparados com os das ações de formação financiadas?</p> <p>30. Na sua opinião, para além das ações de formação, como é que as escolas associadas e os professores podem utilizar os recursos do CFAE?</p>	
<p>Evolução das expectativas, pressupostos e atitudes do Diretor do Centro quanto às iniciativas de formação do CFAE em estudo</p>	<p>Conhecer a evolução das expectativas, pressupostos e atitudes do Diretor do Centro quanto às iniciativas de formação do CFAE em estudo</p>	<p>31. Quais eram as suas expectativas, no início do processo, acerca da formação contínua a desenvolver no âmbito do CFAE? Que razões estavam subjacentes a essas expectativas? O que sentia pessoalmente acerca da construção da formação contínua no âmbito do CFAE?</p> <p>32. Houve mudanças em torno dessas expectativas decorridos três anos de funcionamento do CFAE? No caso de terem existido mudanças, como se operou essa evolução? Que razões crê estarem subjacentes a essa evolução?</p> <p>33. Que projetos existem para o futuro quanto à formação a desenvolver pelo CFAE? Em sua opinião quais são os pressupostos subjacentes a esses projetos? Que apoios crê existirem para esses projetos? O que sente pessoalmente em relação a esses projetos?</p> <p>34. Em sua opinião, qual tem sido o valor/relevância da formação que o CFAE tem oferecido?</p> <p>*Tópicos sugestivos: Em termos de resposta às necessidades de formação reveladas pelos professores? Em relação à qualidade dos formadores? Quanto à qualidade dos cursos? Quanto às mudanças nas práticas de ensino dos professores? Quanto às necessidades</p>	

*Se o e. (entrevistado) não abordar espontaneamente a questão geral, o E. (Entrevistador) propõe outras alternativas (sub-temas)

1 O formato da grelha foi inspirado em Estrela, Albano (1994)

2 Não existe, necessariamente, uma correspondência entre as perguntas e as técnicas, tal como aparecem na grelha visto as técnicas terem sido utilizadas, com flexibilidade, ao longo das entrevistas

3 E. (entrevistador) – e. (entrevistado). *Vide Ghiglione e Matalon (1997)*

		de “formação centrada na escola”?	
--	--	-----------------------------------	--

*Se o e. (entrevistado) não abordar espontaneamente a questão geral, o E. (Entrevistador) propõe outras alternativas (sub-temas)

1 O formato da grelha foi inspirado em Estrela, Albano (1994)

2 Não existe, necessariamente, uma correspondência entre as perguntas e as técnicas, tal como aparecem na grelha visto as técnicas terem sido utilizadas, com flexibilidade, ao longo das entrevistas

3 E. (entrevistador) –e. (entrevistado). *Vide* Ghiglione e Matalon (1997)

Anexo 7

Estruturação da Entrevista¹

(ao Diretor da Escola Secundária Poeta António Aleixo, Escola Secundária Manuel Teixeira Gomes e Escola Básica e Secundária da Bemposta)

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Perguntas	Técnicas ²
Legitimação da entrevista e motivação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Informar sobre os objetivos do trabalho de investigação ▪ Motivar os inquiridos 	Esta entrevista faz parte de um trabalho de investigação que pretende recolher informação para a caracterização, descrição e interpretação da importância da formação, em particular, a da formação contínua, no desenvolvimento de competências profissionais e pessoais do professor de língua estrangeira, bem como dos dispositivos de formação mais positivamente correlacionados com o sucesso das aprendizagens dos alunos do ensino secundário	<p>Explicitação clara dos objetivos do trabalho de investigação e das razões da utilização da técnica de pesquisa, entrevista semidiretiva</p> <p>Estabelecimento de uma relação de empatia entre E.-e.³</p>
Identificação dos inquiridos	Identificar os inquiridos	<ul style="list-style-type: none"> • Cargo que desempenha na Instituição • Número de anos a desempenhar esse cargo 	
O papel dos diversos intervenientes na conceção, implementação e avaliação da política de formação do Centro de Formação de Associação de Escolas (CFAE) de Portimão e Monchique	Conhecer os papéis a desempenhar pelos vários intervenientes relativamente à conceção, implementação e avaliação da política de formação do CFAE de Portimão e Monchique	<p>1. Em primeiro lugar, gostaria de saber, em sua opinião, como se desenrolou o processo de definição da política de formação do CFAE?</p> <p>*Tópicos sugestivos: Qual o contributo dado pelo Diretor do Centro? Qual o contributo dado pelo Diretor da escola e pelo Conselho Pedagógico? Qual foi a intervenção das outras escolas associadas nesse processo? Qual foi a intervenção dos professores, individualmente ou em grupo nesse processo?</p> <p>2. Pode-me descrever o modo como a escola concebeu o processo de identificação das necessidades de formação?</p> <p>*Tópicos sugestivos: Quem concebeu o processo de levantamento de necessidades? Que métodos foram utilizados para a identificação de necessidades e quais foram considerados mais úteis? Que estruturas foram envolvidas no levantamento de necessidades? Que dificuldades foram surgindo nesse levantamento?</p>	<p>Estabelecimento do percurso da entrevista por blocos identificadores de diferentes conceitos a explorar.</p> <p>Ao longo da entrevista:</p> <p>-o e. deve ser estimulado a fazer o relato de como percebe o assunto, a falar franca e livremente;</p> <p>-o E. deve obter informações e não discutir, conscientizar ou esclarecer o e. . O ideal é que o e. perceba o seu interesse, não a sua opinião; deve por isso assumir o papel de ouvinte curioso e estimular o seu e. a abordar com naturalidade cada questão; e evitando perguntas indutoras de resposta,</p>

*Se o e. (entrevistado) não abordar espontaneamente a questão geral, o E. (Entrevistador) propõe outras alternativas (sub-temas)

1 O formato da grelha foi inspirado em Estrela, Albano (1994)

2 Não existe, necessariamente, uma correspondência entre as perguntas e as técnicas, tal como aparecem na grelha visto as técnicas terem sido utilizadas, com flexibilidade, ao longo das entrevistas

3 E. (entrevistador) – e. (entrevistado). Vide Ghiglione e Matalon (1997)

		<p>3. Que prioridades foram definidas quanto às necessidades de formação decorrentes do levantamento efetuado? Quais foram os critérios que levaram a essa definição de prioridades?</p> <p>4. Pode-me descrever o processo de elaboração dos planos de formação do CFAE? O que pensa do modo de elaboração dos planos de formação do CFAE?</p> <p>*Tópicos sugestivos: Qual o tipo de ligação estabelecida entre o CFAE e esta escola? Qual a articulação existente entre o Diretor do Centro e o Conselho Pedagógico desta escola?</p> <p>5. Que tipo de estruturas de apoio foram necessárias criar para a conceção e implementação do plano de formação da sua escola?</p> <p>6. De que forma foi concebida a avaliação do plano de formação? O que pensa da forma como foi concebida a avaliação do plano de formação?</p>	<p>ambíguas ou que gerem respostas apenas do tipo sim/não;</p> <p>-o E. deve utilizar uma linguagem acessível, precisa; deve também atender ao ritmo de resposta do e. bem como ajudá-lo a refletir, explicando e perguntando sobre conceitos caso possa haver dúvida;</p> <p>-caso o e. fuja do assunto ou divague, o E. deve procurar fazer com que volte ao tema;</p> <p>-o E. deve reformular as perguntas quando necessário; deve recorrer à utilização de silêncios breves, permitindo a reflexão;</p> <p>-o E. deve recorrer à utilização de expressões, p.ex. <i>"o que quer dizer com isso?"</i>; <i>"Não sei se percebeu o que quis dizer!"</i>; <i>"É possível detalhar?"</i>; <i>"Pode dizer-me mais alguma sobre isso?"</i>; <i>"Você tem um exemplo...?"</i>; <i>"Quer acrescentar...?"</i>; <i>"Não sei se entendi bem... o que quis dizer com...?"</i>; <i>"Como assim?... Você poderia especificar/exemplificar/fundamentar...?"</i>; <i>"Isso é muito interessante. E isto acontece sempre?"</i>;</p>
As linhas orientadoras da política de formação e as prioridades definidas pelo CFAE em estudo	Conhecer as fundamentações acerca das grandes linhas orientadoras da política de formação, assim como das prioridades definidas pelo CFAE em estudo	<p>7. O que pensa acerca das grandes linhas orientadoras definidas pelo CFAE para a formação?</p> <p>8. Quais as razões que considera estarem subjacentes à definição dessas grandes linhas orientadoras?</p> <p>9. Qual a sua opinião acerca das prioridades, definidas pelo CFAE, para a formação?</p> <p>10. Quais as razões que considera estarem subjacentes à definição dessas prioridades?</p>	<p>-para mudar de assunto, o E. deve usar frases fortes de ligação como <i>"agora gostaria de tratar de uma outra questão..."</i>;</p> <p>-o E. deve procurar obter exemplos, relatos de factos e incidentes críticos que</p>
Os problemas sentidos quanto à concretização da política de formação do CFAE em estudo	Conhecer os problemas que têm sido sentidos pelo Diretor da escola quanto à concretização da política de formação do CFAE em estudo	<p>11. Na sua perspetiva que fatores têm afetado negativamente a implementação da política de formação do CFAE? Como é que têm sido contornados esses problemas?</p> <p>*Tópicos sugestivos: Problemas administrativos? Carência de recursos humanos? Infraestruturas físicas do CFAE? Recursos materiais?</p> <p>12. Na sua perspetiva, que influência (positiva/negativa) as alterações legislativas referentes à formação contínua tiveram na implementação da política de</p>	<p>-o E. deve procurar obter exemplos, relatos de factos e incidentes críticos que</p>

*Se o e. (entrevistado) não abordar espontaneamente a questão geral, o E. (Entrevistador) propõe outras alternativas (sub-temas)

1 O formato da grelha foi inspirado em Estrela, Albano (1994)

2 Não existe, necessariamente, uma correspondência entre as perguntas e as técnicas, tal como aparecem na grelha visto as técnicas terem sido utilizadas, com flexibilidade, ao longo das entrevistas

3 E. (entrevistador) –e. (entrevistado). Vide Ghiglione e Matalon (1997)

<p>As características da formação oferecida pelo CFAE em estudo</p>	<p>Conhecer as características da formação oferecida pelo CFAE em estudo</p>	<p>formação do CFAE? 13.Que critérios têm determinado as áreas/temas mais abrangidos pelas ações de formação? *Tópicos sugestivos: Pedidos concretos dos professores desta escola? Expectativas desta e das outras escolas associadas? As possibilidades de oferta existentes? 14.Em que áreas/temas não tem sido possível dar resposta à procura de formação? Na sua perspetiva, que razões determinaram essa incapacidade de resposta? 14.1.Relativamente aos grupos de recrutamento de língua estrangeira da sua escola, tem sentido alguma dificuldade em dar resposta aos pedidos de formação? Na sua perspetiva, que razões determinaram essa incapacidade de resposta? 15.Quais as modalidades de formação que têm sido na sua maioria levadas à prática? *Tópicos sugestivos: Cursos de formação? Círculos de estudos? Oficinas de formação? 15.1.Porquê?</p>	<p>ajudem a descrever o relato;</p> <p>A entrevista terá aproximadamente a duração de 60 minutos.</p>
<p>Evolução das expectativas, pressupostos e atitudes do Diretor da escola quanto às iniciativas de formação do CFAE em estudo</p>	<p>Conhecer a evolução das expectativas, pressupostos e atitudes do Diretor da escola quanto às iniciativas de formação do CFAE em estudo</p>	<p>16.Quais eram as suas expectativas, no início do processo, acerca da formação contínua a desenvolver no âmbito do CFAE? Que razões estavam subjacentes a essas expectativas? O que sentia pessoalmente acerca da construção da formação contínua no âmbito do CFAE? 17.Houve mudanças em torno dessas expectativas decorridos três anos enquanto escola associada ao CFAE? No caso de terem existido mudanças, como se operou essa evolução? Que razões crê estarem subjacentes a essa evolução? 18.Que projetos existem para o futuro quanto à formação a desenvolver pelo CFAE? Em sua opinião quais são os pressupostos subjacentes a esses projetos? Que apoios crê existirem para esses projetos? O que sente pessoalmente em</p>	

*Se o e. (entrevistado) não abordar espontaneamente a questão geral, o E. (Entrevistador) propõe outras alternativas (sub-temas)

1 O formato da grelha foi inspirado em Estrela, Albano (1994)

2 Não existe, necessariamente, uma correspondência entre as perguntas e as técnicas, tal como aparecem na grelha visto as técnicas terem sido utilizadas, com flexibilidade, ao longo das entrevistas

3 E. (entrevistador) –e. (entrevistado). *Vide* Ghiglione e Matalon (1997)

		<p>relação a esses projetos?</p> <p>19.Em sua opinião, qual tem sido o valor/relevância da formação que o CFAE tem oferecido?</p> <p>*Tópicos sugestivos: Em termos de resposta às necessidades de formação reveladas pelos professores? Em relação à qualidade dos formadores? Quanto à qualidade dos cursos? Quanto às mudanças nas práticas de ensino dos professores? Quanto às necessidades de “formação centrada na escola”?</p>	
--	--	---	--

*Se o e. (entrevistado) não abordar espontaneamente a questão geral, o E. (Entrevistador) propõe outras alternativas (sub-temas)

1 O formato da grelha foi inspirado em Estrela, Albano (1994)

2 Não existe, necessariamente, uma correspondência entre as perguntas e as técnicas, tal como aparecem na grelha visto as técnicas terem sido utilizadas, com flexibilidade, ao longo das entrevistas

3 E. (entrevistador) –e. (entrevistado). *Vide* Ghiglione e Matalon (1997)

Anexo 8

Tabela de frequências das variáveis do questionário

Frequency Table

Sexo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Masculino	5	21,7	21,7	21,7
Feminino	18	78,3	78,3	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade	23	29	58	44,57	8,349
Valid N (listwise)	23				

Habilitações académicas

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Licenciatura	17	73,9	73,9	73,9
Mestrado Pré-bolonha	4	17,4	17,4	91,3
Mestrado profissionalizante para o ensino	2	8,7	8,7	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Especifique, se possível, a habilitação anterior num dos seguintes parâmetros

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Via Ensino	10	43,5	43,5	43,5
Ramo Educacional	2	8,7	8,7	52,2

Ramo Científico das Universidades Clássicas sem profissionalização	11	47,8	47,8	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Situação Profissional (situação em que se encontra colocado)

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Contratado profissionalizado	5	21,7	21,7	21,7
Efetivo do Quadro de Escola	17	73,9	73,9	95,7
Efetivo não pertencente ao Quadro de Escola	1	4,3	4,3	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Descriptives

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Anos de serviço	23	3	35	18,61	10,224
Valid N (listwise)	23				

Anos/níveis que leciona

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid secundário	23	100,0	100,0	100,0

Identifique a(s) Língua(s) estrangeira(s) a lecionar no presente ano letivo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Inglês	13	56,5	56,5	56,5
Espanhol	7	30,4	30,4	87,0
Latim	1	4,3	4,3	91,3
Não deve responder	2	8,7	8,7	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Frequencies

Statistics

Anos de serviço por categorias

N	Valid	23
	Missing	0
	Std. Deviation	,51075

Anos de serviço por categorias

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1,00	11	47,8	47,8	47,8
	2,00	12	52,2	52,2	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 1

aprofundamento de competências cognitivas no domínio do conhecimento científico e didático da disciplina que leciona

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Pouco Importante	2	8,7	8,7	8,7
	Importante	4	17,4	17,4	26,1
	Muitas Vezes Importante	6	26,1	26,1	52,2
	Sempre Importante	11	47,8	47,8	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 2

atualização da competência pedagógica por forma a promover uma pedagogia centrada no aluno, conducente ao desenvolvimento da autonomia e da autoaprendizagem (autorregulação)

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada Importante	1	4,3	4,3	4,3

Pouco Importante	2	8,7	8,7	13,0
Importante	4	17,4	17,4	30,4
Muitas Vezes Importante	6	26,1	26,1	56,5
Sempre Importante	10	43,5	43,5	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 3

planificação e avaliação de estratégias de apoio às aprendizagens previstas no plano curricular da disciplina

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nada Importante	2	8,7	8,7	8,7
Pouco Importante	2	8,7	8,7	17,4
Importante	3	13,0	13,0	30,4
Muitas Vezes Importante	10	43,5	43,5	73,9
Sempre Importante	6	26,1	26,1	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 4

capacidade de comunicar e de estimular o interesse dos alunos pela aprendizagem criando empatia com os mesmos

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nada Importante	1	4,3	4,3	4,3
Pouco Importante	2	8,7	8,7	13,0
Importante	5	21,7	21,7	34,8
Muitas Vezes Importante	7	30,4	30,4	65,2
Sempre Importante	8	34,8	34,8	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 5

(re)construção de saberes orientados para a resolução de problemas de cariz disciplinar

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nada Importante	4	17,4	17,4	17,4
Pouco Importante	4	17,4	17,4	34,8

Importante	5	21,7	21,7	56,5
Muitas Vezes Importante	5	21,7	21,7	78,3
Sempre Importante	5	21,7	21,7	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 6

desenvolvimento de metodologias de avaliação das aprendizagens dos alunos

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nada Importante	3	13,0	13,0	13,0
Pouco Importante	2	8,7	8,7	21,7
Importante	4	17,4	17,4	39,1
Muitas Vezes Importante	7	30,4	30,4	69,6
Sempre Importante	7	30,4	30,4	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 7

capacidade de diversificar estratégias de ensino adequadas às necessidades dos alunos

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nada Importante	1	4,3	4,3	4,3
Pouco Importante	3	13,0	13,0	17,4
Importante	6	26,1	26,1	43,5
Muitas Vezes Importante	5	21,7	21,7	65,2
Sempre Importante	8	34,8	34,8	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 8

capacidade de diversificar estratégias de ensino face aos recursos e instrumentos disponíveis

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Pouco Importante	3	13,0	13,0	13,0
Importante	6	26,1	26,1	39,1
Muitas Vezes Importante	6	26,1	26,1	65,2

Sempre Importante	8	34,8	34,8	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 9

competências ao nível do uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nada Importante	2	8,7	8,7	8,7
Pouco Importante	1	4,3	4,3	13,0
Importante	5	21,7	21,7	34,8
Muitas Vezes Importante	9	39,1	39,1	73,9
Sempre Importante	6	26,1	26,1	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 10

construção de materiais didáticos

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Pouco Importante	4	17,4	17,4	17,4
Importante	5	21,7	21,7	39,1
Muitas Vezes Importante	6	26,1	26,1	65,2
Sempre Importante	8	34,8	34,8	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 11

desenvolvimento de atitudes de colaboração com todos os membros da ação educativa, permitindo a reflexão/troca de experiências

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nada Importante	1	4,3	4,3	4,3
Pouco Importante	3	13,0	13,0	17,4
Importante	5	21,7	21,7	39,1
Muitas Vezes Importante	8	34,8	34,8	73,9
Sempre Importante	6	26,1	26,1	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 12

capacidade de questionar sobre a sua própria maneira de planificar, apresentar e avaliar os diferentes conteúdos da sua disciplina

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nada Importante	3	13,0	13,0	13,0
Pouco Importante	1	4,3	4,3	17,4
Importante	4	17,4	17,4	34,8
Muitas Vezes Importante	9	39,1	39,1	73,9
Sempre Importante	6	26,1	26,1	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 13

capacidade de estimular o recurso à produção de investigação educativa, com vista a introduzir mudanças na sua prática pedagógica

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nada Importante	1	4,3	4,3	4,3
Pouco Importante	3	13,0	13,0	17,4
Importante	5	21,7	21,7	39,1
Muitas Vezes Importante	7	30,4	30,4	69,6
Sempre Importante	7	30,4	30,4	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 14

postura crítica e capacidade de intervenção face às exigências que lhe são impostas pela realidade social e educativa

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nada Importante	2	8,7	8,7	8,7
Pouco Importante	4	17,4	17,4	26,1
Importante	5	21,7	21,7	47,8
Muitas Vezes Importante	6	26,1	26,1	73,9
Sempre Importante	6	26,1	26,1	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 15

desenvolvimento de um espírito de abertura à inovação e uma busca constante pela auto-valorização do seu processo de formação

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nada Importante	2	8,7	8,7	8,7
Pouco Importante	1	4,3	4,3	13,0
Importante	4	17,4	17,4	30,4
Muitas Vezes Importante	9	39,1	39,1	69,6
Sempre Importante	7	30,4	30,4	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 16

desenvolvimento de capacidades assertivas nas relações interpessoais

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nada Importante	2	8,7	8,7	8,7
Pouco Importante	6	26,1	26,1	34,8
Importante	6	26,1	26,1	60,9
Muitas Vezes Importante	6	26,1	26,1	87,0
Sempre Importante	3	13,0	13,0	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 17

compreensão e implementação das medidas propostas ao nível da gestão e reorganização curricular

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nada Importante	3	13,0	13,0	13,0
Pouco Importante	4	17,4	17,4	30,4
Importante	5	21,7	21,7	52,2
Muitas Vezes Importante	7	30,4	30,4	82,6
Sempre Importante	4	17,4	17,4	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 18

capacidade de análise e crítica pelas questões éticas e sociais da escola

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada Importante	3	13,0	13,0	13,0
	Pouco Importante	5	21,7	21,7	34,8
	Importante	7	30,4	30,4	65,2
	Muitas Vezes Importante	5	21,7	21,7	87,0
	Sempre Importante	3	13,0	13,0	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 19

compreensão dos textos normativos, legislação sobre a carreira docente, sobre as decisões e opções tomadas pela Administração Central/Regional

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada Importante	4	17,4	17,4	17,4
	Pouco Importante	5	21,7	21,7	39,1
	Importante	6	26,1	26,1	65,2
	Muitas Vezes Importante	6	26,1	26,1	91,3
	Sempre Importante	2	8,7	8,7	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 20

o uso de ambientes multimédia, por ex. imagem, som, vídeo, jogos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada Importante	1	4,3	4,3	4,3
	Pouco Importante	2	8,7	8,7	13,0
	Importante	4	17,4	17,4	30,4
	Muitas Vezes Importante	12	52,2	52,2	82,6
	Sempre Importante	4	17,4	17,4	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 21

a criação de fóruns, chats, videoconferência

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada Importante	5	21,7	21,7	21,7
	Pouco Importante	1	4,3	4,3	26,1
	Importante	11	47,8	47,8	73,9
	Muitas Vezes Importante	4	17,4	17,4	91,3
	Sempre Importante	2	8,7	8,7	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 22

a diversidade de material didático, por ex. criação de sites voltados para publicação de trabalhos de alunos, de periódicos online

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada Importante	4	17,4	17,4	17,4
	Importante	4	17,4	17,4	34,8
	Muitas Vezes Importante	11	47,8	47,8	82,6
	Sempre Importante	4	17,4	17,4	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 23

a variedade de escolha de informação e rapidez no acesso à mesma através de bibliotecas virtuais

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada Importante	4	17,4	17,4	17,4
	Importante	8	34,8	34,8	52,2
	Muitas Vezes Importante	6	26,1	26,1	78,3
	Sempre Importante	5	21,7	21,7	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 24

a possibilidade de o professor divulgar informação em parceria com os seus alunos através de homepages

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada Importante	4	17,4	17,4	17,4
	Importante	7	30,4	30,4	47,8
	Muitas Vezes Importante	9	39,1	39,1	87,0
	Sempre Importante	3	13,0	13,0	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 25

a diversificação de exercícios, tais como, questionários, exercícios de escolha múltipla, "jumbled sentences", palavras cruzadas, etc.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada Importante	3	13,0	13,0	13,0
	Pouco Importante	2	8,7	8,7	21,7
	Importante	5	21,7	21,7	43,5
	Muitas Vezes Importante	6	26,1	26,1	69,6
	Sempre Importante	7	30,4	30,4	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 26

a dinamização de trabalhos de grupo para consolidação de práticas de estruturação do discurso interativo e transacional

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada Importante	2	8,7	8,7	8,7
	Pouco Importante	2	8,7	8,7	17,4
	Importante	5	21,7	21,7	39,1
	Muitas Vezes Importante	7	30,4	30,4	69,6
	Sempre Importante	7	30,4	30,4	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 27

a construção de um portefólio promovendo o trabalho autónomo e a aquisição de métodos de estudo pelo aluno

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nada Importante	3	13,0	13,0	13,0
Pouco Importante	3	13,0	13,0	26,1
Importante	9	39,1	39,1	65,2
Muitas Vezes Importante	2	8,7	8,7	73,9
Sempre Importante	6	26,1	26,1	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 28

o uso de lay-outs/diseño, prompts, gravuras, títulos, e outros recursos como forma de desenvolver processos de antecipação à leitura, associando ideias ao assunto dos textos

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nada Importante	2	8,7	8,7	8,7
Pouco Importante	2	8,7	8,7	17,4
Importante	5	21,7	21,7	39,1
Muitas Vezes Importante	8	34,8	34,8	73,9
Sempre Importante	6	26,1	26,1	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 29

leitura de textos, shortstories e outros registos escritos como forma de avaliar opiniões, sentimentos e juízos de valor dos alunos e os seus progressos como leitor

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nada Importante	2	8,7	8,7	8,7
Pouco Importante	1	4,3	4,3	13,0
Importante	4	17,4	17,4	30,4
Muitas Vezes Importante	9	39,1	39,1	69,6
Sempre Importante	7	30,4	30,4	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 30

a elaboração de fichas de trabalho individuais, em suporte escrito

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada Importante	2	8,7	8,7	8,7
	Pouco Importante	3	13,0	13,0	21,7
	Importante	3	13,0	13,0	34,8
	Muitas Vezes Importante	9	39,1	39,1	73,9
	Sempre Importante	6	26,1	26,1	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 31

a utilização pelo professor de suportes visuais e audiovisuais através de mapas conceptuais, gravuras, vídeos, trailers/tráiler de filmes, para posteriormente servirem de testagem de compreensão individual de leitura dos alunos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada Importante	2	8,7	8,7	8,7
	Pouco Importante	2	8,7	8,7	17,4
	Importante	3	13,0	13,0	30,4
	Muitas Vezes Importante	10	43,5	43,5	73,9
	Sempre Importante	6	26,1	26,1	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 32

a utilização da versão interativa do manual escolar adotado como recurso para autocorreção de exercícios

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada Importante	5	21,7	21,7	21,7
	Pouco Importante	1	4,3	4,3	26,1
	Importante	5	21,7	21,7	47,8
	Muitas Vezes Importante	10	43,5	43,5	91,3
	Sempre Importante	2	8,7	8,7	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 33

a discussão dos trabalhos realizados pelos alunos, seguida da devolução comentada pelo professor

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada Importante	4	17,4	17,4	17,4
	Pouco Importante	1	4,3	4,3	21,7
	Importante	3	13,0	13,0	34,8
	Muitas Vezes Importante	11	47,8	47,8	82,6
	Sempre Importante	4	17,4	17,4	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 34

exposições temáticas, seguido de debate sobre tópicos do programa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada Importante	4	17,4	17,4	17,4
	Pouco Importante	1	4,3	4,3	21,7
	Importante	4	17,4	17,4	39,1
	Muitas Vezes Importante	9	39,1	39,1	78,3
	Sempre Importante	5	21,7	21,7	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 35

o uso de Drills/ejercicios: o aluno aprende através de repetição intensiva de padrões fonéticos (pronúncia), de vocábulos, itens gramaticais, etc.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada Importante	4	17,4	17,4	17,4
	Pouco Importante	2	8,7	8,7	26,1
	Importante	6	26,1	26,1	52,2
	Muitas Vezes Importante	9	39,1	39,1	91,3
	Sempre Importante	2	8,7	8,7	100,0
	Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 36

o uso de Roleplaying/juego de roles: o aluno aprende a língua através de dramatizações

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nada Importante	3	13,0	13,0	13,0
Importante	7	30,4	30,4	43,5
Muitas Vezes Importante	7	30,4	30,4	73,9
Sempre Importante	6	26,1	26,1	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 37

o uso de Diary Writing/escribir un diario: o aluno aprende a refletir sobre as temáticas abordadas

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nada Importante	5	21,7	21,7	21,7
Importante	7	30,4	30,4	52,2
Muitas Vezes Importante	6	26,1	26,1	78,3
Sempre Importante	5	21,7	21,7	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 38

o uso de atividades de Brainstorming: "Call my bluff/dados mentirosos; "Pass the buck"; "A circular story", etc, são atividades lúdicas para rever estruturas e vocabulário estudado

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nada Importante	1	4,3	4,3	4,3
Pouco Importante	2	8,7	8,7	13,0
Importante	6	26,1	26,1	39,1
Muitas Vezes Importante	9	39,1	39,1	78,3
Sempre Importante	5	21,7	21,7	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Hipótese 39

o uso de biblioteca de imagens: servem de apresentação temática e de estratégia para a compreensão de leitura de textos e a aprendizagem de aspetos gramaticais

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nada Importante	2	8,7	8,7	8,7
Pouco Importante	1	4,3	4,3	13,0
Importante	10	43,5	43,5	56,5
Muitas Vezes Importante	5	21,7	21,7	78,3
Sempre Importante	5	21,7	21,7	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Anexo 9

Os valores das variáveis do questionário com base nas medidas descritivas média, desvio-padrão e mediana

Frequências

Questão 8

		8.1.aprofundamento de competências cognitivas no domínio do conhecimento científico e didático da disciplina que leciona	8.2.atualização da competência pedagógica por forma a promover uma pedagogia centrada no aluno, conducente ao desenvolvimento da autonomia e da autoaprendizagem (autorregulação)	8.3.planificação e avaliação de estratégias de apoio às aprendizagens previstas no plano curricular da disciplina	8.4.capacidade de comunicar e de estimular o interesse dos alunos pela aprendizagem criando empatia com os mesmos	8.5.(re)construção de saberes orientados para a resolução de problemas de cariz disciplinar	8.6.desenvolvimento de metodologias de avaliação das aprendizagens dos alunos	8.7.capacidade de diversificar estratégias de ensino adequadas às necessidades dos alunos	8.8.capacidade de diversificar estratégias de ensino face aos recursos e instrumentos disponíveis	8.9.competências ao nível do uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação	8.10.construção de materiais didáticos
N	Valid	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23
	Missing	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Mean	4,13	3,96	3,70	3,83	3,13	3,57	3,70	3,83	3,70	3,78
	Median	4,00	4,00	4,00	4,00	3,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00
	Std. Deviation	1,014	1,186	1,222	1,154	1,424	1,376	1,222	1,072	1,185	1,126

Questão 8

		8.11.desenvolvimento de atitudes de colaboração com todos os membros da ação educativa, permitindo a reflexão/troca de experiências	8.12.capacidade de questionar sobre a sua própria maneira de planificar, apresentar e avaliar os diferentes conteúdos da sua disciplina	8.13.capacidade de estimular o recurso à produção de investigação educativa, com vista a introduzir mudanças na sua prática pedagógica	8.14.postura crítica e capacidade de intervenção face às exigências que lhe são impostas pela realidade social e educativa	8.15.desenvolvimento de um espírito de abertura à inovação e uma busca constante pela auto-valorização do seu processo de formação	8.16.desenvolvimento de capacidades assertivas nas relações interpessoais	8.17.compreensão e implementação das medidas propostas ao nível da gestão e reorganização curricular	8.18.capacidade de análise e crítica pelas questões éticas e sociais da escola	8.19.compreensão dos textos normativos, legislação sobre a carreira docente, sobre as decisões e opções tomadas pela Administração Central/Regional
N	Valid	23	23	23	23	23	23	23	23	23
	Missing	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Mean		3,65	3,61	3,70	3,43	3,78	3,09	3,22	3,00	2,87
Median		4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	3,00	3,00	3,00	3,00
Std. Deviation		1,152	1,305	1,185	1,308	1,204	1,203	1,313	1,243	1,254

Frequências

Questão 9

		9.1.o uso de ambientes multimédia, por ex. imagem, som, vídeo, jogos	9.2.a criação de fóruns, chats, videoconferência	9.3.a diversidade de material didático, por ex. criação de sites voltados para publicação de trabalhos de alunos, de periódicos online	9.4.a variedade de escolha de informação e rapidez no acesso à mesma através de bibliotecas virtuais	9.5.a possibilidade de o professor divulgar informação em parceria com os seus alunos através de homepages	9.6.a diversificação de exercícios, tais como, questionários, exercícios de escolha múltipla, "jumbled sentences", palavras cruzadas, etc.	9.7.a dinamização de trabalhos de grupo para consolidação de práticas de estruturação do discurso interativo e transacional	9.8.a construção de um portefólio promovendo o trabalho autónomo e a aquisição de métodos de estudo pelo aluno	9.9.o uso de lay-outs/diseño, prompts, gravuras, títulos, e outros recursos como forma de desenvolver processos de antecipação à leitura, associando ideias ao assunto dos textos	9.10.leitura de textos, shortstories e outros registos escritos como forma de avaliar opiniões, sentimentos e juízos de valor dos alunos e os seus progressos como leitor	9.11.a elaboração de fichas de trabalho individuais, em suporte escrito
N	Valid	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23	23
	Missing	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Mean	3,70	2,87	3,48	3,35	3,30	3,52	3,65	3,22	3,61	3,78	3,61
	Median	4,00	3,00	4,00	3,00	4,00	4,00	4,00	3,00	4,00	4,00	4,00
	Std. Deviation	1,020	1,217	1,310	1,335	1,259	1,377	1,265	1,347	1,234	1,204	1,270

Questão 9

		9.12.a utilização pelo professor de suportes visuais e audiovisuais através de mapas conceptuais, gravuras, vídeos, trailers/tráiler de filmes, para posteriormente servirem de testagem de compreensão individual de leitura dos alunos	9.13.a utilização da versão interativa do manual escolar adotado como recurso para autocorreção de exercícios	9.14.a discussão dos trabalhos realizados pelos alunos, seguida da devolução comentada pelo professor	9.15.exposições temáticas, seguido de debate sobre tópicos do programa	9.16.o uso de Drills/ejercicios: o aluno aprende através de repetição intensiva de padrões fonéticos (pronúncia), de vocábulos, itens gramaticais, etc.	9.17.o uso de Roleplaying/juego de roles: o aluno aprende a língua através de dramatizações	9.18.o uso de Diary Writing/escribir un diario: o aluno aprende a refletir sobre as temáticas abordadas	9.19.o uso de atividades de Brainstorming: "Call my bluff/dados mentirosos; "Pass the buck"; "A circular story", etc, são atividades lúdicas para rever estruturas e vocabulário estudado	9.20.o uso de biblioteca de imagens: servem de apresentação temática e de estratégia para a compreensão de leitura de textos e a aprendizagem de aspetos gramaticais
N	Valid	23	23	23	23	23	23	23	23	23
	Missing	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Mean		3,70	3,13	3,43	3,43	3,13	3,57	3,26	3,65	3,43
Median		4,00	4,00	4,00	4,00	3,00	4,00	3,00	4,00	3,00
Std. Deviation		1,222	1,325	1,343	1,376	1,254	1,273	1,421	1,071	1,161

Anexo 10

Teste t-Student para comparação das médias entre amostras independentes

T-Test

Group Statistics

Anos de serviço por categorias		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
DIMENSÃO_8_SCORE_SOMA	Abaixo da média	11	68,5455	19,61308	5,91356
	Acima da média	12	66,8333	17,70893	5,11213

Independent Samples Test

	Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means							
	F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference		
								Lower	Upper	
DIMENSÃO_8_SCORE_SOMA	Equal variances assumed	,339	,566	,220	21	,828	1,71212	7,78075	-14,46883	17,89308
	Equal variances not assumed			,219	20,250	,829	1,71212	7,81691	-14,58077	18,00501

T-Test

Group Statistics

Anos de serviço por categorias		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
DIMENSÃO_9_SCORE_SOMA	Abaixo da média	11	74,0000	18,97367	5,72078
	Acima da média	12	64,0833	19,85611	5,73197

Independent Samples Test

	Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means							
	F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference		
								Lower	Upper	
DIMENSÃO_9_SCORE_SOMA	Equal variances assumed	,057	,814	1,222	21	,235	9,91667	8,11509	-6,95958	26,79292
	Equal variances not assumed			1,225	20,956	,234	9,91667	8,09831	-6,92684	26,76018

Anexo 11

Aferimento da relação linear entre as Dimensões 8. e 9. com o Coeficiente de correlação linear de Pearson

Correlations

Correlations			DIMENSÃO_8_ SCORE_SOMA	DIMENSÃO_9_ SCORE_SOMA
DIMENSÃO_8_SCORE_SO MA	Pearson Correlation		1	,652**
	Sig. (2-tailed)			,001
	N		23	23
DIMENSÃO_9_SCORE_SO MA	Pearson Correlation		,652**	1
	Sig. (2-tailed)		,001	
	N		23	23

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Anexo 12

Transcrição das entrevistas feitas aos Professores de língua estrangeira

Entrevistado 1

- Situação profissional: professor de Quadro de Escola
 - Total de número de anos de serviço como professor(a) de Língua estrangeira: 4 anos
 - Número de anos como professor(a) de Língua estrangeira na escola onde atualmente leciona: o presente ano letivo: 3 anos
 - Anos a que leciona: 10º e 11º anos
 - Língua(s) estrangeira(s) a lecionar no presente ano letivo: Espanhol
-

1. Considera o «estágio profissional» como uma mera preparação técnica para o desempenho de uma atividade?

Sim/Não

Resposta: Não, penso que mais do que técnica, tem sobretudo uma preparação prática, didática e pedagógica.

1.1. Quais eram as suas expectativas iniciais relativamente à formação a obter durante o período da profissionalização?

1.1.1 Poder-se-á afirmar existir uma discrepância entre o perfil profissional necessário ao funcionamento e desenvolvimento da escola e o perfil profissional transmitido durante a profissionalização?

Resposta: Eram altas (...) não considerei que houvesse um grande desajustamento face à nossa realidade; mas eu também tive dois tipos de estágio (...) e acho que os dois tiveram diferentes ajustamentos relativamente à realidade; por exemplo, o 1º foi um estágio não integrado (...) foi remunerado, contava como tempo de serviço; tive duas turmas (...) e tinha poder total sobre as turmas (...) dava as aulas, de vez em quando era avaliada nessas aulas, mas tirando as aulas em que era avaliada, todas as aulas contavam. E fazia todo o trabalho relativo à avaliação (...) e ia às reuniões de Departamento. No segundo estágio, de espanhol, que já foi um estágio não remunerado (...) integrado porque foi um estágio feito no Mestrado de Bolonha (...) este estágio já foi muito diferente, sinto que houve um desajustamento porque prepararam-nos meramente para aulas em que íamos ser avaliados, que era um conjunto de 12 aulas de 45 m (...) não ia a reuniões de Departamento, não tinha presença num trabalho, por exemplo, de direção de turma, de projetos de escola, de visitas de estudo, era meramente as aulas e os seminários que eram as reflexões sobre essas mesmas aulas. Tive duas experiências totalmente diferentes: na 1ª houve uma maior aproximação à realidade da escola.

1.2. Em que dimensões/aspectos da sua prática enquanto docente se fez sentir essa formação inicial, os saberes/competências resultantes e adquiridos durante o seu estágio pedagógico?

1.2.1. Explícite.

Resposta: Totalmente, 1º a nível dos conteúdos (...), por exemplo, lembro-me que no estágio de Espanhol, fui muitas vezes ao Instituto de Cervantes (...) para pesquisa de materiais, e à medida que vamos pesquisando, vamos apreendendo, vamos lendo, vamos vendo diferentes práticas (...) e sobretudo a nível das competências cognitivas; a nível da conceção dos materiais, fazemos um trabalho (...) muito árduo, a nível de pesquisa e da conceção de materiais nossos, a partir da pesquisa de vários autores e manuais; e também penso a nível da competência pedagógica, porque é o 1º ano (...) é a 1ª vez que temos alunos à frente e isso dá-nos algum jogo de cintura e bagagem. Para além de que é um ano muito complicado, porque nós estamos sujeitos a uma avaliação e a uma exposição total do nosso trabalho a outras pessoas, dos colegas de grupo e do nosso orientador. Estamos expostos a situações de muito stress que nos dá muito jogo de cintura (...).

2. Como caracteriza o seu trajeto sócio-profissional até este momento?

Pouco satisfatório/Satisfatório/Bastante satisfatório/Bom/Muito bom

Resposta: Satisfatório.

2.1. Quais as razões que o(a) levaram a ingressar na carreira de professor?

Resposta: É um sonho desde pequena (...) sentia que tinha uma vocação (...) insisti nesta área (...) gosto de crianças, de jovens, gosto de ensinar e mesmo por vocação, por sonho.

2.1.1. Como caracterizaria o seu ingresso na profissão? Que dificuldades e atrativos encontrou nos “primeiros tempos”?

2.1.2. Justifique.

Resposta: Encontrei muitos obstáculos, porque eu tirei um 1º curso, uma Licenciatura de 4 anos, fiz aquele ano de estágio (...) eu penso que um estágio numa língua estrangeira, não sei se por ser numa língua estrangeira, é um trabalho muito árduo (...) nós temos de criar materiais, todas as atividades têm de estar relacionadas; por exemplo, se damos um texto sobre uma temática qualquer, a gramática que damos tem de estar relacionada com essa temática e nós nunca vamos encontrar esta coerência no manual (...) temos nós de criar os materiais (...). Mas eu tinha uma compensação; estava mesmo ao lado de casa (...) se pensarmos que estamos a fazer um trabalho de escravos, e sem sermos remunerados, isso conta. Depois logo a 1ª dificuldade que senti foi o desemprego, ninguém tira um curso para ficar desempregado (...) resolvi então tirar o outro curso que foi Inglês/Espanhol (...) e aí conheci alguns dissabores; fiz o meu estágio em Leiria (...) eu era de Coimbra e portanto já era uma distância considerável (...) Portanto um estágio que não é remunerado e (...) logicamente quando a pessoa tenta trabalhar para pagar isso, fazer tudo ao mesmo tempo, torna-se complicado. Depois (...) o aspeto bom foi ser colocada em Quadro mas depois fui colocada muito longe de casa por quatro anos (...).

2.2. Considera-se realizado(a) a nível profissional?

2.2.1. Justifique.

Resposta: Sim, (...) gosto do que faço (...) não me imagino a fazer outra coisa (...) a nossa profissão tem situações novas todos os dias (...). Mas embora goste do que faço, não estou totalmente realizada.

2.2.2. Considera que as funções, atividades e tarefas que executa no âmbito do seu trabalho diário de professor(a) são iguais àquelas que executava quando começou a ensinar?

Resposta: Não, porque (...) nós nunca voltamos a fazer o que fazemos no ano de estágio. Penso que depois adquirimos já uma série de materiais e de coisas que já estão pré-feitas e não voltamos a ter aquele trabalho. Portanto, muda sempre qualquer coisa.

2.2.3. Na sua opinião, quais são os maiores constrangimentos ao desenvolvimento da carreira de professor?

Resposta: Diria três: parte económica (...) a parte da família, o estar colocada longe e o não se poder criar uma estrutura familiar estável e sobretudo, esta relaciona-se mais diretamente com a escola, a parte da burocracia a que o professor está sujeito.

2.2.4. Já alguma vez pensou em mudar de profissão? Porquê?

Resposta: Não (...) a sério, a sério, não me imagino a fazer outra coisa.

2.3. O que é para si o «desenvolvimento profissional e pessoal» do docente do Ensino Secundário, numa perspetiva de *life span*?

Resposta: Sobretudo favorecer dinâmicas de atualização e aprofundamento do conhecimento, conhecimento que seja necessário à nossa prática docente e desenvolver atividades inovadora na minha prática profissional (...) nós temos de nos adaptar à nova sociedade e aos alunos que temos à nossa frente.

2.3.1. Considerando que o aperfeiçoamento das competências do professor é um desiderato atingível ao longo da vida, em que medida a sua participação em programas (ações) de formação contínua tem contribuído para colmatar algumas possíveis lacunas de uma formação inicial precária e/ou para adquirir/atualizar algumas das competências profissionais e pessoais previstas no Regime de Avaliação de professores?

2.3.2. Exemplifique.

Resposta: Até hoje participei apenas em uma ação de formação contínua que foi em Quadros Interativos Multimédia no Ensino Aprendizagem das Línguas Estrangeiras. E eu considero que, tal como me perguntou, “tem contribuído para colmatar lacunas de uma formação inicial precária...?” (...) porque no meu 1º ano de estágio não se usava muitos os recursos tecnológicos, não havia quadros interativos na escola (...). Neste 2º estágio, a escola toda ela estava equipada, todas as salas tinham um quadro interativo e um computador. Todas as minhas aulas foram à base de quadro interativo, mas posso dizer que passei muitas horas na escola (...) nas vésperas de aulas avaliadas, a tentar perceber o funcionamento do quadro interativo (...). Agora, acho que é importante, e que só vale a pena fazer este tipo de formações se houver uma continuidade de trabalho (...) é preciso a escola criar condições e nós termos vontade em criar materiais para testar nos alunos e ver se funciona e se é uma boa estratégia.

3. Se se lembra, no último ciclo de avaliação (2009/2011) de professores, os mesmos foram avaliados à luz de um referencial que durante anos legitimou um perfil geral de competência para a docência (Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto).

3.1. Tendo o já referido Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto sido considerado como a matriz complexa de competências até à entrada do novo e atual Regime de Avaliação do Desempenho Docente (Decreto Regulamentar nº 26/2012 de 21 de Fevereiro), e segundo o qual, o desempenho docente era equacionado tanto na sua vertente profissional bem como na sua dimensão pessoal, a qual das quatro dimensões (dimensão da vertente Profissional, Social e Ética; dimensão do Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem; dimensão da Participação na Escola e Relação com a Comunidade Educativa; dimensão do Desenvolvimento e Formação Profissional ao Longo da Vida) atribui primazia? Qual(ais) a(s) dimensão(ões) que melhor traduz(em) o conceito de «um bom docente do Ensino Secundário»?

3.1.1. Fundamente.

Resposta: Eu fiz o relatório (...) com muita reflexão e eu acho, sem dúvida, que de todas as vertentes a mais importante é a do Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem porque (...) o importante são as aulas, a planificação das atividades letivas e o cumprimento das mesmas, tendo em atenção o rigor científico, pedagógico e didático no âmbito da disciplina que dou, e todo este rigor adaptado em função das aprendizagens previstas no currículo e adaptado à realidade das turmas. (...) O objetivo máximo é fomentar um espírito de iniciativa, de criatividade, dinamizar as aulas, criar materiais pedagógicos, didáticos, diversificados, facilitadores da aprendizagem. O objetivo último é motivar os alunos, facilitar a aprendizagem dos alunos (...) a principal função é esta, ensino aprendizagem, as aulas em si.

3.2. Através dos programas (ações) de formação contínua, conseguiu ampliar todas as competências legitimadas e traduzidas nesse referencial (Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto)?

3.2.1. Especifique.

Resposta: Todas não, mas sem dúvida que apliquei na minha prática conhecimentos que adquiri e desenvolvi na formação que fiz em aulas posteriores, o recurso ao quadro interativo e criação de materiais.

4. Na sua opinião, concorda com a necessidade de todos os professores frequentarem programas de formação contínua, o que se traduzirá necessariamente no desenvolvimento de diversas competências, tendo em conta a natureza multidimensional do conhecimento profissional dos professores?

Sim/Não

4.1. Justifique.

Resposta: Sim, não por razões meramente avaliativas (...). Penso que estas não são as mais importantes, estas são de facto as burocráticas (...) a pessoa tem de ter noção que não sabe tudo e que está em constante desenvolvimento e atualização. A finalidade última de uma ação de formação contínua é o aperfeiçoamento pessoal e profissional de cada professor (...) é atualizar e aprofundar os conhecimentos porque temos de acompanhar uma sociedade que tem novas exigências e temos que tentar melhorar a qualidade do ensino de acordo com essas necessidades (...) eu lembro-me dos primeiros alunos que tive e dos alunos que tenho e não tem nada a ver ... e só já passaram 4 anos.

5. Os programas de formação contínua têm-no(a) ajudado a redefinir objetivos relativamente à sua atuação estratégica enquanto professor(a)?

Sim/Não

Resposta: Sim, com essa formação que fiz.

5.1. Refira situações concretas de formação que tenham contribuído para o desenvolvimento de competências profissionais e pessoais levando-o(a) a alterar aspetos da sua prática pedagógica.

5.1.1. Refira as razões que conferiram significado a essa experiência formativa.

Resposta: Era algo que eu não usava (...) sem dúvida que a utilização das TIC oferece potencialidades muito grandes (...) e pode tornar as aulas muito mais dinâmicas e criativas (...) e considero-a uma situação inovadora, porque eu passei de um quadro de giz para quadros de caneta, e quadro interativo (...)

6. Sobre a experiência profissional (níveis já lecionados, cargos anteriormente desempenhados...), bem como a formação específica (habilitações académicas) e a mobilidade profissional (situação profissional), considera-as como situações inovadoras enquanto fatores condicionantes de alguma mudança da sua prática pedagógica, e ao longo da sua carreira?

Sim/Não

6.1. Em que medida?

Resposta: Considero que sim (...) 1º a experiência profissional (...) obviamente que uma pessoa que tenha mais experiência poderá fazer mais e melhor (...) as pessoas com mais experiência já se depararam com múltiplas situações (...) já passaram por elas “n” nº de materiais pelas mãos (...) podem fazer o trabalho de uma forma inovadora.

Em termos da mobilidade profissional (...) conta, mesmo o sítio onde estamos colocados, se estamos perto ou se estamos longe, se conseguimos conjugar essa estabilidade familiar à estabilidade profissional, se são professores contratados (...) e neste ano podemos estar colocados no Norte e no próximo ano no Sul (...) tudo isso conta.

6.2. Concorda com a ideia de que os professores com mais tempo de serviço e mais horas de formação são melhores profissionais no exercício da sua profissão?

Sim/Não

6.2.1. Em que dimensões e em que competências?

Resposta: Claro que para todas as regras há uma exceção (...) de uma forma geral, uma pessoa que tenha mais experiência e que tenha mais formação, sim. Na avaliação das aprendizagens, penso que sim (...) na relação pedagógica com os alunos, não na medida de terem uma melhor relação ou não (...) mas na melhor das experiências já têm um jogo de cintura para lidar com certas situações; estratégias de apoio às aprendizagens dos alunos também; a nível da participação em atividades educativas, isso aí depende da vontade de cada um, penso que às vezes as pessoas que estão num determinado posto já há muito tempo (...) já não sentem aquela vontade de dar tanto (...); relativamente ao resto, penso que sim, que uma pessoa que tenha mais experiência (...) tenha mais jogo de cintura para lidar com as situações que ocorrem todos os dias.

7. Sobre os programas de formação contínua frequentados ao longo dos anos, considera-os como dispositivos através dos quais tem conseguido ampliar algumas das suas competências cognitivas e/ou relacionais, enquanto professor(a) de língua estrangeira, concebidos numa lógica de educação permanente? Ou pelo contrário, tem-se deparado com alguns constrangimentos/obstáculos a esse desenvolvimento de competências?

7.1. Justifique contextualizadamente.

Resposta: Sim, considero (...). Já procurei formações, por exemplo, que não havia. Esse é logo o ponto nº 1; depois daquele que fiz, também há obstáculos, depois de ter feito, a pessoa tem de ter um trabalho continuado e muitas escolas não oferecem essas condições (...) penso que tem de haver condições físicas e materiais.

7.1.1. Em termos gerais, como classifica então os programas de formação continuada frequentados por si?

Nada importantes; Pouco importantes; Importantes; Muitas vezes importantes; Sempre importantes

Resposta: Importantes, na medida em que fiz só uma (...) penso que se tivesse um vasto currículo, talvez considerasse, Muitas vezes importantes (...) a formação que fiz foi muito útil para mim porque eu até tinha lacunas naquela área (...).

8. Relativamente à sua conceção, em que modelos de aprendizagem se baseavam a maioria dos programas de formação que frequentou?

8.1. Explícite.

Resposta: Foi um modelo de aprendizagem mais prático e que tinha em conta a teoria toda; toda ela era uma espécie de reflexão sobre a nossa prática, sobre o papel do professor; por exemplo, neste caso das TIC, que as TIC nunca poderiam assumir um papel primordial na aula (...) que teria de ser o professor a saber manusear e a transmitir os conhecimentos a partir delas; o papel centrava-se no professor (...) claro que toda a formação foi baseada numa parte muito prática de forma a conseguirmos fazer tudo, em situação de sala de aula, tudo aquilo que aprendemos. Mas também teve uma parte teórica, mas a parte teórica foi muito engraçada, foi baseada na reflexão das nossas práticas, naquilo que fazíamos e que poderíamos vir a fazer, no papel do professor.

9. Já frequentou alguma ação de formação desenvolvida pelo CFAE de Portimão e Monchique sediado na escola Poeta António Aleixo?

Resposta: Sim.

9.1. Em caso afirmativo identifique o nome da ação e o ano em que a frequentou.

Resposta: Quadros Interativos Multimédia no Ensino Aprendizagem das Línguas Estrangeiras e foi no ano de 2010.

9.2. Enquanto professor(a) de língua estrangeira e na sua perspectiva, o CFAE de Portimão e Monchique tem conseguido dar resposta à procura de formação pelos professores dos grupos de recrutamento de língua estrangeira das escolas associadas ao centro, nomeadamente aquela que neste momento integra?

9.2.1. Justifique.

Resposta: Penso que sim (...) no 1º ano em que estive cá, não houve nenhuma direcionada para as línguas estrangeiras; no 2º já houve esta; mas sim, penso que façam um esforço para encontrar ações de formação.

10. Refira uma ação de formação que desejasse frequentar durante este ano letivo e que neste momento idealiza para si: descreva-a em termos dos seus objetivos, modalidades e conteúdos temáticos.

Resposta: Eu estou a frequentar uma (...) uma sobre leitura, mas sinceramente não era aquilo que eu mais idealizava para mim. Há uma que vi e que seria mais interessante, Materiais Pedagógicos e de Avaliação para as Disciplinas de Línguas, porque eu penso que no fundo, uma aula faz-se a partir dos materiais que damos e essa é uma das maiores dificuldades que temos, porque é muito fácil chegar a um livro e fotocopiar e dar, e outra coisa é nós próprios criarmos as atividades e os materiais adequados à situação que temos à frente (...) e a outra dificuldade é em criar e diversificar instrumentos e recursos de avaliação; esta é uma parte sem dúvida muito importante, identificar as evidências das aprendizagens dos alunos não é um processo nada fácil na nossa profissão e acho que frequentar uma ação de formação onde fossem explorados estes conteúdos temáticos seria bom para mim.

11. Acha que as ações de formação contínua frequentadas por si (o) a têm ajudado na implementação de algumas práticas pedagógicas inovadoras?

Sim/Não

11.1. Dê exemplos de algumas dessas práticas no âmbito de Recursos Tecnológicos, Estratégias Didáticas, Metodologias de Ensino e Dinâmicas de Sala de Aula.

Resposta: Sim. Eu falo nomeadamente dessa que fiz, eu fiz essa formação dos Quadros Interativos em novembro, no âmbito dos Recursos Tecnológicos; nesse ano fui avaliada (...) e é algo que eu admito, eu fiz a formação mas eu não vou dizer que uso o quadro interativo todos os dias, porque isso é mentira (...) porque criar materiais de forma a utilizar o quadro implica um árduo trabalho e muito tempo fora da sala de aula e logicamente os professores hoje não têm tempo para isso. Naquelas aulas que são avaliadas (...) nós temos uma preocupação diferente. E eu lembro-me particularmente de uma aula que eu dei, sobre a alimentação, e uma parte inicial da aula, a partir de uma música, demos vocabulário sobre os alimentos e os ingredientes e depois em termos de comunicação oral na sala de aula, porque a oralidade e a comunicação é fundamental numa língua estrangeira, eu fiz um exercício com o quadro interativo, fiz um menu base, aliás fiz vários menus base, e os alunos tinham que fazer o menu, tinham que pedir os alimentos para inserir nesse menu (...). Claro que os alunos iam buscar os alimentos que tinham dado, iriam rever conteúdos que já tinham sido lecionados (...), eu penso que utilizei os conhecimentos que tinha aprendido, sem dúvida, na formação e acho que resultou muito bem a nível tecnológico, didático, e sobretudo a nível da dinâmica da sala de aula; eles falaram, transmitiram as coisas, e acho que foi o mais importante.

12. Na sua opinião, quais os fatores que determinam/condicionam em grande escala o sucesso das aprendizagens dos alunos.

12.1 Fundamente.

Resposta: Eu acho que acima de tudo, aquilo que determina o sucesso dos alunos é a forma como conduzimos as aulas. E se conduzimos de uma forma mais criativa e dinâmica, eles aprendem muito mais facilmente, do que aquelas aulas em que a teoria é totalmente despejada e eles são depósitos para armazenar conhecimentos (...). Tudo isto tem a ver com uma questão de motivação e acho que é a partir da motivação que eles vão aprender ou não, se ela existir.

13. Acredita na crescente autonomia do professor enquanto agente de desenvolvimento curricular?

Sim/Não

Resposta: Sim, acredito.

13.1.O processo de construção de um projeto curricular implica a sua avaliação e adaptação à realidade dos contextos escolares pela população docente. Sob que princípio(s) é que será possível a autonomia da gestão curricular?

Resposta: Por exemplo, formação obrigatória para os docentes que terão a seu cargo novas áreas curriculares disciplinares ou não disciplinares; por exemplo, fala-se desta questão da sexualidade, se um docente tiver que dar uma disciplina sobre a sexualidade, terá que fazer uma formação, não poderá dar apenas de conhecimentos do senso comum; e acho que é muito importante esta questão da redução na atribuição de tarefas extra-aula, porque acho que os professores estão aqui com uma tarefa essencial que é ensinar e tudo o que venha tirar tempo para a preparação das aulas... claro que há cargos importantes e é lógico que temos de ter reuniões de departamento, de grupo, o cargo de diretor de turma tem de calhar a alguém, mas penso que deviam ser dadas condições para os professores terem tempo para as suas coisas.

14.Na sua opinião, a formação inicial prepara o docente para todos os papéis inerentes à função docente? Prepara-o(a) para outras áreas que não as somente ligadas ao contexto de sala de aula?

Sim/Não

14.1. Justifique com situações da sua experiência pessoal.

Resposta: Eu considero que, pelo menos os dois que fiz, há uma grande ajustamento do estágio relativamente à realidade que se vive hoje em dia na escola, mas para todas as papéis, não! Por exemplo, o diretor de turma (...), no 1º estágio ainda acompanhei o meu orientador de estágio no trabalho de diretor de turma, ele exigia isso de nós, mas no 2º não tive qualquer noção desse tipo de cargos; por exemplo, em ensino especial, no 1º estágio tive uma aluna do ensino especial com uma deficiência profunda e ninguém me preparou para nada.

15.Na sua opinião, a formação de professores, nomeadamente, a de professores de língua estrangeira deve acompanhar todo o seu percurso de vida, desde a formação inicial até à etapa da sua carreira, na qual presentemente se encontra, com a oferta de programas de formação continuada?

Sim/Não

Resposta: Sim.

15.1.De que modo?

Resposta: Eu agora não sei se percebi bem a pergunta, mas eu acho que um professor deve estar sempre em atualização de conhecimentos, e eu acho que ele próprio deve sentir vontade (...), por exemplo, eu estou a ensinar Espanhol e posso dizer aqui que, já tinha a parte do Inglês feita, e fui à Faculdade e tirei Espanhol em dois anos; depois fiz o ano do estágio, claro que a tirar o curso, a trabalhar, a ir a algumas aulas (...), é lógico (...) que sinto que me falta muito a parte da oralidade, falta muito praticar essa parte (...); logicamente que a partir daí, já que fiquei colocada em quadro, e estou efetiva numa escola e será esse o meu futuro, eu vou tentar fazer formação, não tem que ser contínua, não tem que ser acreditada, eu vou tentar fazer a minha própria formação, eu já procurei Cursos de Línguas (...) na Universidade do Algarve (...) e para o ano, por exemplo, pretendo para melhorar a minha oralidade. Não tem que ser aquela formação contínua mas obviamente que se ela é oferecida, a pessoa deve fazer sempre (...). Não estou a reconhecer apenas a formação institucional como única e exclusiva, mas também estou a pensar em dispositivos de autodidatismo, por exemplo.

16.Ao nível das políticas de formação institucional, tem conseguido frequentar ações de formação (preferencialmente creditadas) de acordo com as suas necessidades e interesses reais?

Sim/Não

16.1.Justifique.

Resposta: Não, (...) não sei porquê, mas muitas vezes não há, não sei se é por não haver dinheiro para pagar aos formadores, na nossa área específica.

16.2. Na sua opinião, quais as razões que à partida podem constituir um maior impedimento à existência de mais oferta formativa?

Resposta: Não sei se por questões económicas, mas talvez.

Transcrição das entrevistas feitas aos Professores de língua estrangeira

Entrevistado 2

- Situação profissional: professor Contratado
 - Total de número de anos de serviço como professor(a) de Língua estrangeira: 4 anos
 - Número de anos como professor(a) de Língua estrangeira na escola onde atualmente leciona: o presente ano letivo somente
 - Anos a que leciona: 10º e 11º anos
 - Língua(s) estrangeira(s) a lecionar no presente ano letivo: Inglês
-

1. Considera o «estágio profissional» como uma mera preparação técnica para o desempenho de uma atividade?

Sim/Não

Resposta: Não.

1.1. Quais eram as suas expectativas iniciais relativamente à formação a obter durante o período da profissionalização?

1.1.1 Poder-se-á afirmar existir uma discrepância entre o perfil profissional necessário ao funcionamento e desenvolvimento da escola e o perfil profissional transmitido durante a profissionalização?

Resposta: Essencialmente considere que seria um período de testagem de tudo aquilo que nós aprendemos durante o curso, de alguma forma vemos até que ponto tudo aquilo que nós aprendemos era exequível ao nível da prática, que constrangimentos é que tínhamos e que anteriormente não teríamos perspetivado, portanto, foi mais uma etapa do processo aprendizagem. Na minha perspetiva, não. Creio que a minha formação inicial me preparou de forma adequada para aquilo que iria enfrentar. Não creio que tivesse havido uma grande discrepância entre aquilo que a formação inicial me deu em termos de competências e depois aquilo que era necessário em termos da realidade escolar.

1.2. Em que dimensões/aspectos da sua prática enquanto docente se fez sentir essa formação inicial, os saberes/competências resultantes e adquiridos durante o seu estágio pedagógico?

1.2.1. Explique.

Resposta: Tudo o que está relacionado com a planificação e o ensino aprendizagem dos alunos; no tratamento do texto programático; planificar atividades de acordo com interesses, objetivos e necessidades dos alunos.

2. Como caracteriza o seu trajeto sócio-profissional até este momento?

Pouco satisfatório/Satisfatório/Bastante satisfatório/Bom/Muito bom

Resposta: Diria que teria que pensar em duas perspetivas diferentes: tendo em consideração aquilo que eu tinha planeado inicialmente, é óbvio que estou muito aquém daquilo que gostaria em termos de realização profissional; tendo em consideração a situação económica do País (...) e o percurso dos meus colegas que terminaram o curso, eu diria que dentro desse contexto até é bastante satisfatório.

2.1. Quais as razões que o(a) levaram a ingressar na carreira de professor?

Resposta: Digamos que a área das línguas estrangeiras sempre foi uma área que me despertou algum interesse, e em que eu também tinha alguma facilidade; de facto isso acabou por ter consequências na minha escolha.

2.1.1. Como caracterizaria o seu ingresso na profissão? Que dificuldades e atrativos encontrou nos “primeiros tempos”?

2.1.2. Justifique.

Resposta: Dificuldades, claro que sim... sempre com a questão da colocação, da existência de um horário vago, os constrangimentos passam essencialmente por isso, por conseguir um horário, mais que não seja um completo na altura da colocação. Depois todo o contexto escolar e o relacionamento com os alunos muitas vezes fazem-nos esquecer esses pormenores menos positivos; quando nós temos um bom ano letivo e que nos sentimos completamente integrados na escola, e sentimos que os alunos de alguma forma aderem bem a tudo aquilo que nós lhes propomos e quando eles fazem progressos, tudo isso acaba por de alguma forma colmatar aqueles aspetos menos positivos.

2.2. Considera-se realizado(a) a nível profissional?

2.2.1. Justifique.

Resposta: Considero-me realizada em alguns aspetos, essencialmente no processo de ensino aprendizagem com os alunos; menos realizada profissionalmente na instabilidade que a carreira nos traz; nunca sabemos se temos horário, onde, por quantas horas, se isso nos permite de alguma forma nos sustentar.

2.2.2. Considera que as funções, atividades e tarefas que executa no âmbito do seu trabalho diário de professor(a) são iguais àquelas que executava quando começou a ensinar?

Resposta: Em termos do processo de ensino aprendizagem, da planificação de aulas, dos materiais, exatamente as mesmas coisas, sem qualquer tipo de alteração, e mesmo depois todo o balanço que nós fazemos em termos de atividades, o que funcionou melhor, o que funcionou pior, o que podemos utilizar para contornar determinadas dificuldades...

2.2.3. Na sua opinião, quais são os maiores constrangimentos ao desenvolvimento da carreira de professor?

Resposta: Digamos que como eu estou no início da carreira, não tenho propriamente uma visão profunda sobre a questão... será mais uma visão superficial ... talvez por isso não me pronunciasse sobre essa questão.

2.2.4. Já alguma vez pensou em mudar de profissão? Porquê?

Resposta: Já, porque essencialmente a carreira não me permite uma estabilidade nem familiar, nem financeira, portanto, não é possível fazer planos, não é possível ter alguma estabilidade.

2.3. O que é para si o «desenvolvimento profissional e pessoal» do docente do Ensino Secundário, numa perspetiva de *life span*?

Resposta: Em termos de desenvolvimento profissional será sempre uma atualização dos conhecimentos, uma melhoria das práticas pedagógicas; em termos de desenvolvimento pessoal, creio que passará essencialmente pelo funcionamento entre os pares, e portanto, de alguma forma depois contribuir para a consecução dos Projetos Educativos da escola.

2.3.1. Considerando que o aperfeiçoamento das competências do professor é um desiderato atingível ao longo da vida, em que medida a sua participação em programas (ações) de formação contínua tem contribuído para colmatar algumas possíveis lacunas de uma formação inicial precária e/ou para adquirir/atualizar algumas das competências profissionais e pessoais previstas no Regime de Avaliação de professores?

2.3.2. Exemplifique.

Resposta: Creio que o desenvolvimento profissional é sempre possível de se atingir. E é óbvio que para tal vão contribuir em grande escala os programas de formação contínua, sem dúvida. Dos poucos que já frequentei, e como é óbvio, tiveram consequências positivas, na reformulação de determinadas práticas, no repensar da aplicação de determinadas estratégias.

3. Se se lembra, no último ciclo de avaliação (2009/2011) de professores, os mesmos foram avaliados à luz de um referencial que durante anos legitimou um perfil geral de competência para a docência (Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto).

3.1. Tendo o já referido Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto sido considerado como a matriz complexa de competências até à entrada do novo e atual Regime de Avaliação do Desempenho Docente (Decreto Regulamentar nº 26/2012 de 21 de Fevereiro), e segundo o qual, o desempenho docente era equacionado tanto na sua vertente profissional bem como na sua dimensão pessoal, a qual das quatro dimensões (dimensão da vertente Profissional, Social e Ética; dimensão do Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem; dimensão da Participação na Escola e Relação com a Comunidade Educativa; dimensão do Desenvolvimento e Formação Profissional ao Longo da Vida) atribui primazia? Qual(ais) a(s) dimensão(ões) que melhor traduz(em) o conceito de «um bom docente do Ensino Secundário»?

3.1.1. Fundamente.

Resposta: Para mim, as que têm mais relevância são a dimensão do Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem bem como da vertente Profissional, Social e Ética, porque se nós somos professores de língua estrangeira, ou mesmo que não fossemos de língua estrangeira mas de outra área qualquer, digamos que isto é a especificidades da nossa profissão. Para

mim, fará todo o sentido que estas sejam as mais relevantes, embora também a Participação na Escola e na Comunidade Educativa também tenham alguma importância mas sem dúvida, se nós quisermos que os nossos alunos progridam e aprendam, digamos que estas duas vertentes serão as que terão consequências nesse processo.

3.2. Através dos programas (ações) de formação contínua, conseguiu ampliar todas as competências legitimadas e traduzidas nesse referencial (Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto)?

3.2.1. Especifique.

Resposta: Como eu referi há pouco, os programas de formação contínua que frequentei, e tendo em consideração os 4 anos de serviço que tenho, não foram assim tão abrangentes quanto isso, mas dos poucos que frequentei, é óbvio que sim, que foram uma mais-valia para a minha prática pedagógica.

4. Na sua opinião, concorda com a necessidade de todos os professores frequentarem programas de formação contínua, o que se traduzirá necessariamente no desenvolvimento de diversas competências, tendo em conta a natureza multidimensional do conhecimento profissional dos professores?

Sim/Não

4.1. Justifique.

Resposta: Sim, faz todo o sentido, para atualizar os nossos conhecimentos; é óbvio que há sempre uma evolução em termos de estratégias e metodologias a utilizar e formas às vezes de fazer as mesmas coisas mas de uma forma mais viável ou com melhores resultados. Nessa perspetiva, é óbvio que depois temos sempre a questão do progresso na carreira e da implicação que a frequência dessas ações ou não implicam em termos dos créditos, mas acima de tudo, para uma atualização do nosso conhecimento; na minha perspetiva, quando as frequento, não faço porque me vão dar determinados créditos de que necessito, mas porque de alguma forma me interessa aquela ação de formação para melhorar determinados aspetos da minha prática.

5. Os programas de formação contínua têm-no(a) ajudado a redefinir objetivos relativamente à sua atuação estratégica enquanto professor(a)?

Sim/Não

Resposta: Sim.

5.1. Refira situações concretas de formação que tenham contribuído para o desenvolvimento de competências profissionais e pessoais levando-o(a) a alterar aspetos da sua prática pedagógica.

5.1.1. Refira as razões que conferiram significado a essa experiência formativa.

Resposta: Eu frequentei uma ação de formação há algum tempo, no ano letivo transato sobre a Metodologia de *Task – based learning* com recurso aos meios tecnológicos; sobre essa metodologia, eu já tinha tido contato com ela na minha formação inicial mas na altura não com o recurso aos meios tecnológicos (...), o recurso a meios tecnológicos para lecionar determinada matéria é um maior atrativo para os adolescentes; à partida ganhamos pelo menos a adesão deles a determinado tipo de conteúdo.

6. Sobre a experiência profissional (níveis já lecionados, cargos anteriormente desempenhados...), bem como a formação específica (habilitações académicas) e a mobilidade profissional (situação profissional), considera-as como situações inovadoras enquanto fatores condicionantes de alguma mudança da sua prática pedagógica, e ao longo da sua carreira?

Sim/Não

6.1. Em que medida?

Resposta: Claro que sim, a experiência profissional que se vai obtendo vai-nos permitindo ter uma maior segurança e maior à vontade no exercício de determinados cargos. Em termos da mobilidade profissional, se isso tem repercussões na nossa prática, é óbvio que o estar a mudar constantemente de escola não nos permite criar Projetos Educativos de raiz (...) ou em termos de continuidade pedagógica, isso tudo é posto em causa. Essa mobilidade por vezes também tem algumas condicionantes na nossa prática, porque se pensarmos que por vezes há professores contratados que para ter um horário completo têm duas escolas, e isso traz-nos uma sobrecarga de cargos e especialmente no horário da componente não letiva, e conciliar duas escolas é difícil!

6.2. Concorda com a ideia de que os professores com mais tempo de serviço e mais horas de formação são melhores profissionais no exercício da sua profissão?

Sim/Não

6.2.1. Em que dimensões e em que competências?

Resposta: Sem dúvida que os professores com mais horas de formação vão ser melhores profissionais; a experiência é também um fator a ter em conta. É óbvio que isso depende da utilização que cada um faz quer da experiência, quer em termos dos conhecimentos ou da atualização de conhecimentos que vai obter em termos dos programas de formação contínua. Um das grandes diferenças entre professores contratados e professores efetivos passa exatamente em termos da participação na escola e com a comunidade educativa; é óbvio que eles conseguem construir Projetos Educativos e experiências educativas bastante interessantes, porque a permanência, o facto de conhecerem as turmas de uns anos para os outros permite-lhes fazer um tipo de trabalho pedagógico completamente diferente do que quem chega pela 1ª vez e não conhece propriamente a realidade educativa. Também a experiência profissional vai trazer um domínio dos programas, dos conteúdos programáticos, da aplicação de estratégias que resultem melhor em detrimento de outras (...) é óbvio que isso se repercute na prática pedagógica desses docentes.

7. Sobre os programas de formação contínua frequentados ao longo dos anos, considera-os como dispositivos através dos quais tem conseguido ampliar algumas das suas competências cognitivas e/ou relacionais, enquanto professor(a) de língua estrangeira, concebidos numa lógica de educação permanente? Ou pelo contrário, tem-se deparado com alguns constrangimentos/obstáculos a esse desenvolvimento de competências?

7.1. Justifique contextualizadamente.

Resposta: Só em termos do acesso a esses programas de formação contínua: os docentes de quadro de escola têm à partida prioridade na frequência desses programas de formação contínua; os professores contratados ... apenas se houver vagas para frequentar; portanto, os constrangimentos têm sido o número de vagas e o critério de seleção (...), é óbvio que nós enquanto professores contratados temos oportunidade de os frequentar, simplesmente depois os custos que isso implica e em que é que isso se traduz? Que em vez de um professor contratado frequentar duas, três ações por ano, frequente uma ou duas consoante aquilo que lhe é pedido em termos monetários.

7.1.1. Em termos gerais, como classifica então os programas de formação continuada frequentados por si?

Nada importantes; Pouco importantes; Importantes; Muitas vezes importantes; Sempre importantes

Resposta: Muitas vezes importantes

8. Relativamente à sua conceção, em que modelos de aprendizagem se baseavam a maioria dos programas de formação que frequentou?

8.1. Explícite.

Resposta: Digamos, não tanto teórico (...) a parte teórica era muitas vezes desenvolvida não nas sessões presenciais, mas nas sessões não presenciais; a parte teórica era muitas vezes desenvolvida em trabalho autónomo, mas essencialmente aquilo que era pretendido nos programas de formação contínua era de alguma forma a parte técnica, a aplicação da vertente teórica nos nossos contextos de sala de aula. Diria que era uma orientação conceptual mais de teor prático.

9. Já frequentou alguma ação de formação desenvolvida pelo CFAE de Portimão e Monchique sediado na escola Poeta António Aleixo?

Resposta: Não.

9.1. Em caso afirmativo identifique o nome da ação e o ano em que a frequentou.

Resposta:

9.2. Enquanto professor(a) de língua estrangeira e na sua perspetiva, o CFAE de Portimão e Monchique tem conseguido dar resposta à procura de formação pelos professores dos grupos de recrutamento de língua estrangeira das escolas associadas ao centro, nomeadamente aquela que neste momento integra?

9.2.1. Justifique.

Resposta: Essa é uma situação que eu não consigo avaliar. É o 1º ano que estou a lecionar nesta escola e no Concelho de Portimão.

10. Refira uma ação de formação que desejasse frequentar durante este ano letivo e que neste momento idealiza para si: descreva-a em termos dos seus objetivos, modalidades e conteúdos temáticos.

Resposta: O critério de seleção das ações de formação passam sempre pelas implicações que elas poderão ter na minha prática pedagógica. Neste momento não consigo precisar para este ano letivo.

11. Acha que as ações de formação contínua frequentadas por si (o)a têm ajudado na implementação de algumas práticas pedagógicas inovadoras?

Sim/Não

11.1. Dê exemplos de algumas dessas práticas no âmbito de Recursos Tecnológicos, Estratégias Didáticas, Metodologias de Ensino e Dinâmicas de Sala de Aula.

Resposta: Sim, em termos de recursos tecnológicos e baseando-me na última que fiz (...), a aplicação desses recursos tecnológicos tiveram implicação na lecionação de uma sequência de ensino aprendizagem sobre *Bullying*; portanto, todas as atividades que os alunos desenvolveram foram com esses recursos tecnológicos; exemplificando (...), existe um programa na Internet que foca exatamente o *Bullying*; os alunos tiveram a oportunidade de visionar um filme (...) que se passava numa determinada escola e associado a esse pequeno filme (...), eles tinham depois um programa informático que lhes permitia assumir cada umas daquelas personagens. E consoante o tipo de decisões que eles iam tomando ao longo da história, elas iriam ter diferentes consequências. Isso ensinou-me de que forma os meios tecnológicos podem ser úteis e motivadores no processo ensino aprendizagem.

12. Na sua opinião, quais os fatores que determinam/condicionam em grande escala o sucesso das aprendizagens dos alunos.

12.1 Fundamente.

Resposta: O contexto sócio-económico de onde eles provêm e o tipo de estabilidade familiar que eles têm, isso é um dos fatores preponderantes no sucesso das aprendizagens. Depois também toda a nossa prática pedagógica; é óbvio que em termos de motivação, depois se nós conseguirmos motivá-los para o processo de ensino aprendizagem e de alguma forma conseguirmos implicá-los nesse mesmo processo, é óbvio que isso vai contribuir para a aprendizagem, o progresso deles.

13. Acredita na crescente autonomia do professor enquanto agente de desenvolvimento curricular?

Sim/Não

Resposta: Não.

13.1. O processo de construção de um projeto curricular implica a sua avaliação e adaptação à realidade dos contextos escolares pela população docente. Sob que princípio(s) é que será possível a autonomia da gestão curricular?

Resposta: O professor em termos de conteúdos programáticos, e em termos de conteúdo, vai sempre adaptá-los à realidade escolar onde se encontra, mas (...) não creio que exista assim tanta autonomia (...), nós muitas vezes deparamo-nos com conteúdos que de alguma forma achamos que eles já se tornam repetitivos e que determinado conteúdo seria mais importante em detrimento doutro, mas nós ainda não temos essa autonomia suficiente (...). É óbvio que a formação traz sempre benefícios, é óbvio que o professor toma algumas decisões em termos de currículo, e é óbvio que ele poderia ser efetivamente autónomo, mas idilicamente... é possível mas não estão a ser criadas condições para isso.

14. Na sua opinião, a formação inicial prepara o docente para todos os papéis inerentes à função docente? Prepara-o(a) para outras áreas que não as somente ligadas ao contexto de sala de aula?

Sim/Não

14.1. Justifique com situações da sua experiência pessoal.

Resposta: Da minha experiência, diria que sim. É óbvio que a formação inicial (...) jamais nos vai preparar completamente para todos os aspetos e os problemas que nós vamos enfrentar. Isso seria impossível. Mas da minha experiência, creio que a minha formação inicial preparou-me para os aspetos mais importantes da minha prática, por

exemplo, o contexto de sala de aula.

15.Na sua opinião, a formação de professores, nomeadamente, a de professores de língua estrangeira deve acompanhar todo o seu percurso de vida, desde a formação inicial até à etapa da sua carreira, na qual presentemente se encontra, com a oferta de programas de formação continuada?

Sim/Não

Resposta: Sim.

15.1.De que modo?

Resposta: É óbvio que as ações de formação têm nessa perspetiva um papel relevante; aquilo que falta, e de alguma forma, é tornar as ações um bocadinho mais abrangentes e permitir que tanto docentes de Quadro de Escola como Contratados as possam frequentar.

16.Ao nível das políticas de formação institucional, tem conseguido frequentar ações de formação (preferencialmente creditadas) de acordo com as suas necessidades e interesses reais?

Sim/Não

16.1.Justifique.

Resposta: Não tantas quanto gostaria. É óbvio que nos inscrevemos nas ações de formação e tentamos seleccioná-las de acordo com o nosso interesse mas o critério de seleção passa sempre por dar prioridade aos professores de Quadro de Escola.

16.2. Na sua opinião, quais as razões que à partida podem constituir um maior impedimento à existência de mais oferta formativa?

Resposta: Eu creio que se prende essencialmente por questões economicistas. As ações de formação contínua são cada vez menores e o acesso a elas cada vez mais restrito.

Transcrição das entrevistas feitas aos Professores de língua estrangeira

Entrevistado 3

- Situação profissional: professor do Quadro de Escola
 - Total de número de anos de serviço como professor(a) de Língua estrangeira: 6 anos
 - Número de anos como professor(a) de Língua estrangeira na escola onde atualmente leciona: 3º ano na escola onde presentemente leciona
 - Anos a que leciona: 10º e 11º anos dos Cursos Científico-Humanísticos; 11º anos dos Cursos Profissionais
 - Língua(s) estrangeira(s) a lecionar no presente ano letivo: Espanhol
-

1. Considera o «estágio profissional» como uma mera preparação técnica para o desempenho de uma atividade?

Sim/Não

Resposta: Não.

1.1. Quais eram as suas expectativas iniciais relativamente à formação a obter durante o período da profissionalização?

1.1.1 Poder-se-á afirmar existir uma discrepância entre o perfil profissional necessário ao funcionamento e desenvolvimento da escola e o perfil profissional transmitido durante a profissionalização?

Resposta: Durante o período da profissionalização pensava obter, adquirir muitas competências, adquirir bastantes; no entanto, esperava muitas mais. Sim, há uma discrepância entre o perfil profissional necessário ao funcionamento e desenvolvimento da escola e o perfil profissional transmitido durante a profissionalização.

1.2. Em que dimensões/aspectos da sua prática enquanto docente se fez sentir essa formação inicial, os saberes/competências resultantes e adquiridos durante o seu estágio pedagógico?

1.2.1. Explícite.

Resposta: Penso que na experiência, o contacto, o trabalhar no local ensina-me muito; não ensina para a vida, não ensina para o que se segue ... fica muito por aprender, porque no estágio é quase que tudo muito bonito e nunca há grandes problemas e no dia a dia somos confrontados com eles e temos que saber agir na hora... penso que essa é a falha. Em termos de relações, no saber lidar, no saber estar, na competência pedagógica também, na organização de uma aula... aí sim, creio que aprendi um pouco mais.

2. Como caracteriza o seu trajeto sócio-profissional até este momento?

Pouco satisfatório/Satisfatório/Bastante satisfatório/Bom/Muito bom

Resposta: Bom.

2.1. Quais as razões que o(a) levaram a ingressar na carreira de professor?

Resposta: Sempre quis trabalhar com crianças ou com jovens... desde pequena que queria ser professora, só mudou o “professora do quê?”. Inicialmente era educadores de infância, depois a História e depois, o Espanhol. O Português é que veio por acréscimo.

2.1.1. Como caracterizaria o seu ingresso na profissão? Que dificuldades e atrativos encontrou nos “primeiros tempos”?

2.1.2. Justifique.

Resposta: Mesmo antes de ingressar na carreira e até terminar a Licenciatura, ao longo de toda ela o meu curso sempre foi visto como um recurso e não um curso, porque era o início da entrada do Espanhol nas escolas; eu fui das primeiras alunas do ensino secundário a estudar Espanhol e daí ter gostado tanto e também de ter ascendência espanhola, o que me levou a ingressar nessa área. Mas sempre que dizia a qualquer pessoa o curso que estava a tirar, perguntava “Mas isso existe? Isso é curso?”. Foi na altura que começaram a criar os primeiros núcleos de estágio, e que saíram as primeiras pessoas profissionalizadas. Essa foi a primeira dificuldade, a incerteza. Depois foi o vir para o Algarve, com um horário mínimo, pagar para trabalhar e os primeiros anos serem assim. Depois ingressei na carreira com muita sorte, dada o *boom* do Espanhol nas escolas portuguesas. Foi a estabilidade, estar no lugar que queria, onde queria... creio que sim, que permite

concentrarmo-nos mais naquilo que fazemos e fazer com outro carinho.

2.2. Considera-se realizado(a) a nível profissional?

2.2.1. Justifique.

Resposta: Sim e não. Sim, porque gosto muito daquilo que faço e creio que também vejo nos meus alunos o retorno. Não, dadas as condições que vamos tendo e que vamos sofrendo, as penalizações pelas quais estamos a passar ...isso não... creio que o chegar a casa e ter de trabalhar ... muito dos meus amigos chegam a casa e não têm mais nada para fazer e somos socialmente pouco valorizados.

2.2.2. Considera que as funções, atividades e tarefas que executa no âmbito do seu trabalho diário de professor(a) são iguais àquelas que executava quando começou a ensinar?

Resposta: Não.

2.2.3. Na sua opinião, quais são os maiores constrangimentos ao desenvolvimento da carreira de professor?

Resposta: Em termos de evolução na carreira, estamos congelados, não há nada a fazer, não vamos evoluir, não vamos passar do lugar onde estamos tão cedo; em termos pedagógicos, acho que melhorei bastante com as aprendizagens que fui fazendo, a troca de experiências com colegas, materiais, penso que estamos constantemente a evoluir.

2.2.4. Já alguma vez pensou em mudar de profissão? Porquê?

Resposta: Sim, não só pelo descanso que outras profissões permitem, mas gosto muito de cozinha e não me importaria (...) de trabalhar nessa área.

2.3. O que é para si o «desenvolvimento profissional e pessoal» do docente do Ensino Secundário, numa perspetiva de *life span*?

Resposta: Eu penso que o desenvolvimento profissional e pessoal ocorre constantemente e vai ocorrendo com as nossas aprendizagens; no meio em que estamos, estamos constantemente a trabalhar com colegas diferentes, com alunos diferentes e tanto a nível pessoal, como profissional, vamos sempre aprendendo alguma coisa.

2.3.1. Considerando que o aperfeiçoamento das competências do professor é um desiderato atingível ao longo da vida, em que medida a sua participação em programas (ações) de formação contínua tem contribuído para colmatar algumas possíveis lacunas de uma formação inicial precária e/ou para adquirir/atualizar algumas das competências profissionais e pessoais previstas no Regime de Avaliação de professores?

2.3.2. Exemplifique.

Resposta: Na minha área, e também sou professora há relativamente pouco tempo, não tive ainda oportunidade de fazer ações de formação contínua na minha área específica. Tenho feito sempre que possível noutras áreas e tenho aprendido, tenho procurado encontrar as ações que colmatem as lacunas que tenho, por exemplo, em termos informáticos, que não vamos aprendendo na Universidade, vamos ter que aprender posteriormente e sozinhos, e sempre que é possível aprender com quem sabe mais que nós, faço o possível por me inscrever.

3. Se se lembra, no último ciclo de avaliação (2009/2011) de professores, os mesmos foram avaliados à luz de um referencial que durante anos legitimou um perfil geral de competência para a docência (Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto).

3.1. Tendo o já referido Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto sido considerado como a matriz complexa de competências até à entrada do novo e atual Regime de Avaliação do Desempenho Docente (Decreto Regulamentar nº 26/2012 de 21 de Fevereiro), e segundo o qual, o desempenho docente era equacionado tanto na sua vertente profissional bem como na sua dimensão pessoal, a qual das quatro dimensões (dimensão da vertente Profissional, Social e Ética; dimensão do Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem; dimensão da Participação na Escola e Relação com a Comunidade Educativa; dimensão do Desenvolvimento e Formação Profissional ao Longo da Vida) atribui primazia? Qual(ais) a(s) dimensão(ões) que melhor traduz(em) o conceito de «um bom docente do Ensino Secundário»?

3.1.1. Fundamente.

Resposta: Atribuo primazia à vertente Profissional, Social e Ética e à dimensão do Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem. (...) Penso que não traduzem somente mas creio que são as mais importantes, (...) porque penso que o Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem, o nosso papel é efetivamente ensinar e penso que temos que ter sempre isso em conta e verificar se a aprendizagem é efetiva; e daí atribuir maior primazia. Também a vertente Profissional, Social e Ética, porque vivemos numa sociedade multicultural e temos de estar atentos à nossa sociedade (...) temos de nos manter atualizados e imparciais com todos os alunos que temos dentro da sala de aula; daí termos de ter atenção à ética e à parte social.

3.2. Através dos programas (ações) de formação contínua, conseguiu ampliar todas as competências legitimadas e traduzidas nesse referencial (Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto)?

3.2.1. Especifique.

Resposta: Realizei a dos Quadros Interativos, mas penso que na minha área e nesta área que eu considero essencial, não fez qualquer diferença.

4. Na sua opinião, concorda com a necessidade de todos os professores frequentarem programas de formação contínua, o que se traduzirá necessariamente no desenvolvimento de diversas competências, tendo em conta a natureza multidimensional do conhecimento profissional dos professores?

Sim/Não

4.1. Justifique.

Resposta: Sim, creio que é necessário mantermo-nos atualizados e o ensino está em permanente mutação; e então creio que é necessário frequentarmos para aprendermos mais, para aprendermos novas técnicas, novas estratégias.

5. Os programas de formação contínua têm-no(a) ajudado a redefinir objetivos relativamente à sua atuação estratégica enquanto professor(a)?

Sim/Não

Resposta: Não, enquanto professora de língua mas enquanto diretora de turma.

5.1. Refira situações concretas de formação que tenham contribuído para o desenvolvimento de competências profissionais e pessoais levando-o(a) a alterar aspetos da sua prática pedagógica.

5.1.1. Refira as razões que conferiram significado a essa experiência formativa.

Resposta: Sendo diretora de turma pela 1ª vez, senti-me um pouco perdida (...) aí está (...) as lacunas da formação inicial; não fazia a menor ideia do que era ser um diretor de turma e aprender tudo de um dia para o outro, também é muito difícil. E daí ter-me inscrito numa ação de formação para diretores de turma onde estou a obter conhecimentos e a trocar experiências com outros colegas, onde vamos aprendendo uns com os outros, como agir, o que fazer e a definir o melhor perfil de um diretor de turma.

6. Sobre a experiência profissional (níveis já lecionados, cargos anteriormente desempenhados...), bem como a formação específica (habilitações académicas) e a mobilidade profissional (situação profissional), considera-as como situações inovadoras enquanto fatores condicionantes de alguma mudança da sua prática pedagógica, e ao longo da sua carreira?

Sim/Não

6.1. Em que medida?

Resposta: Sim, sem dúvida. O facto de já ter trabalhado, por exemplo, com a disciplina específica, creio que me permitiu o trabalhar mais horas com os mesmos alunos e trabalhar melhor. (...) essa foi a experiência mais positiva ao longo da minha carreira até ao momento e que me permite também ter outro à vontade neste momento para trabalhar determinados conteúdos, que nos níveis em que leciono neste momento não são tão explorados. Em termos de mobilidade, não creio que seja importante ... trabalho em qualquer lugar desde que esteja satisfeita com o que estou a fazer.

6.2. Concorda com a ideia de que os professores com mais tempo de serviço e mais horas de formação são melhores profissionais no exercício da sua profissão?

Sim/Não

6.2.1. Em que dimensões e em que competências?

Resposta: Não. Creio que há bons e maus profissionais independentemente do tempo de serviço e da formação que têm. Creio que o ser «bom» profissional passa não só pelas características pessoais mas pelo desejo de conhecimento que cada um tem de si, e penso que isso é o mais importante e não o tempo de serviço.

7.Sobre os programas de formação contínua frequentados ao longo dos anos, considera-os como dispositivos através dos quais tem conseguido ampliar algumas das suas competências cognitivas e/ou relacionais, enquanto professor(a) de língua estrangeira, concebidos numa lógica de educação permanente? Ou pelo contrário, tem-se deparado com alguns constrangimentos/obstáculos a esse desenvolvimento de competências?

7.1.Justifique contextualizadamente.

Resposta: Como já referi anteriormente, até ao momento, não existem muitas formações e aqui próximo na minha área específica. No entanto, em termos relacionais, eu penso que sim; as formações, não contínuas, mas pequenas *workshops*, pequenas formações têm permitido evoluir e conhecer mais e trocar as experiências que são tão importantes.

7.1.1.Em termos gerais, como classifica então os programas de formação continuada frequentados por si?

Nada importantes; Pouco importantes; Importantes; Muitas vezes importantes; Sempre importantes

Resposta: Muitas vezes importantes, eu penso que a troca de experiência é sempre uma mais-valia.

8.Relativamente à sua conceção, em que modelos de aprendizagem se baseavam a maioria dos programas de formação que frequentou?

8.1.Explicite.

Resposta: A prática, o nós podermos, antes de passar, por exemplo, um exercício a uma turma, nós mesmos realizá-lo em conjunto com outros colegas, vermos as diferenças, como é que alguém faz, como é que nós fazemos, sugestões para fazer, melhorar. (...) Creio que a Faculdade já foi bastante teórica...

9.Já frequentou alguma ação de formação desenvolvida pelo CFAE de Portimão e Monchique sediado na escola Poeta António Aleixo?

Resposta: Sim.

9.1.Em caso afirmativo identifique o nome da ação e o ano em que a frequentou.

Resposta: Há um ano e meio, a dos Quadros Interativos e neste momento, a dos Diretores de turma.

9.2.Enquanto professor(a) de língua estrangeira e na sua perspetiva, o CFAE de Portimão e Monchique tem conseguido dar resposta à procura de formação pelos professores dos grupos de recrutamento de língua estrangeira das escolas associadas ao centro, nomeadamente aquela que neste momento integra?

9.2.1.Justifique.

Resposta: Até ao momento, em termos específicos do Espanhol, não; a dos Quadros Interativos aplicado às línguas estrangeiras foi interessante e produtiva mas em termos científicos, não tem dado.

10.Refira uma ação de formação que desejasse frequentar durante este ano letivo e que neste momento idealiza para si: descreva-a em termos dos seus objetivos, modalidades e conteúdos temáticos.

Resposta: Creio que uma ação virada para a oralidade, onde o objetivo fosse aprender técnicas para que os alunos participem mais de forma oral, para que não se inibam da participação oral que é objeto da sua avaliação. A modalidade, penso que uma oficina bastaria e os conteúdos temáticos, desde que estivessem de acordo com os programas em vigor estariam bem.

11.Acha que as ações de formação contínua frequentadas por si (o)a têm ajudado na implementação de algumas práticas pedagógicas inovadoras?

Sim/Não

11.1.Dê exemplos de algumas dessas práticas no âmbito de Recursos Tecnológicos, Estratégias Didáticas, Metodologias

de Ensino e Dinâmicas de Sala de Aula.

Resposta: Sim. No âmbito dos recursos, por exemplo, os Quadros Interativos... penso que ao aprender, podemos depois utilizar e introduzir nas nossas aulas; nas estratégias didáticas, aí tenho aprendido mais pela troca de experiências com colegas, por exemplo, no Projeto Colaborativo desenvolvido pela escola... creio que vamos trocando impressões e definindo estratégias em conjunto e creio que isso é muito positivo.

12. Na sua opinião, quais os fatores que determinam/condicionam em grande escala o sucesso das aprendizagens dos alunos.

12.1 Fundamente.

Resposta: Neste momento, creio que os alunos são grandemente condicionados pela crise económica. Dei conta há algum tempo que existem muitos alunos na nossa escola que passam fome e dificilmente conseguem estar concentrados numa sala de aula. Não só por isso, mas e mais que isso, penso que os alunos de hoje estão muito desmotivados e não vêm na escola o papel que deveriam ver. Vêm à escola porque têm que vir, no entanto, por exemplo, nos Cursos de Ciências e Tecnologia vejo grande motivação nos alunos para com a escola e o desejo de prosseguir os estudos também é notório.

13. Acredita na crescente autonomia do professor enquanto agente de desenvolvimento curricular?

Sim/Não

Resposta: Gostaria de acreditar mais!

13.1. O processo de construção de um projeto curricular implica a sua avaliação e adaptação à realidade dos contextos escolares pela população docente. Sob que princípio(s) é que será possível a autonomia da gestão curricular?

Resposta: Penso que o fator obrigatoriedade, não será o mais importante mas penso que deve haver sempre essa possibilidade de sempre que entramos ou que temos um novo cargo, poder frequentar uma ação que nos transmita saberes nesse domínio. Depois também penso que as tarefas que temos, para além das aulas, exigem muito de nós e se fossem reduzidas seria ótimo.

14. Na sua opinião, a formação inicial prepara o docente para todos os papéis inerentes à função docente? Prepara-o(a) para outras áreas que não as somente ligadas ao contexto de sala de aula?

Sim/Não

14.1. Justifique com situações da sua experiência pessoal.

Resposta: Não, por exemplo, para a Educação especial...quando me deparei há uns anos com um aluno com paralisia cerebral, sem saber porquê, no sentido de que cheguei à turma, ninguém me tinha dito que tinha um aluno com Necessidades Educativas Especiais e na primeira aula fui fazer o teste diagnóstico e não tinha essa informação... eu levei tudo em suporte papel, quando cheguei à aula tinha um aluno que não escrevia e não tinha mobilidade alguma (...) e fiquei em pânico mas saf-me bem... ele fez o teste oralmente para mim e correu muito bem. Foi uma experiência bastante enriquecedora ao longo do tempo, mas penso que antes não temos essa preparação.

15. Na sua opinião, a formação de professores, nomeadamente, a de professores de língua estrangeira deve acompanhar todo o seu percurso de vida, desde a formação inicial até à etapa da sua carreira, na qual presentemente se encontra, com a oferta de programas de formação continuada?

Sim/Não

Resposta: Sim, sem dúvida.

15.1. De que modo?

Resposta: As línguas estão em constante evolução e, por exemplo, com a nova gramática, temos de estar constantemente a atualizarmo-nos... e o Espanhol teve algumas alterações no ano corrente (...).

16. Ao nível das políticas de formação institucional, tem conseguido frequentar ações de formação (preferencialmente creditadas) de acordo com as suas necessidades e interesses reais?

Sim/Não

16.1. Justifique.

Resposta: Não, não quero justificar.

16.2. Na sua opinião, quais as razões que à partida podem constituir um maior impedimento à existência de mais oferta formativa?

Resposta: Eu penso que será em termos económicos; nós quando temos alguma oferta, a oferta é distante e cara. Além de termos de pagar a formação, temos que pagar o alojamento e a deslocação ... daí não ter também justificado a pergunta anterior.

Transcrição das entrevistas feitas aos Professores de língua estrangeira

Entrevistado 4

- Situação profissional: professor Contratado
- Total de número de anos de serviço como professor(a) de Língua estrangeira: 6 anos
- Número de anos como professor(a) de Língua estrangeira na escola onde atualmente leciona: 3º ano na escola onde presentemente leciona
- Anos a que leciona: 10º, 11º e 12ºanos
- Língua(s) estrangeira(s) a lecionar no presente ano letivo: Espanhol

1. Considera o «estágio profissional» como uma mera preparação técnica para o desempenho de uma atividade?

Sim/Não

Resposta: Não.

1.1. Quais eram as suas expectativas iniciais relativamente à formação a obter durante o período da profissionalização?

1.1.1 Poder-se-á afirmar existir uma discrepância entre o perfil profissional necessário ao funcionamento e desenvolvimento da escola e o perfil profissional transmitido durante a profissionalização?

Resposta: Esperava partilhar experiências com pessoas que já tinham passado pelo mesmo que aquilo que eu iria passar (...) foi um estágio muito prático e então (...) em alguns aspetos até me surpreendeu, o estágio que eu fiz foi muito prático e a parte que eu mais aproveitei foi a da didática específica da minha disciplina. Posso fazer uma ressalva!?! É que eu não fiz o estágio cá, eu fiz o estágio na Galiza e então a orientação do estágio não era especificamente em Espanhol língua estrangeira, portanto, era Espanhol como língua materna, Espanhol dentro de um contexto de duas línguas que convivem, ainda que também fiz formação de Espanhol língua estrangeira... tudo o que eu aprendi de didática, teve várias aplicações, não foi só Espanhol língua estrangeira. Não era nada desajustada (...) para aquele profissional em que eu me iria inserir, não era desajustada... era muito realista.

1.2. Em que dimensões/aspetos da sua prática enquanto docente se fez sentir essa formação inicial, os saberes/competências resultantes e adquiridos durante o seu estágio pedagógico?

1.2.1. Explícite.

Resposta: Isso tudo é um bocado complexo... eu vou lembrando tudo o que aprendi no estágio e não foi (...) especificamente em língua estrangeira... tenho que ir buscar outras formações que tive. Por exemplo, no currículo dos conteúdos, nas competências cognitivas, na competência pedagógica (isso absolutamente!), nas competências inter-relacionais, na reflexividade do pensamento do professor, por exemplo, na dimensão reflexiva que incentiva a autoformação e processos de investigação-ação (...), o estágio foi muito orientado a aprendermos a fazer unidades didáticas (...) e então realmente ensinaram-nos com bastante solidez a planificarmos uma unidade didática a curto prazo, a longo prazo e a diferenciarmos bem o que estávamos a trabalhar, o tipo de conteúdos que estávamos a trabalhar; utilizávamos muito o termo conteúdos transversais (...), saber quais eram os conteúdos cognitivos, os conteúdos mais do tipo mais práticos (...) e depois aplica-los a exercícios concretos e depois que tipo de textos tínhamos de selecionar, ou que tipo de materiais tínhamos de selecionar... nós trabalhávamos muito isto de fazer unidades didáticas às vezes no estágio (...) na prática diária se fizessemos isso tudo pelos miúdos, levávamos demasiado tempo, mas no início é que uma pessoa precisa dessa orientação, desse esqueleto para a sua prática pedagógica (...) para mim foi muito útil visualizar todos os conteúdos e como iria aplicar esses conteúdos, em atividades concretas, como iria priorizar, como iria calendarizar (...) houve uma reflexão para a seleção e na planificação dos conteúdos.

2. Como caracteriza o seu trajeto sócio-profissional até este momento?

Pouco satisfatório/Satisfatório/Bastante satisfatório/Bom/Muito bom

Resposta: Bastante satisfatório.

2.1. Quais as razões que o(a) levaram a ingressar na carreira de professor?

Resposta: Eu tirei o meu curso porque gostava muito de línguas e literatura, sobretudo de literatura e com dezoito anos não pensava que tinha de ganhar a vida e quais iriam ser as minhas saídas profissionais. Eu gostava de Investigação em si (...) mas a vida dá muitas voltas e foi esta a saída profissional que encontrei mas tenho muito respeito pela minha

profissão e tento exercê-la o melhor que sei e posso.

2.1.1. Como caracterizaria o seu ingresso na profissão? Que dificuldades e atrativos encontrou nos “primeiros tempos”?

2.1.2. Justifique.

Resposta: As dificuldades que encontrei também se prendem com algumas características pessoais minhas (...) o ter feito os estudos no estrangeiro, levou-me a ter de superar uma série de obstáculos de ordem burocrática. Os aspetos positivos (...) realmente o relacionamento com os alunos e aprender a gerir tudo o que se está a passar na sala de aula, que não é simplesmente o débito de conhecimentos. O que mais gosto na minha profissão é mesmo estar ali na sala de aula e gerir tanta coisa ao mesmo tempo ... a transmissão de conhecimento mas ao mesmo tempo ser consciente da quantidade de conhecimentos que estou a passar, o que eles estão a absorver e também, às vezes resultam em problemas de indisciplina (...) ali há uma série de forças, uns puxam para um lado, outros puxam para o outro, mas estar a viver tudo isso ao mesmo tempo, tudo o que se vive dentro de uma sala de aula, é o que eu mais gosto na profissão (...) é muito cansativo.

2.2. Considera-se realizado(a) a nível profissional?

2.2.1. Justifique.

Resposta: Não, não pelo exercício da docência em si, mas por tudo o que envolve a precaridade laboral (...) esta instabilidade no facto das coisas mudarem de um ano para o outro, na gestão da escola, nos regulamentos e todos os anos parece que algumas coisas estão sempre a mudar (...) antes um aluno (é um exemplo!...) quando atingia o limite de faltas há dez anos, era imediatamente expulso, agora todos os anos vai-se variando as normas (...), agora andamos nós com os PIT (s) e andamos nós malucos com esse assunto e só estamos desejando que isso se elimine (...), todos os anos parece que temos de reaprender novas normas e isso é absurdo...tira-me energia... e tudo o que isso envolve, toda a burocracia que isso envolve, conselhos de turma, e sobretudo porque um professor de língua estrangeira tem muitas turmas (...).

2.2.2. Considera que as funções, atividades e tarefas que executa no âmbito do seu trabalho diário de professor(a) são iguais àquelas que executava quando começou a ensinar?

Resposta: Não, agora tenho que fazer mais, por exemplo, no sentido da burocracia e na quantidade... cada vez temos mais turmas (...) e então há muito trabalho à margem da preparação das aulas (...).

2.2.3. Na sua opinião, quais são os maiores constrangimentos ao desenvolvimento da carreira de professor?

Resposta: Primeiro, e dada a minha situação, a precaridade laboral...isso, enfim, é uma coisa que cansa; depois disso, toda a carga burocrática que envolve a nossa prática docente e que nos tira as energias... para que a nossa prática pedagógica fosse melhor ... mais variada, mais satisfatório para todos.

2.2.4. Já alguma vez pensou em mudar de profissão? Porquê?

Resposta: Tantas vezes! Devido a essa precaridade e é uma profissão que exige muito emocionalmente de nós, que não tem horários (...) é uma profissão que se às vezes nós não criamos algumas barreiras mentais, somos professores 24 horas por dia (...), procurei outras atividades à margem da escola porque senão uma pessoa é professora 24 horas por dia e 665 dias por ano ... é uma profissão que nos absorve muito.

2.3. O que é para si o «desenvolvimento profissional e pessoal» do docente do Ensino Secundário, numa perspetiva de *life span*?

Resposta: Gostaria que realmente tivéssemos tempo real para haver mais partilha entre todos nós, na nossa prática docente... às vezes em conversas rápidas que temos na sala de professores, um ou outro professor de qualquer língua estrangeira ou de outra disciplina comenta qualquer coisa e de repente vejo que resolveu um problema que encontrou...não há tempo para partilharmos essas práticas pedagógicas... o «desenvolvimento profissional e pessoal» passa pela partilha de saberes (...); eu nessas coisas sou muito prática, prefiro ir da prática e depois até certas deduções teóricas, mas prefiro ver e partilhar como alguns colegas resolvem alguns problemas práticos que se me colocam na minha prática docente.

2.3.1. Considerando que o aperfeiçoamento das competências do professor é um desiderato atingível ao longo da vida, em que medida a sua participação em programas (ações) de formação contínua tem contribuído para colmatar algumas possíveis lacunas de uma formação inicial precária e/ou para adquirir/atualizar algumas das competências profissionais e pessoais previstas no Regime de Avaliação de professores?

2.3.2. Exemplifique.

Resposta: Nestes anos, as formações sobre a minha disciplina pouco tenho tido porque a oferta não é assim muito grande, tenho tido formações de outro tipo (...) orientadas para outras áreas (...) tenho procurado formações mas para já a oferta não é assim muito grande e é muito cara (...); não só adquiri mas também atualizei algumas competências que aprendi no próprio estágio, na formação inicial; por exemplo, o ano passado, e como agora implementaram a necessidade de que os professores dos conselhos de turma têm de disponibilizar horas para a Educação sexual, frequentei uma formação sobre isso (...); foi bom porque como eramos professores de diferentes áreas, podemos ver na prática como essa colaboração interdisciplinar dá bons frutos (...).

3. Se se lembra, no último ciclo de avaliação (2009/2011) de professores, os mesmos foram avaliados à luz de um referencial que durante anos legitimou um perfil geral de competência para a docência (Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto).

3.1. Tendo o já referido Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto sido considerado como a matriz complexa de competências até à entrada do novo e atual Regime de Avaliação do Desempenho Docente (Decreto Regulamentar nº 26/2012 de 21 de Fevereiro), e segundo o qual, o desempenho docente era equacionado tanto na sua vertente profissional bem como na sua dimensão pessoal, a qual das quatro dimensões (dimensão da vertente Profissional, Social e Ética; dimensão do Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem; dimensão da Participação na Escola e Relação com a Comunidade Educativa; dimensão do Desenvolvimento e Formação Profissional ao Longo da Vida) atribui primazia? Qual(ais) a(s) dimensão(ões) que melhor traduz(em) o conceito de «um bom docente do Ensino Secundário»?

3.1.1. Fundamente.

Resposta: A dimensão da vertente Profissional, Social e Ética, porque acho que isso é o que mais perdura na vida posterior dos alunos ... eu estou aqui para ensinar Espanhol também, isto pode ser útil para os alunos mas eles podem sair daqui e não praticar aquilo que eu lhes ensinei e esquecer logo... (...) podem sempre reativar esses conhecimentos... agora, aquilo que eu lhes transmito na sala de aula, em diferentes aspetos (...) desde o respeito pelo conhecimento; o despertar curiosidade por aprender; transmitir-lhes o valor de que uma cultura geral será bom para eles como pessoas; ajudá-los a conviver através das atividades que fazemos nas aulas, que se oiçam entre eles, que exponham razões... para mim isso é muito importante e é aquilo que vai perdurar mais na sua formação... o gosto por aprender, o respeito pela instituição em que estamos, pela própria escola (...); e também pelos anos que estou a lecionar... esta etapa adolescente, para mim, é o que mais perdura e mais peso tem; podem vir a esquecer como se utilizava os tempos do passado em Espanhol mas outras coisas ...” como eu gostei de aprender, como foram positivas aquelas aulas, das coisas que estivemos a falar sobre tal tema, sobre tal outro, e aprendi e vi , e vi que havia outras culturas!” ... isso tudo é que não se esquece...

3.2. Através dos programas (ações) de formação contínua, conseguiu ampliar todas as competências legitimadas e traduzidas nesse referencial (Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto)?

3.2.1. Especifique.

Resposta: Todas não (...) fui eu que as fui desenvolvendo. Sinceramente, desenvolvi algumas competências pedagógicas e portanto, seria mais na componente pedagógica e depois nas outras dependeu de mim, dos meus recursos, daquilo que eu vou vendo que é necessário que eu faça, nas outras não.

4. Na sua opinião, concorda com a necessidade de todos os professores frequentarem programas de formação contínua, o que se traduzirá necessariamente no desenvolvimento de diversas competências, tendo em conta a natureza multidimensional do conhecimento profissional dos professores?

Sim/Não

4.1. Justifique.

Resposta: Sim, porque para mim um professor é um estudante que não desiste ... isso é sempre necessário: para já, é pela questão das atitudes, depois porque podemos aprender e não sabemos qual é o caminho.... há sempre novos desafios, desde os aspetos mais teóricos, até aos aspetos mais práticos (...) só que isso devia ser um bocadinho contemplado dentro do nosso horário (...), temos que ter facilidades para obter essa formação; às vezes não é preciso muitos recursos (...),

temos de ter disponibilidade e facilidade para isso.

5.Os programas de formação contínua têm-no(a) ajudado a redefinir objetivos relativamente à sua atuação estratégica enquanto professor(a)?

Sim/Não

Resposta: Sim, mas não na minha área porque não há oferta.

5.1.Refira situações concretas de formação que tenham contribuído para o desenvolvimento de competências profissionais e pessoais levando-o(a) a alterar aspetos da sua prática pedagógica.

5.1.1.Refira as razões que conferiram significado a essa experiência formativa.

Resposta: Eu desde que vim para Portugal, frequentei muito poucas ações de formação, a oferta é realmente muito reduzida... muito mais aqui no Algarve. O que ainda vou buscar são ações que fiz há alguns anos (...) antes de vir para cá (...) lembro-me de uma ação que fiz... era precisamente sobre Didática do Espanhol língua estrangeira (...), foi um curso de 50 horas daquele curso e um dos conteúdos foi um seminário sobre a gestão do erro e às vezes vou buscar alguns exemplos àquela formação (...).

6.Sobre a experiência profissional (níveis já lecionados, cargos anteriormente desempenhados...), bem como a formação específica (habilitações académicas) e a mobilidade profissional (situação profissional), considera-as como situações inovadoras enquanto fatores condicionantes de alguma mudança da sua prática pedagógica, e ao longo da sua carreira?

Sim/Não

6.1. Em que medida?

Resposta: São, a mobilidade porque as escolas são geridas, cada uma, de maneiras diferentes, as escolas têm perfis diferentes, pelos níveis que se dão, se tem cursos profissionais como esta escola ou não... as mudanças de escola é um reaprender (...); a mobilidade profissional condiciona; a formação específica, também pode ser uma condicionante... sobre a experiência profissional, já fui diretora de turma, assessora da minha disciplina.

6.2.Concorda com a ideia de que os professores com mais tempo de serviço e mais horas de formação são melhores profissionais no exercício da sua profissão?

Sim/Não

6.2.1. Em que dimensões e em que competências?

Resposta: À partida sim (...) mas nem sempre: são melhores porque se uma pessoa acompanha a sua prática de alguma reflexão, e de realmente tentar ir resolvendo questões práticas que se colocam na aula, à partida tem de aprender (teoricamente!), na relação pedagógica também (...), à partida a experiência é um grau.

7.Sobre os programas de formação contínua frequentados ao longo dos anos, considera-os como dispositivos através dos quais tem conseguido ampliar algumas das suas competências cognitivas e/ou relacionais, enquanto professor(a) de língua estrangeira, concebidos numa lógica de educação permanente? Ou pelo contrário, tem-se deparado com alguns constrangimentos/obstáculos a esse desenvolvimento de competências?

7.1.Justifique contextualizadamente.

Resposta: Sim, tenho conseguido ampliar (...) mas tenho-me deparado com constrangimentos que se prendem com muitas situações: (...) uma sobrecarga de trabalho muito grande (...) e isso condiciona a disponibilidade (...).

7.1.1.Em termos gerais, como classifica então os programas de formação continuada frequentados por si?

Nada importantes; Pouco importantes; Importantes; Muitas vezes importantes; Sempre importantes

Resposta: Sempre importantes mas também pela minha vontade de aprender...

8.Relativamente à sua conceção, em que modelos de aprendizagem se baseavam a maioria dos programas de formação que frequentou?

8.1.Explicita.

Resposta: As ações de formação que tenho frequentado têm ido mais por esse caminho, da orientação prática, mas foram as que nestes últimos anos fui encontrando...eram muito práticas, muito orientadas para o desenvolvimento de alguns conhecimentos transversais a todos os professores da escola (...), estimulando a partilha, a capacidade de observar, de

refletir, o questionar sobre as práticas pedagógicas.

9.Já frequentou alguma ação de formação desenvolvida pelo CFAE de Portimão e Monchique sediado na escola Poeta António Aleixo?

Resposta: Não.

9.1.Em caso afirmativo identifique o nome da ação e o ano em que a frequentou.

Resposta:

9.2.Enquanto professor(a) de língua estrangeira e na sua perspetiva, o CFAE de Portimão e Monchique tem conseguido dar resposta à procura de formação pelos professores dos grupos de recrutamento de língua estrangeira das escolas associadas ao centro, nomeadamente aquela que neste momento integra?

9.2.1.Justifique.

Resposta: Eu tenho-me candidatado a algumas formações mas sempre há pessoas que ficam à minha frente e não tenho conseguido (...) não tenho conseguido frequentar nenhuma ação (...) e se não consegue abranger-nos a todos, é que não cumpre as minhas expetativas (...).

10.Refira uma ação de formação que desejasse frequentar durante este ano letivo e que neste momento idealiza para si: descreva-a em termos dos seus objetivos, modalidades e conteúdos temáticos.

Resposta: Por exemplo, gostava de ter mais formação na avaliação oral dos alunos ou nas práticas da oralidade... é uma parte em que eu ainda sinto algumas dificuldades; na modalidade realmente de Oficina e orientada a atividades concretas que se poderiam desenvolver nesse âmbito e o objetivo seria desenvolver competências de avaliação da oralidade, do ensino, de como poderia alargar o leque de atividades à volta disso (...), porque noutros aspetos pedagógicos eu não encontro grandes dificuldades ... para mim ensinar gramática é muito fácil, na compreensão e expressão escrita aí para mim é fácil... agora na oralidade já não é só a avaliação, é também o ensino; gostava de melhorar um bocadinho mais e diversificar as atividade que faço (...).

11.Acha que as ações de formação contínua frequentadas por si (o)a têm ajudado na implementação de algumas práticas pedagógicas inovadoras?

Sim/Não

11.1.Dê exemplos de algumas dessas práticas no âmbito de Recursos Tecnológicos, Estratégias Didáticas, Metodologias de Ensino e Dinâmicas de Sala de Aula.

Resposta: Sim, (...) isso fui aprendendo pelos meus próprios meios porque não consegui nunca ter ações nesse âmbito, fui aprendendo de uma maneira muito autodidata (...) completamente autodidata.

12.Na sua opinião, quais os fatores que determinam/condicionam em grande escala o sucesso das aprendizagens dos alunos.

12.1Fundamente.

Resposta: Para mim o que os mais condiciona é a própria motivação deles, e acreditarem na Instituição e na escola em si e que isto não é só o lugar onde se formam para ter um trabalho, mas que se formam como pessoas onde aprendem a conviver e que isso vai ser muito importante na vida posterior deles (...); está nos nossos Critérios de Avaliação e eu faço questão que eles saibam disso... que a parte sócio-afetiva tem muito peso e cada vez mais vejo razões para isso ter peso... temos realmente de desenvolver uma série de atitudes neles (...) a motivação é fundamental.

13.Acredita na crescente autonomia do professor enquanto agente de desenvolvimento curricular?

Sim/Não

Resposta: Sim. Acredito que o professor deveria ter essa autonomia.

13.1.O processo de construção de um projeto curricular implica a sua avaliação e adaptação à realidade dos contextos escolares pela população docente. Sob que princípio(s) é que será possível a autonomia da gestão curricular?

Resposta: A redução na atribuição de tarefas extra-aula aos professores, a redução do número de alunos por turma (...) e no que toca aos professores de língua estrangeira, sinto um problema que vejo que está a ser crescente, cada vez temos mais junções de turmas para termos mais alunos nas aulas... tenho uma enorme dificuldade em conseguir relacionar-me com todos os diretores de turma...este ano tenho alunos de 12 turmas diferentes ...é impossível ter realmente um relacionamento fluído com todos eles (...).

14. Na sua opinião, a formação inicial prepara o docente para todos os papéis inerentes à função docente? Prepara-o(a) para outras áreas que não as somente ligadas ao contexto de sala de aula?

Sim/Não

14.1. Justifique com situações da sua experiência pessoal.

Resposta: Não, isso é que não...isso temos de aprender... a ser bons diretores de turma (...) o nosso estágio é muito orientado para a nossa prática como docentes, na sala de aula, mas toda a envolvimento, a relação entre os pares, entre os colegas, nós como elementos de conselho de turma... para isso não nos prepara!

15. Na sua opinião, a formação de professores, nomeadamente, a de professores de língua estrangeira deve acompanhar todo o seu percurso de vida, desde a formação inicial até à etapa da sua carreira, na qual presentemente se encontra, com a oferta de programas de formação continuada?

Sim/Não

Resposta: Sim.

15.1. De que modo?

Resposta: Através do autodidatismo... eu própria vou buscar muitos recursos (...); às vezes não é preciso grandes estruturas; às vezes, é simplesmente a partilha, termos tempo para partilharmos entre os professores numa escola alguns aspetos da nossa prática docente (...), por exemplo, o ano passado fizemos uma ação entre nós, reunimo-nos (algumas professoras de língua estrangeira!) (...) e fizemos uma ação sobre a avaliação dos portefólios (...), refletimos sobre as dificuldades que encontrávamos na avaliação de portefólios (na modalidade de Seminário!), e isso não pede grandes recursos, só pede disponibilidade, não termos horário sobrecarregado (...), foi agradável, por isso é que às vezes não é preciso grandes estruturas e nem mandar vir aí eminências que nos contem isto e aquilo que também não está muito ligado à nossa prática do dia a dia.

16. Ao nível das políticas de formação institucional, tem conseguido frequentar ações de formação (preferencialmente creditadas) de acordo com as suas necessidades e interesses reais?

Sim/Não

16.1. Justifique.

Resposta: Não. Não há essa oferta (...), por exemplo no Centro de Formação o problema prendeu-se pelo número de vagas... há outros colegas que estão à minha frente e por serem efetivos, eu fiquei fora (...), por um lado, porque não há, por outro, por um número restrito de vagas.

16.2. Na sua opinião, quais as razões que à partida podem constituir um maior impedimento à existência de mais oferta formativa?

Resposta: Da parte de quem planifica (...) por constrangimentos económicos (...) ou pouca racionalidade no aproveitamento dos recursos existentes – recursos humanos - que muitas vezes não se aproveita; há muita riqueza dentro das escolas e muita experiência vivida dentro das escolas que podia ser mais aproveitada... teria era de haver menos sobrecarga de trabalho para os docentes, mais possibilidade de dar-lhes maneiras de eles fazerem essa partilhas e mais recursos para eles fazerem essas formações.

Transcrição das entrevistas feitas aos Professores de língua estrangeira

Entrevistado 5

- Situação profissional: professor do Quadro de Escola
 - Total de número de anos de serviço como professor(a) de Língua estrangeira: 10 anos
 - Número de anos como professor(a) de Língua estrangeira na escola onde atualmente leciona: 3º ano na escola onde presentemente leciona
 - Anos a que leciona: 10º, 11º e 12º anos, Ensino Regular e Profissional
 - Língua(s) estrangeira(s) a lecionar no presente ano letivo: Espanhol
-

1. Considera o «estágio profissional» como uma mera preparação técnica para o desempenho de uma atividade?

Sim/Não

Resposta: Não considero que seja sé técnica, embora muitas vezes seja só isso.

1.1. Quais eram as suas expectativas iniciais relativamente à formação a obter durante o período da profissionalização?

1.1.1 Poder-se-á afirmar existir uma discrepância entre o perfil profissional necessário ao funcionamento e desenvolvimento da escola e o perfil profissional transmitido durante a profissionalização?

Resposta: Era mesmo aprender a dar as aulas, a relação com os alunos, como vencer situações de indisciplina, de conflito e não senti nada disso. Considero importante que correspondesse (...) sim, senti uma discrepância no meu estágio.

1.2. Em que dimensões/aspectos da sua prática enquanto docente se fez sentir essa formação inicial, os saberes/competências resultantes e adquiridos durante o seu estágio pedagógico?

1.2.1. Explícite.

Resposta: Eu senti isso mais na maneira como se executa a planificação, aprendemos de facto a planificar, como é que se articula os conteúdos e as várias dimensões entre si ... principalmente a nível da planificação; a tipologia dos erros também, porque (...) sabemos que há uma base científica e já comprovada a nível pedagógico, porque é que assinalamos mais um erro de sintaxe e de morfologia e não tanto um de acentuação ou de ortografia (...).

2. Como caracteriza o seu trajeto sócio-profissional até este momento?

Pouco satisfatório/Satisfatório/Bastante satisfatório/Bom/Muito bom

Resposta: Satisfatório.

2.1. Quais as razões que o(a) levaram a ingressar na carreira de professor?

Resposta: O gosto pelo ensino (...) e como tive professores muito bons que me marcaram pela positiva, e que me transmitiram muitíssimo ... sinto-me bem a passar o conhecimento e a ter o *feedback* dos alunos.

2.1.1. Como caracterizaria o seu ingresso na profissão? Que dificuldades e atrativos encontrou nos “primeiros tempos”?

2.1.2. Justifique.

Resposta: As dificuldades, senti-as mais a nível da distância, tive sempre descolocada nos primeiros anos, na ordem dos 400 km de casa e como o meu percurso foi um bocadinho irregular; lecionei durante 4 anos sem estágio e por consequência, o vencimento também era baixo, e então o fazer face às despesas foi o problema maior que senti; e também logo no início da carreira, no 1º ano mais propriamente estive com currículos alternativos; então aquilo foi um batismo de fogo (...); houve atrativos e foram determinantes para continuar a lecionar e a fazer carreira. Entretanto fiz o estágio, qualifiquei-me mais... há sempre essa ideia do passar o conhecimento, tenho muito gosto em lecionar, em relacionar-me com os jovens, os alunos, tento sempre dar-lhes um bocadinho mais daquilo que se pede propriamente na disciplina, a nível da competência científica; penso que é dever de qualquer professor alargar o espectro, dar-lhes mais horizontes, quer a nível do Português, e outras perspetivas, principalmente alunos de prosseguimento de estudos, tentar dar-lhes mais, outras sugestões de leitura e o conversar com os alunos ... tenho conversado muito com os alunos e sinto que isso tem

sido proveitoso.

2.2. Considera-se realizado(a) a nível profissional?

2.2.1. Justifique.

Resposta: Nem sempre, tem a ver com o ensino profissional... quase todos nós estamos quase que obrigados a ter turmas dos profissionais e agora, e uma vez que posso escolher, escolho turmas de 12ºano, depois de ter sido feita a triagem (...), e os alunos já são mais maduros mas os alunos são muito desinteressados e é preciso estar a fazer um esforço enorme e a tentar motivá-los e como têm um sistema de faltas quase surreal, torna-se difícil e mesmo no regular, nem sempre tenho as turmas com que sonhei, por exemplo, alunos de Humanidades que estão realmente vocacionados para a área, alunos com leituras, que têm outra visão do mundo, alunos que escrevem bem, que têm outros interesses... eles pouco mais são diferentes dos profissionais e isto causa muita frustração. Outra coisa que me causa também insatisfação na carreira tem a ver com os cargos...durante algum tempo tive cargos que me pesaram bastante, como a assessoria de grupo, quando eu nunca tinha sido sequer diretora de turma e fui diretora de turma durante dois anos de uma turma do profissional e foi extremamente desgastante e as outras solicitações administrativas, burocráticas, as reuniões que são intermináveis; normalmente tenho turmas de junção, quer no profissional, quer no regular, e isso traduz-se numa série de reuniões, (...) cheguei a ter 4 junções numa turma no regular e a pessoa dá as aulas normalmente àqueles alunos que parecem turma única, mas que na hora das reuniões de avaliação chego a ter 9, 12, 17 reuniões (...), isto foi tremendo! E não há maneira de fugir a isso (...); uma outra coisa, tem a ver com os dossiers que têm de ser organizados nos cursos profissionais... há um dossier por turma que tem de estar constantemente a ser atualizado e as junções mais uma vez é um problema... porque duas ou três junções são os mesmos documentos mas são dossiers diferentes e temos de responder perante um diretor de curso, um diretor de turma e isso é o que cansa, é o que nos tira as energias.

2.2.2. Considera que as funções, atividades e tarefas que executa no âmbito do seu trabalho diário de professor(a) são iguais àquelas que executava quando começou a ensinar?

Resposta: Não, são muito diferentes; no meu caso, durante anos não tive quaisquer cargos, de modo que era mesmo só a prática letiva, o preparar as aulas, os momentos de avaliação e isso como foi uma escolha minha (...), e tinha muito mais tempo para fazer um acompanhamento dos alunos, por exemplo, alunos que já tinham nível dois de Espanhol e em que a produção escrita já tem mais importância, já adquire um outro relevo. Eu gosto sempre de tomar tempo, de deixar uma apreciação crítica, no final dos testes, das redações para que o aluno depois tenha tempo de ler e refletir sobre as alterações, sugestões que o professor deixa... O objetivo final sempre é evitar o erro e muitas vezes, agora com o ritmo que temos, é impossível... é o corrigir, às vezes levamos 15 dias e estamos no limite do tempo que é razoável, mas não temos capacidade de resposta...são coisas que exigem atenção e cuidado e muitas vezes não há esse tempo e quando há algum tempo, não há aquela disposição mental, estamos cansados e são trabalhos que exigem mesmo muita minúcia e que muitas vezes contribuem para o desgaste e a desmotivação.

2.2.3. Na sua opinião, quais são os maiores constrangimentos ao desenvolvimento da carreira de professor?

Resposta: Talvez as diretrizes do próprio Ministério uma vez que emanam dali para escolas que têm realidades tão diferentes umas das outras mas que têm que se pautar por aquelas regras e devia haver alguma flexibilidade, deixar mais margem de manobra às escolas, por exemplo, uma diretiva que é inflexível e que penaliza muito e que tem a ver com o peso da avaliação da oralidade nas línguas estrangeiras ... como é que se explica que na língua materna seja 25% e numa língua estrangeira 30%... o caso dos alunos de nível 1, como é que eu vou avaliar isso? Que ainda não têm como construir uma frase, quando sabemos que as competências de produção são sempre mais complexas que as de receção!? Como é que o aluno vai produzir um enunciado oral quando sabemos que está sob pressão e há momentos formais de avaliação da oralidade? Aquilo que na escrita ou num momento de descontração, e no qual o aluno conseguiria uma produção mais feliz, mais correta, não se verifica num momento de pressão e a pessoa tem de quantificar aquilo...são seis valores na avaliação final e o professor depois sente-se perplexo, um bocadinho como sem saber como resolver essa situação. Acabamos pelos níveis iniciais, especialmente o nível 1, por englobar toda a participação informal e formativa que o aluno faz, desde a leitura, à articulação (...) porque seria muito injusto aplicar rigorosamente aqueles 30%... seria muitíssimo penalizado...e portanto, nós debatemo-nos com isso.

2.2.4. Já alguma vez pensou em mudar de profissão? Porquê?

Resposta: Sim, nos momentos de maior *stress* (...) há um outro trabalho que eu gostaria de executar (...). Eu própria trabalhei em tradução...fiz tradução em Espanhol e até de Inglês, mas o volume de trabalho também não justifica e cada vez mais querem pessoas com qualificações (...) mas eu gosto dos alunos e tem sido muito compensador trabalhar com os colegas.

2.3.O que é para si o «desenvolvimento profissional e pessoal» do docente do Ensino Secundário, numa perspetiva de *life span*?

Resposta: A formação profissional é importante...estarmos atualizados com as novas pedagogias; fiz algumas e senti que foram muito proveitosas; a nível pessoal, praticamente uma coisa deriva da outra... é porque nos enriquecemos sempre enquanto pessoas, quando recebemos alguma formação...isso também significa um convívio com o formador, com os colegas, e às vezes prolonga-se por mais um dia (...) eu fiz uma que me marcou imenso, em 2002, (...) estive 15 dias na Universidade de Salamanca e com professores de outros países europeus e foi muito bom... os formadores da Universidade eram pessoas muito amáveis (...) não sentimos uma distância; e às vezes é preciso ir mais longe para desmistificar alguns conceitos que nós vamos aprendendo, (...) foi preciso ir lá para alguém me dizer que é preciso ter alguma reserva com o Método Comunicativo e o enfoque por tarefas (...) e nós pensávamos que o ensino de Espanhol estava vocacionado para uma tarefa final que tinha de ser concretizada e então praticamente só se trabalhava para isso... e a questão dos manuais, a criação dos materiais... foi muito, muito bom e isso no início da carreira foi muito estruturante.

2.3.1.Considerando que o aperfeiçoamento das competências do professor é um desiderato atingível ao longo da vida, em que medida a sua participação em programas (ações) de formação contínua tem contribuído para colmatar algumas possíveis lacunas de uma formação inicial precária e/ou para adquirir/atualizar algumas das competências profissionais e pessoais previstas no Regime de Avaliação de professores?

2.3.2.Exemplifique.

Resposta: Sim, essa foi a mais marcante e também porque foi num período muito precoce do exercício como docente e tinha lacunas... claro... na altura nem tinha o estágio pedagógico; tinha feito a frequência do 5º ano, como biénio porque na altura o meu estágio não era integrado (...) e algumas disciplinas que tivemos como o Desenvolvimento curricular, a Didática da Língua, mas eu senti que a formação foi muito mais sólida no Francês (porque eu sou da vertente de Francês!); o Espanhol estava a dar os primeiros passos (...) de modo que o Espanhol na altura era muito insipiente... de modo que a minha formação mais sólida foi no Francês (...); os formadores tinham mais traquejo (...) voltando à formação, esta de Salamanca foi a mais marcante, mas fiz outras pelo próprio Ministério da Educação Espanhol, através da *Conserjería de Educación*. Houve várias ações e ajudaram sempre, na questão da oralidade, na produção escrita, o tratamento da música na sala de aula (...) e também o convívio com os colegas.

3.Se se lembra, no último ciclo de avaliação (2009/2011) de professores, os mesmos foram avaliados à luz de um referencial que durante anos legitimou um perfil geral de competência para a docência (Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto).

3.1.Tendo o já referido Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto sido considerado como a matriz complexa de competências até à entrada do novo e atual Regime de Avaliação do Desempenho Docente (Decreto Regulamentar nº 26/2012 de 21 de Fevereiro), e segundo o qual, o desempenho docente era equacionado tanto na sua vertente profissional bem como na sua dimensão pessoal, a qual das quatro dimensões (dimensão da vertente Profissional, Social e Ética; dimensão do Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem; dimensão da Participação na Escola e Relação com a Comunidade Educativa; dimensão do Desenvolvimento e Formação Profissional ao Longo da Vida) atribui primazia? Qual(ais) a(s) dimensão(ões) que melhor traduz(em) o conceito de «um bom docente do Ensino Secundário»?

3.1.1. Fundamente.

Resposta: É a competência científica acima de tudo; a pessoa tem que ser competente no trabalho e dominar os conteúdos; tem de ter uma formação específica e a relação pedagógica com os alunos (...), é o saber transmitir e o adaptar o conhecimento consoante o público que se tem... que o professor vai afinando a sua prática ... portanto, o Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem é muito importante porque a grande questão da escola, do ensino assenta aí...é o professor e o aluno; o ensino e a aprendizagem; apesar das teorias modernas, das teorias pedagógicas, desde o aluno ser o eixo e o professor ser o facilitador e ter outras funções, mas o principal é isso; há a figura do professor, a figura do aluno, e o objetivo principal de fazer chegar os conhecimentos, também tendo em conta a perspetiva do aluno... enfim a melhor relação possível para que a aprendizagem seja satisfatória e efetiva.

3.2.Através dos programas (ações) de formação contínua, conseguiu ampliar todas as competências legitimadas e traduzidas nesse referencial (Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto)?

3.2.1.Especifique.

Resposta: Ampliei algumas...ainda não tive conhecimento de nenhuma ação de formação que abordasse a questão dos Conflitos e da Indisciplina na sala de aula... de como agir; até hoje (e tenho conversado com várias pessoas sobre isso!),

valemo-nos da nossa própria maturidade como pessoas que já tem algum saber estar (...) eu precisava de uma ação de formação que tratasse disso especificamente; a maior parte das ações de formação tem a ver com a parte científica, com o Método Comunicativo (o Espanhol vive muito do Método Comunicativo!), às vezes isso passa por desvalorizar um bocadinho a gramática. Eu nem sempre tive de acordo com aquilo que aprendi: o Método chamado Tradicional está obsoleto... eu acho que nós somos produto (pelo menos as pessoas da minha geração, tenho 44 anos!), somos fruto desse método; não o vejo como muito mau, pelo menos para não sermos radicais... não vê-lo como antiquado e salazarista, assim como a questão da memória e da memorização (...); claro que houve abusos... às vezes penso como é que nós aprendemos e como nós sobrevivemos mas também não nos devemos colocar a nós nos antípodas; por outro lado, achar que tudo aquilo já não serve e que temos de construir modelos novos, de modo que a formação tem incidido mais a esse nível... de como tratar os textos, de como tratar a gramática, sempre em contexto e com isso eu estou perfeitamente de acordo porque às vezes surgia um bocadinho à “papo seco”, surgia um bocadinho descontextualizada mas também não sermos fundamentalistas.

4. Na sua opinião, concorda com a necessidade de todos os professores frequentarem programas de formação contínua, o que se traduzirá necessariamente no desenvolvimento de diversas competências, tendo em conta a natureza multidimensional do conhecimento profissional dos professores?

Sim/Não

4.1. Justifique.

Resposta: Sim, mas também devia ser deixado ao critério do professor escolher aquelas em que apresenta mais dificuldades, aquelas em que gostaria de ver mais reforçadas, porque há praticamente uma obrigatoriedade que é imposta aos professores para fazer formação... também por meras questões avaliativas para progredir na carreira e também há professores que só escolhem as formações que dão créditos e essas vão-se refletir precisamente na progressão na carreira... mas a opção devia ser razoável, lógica; devia ser aquela formação que vá contribuir diretamente e indiretamente e que tenha a ver com a nossa formação de base, com a nossa prática pedagógica geral, do nosso dia a dia.

5. Os programas de formação contínua têm-no(a) ajudado a redefinir objetivos relativamente à sua atuação estratégica enquanto professor(a)?

Sim/Não

Resposta: Sim.

5.1. Refira situações concretas de formação que tenham contribuído para o desenvolvimento de competências profissionais e pessoais levando-o(a) a alterar aspetos da sua prática pedagógica.

5.1.1. Refira as razões que conferiram significado a essa experiência formativa.

Resposta: Mais uma vez refiro essa formação em Salamanca em 2002, porque aquilo foi quase uma epifania, foi muito interessante ver os formadores a nível superior com muita competência e muitos anos de serviço dizerem-nos claramente que é preciso ter alguma reserva (...). Não é preciso sermos todos do Método Comunicativo, por exemplo, que era o que “dava cartas” na altura, sobretudo no Espanhol; e depois mais recente nos *curricula*; e nos aspetos específicos, a questão dos manuais... estes são importantes como base e o professor mais ou menos experiente, com menos tempo de serviço, num 1º momento, socorre-se mais do manual e sente-se mais seguro (...). Os Pais vivem muito do manual (...), se os professores não usam o manual, sentem-se defraudados (...); mas voltando ao assunto dos manuais, foi-nos dito então que podíamos adotar o manual, mas que criássemos nós próprios os materiais, que seleccionássemos, que criássemos as nossas próprias fichas, que pesquisássemos em vários manuais, que a prática pedagógica deve refletir também o nosso carácter como pessoas (...).

6. Sobre a experiência profissional (níveis já lecionados, cargos anteriormente desempenhados...), bem como a formação específica (habilitações académicas) e a mobilidade profissional (situação profissional), considera-as como situações inovadoras enquanto fatores condicionantes de alguma mudança da sua prática pedagógica, e ao longo da sua carreira?

Sim/Não

6.1. Em que medida?

Resposta: Sim, eu acho que a categoria de cada professor condiciona; eu já vivi essas duas situações... já conheci 6 escolas secundárias diferentes; portanto, sabia que enquanto contratada era quase impossível no ano seguinte ficar naquela escola; isto pode traduzir-se num investimento ou num não investimento... portanto, na questão da mobilidade, o facto de se ser Contratado condiciona, enquanto que um Quadro de Escola, mesmo um QZP (...) à partida vai assegurar as turmas de continuação e então a pessoa constrói uma base e sente-se muito mais tranquila, já não há aquela azáfama de estar longe de casa; houve tempos em que estive nessa situação, mas agora estou estabelecida cá e isso dá-me outra tranquilidade. Em relação à formação específica, creio que sim, quer a nível científico, uma vez que a pessoa tem lacunas, uma vez que não tem a formação completa, quer ao nível pessoal, acho que a confiança não é muita. Sobre a experiência

profissional, também, porque nós aprendemos a rentabilizar o trabalho e isso às vezes leva algum tempo a ser feito, porque a pessoa também tem que se poupar e às vezes havia aquela ideia de que tem de construir tudo de novo, mas há muito trabalho que pode ser aproveitado, pode ser afinado e melhorado; mas há um trabalho de base que é válido e o professor tem de usá-lo, sem escrúpulos e constrangimentos, porque também há aquela ideia que temos de estar constantemente a produzir e a trabalhar... parece-me que isso durante algum tempo, era muito mal visto, isso do professor escudar-se atrás de algum trabalho já feito, mas isto é um trabalho, uma carreira de desgaste rápido e a pessoa tem de se poupar. Eu ouvia isso no início da carreira e achava isso muito chocante, lembro-me quando as minhas colegas de Francês me diziam que trazia aquele fulgor do estágio ou o fulgor do início de carreira e diziam que isso havia de passar (...) volvidos dez anos, já estabilizei e também já nos equilibrámos mais.

6.2.Concorda com a ideia de que os professores com mais tempo de serviço e mais horas de formação são melhores profissionais no exercício da sua profissão?

Sim/Não

6.2.1. Em que dimensões e em que competências?

Resposta: Sim, nas duas principais competências da prática docente, que é o saber ensinar, cada vez mais e uma vez que já conhecemos vários públicos, vários cursos; forçosamente seremos melhores e um professor minimamente consciencioso e que esteja na profissão (...) é forçado a refletir sobre a sua prática e realmente no fim do ano, quando fazemos o balanço, e mesmo durante o ano pensa que certas coisas não fará da mesma maneira... tornamo-nos muito mais competentes em antecipar situações (senti isso comigo!), por exemplo, onde os alunos poderiam ter dúvidas, as situações que ocorreram naquele momento na prática letiva, eu já não repeti. O professor é mesmo forçado a ser melhor professor, e também a nível pedagógico, porque os adolescentes são os mesmos, a adolescência é a mesma, só os *gadgets* é que mudam... são as mesmas dificuldades e conflitos praticamente e a maturidade já nos dá outra lucidez e outro traquejo.

7.Sobre os programas de formação contínua frequentados ao longo dos anos, considera-os como dispositivos através dos quais tem conseguido ampliar algumas das suas competências cognitivas e/ou relacionais, enquanto professor(a) de língua estrangeira, concebidos numa lógica de educação permanente? Ou pelo contrário, tem-se deparado com alguns constrangimentos/obstáculos a esse desenvolvimento de competências?

7.1.Justifique contextualizadamente.

Resposta: Sim, todas contribuíram. Em relação aos constrangimentos, a própria estrutura a nível da gestão escolar e penso que isso parta mesmo a nível do Ministério, quase que não há horas para formação, não há dispensa de aulas, a situação é muito mais dificultada...isto aconteceu comigo porque desde que estou no Algarve, tenho feito muito pouca formação; quando estava na zona Metropolitana de Lisboa, sim, porque a *Conserjaria*, era na Av. da Liberdade (...); algumas Direções de escola põem alguns entraves para que os colegas saiam para formação, por exemplo, o ano passado houve colegas do meu grupo que receberam convites da Universidade de Santiago de Compostela para fazerem conferências, porque são pessoas com uma formação mais sólida, a nível superior e debateram-se com imensos obstáculos, pela questão das aulas; depois há a questão dos Cursos Profissionais uma vez que as horas têm de ser lecionadas (...); sinto que também há alguma dificuldade em conseguir as ações de formação que nos interessam realmente.

7.1.1.Em termos gerais, como classifica então os programas de formação continuada frequentados por si?

Nada importantes; Pouco importantes; Importantes; Muitas vezes importantes; Sempre importantes

Resposta: Importantes.

8.Relativamente à sua conceção, em que modelos de aprendizagem se baseavam a maioria dos programas de formação que frequentou?

8.1.Explicite.

Resposta: A maioria assentava no “famigerado” Método Comunicativo e as atividades propostas iam sempre em função a ele ... este era um método que consiste em por os alunos a falar, a competência ou a correção linguística seria secundária (...); era uma orientação conceptual de teor mais desenvolvimentista que prioriza os processos de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

9.Já frequentou alguma ação de formação desenvolvida pelo CFAE de Portimão e Monchique sediado na escola Poeta António Aleixo?

Resposta: Não.

9.1.Em caso afirmativo identifique o nome da ação e o ano em que a frequentou.

Resposta:

9.2. Enquanto professor(a) de língua estrangeira e na sua perspectiva, o CFAE de Portimão e Monchique tem conseguido dar resposta à procura de formação pelos professores dos grupos de recrutamento de língua estrangeira das escolas associadas ao centro, nomeadamente aquela que neste momento integra?

9.2.1. Justifique.

Resposta: Recebemos essas informações por mail (...); quanto à formação para o grupo de Espanhol ainda não tenho conhecimento de nenhuma (...); passaram alguns questionários, a ideia era fazer o levantamento das necessidades que cada um sentia, no grupo 350 (...) mas tem sido colmatado através de formação dada por elementos do grupo, uma vez que três colegas fizeram formações na Universidade de Santiago e passaram essa informação aos colegas, assim como dois colegas fizeram a bolsa de classificadores, e passaram essa informação também. Mas ações de formação mesmo do Centro para o Espanhol ainda não foi possível.

10. Refira uma ação de formação que desejasse frequentar durante este ano letivo e que neste momento idealiza para si: descreva-a em termos dos seus objetivos, modalidades e conteúdos temáticos.

Resposta: Eu sinto mais necessidade no Atelier de produção escrita e também na oralidade... talvez até mais na oralidade, porque a escrita tem sido praticamente a base e nós já vamos tendo mais facilidade em avaliar ou classificar, por exemplo, a competência pragmática e a linguística, mas nos enunciados orais e como são muito mais imediatos (...) é onde eu sinto (...) mais dificuldade e a avaliação do portefólio nas línguas estrangeiras. A modalidade ... podia ser sob a forma de Atelier ou Oficina de Formação, não tinha de ser muitas horas (...); uma ação que nos fornecesse outra visão, outra perspectiva e conselhos específicos, conceitos específicos de como aplicar na prática, por que o peso dos 30% é um fantasma ... temos sempre receio de estar a penalizar os alunos (...), porque é mesmo momentâneo... aquele enunciado é feito e temos de estar atentos a uma série de coisas, à entoação, à correção linguística, ao conteúdo; à propriedade do que diz; e quando a avaliação oral é feita numa situação de debate, essa interação... apercebi-me que os alunos sentem-se defraudados quando as classificações são comunicadas.

11. Acha que as ações de formação contínua frequentadas por si (o)a têm ajudado na implementação de algumas práticas pedagógicas inovadoras?

Sim/Não

11.1. Dê exemplos de algumas dessas práticas no âmbito de Recursos Tecnológicos, Estratégias Didáticas, Metodologias de Ensino e Dinâmicas de Sala de Aula.

Resposta: Sim, talvez a questão da música como Estratégia Didática e uma Metodologia de Ensino; isso tem a ver com a receção, o chamado exercício dos passos; o estar atento ao que se ouve e depois também contextualizar aquela canção se for o caso (...); enquanto estratégia e metodologia tem duas funções, para “agarrar” os alunos, porque eles próprios conhecem muita música hispânica... não propriamente a espanhola que é feita em Espanha mas a da América Latina e pelo ritmo, falar do autor e fazer uma pesquisa sobre ele e depois introduzir a música pelo ritmo e depois o exercício para preencher espaços, ou então num momento mais avançado, tratar um ponto gramatical (...). E também para se aperceberem que há uma liberdade poética ou artística que os músicos se socorrem (...). Há uma série de conteúdos que podem ser trabalhados mas de maneira suave, porque convém reforçar a ideia de que quando se trata de um filme ou de uma música, tem de se privilegiar o aspeto lúdico.

12. Na sua opinião, quais os fatores que determinam/condicionam em grande escala o sucesso das aprendizagens dos alunos.

12.1 Fundamente.

Resposta: Os momentos de avaliação e com uma turma com alunos muito bons, também os que não são tão bons sentem-se um bocadinho frustrados, mais hesitantes a falar, em se expor; a própria posição do professor se for uma pessoa acessível, se for uma pessoa que tenta atalhar os comentários pouco simpáticos dos colegas; é importante que o aluno se sinta bem e se sinta motivado; o professor deve dar sempre reforço positivo (...), porque um aluno fragilizado e vulnerável procura sempre a aprovação do professor; orientar e atender aos ritmos de cada um, porque quer com a nossa prática pedagógica, quer pelo nível pessoal, o nosso carácter, os anos que já levamos, que já vivemos, já conseguimos olhar para o aluno e perceber se o aluno é reservado ou será só timidez ou reserva ou até talvez alguma arrogância (...).

13. Acredita na crescente autonomia do professor enquanto agente de desenvolvimento curricular?

Sim/Não

Resposta: Eu acredito nesse conceito mas na prática isso não se concretiza.

13.1.O processo de construção de um projeto curricular implica a sua avaliação e adaptação à realidade dos contextos escolares pela população docente. Sob que princípio(s) é que será possível a autonomia da gestão curricular?

Resposta: Pela escola é importante e devia ser fomentado porque cada escola está num contexto social específico e tem que se adaptar ao seu público, dar resposta às solicitações da comunidade escolar e isto traduzido na questão dos horários, das cargas letivas de cada disciplina, ou mesmo a duração das aulas; a nível docente, a tendência é para nivelar cada vez mais através da uniformização de critérios de avaliação (...). A autonomia da gestão curricular pelo professor passa por dar ao professor autonomia nos Critérios de Avaliação e também nos instrumentos de avaliação e há pressão a nível do Departamento das Línguas para uniformizar tanto critérios, como instrumentos, para que cada grupo disciplinar defina testes com a mesma estrutura; isto por um lado, tem vantagens e por outro, desvantagens... aquilo que considero importante resultante desta uniformização é ao nível dos critérios da produção escrita e sobretudo em turmas com Exame Nacional, estes que se assemelhem o mais possível ao Exame Nacional, que haja níveis de desempenho e que o professor corrija aqueles níveis de desempenho, mas obrigar praticamente o professor a suprimir ou a adotar um tipo de exercício que não tenha muito a ver com a sua prática, a especificidade da sua disciplina, não é correto (...).

14.Na sua opinião, a formação inicial prepara o docente para todos os papéis inerentes à função docente? Prepara-o(a) para outras áreas que não as somente ligadas ao contexto de sala de aula?

Sim/Não

14.1. Justifique com situações da sua experiência pessoal.

Resposta: Não, de todo. Eu acho que tem a ver com algumas questões administrativas. Quase toda a gente já foi secretário designado para uma turma e há pessoas que nunca fizeram uma ata na vida (...), não há uma formação para se ser diretor de turma (...), vamos contando com a boa vontade dos colegas que já exerceram esse cargos e que nos vão orientando (...). Mesmo na prática pedagógica, letiva falha muita coisa (...), mesmo na parte do Francês onde reconheço que a formação foi mais sólida e mais estruturante... não se ensina nada propriamente, só se exige. Nós tínhamos, por exemplo, nos Seminários com a orientadora, tínhamos um trabalho designado, apresentar por exemplo, um teste até tal dia, com toda a sua estrutura... quando nunca antes nos explicaram o que era uma compreensão de leitura, a parte da gramática e o peso que terá, a parte do vocabulário e eventualmente se ao aluno não seria permitido utilizar o dicionário, e a parte da produção escrita... nada foi explicado e depois pedem-nos, um teste de nível tal do ano tal, sobre um tema, com critérios de correção e os estagiários sentem-se sem chão (...).

15.Na sua opinião, a formação de professores, nomeadamente, a de professores de língua estrangeira deve acompanhar todo o seu percurso de vida, desde a formação inicial até à etapa da sua carreira, na qual presentemente se encontra, com a oferta de programas de formação continuada?

Sim/Não

Resposta: Sim. Deve mas cada vez mais, e eu já fiz um estágio nos moldes diferentes do de 2006, em que não havia turmas atribuídas, dávamos algumas unidades didáticas na turma da orientadora e então a perplexidade ainda era maior, porque não lidávamos com a turma, não nos era designada uma turma (...).

15.1.De que modo?

Resposta: Ações muito específicas que estão relacionadas com a prática, com o grupo disciplinar que devem acontecer pelo menos duas vezes por ano, quer a nível mais restrito, da zona, da cidade, ou na região onde a pessoa leciona, quer deslocar-se para outros sítios e com outras pessoas, com outro programa com outra ordem de trabalhos mais lata. E agora estou a lembrar-me especificamente da formação para a bolsa de classificadores do Exame Nacional embora já antes corrigíssemos provas, mas o ano passado tivemos essa formação mais especializada (...). O formador foi uma das pioneiras em Espanhol, em Lisboa, dois dias em que encontrámos pessoas que já não víamos há imenso tempo ... é uma formação específica mesmo, com documentos autênticos, com provas de exame em que trabalhávamos sobre material autêntico, com as dificuldades reais com que os alunos se debatem em situação de Prova. E este ano estamos a fazer a 2ª parte através da plataforma e- *learning* do moodle (...) já com outras solicitações, com outras tarefas... é pena é ser concomitante com a prática letiva, mas que é muito importante e interessante... sem dúvida que sim.

16.Ao nível das políticas de formação institucional, tem conseguido frequentar ações de formação (preferencialmente creditadas) de acordo com as suas necessidades e interesses reais?

16.1. Justifique.

Resposta: Não. Fomos mesmo obrigados a fazer uma formação sobre os Quadros Interativos (QIM)... mais uma vez, foi feita de uma maneira que não nos permitiu desfrutar do benefício que se esperava... foi logo no princípio de setembro quando se estão a preparar as reuniões de direção de turma, reuniões gerais, de grupo, e com tanta coisa, não podemos frequentar... foi uma pena porque a pessoa que ministrou era excelente, a nível humano e percebia imenso... e fazia-nos falta algum domínio dos Quadros Interativos, porque para além de serem dinâmicos, permitem aulas mais dinâmicas por consequência e os alunos identificam-se muito mais.

16.2. Na sua opinião, quais as razões que à partida podem constituir um maior impedimento à existência de mais oferta formativa?

Resposta: Talvez aquela questão que tinha referido, a gestão das escolas... é difícil dispensar um professor para ele sair embora penso que esteja consignado na lei algum tempo para formação mas são colocados entraves (...). Por exemplo, o Instituto Cervante tem uma oferta formativa excelente, só que raramente é aqui no Algarve e sair para Lisboa ... cada vez mais há essa dificuldade da gestão porque eu há onze anos saí para fazer uma formação em Arguzelo, Monte Gordo, aqui no Algarve. E fui três dias sem problema e isto pela Embaixada da Espanha que cria condições, dando algum dinheiro aos formandos. Também quando fui para Salamanca fui pela *Conserjería* que custeou. E eu só tinha que pagar a viagem porque a alimentação, o alojamento foi assegurada pela Embaixada.

Transcrição das entrevistas feitas aos Professores de língua estrangeira

Entrevistado 6

- Situação profissional: professor Contratado
 - Total de número de anos de serviço como professor(a) de Língua estrangeira: 12 anos
 - Número de anos como professor(a) de Língua estrangeira na escola onde atualmente leciona: 6 anos
 - Anos a que leciona: 10º e 11º anos
 - Língua(s) estrangeira(s) a lecionar no presente ano letivo: Latim
-

1. Considera o «estágio profissional» como uma mera preparação técnica para o desempenho de uma atividade?

Sim/Não

Resposta: Não. Penso que não foi exclusivamente técnica... ao contrário dos meus colegas, eu guardo boas recordações do estágio; tínhamos um conjunto de 4 orientadores, 2 na escola e 2 da Universidade; e os 2 orientadores da Universidade eram chamados os orientadores “ditos” científicos, mas simultaneamente, eles faziam também uma preparação pedagógica... portanto havia a preocupação de verem atentamente os nossos planos de aula, sugerirem novas abordagens; julgo que houve essa preocupação técnica mas também houve a preocupação científica na orientação que nos foi feita.

1.1. Quais eram as suas expectativas iniciais relativamente à formação a obter durante o período da profissionalização?

1.1.1 Poder-se-á afirmar existir uma discrepância entre o perfil profissional necessário ao funcionamento e desenvolvimento da escola e o perfil profissional transmitido durante a profissionalização?

Resposta: Bem ... as expectativas são quase sempre estas... darem-nos uma receita para resolver cada um dos problemas. Claro que isso não aconteceu, mas foram-nos dadas ferramentas e métodos de trabalho que eu julgo, hoje em dia, que foram bastante úteis, mesmo alguns aspetos que, por vezes, mais teóricos. Não senti muito essa discrepância, mas talvez isso dependa um pouco das Universidades, da própria estrutura que os cursos têm e hoje em dia não sei se será tanto assim porque a profissionalização processa-se doutra forma; nós estávamos muito tempo na escola, fomos muito acompanhados e as ferramentas que de facto nos foram dadas, julgo que têm sido importantes... claro que há aspetos teóricos que nunca vêm a fazer falta ... mas a reflexão que eles permitem, penso que foram importantes... não considero que haja essa discrepância, pelo menos não senti muito isso. Claro que hoje em dia as coisas mudam mais depressa...

1.2. Em que dimensões/aspetos da sua prática enquanto docente se fez sentir essa formação inicial, os saberes/competências resultantes e adquiridos durante o seu estágio pedagógico?

1.2.1. Explícite.

Resposta: Como aspetos positivos eu gostaria de salientar toda a parte relativa a planificações, análise de manuais, análise de gramática, de dicionários... tudo isso foi bem trabalhado. Há um aspeto em que eu, hoje em dia, sinto essa falta que tem a ver, por exemplo, com a tecnologia que à época em que fiz o curso não estava tão presente e não era tão explorada como hoje em dia que julgo que às vezes é necessário.

2. Como caracteriza o seu trajeto sócio-profissional até este momento?

Pouco satisfatório/Satisfatório/Bastante satisfatório/Bom/Muito bom

Resposta: Tem sido um trajeto caracterizado pela instabilidade e pela diversidade; instabilidade por questões profissionais, tal como comecei por dizer (sou professor Contratado!); depois a diversidade de situações porque já dei aulas em várias escolas e nos últimos anos tenho conhecido alguma estabilidade por aqui; e diversidade também de tarefas que são solicitadas ao professor que talvez quando eu comecei, não seriam tantas, ou eu tive oportunidade de as exercer. É claro que numa formação inicial, não nos preparam para ser Coordenador de um Secretariado de Exame, não nos preparam para Coordenador da Biblioteca, para Coordenador do Ensino Recorrente, e aí talvez penso que vai ao encontro do que está a fazer... a formação contínua pode ter um papel muito importante. Ainda assim arriscaria a dizer, Muito Bom, apesar da tal instabilidade... sobre a diversidade (...).

2.1. Quais as razões que o(a) levaram a ingressar na carreira de professor?

Resposta: Estive um pouco indeciso (...) gostava muito de línguas e de literatura; à época para se ir, por exemplo, para Jornalismo, teria que deixar de estudar Literatura e isso era importante continuar; portanto, por um lado, foi o gostar da

profissão, por gostar de construir o conhecimento com os alunos, de transmitir aquilo que se sabe, de se poder estar em contacto até com gerações mais novas... tudo isso terá pesado à época para a escolha da profissão.

2.1.1. Como caracterizaria o seu ingresso na profissão? Que dificuldades e atrativos encontrou nos “primeiros tempos”?

2.1.2. Justifique.

Resposta: Nos primeiros anos, por vezes, alguma dificuldade em adaptar-me a uma escola nova todos os anos, a maneiras diferentes de trabalhar, o que depois, na minha opinião, até é na maior parte das vezes algo positivo, porque é sempre bom conhecer várias perspetivas. Mas o processo de acomodação a um novo espaço, a novos alunos, a novas formas de trabalhar, às vezes muito diferentes pode ser uma dificuldade; dificuldade é também por vezes o tipo de alunos que se tem (até hoje não tive grandes dificuldades a nível disciplinar), os tipos de público e como cada escola tem especificidades ao nível dos alunos que recebe e isso, sobretudo no Ensino Básico, não é muito fácil!

2.2. Considera-se realizado(a) a nível profissional?

2.2.1. Justifique.

Resposta: Diria que sim, abstraindo-me de outras questões... se nos abstrairmos desse fator (que eu penso que é importante), estou a falar um bocadinho desta questão da instabilidade, porque isso reflete-se um bocadinho no nosso trabalho ano após ano, mas se me conseguir abstrair disso, penso que o balanço é positivo.

2.2.2. Considera que as funções, atividades e tarefas que executa no âmbito do seu trabalho diário de professor(a) são iguais àquelas que executava quando começou a ensinar?

Resposta: Algumas mantêm-se, a forma de as realizar é que talvez tenha mudado. Há pouco falava na questão da tecnologia... hoje em dia, nas aulas em determinadas matérias, determinadas abordagens já são feitas de maneira diferente, o trabalho extra-aula, a própria preparação das aulas e outras atividades (projetos, atividades extra-curriculares); hoje em dia, fazemo-las mais com recurso a ferramentas que não utilizávamos há uns anos atrás, nomeadamente, essa de âmbito tecnológico. Julgo que temos mais reuniões, julgo que estamos mais tempo na escola do que estávamos quando comecei a ensinar. Não sei até que ponto o “estar” mais tempo significa mais produção (...); acho que as tarefas, as formas de as fazer mudou e são-nos solicitadas cada vez mais tarefas.

2.2.3. Na sua opinião, quais são os maiores constrangimentos ao desenvolvimento da carreira de professor?

Resposta: No meu caso, esse constrangimento tem sido essa instabilidade (...); penso também que tem-se assistido nos últimos anos a algum desprestígio... não sei se essa é a palavra mais correta mas talvez tenha confundido com a especificidade daquilo que é ser professor. Penso que muita gente dá opiniões sobre o que é ser professor mesmo que nunca tenha tido um contacto muito próximo com a escola, a não ser ter sido aluno... talvez seja por isso que todos têm opiniões a dar. E portanto, o professor tem de fazer tudo, tem de ensinar línguas, tem de educar, tem de dar Educação Sexual e Rodoviária e Pró-ambiente e muitas mais; e isso pode ser uma dificuldade, nem todos temos de ter uma formação ... eu falo por mim, eu não me sinto à vontade para abordar determinados temas se não tiver uma formação prévia e isso pode ser um constrangimento.

2.2.4. Já alguma vez pensou em mudar de profissão? Porquê?

Resposta: Já pensei, sobretudo por esse fator (...) o nós passarmos muito tempo, sobretudo durante o Verão sobre o que irá acontecer a partir de Setembro... vou ter trabalho? Onde é que irei? Claro que as pessoas por vezes hesitam e pensam que o melhor é ir fazer outra coisa! Se calhar as alternativas não são muitas nos tempos que correm; portanto, o querer mudar de profissão não se prende propriamente com um desgosto da atividade do que é ser professor mas talvez com os constrangimentos criados na carreira que impedem ou o ingresso ou a progressão de quem já está... para quem também já está na carreira será pouco desafiante sentirem que não há progressão, que não há de alguma forma uma valorização do seu trabalho e do seu percurso.

2.3. O que é para si o «desenvolvimento profissional e pessoal» do docente do Ensino Secundário, numa perspetiva de *life span*?

Resposta: O «desenvolvimento profissional e pessoal» será a preocupação que o professor deverá ter ao longo de toda a sua carreira; por uma lado, procurar formação quer do ponto de vista científico (procurando atualizar-se, aperfeiçoar-se),

quer depois até no desenvolvimento de competências profissionais não só especificamente na área de línguas mas também noutras áreas das quais já falámos, a Tecnologia, a Educação Sexual; no âmbito do desenvolvimento pessoal, formação ao nível de questões ligadas às relações inter-pessoais. Neste desenvolvimento profissional e pessoal, penso que a formação pode ter um papel importante nisso, para além da formação que acontece todos os dias de uma maneira mais informal, no contacto com os colegas, no contacto com os próprios alunos... todos nós temos dias em que vamos para casa e refletimos naquilo que fazemos .

2.3.1. Considerando que o aperfeiçoamento das competências do professor é um desiderato atingível ao longo da vida, em que medida a sua participação em programas (ações) de formação contínua tem contribuído para colmatar algumas possíveis lacunas de uma formação inicial precária e/ou para adquirir/atualizar algumas das competências profissionais e pessoais previstas no Regime de Avaliação de professores?

2.3.2. Exemplifique.

Resposta: Esta questão da formação, e mais uma vez dada a especificidade de ser professor Contratado levanta sempre alguns problemas; por um lado, mesmo que nós façamos uma inscrição numa ação de formação, raramente somos chamados para a frequentar, porque quem está na carreira, tem quase sempre prioridade nisso. De qualquer forma eu tenho procurado fazer formação, se calhar muitas vezes, até paga mas também sendo paga vou ao encontro daquilo que sinto mais necessidade. Posso dar um exemplo, ainda que não na língua estrangeira: com o novo acordo ortográfico, fiz formação; também, alguma formação na área das novas tecnologias como a utilização do Quadros Interativos... estas são as tais lacunas que eu comecei por identificar, que não eram propriamente lacunas, tinham a ver com o facto de há quinze anos atrás, certas ferramentas informáticas não serem utilizadas; procurei então responder a isso e aí tive sorte porque inscrevi-me nessas ações, e algumas informais feitas aqui na escola e por onde tenho passado. Julgo que essa formação tem colmatado e correspondido às expectativas traçadas por mim inicialmente.

3. Se se lembra, no último ciclo de avaliação (2009/2011) de professores, os mesmos foram avaliados à luz de um referencial que durante anos legitimou um perfil geral de competência para a docência (Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto).

3.1. Tendo o já referido Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto sido considerado como a matriz complexa de competências até à entrada do novo e atual Regime de Avaliação do Desempenho Docente (Decreto Regulamentar nº 26/2012 de 21 de Fevereiro), e segundo o qual, o desempenho docente era equacionado tanto na sua vertente profissional bem como na sua dimensão pessoal, a qual das quatro dimensões (dimensão da vertente Profissional, Social e Ética; dimensão do Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem; dimensão da Participação na Escola e Relação com a Comunidade Educativa; dimensão do Desenvolvimento e Formação Profissional ao Longo da Vida) atribui primazia? Qual(ais) a(s) dimensão(ões) que melhor traduz(em) o conceito de «um bom docente do Ensino Secundário»?

3.1.1. Fundamente.

Resposta: Aquele a que eu atribuo maior importância é a do Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem, agora isto não significa que para sermos o tal “bom docente” as outras não concorram para que esse processo de ensino e aprendizagem corra da melhor forma. Se não houver da nossa parte essa preocupação em fazer as atualizações e em frequentar formação, a envolver-se na vida da escola, talvez no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem não se atinjam os objetivos mais elevados, os objetivos que pretendemos. Embora eu considere que essa deve ser a função essencial do professor (ensinar ou construir o conhecimento com os alunos), as outras dimensões que referiu são sem dúvida também importantes.

3.2. Através dos programas (ações) de formação contínua, consegui ampliar todas as competências legitimadas e traduzidas nesse referencial (Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto)?

3.2.1. Especifique.

Resposta: Todas não diria mas isso terá a ver um pouco com a formação que nós escolhemos e com as oportunidades. Mas talvez se eu privilegiar nas formações a componente mais científica e pedagógica, esse desenvolvimento do ensino e da aprendizagem será valorizado; se privilegiar outro tipo de competências, noutros tipos de formação, nas restantes dimensões que falou (por exemplo, a Social e ética), estarei a desenvolver mais essas competências. Reconheço que em algumas formações que fiz, elas eram muito direcionadas para um aspeto específico e talvez nas que eu fiz, o aspeto científico e não tanto, se calhar, o pedagógico sejam as mais importantes. Por exemplo, essa do acordo ortográfico é uma questão sobretudo científica.

4. Na sua opinião, concorda com a necessidade de todos os professores frequentarem programas de formação contínua, o que se traduzirá necessariamente no desenvolvimento de diversas competências, tendo em conta a natureza multidimensional do conhecimento profissional dos professores?

Sim/Não

4.1. Justifique.

Resposta: Concordo precisamente por essa necessidade de atualização... repare, eu estou a entender a formação contínua, não só as ações acreditadas mas também hoje em dia temos Cursos de Pós-graduação, Mestrados, Doutoramentos; até hoje em dia há ações sem ser com créditos... portanto, penso que tudo isso faz parte dessa formação contínua que é importante e que julgo que cada vez mais os professores têm de lançar mão a essas diferentes modalidades de formação. Pela percepção que eu tenho, julgo que há uns 3 / 4 anos atrás começou-se a querer enveredar por um caminho para fazer a formação, que me pareceu interessante, mas julgo que ultimamente estamos novamente a retroceder... parece-me que a oferta é cada vez menos, mais direcionada; talvez tenha havido algum progresso durante algum tempo (...), pareceu-me bem aquela questão de termos de ter uma percentagem nas nossas áreas específicas e depois uma percentagem menor noutras áreas mas não sei se iremos continuar com esse paradigma durante muito tempo.

5. Os programas de formação contínua têm-no(a) ajudado a redefinir objetivos relativamente à sua atuação estratégica enquanto professor(a)?

Sim/Não

Resposta: Sim, têm permitido atualizar, aprofundar e refletir sobre aquilo que faço.

5.1. Refira situações concretas de formação que tenham contribuído para o desenvolvimento de competências profissionais e pessoais levando-o(a) a alterar aspetos da sua prática pedagógica.

5.1.1. Refira as razões que conferiram significado a essa experiência formativa.

Resposta: Ao nível dos Quadros Interativos, formações ao nível do Património ligado à área das línguas, formações na área da gramática, da linguística. Todas estas formações fazem-me refletir sobre tudo aquilo que fazemos, e aprofundar conhecimentos. Não quer dizer que todos tenham uma aplicação prática, no dia a dia com os nossos alunos. Mas de facto permitiram-me desenvolver competências.

6. Sobre a experiência profissional (níveis já lecionados, cargos anteriormente desempenhados...), bem como a formação específica (habilitações académicas) e a mobilidade profissional (situação profissional), considera-as como situações inovadoras enquanto fatores condicionantes de alguma mudança da sua prática pedagógica, e ao longo da sua carreira?

Sim/Não

6.1. Em que medida?

Resposta: Em relação ao facto de ser Contratado, a minha postura tem sido sempre de “vou para um sítio por um ano” mas isso não importa muito, tento dar o meu melhor! Como já disse ainda há bocado, tenho tido nos últimos anos a experiência de ter alguma estabilidade porque apesar de Contratado, estou há 6 anos nesta escola e não nego que facilita muito, desde o conhecer as dinâmicas de trabalho que facilita a integração, todo o processo, o desenrolar da prática do dia a dia, o conhecer relativamente bem os colegas, o criar equipas de trabalho (...); tudo isso facilita o trabalho e penso que produz bons frutos. Relativamente à experiência, ao facto de se lecionar há alguns anos, também vai conferindo outra segurança e determinadas dúvidas, nós vamos conseguindo prever (...) no caso do Latim, eu consigo depois de alguns anos prever que nesta matéria vão surgir dúvidas e já sei que aquele texto, aquela forma de abordagem não é a melhor e então vamos tentar de outra forma. Julgo que isto só se adquire com a experiência do dia a dia, a experiência ensina (...).

6.2. Concorda com a ideia de que os professores com mais tempo de serviço e mais horas de formação são melhores profissionais no exercício da sua profissão?

Sim/Não

6.2.1. Em que dimensões e em que competências?

Resposta: Não concordo. Tudo isto passa por uma questão de dedicação que as pessoas têm à profissão; o fazer mais horas de formação ou ter mais anos de serviço (embora possa facilitar!) e se eu não fizer a tal reflexão e aplicar sempre os mesmos métodos (e se estes não funcionam e eu não penso muito sobre isso!), então não adianta ter muitos anos de serviço. Portanto o ter mais experiência pode ser positivo se o professor for um profissional reflexivo, com formação o a sua própria autoformação e a sua reflexão sobre o processo. Ter mais anos e mais horas não faz de nós melhores professores se não houver esse investimento na profissão, mais que não seja, refletir sobre o que correu bem hoje, e o que é que é melhor não repetir.

7. Sobre os programas de formação contínua frequentados ao longo dos anos, considera-os como dispositivos através dos quais tem conseguido ampliar algumas das suas competências cognitivas e/ou relacionais, enquanto professor(a) de língua estrangeira, concebidos numa lógica de educação permanente? Ou pelo contrário, tem-se deparado com alguns constrangimentos/obstáculos a esse desenvolvimento de competências?

7.1. Justifique contextualizadamente.

Resposta: Sim, têm sido importantes; a troca de ideias com outros colegas, a partilha de materiais, a construção de materiais... julgo que é importante e contribui para esse desenvolvimento a vários níveis, ao nível das relações que se estabelecem entre nós professores, muitas vezes somos acusados de trabalhar de forma muito fechada, muito isolada (...); criam-se dinâmicas (...) trocamos materiais, trocamos pontos de vista e, portanto, que em disciplinas, que até têm um corpo maior de professores, isso é muito importante. Reconheço que uns mais e outros menos, os programas de formação têm permitido essa partilha e o quebrar esse isolamento de que às vezes nos acusam. Os obstáculos passam pela pouca diversidade de oferta (pelo menos, aqui!); cada vez mais a oferta está direcionada para públicos muito específicos, depois, como todos sabemos os constrangimentos financeiros também impedem que se contratem formadores para determinadas áreas e, aliás, a área das línguas clássicas ressentem-se bastante disso, não há muita formação nessa área.

7.1.1. Em termos gerais, como classifica então os programas de formação continuada frequentados por si?

Nada importantes; Pouco importantes; Importantes; Muitas vezes importantes; Sempre importantes

Resposta: Muitas vezes importantes.

8. Relativamente à sua conceção, em que modelos de aprendizagem se baseavam a maioria dos programas de formação que frequentou?

8.1. Explícite.

Resposta: Recordo-me de nos primeiros anos... não precisava propriamente dos créditos, ia fazê-la, porque me interessava fazê-la ou porque as circunstâncias o exigiam, como é o caso da classificação de exames, há alguns anos atrás, a classificação de provas de aferição; talvez nos primeiros anos, estes modelos assentassem muito num modelo mais tradicional de ir o formador que fazia as sessões presenciais... eram quase aulas, diria eu, não tinham quase muita componente prática; classificaria como uma orientação conceptual mais teórica. As últimas que fiz, e essas dos exames, tinham uma componente teórica também, mas estavam muito mais associadas à prática. Tenho feito também algumas formações através da modalidade de *e-learning* que também me parece ser uma modalidade interessante. Penso que tenha havido alguma evolução nessa área (...); se calhar isso depende um pouco do formador ou da seleção que o professor vai fazendo; se calhar com o passar dos anos, já olha para as formações com olhar mais crítico, e se antevê que aquilo é demasiado teórico, talvez opte por outra ou por uma que concilie a teoria com a prática que eu julgo que é o ideal; só prática talvez não se justifique, só em situações muito pontuais; só teórica, julgo que também não; portanto, articular os dois modelos, os dois aspetos, penso que poderá ser interessante para não ficar só com a parte científica e ficar a ver como é que aquilo poderá ser trabalhado depois com os alunos, construir materiais, poder testá-los (...).

9. Já frequentou alguma ação de formação desenvolvida pelo CFAE de Portimão e Monchique sediado na escola Poeta António Aleixo?

Resposta: Frequentei uma sobre Quadros Interativos.

9.1. Em caso afirmativo identifique o nome da ação e o ano em que a frequentou.

Resposta: Chamava-se A utilização dos Quadros Interativos na sala de aula e foi há 2 anos.

9.2. Enquanto professor(a) de língua estrangeira e na sua perspetiva, o CFAE de Portimão e Monchique tem conseguido dar resposta à procura de formação pelos professores dos grupos de recrutamento de língua estrangeira das escolas associadas ao centro, nomeadamente aquela que neste momento integra?

9.2.1. Justifique.

Resposta: Não conheço com muito pormenor a oferta que tem sido dada. Mas a sensação que eu tenho é que especificamente para a área da língua estrangeira, o que tem havido tem sido sobretudo a utilização de Quadros, a Tecnologia. No caso das línguas clássicas, não houve nada. A formação tem-se direcionado mais para essas áreas mais tecnológicas e talvez, na minha opinião, não tenha havido muita formação na área da Didática das Línguas ou até na área da Linguística, para desenvolvimento de saberes da componente científica. Mas eu julgo também que se o Centro não consegue dar resposta, talvez isso também se deva a constrangimentos financeiros, sobretudo, porque será difícil em algumas áreas deslocar formadores (...).

10. Refira uma ação de formação que desejasse frequentar durante este ano letivo e que neste momento idealiza para si: descreva-a em termos dos seus objetivos, modalidades e conteúdos temáticos.

Resposta: No caso do Latim e do Grego, nas Línguas Clássicas, quase não há formação nesta área. A pouca formação que há, está centrada em Lisboa, em Coimbra e a maior parte das vezes é organizada pelas Universidades. Uma ação que pudesse ser interessante e aliando as Línguas Clássicas à Tecnologia seria uma ação que explorasse recursos disponíveis na *Internet* e que possam ser postos ao serviço destas disciplinas. Isto porque o Latim e o Grego são línguas que estão ali numa fronteira entre, por um lado, a parte linguística, por outro lado, a parte cultural como de resto qualquer língua, mas depois a parte da História, do Património, da Arte e julgo que uma ação integradora, com o objetivo de nos dar a conhecer esses recursos, poderia ser interessante. A modalidade teria de ter a tal componente prática, termos a possibilidade de consultar esses recursos e não só na *Internet*; hoje em dia, há jogos de computador... onde vão buscar coisas ligadas à Roma Antiga (...) o Cinema; são áreas que no caso das línguas clássicas há muito que explorar numa perspetiva até transversal, interdisciplinar e os conteúdos temáticos seriam esses: a presença da Cultura Clássica no Cinema, na Música, na *Internet*, as histórias da Mitologia, como é que a Cultura Clássica é recebida hoje em dia e como é que ela pode contribuir (...) para o desenvolvimento de competências, quer na língua materna, quer até noutras línguas estrangeiras. Eu tento fazer isso com os meus alunos, mas julgo que com alguma orientação e sistematização que um programa de formação pudesse dar seria, com certeza, enriquecido.

11. Acha que as ações de formação contínua frequentadas por si (o)a têm ajudado na implementação de algumas práticas pedagógicas inovadoras?

Sim/Não

11.1. Dê exemplos de algumas dessas práticas no âmbito de Recursos Tecnológicos, Estratégias Didáticas, Metodologias de Ensino e Dinâmicas de Sala de Aula.

Resposta: Sim. Centrando-me especificamente no que diz respeito ao Latim, a formação que fiz sobre os Quadros Interativos foi importante; contudo não estou a dizer que seja especificamente dessa formação que eu fiz, mas eu julgo que muitas vezes nestas formações mais ligadas à tecnologia há uma visão demasiado (diria eu!) tecnocêntrica, portanto é explorar todas as funcionalidades que aquilo tem mas é claro que ao fim de um mês já não nos lembramos, porque é tanta informação que se não há a possibilidade de praticar, acabamos por esquecer. Aquilo que eu optei por fazer foi concentrar-me em 2 ou 3 ferramentas que me interessa e para já explorar essas; e isso quer ao nível dos Quadros Interativos, quer ao nível da utilização das chamadas tecnologias da *Web 2.0*, dos *blogs*, das aplicações que permitem fazer filmes... eu tento utilizá-las com os meus alunos (...) portanto houve aí alguma inovação... algumas abordagens que eu fazia antes não contemplavam essa vertente, mas também gostaria de dizer que isso não é necessariamente sinónimo de um resultado na aprendizagem melhor, ou nem sempre é (...) portanto, a tecnologia só por si não é reveladora, nem sempre implica, acarreta as tais novas dinâmicas de sala de aula ou as tais mudanças nas Metodologias de Ensino. Portanto, é preciso realmente perceber se os alunos aprenderam ou construíram alguma coisa com essa tecnologia que se usa.

12. Na sua opinião, quais os fatores que determinam/condicionam em grande escala o sucesso das aprendizagens dos alunos.

12.1 Fundamente.

Resposta: Correndo o risco de ser um bocadinho lírico, mas já que estamos perante pessoas de línguas é-nos permitido algum lirismo, julgo que um aspeto que os alunos valorizam muito é eles sentirem que o professor se interessa por eles. É claro que uns valorizam também o facto do professor saber a matéria, esclarecer-lhes as dúvidas; mas o eles sentirem que há um interesse por parte do professor em acompanhá-los, em resolver os problemas que eles sentem, as dúvidas, obter uma resposta em tempo útil às dificuldades que eles sentem... eu tenho um pouco essa perceção, que eles valorizam isso bastante; é certo que as turmas de Latim têm uma vantagem que é geralmente não são muito grandes e permitem um acompanhamento mais individualizado que talvez noutras disciplinas isso não aconteça, outras disciplinas de língua; e as disciplinas de língua exigem muito do professor; se for uma língua falada, aí exige que haja uma constante interação e o professor dificilmente conseguirá responder a todos de forma eficaz numa aula se a turma tiver 20 /30 alunos; se for uma língua muito estruturada que é o caso do Latim que exige uma grande metodologia de trabalho em termos de reflexão linguística... portanto, eles também precisam de ser conduzidos nisso e isso consegue-se melhor com grupos ou mais pequenos ou grupos que realmente são interessados. O sucesso, julgo que passa muito por esse interesse que o professor tem pelo aluno (...) claro que isso não basta, eu tenho que dominar estratégias e ter metodologias que me permitam sentir que os alunos não estão a perceber, saber como responder àquela dúvida e isso implica o tal conhecimento científico... estamos novamente a falar numa interligação de fatores, mas pode existir isso tudo se não existir também uma componente afetiva (relacional).

13. Acredita na crescente autonomia do professor enquanto agente de desenvolvimento curricular?

Sim/Não

Resposta: Acredito.

13.1.O processo de construção de um projeto curricular implica a sua avaliação e adaptação à realidade dos contextos escolares pela população docente. Sob que princípio(s) é que será possível a autonomia da gestão curricular?

Resposta: Esse desenvolvimento curricular implica a constante reflexão e a tomada de opções a nível da escola, a nível da turma, daí termos os Projetos Curriculares de Escola, Curriculares de Turma; penso que em alguns aspetos esse desenvolvimento não acontece porque nós ainda estamos condicionados por um sistema, na minha opinião, demasiado centralizado; portanto, a escola não tem uma total autonomia e os professores não têm uma total autonomia para desenvolverem esse processo de desenvolvimento curricular, embora, eu não concorde que a autonomia também seja... absoluta, também me parece perigosa, terá de haver sempre algumas orientações gerais como julgo que é prática noutras Países que depois cada escola, cada região procura transpor para as suas especificidades; ainda que não seja o caso das línguas estrangeiras... e isso está a acontecer no Básico agora com o Português, com os novos programas de Português em que é dada uma maior liberdade ao Professor e à Escola. Aliás, acontece agora algo interessante e talvez noutras disciplinas isso também possa vir a acontecer ...estou a falar no aumento do número de horas e numa nova maneira de conceber o programa que implica que os professores façam uma anualização; portanto, os conteúdos são apresentados por ciclo e os alunos têm que ter aqueles desempenhos no final do ciclo; a maneira como se chega lá fica um pouco ao critério de cada escola; portanto, aí o professor é de facto um agente do desenvolvimento curricular porque tomam opções, são eles que selecionam o que se dá no 7º, o que se dá no 9º ano. Isto acarreta, na minha opinião, mais responsabilidade (...). O programa está agora a entrar em vigor, vamos ver depois, quando se fizer uma avaliação, se realmente os resultados irão corresponder àquilo que se esperava. O desenvolvimento curricular poderá passar em algumas disciplinas pelo aumento da carga horária mas sobretudo por uma nova perspetiva de abordagem e que, e nos novos programas de Português isso está a acontecer (...), passa por delegar na Escola e nos Professores determinadas decisões que agora são tomadas superiormente e de forma centralizada, e que passa talvez pela redução, o desenvolvimento curricular poderá ter efeitos (...) na redução... há muita dispersão nas atividades dos professores, os professores têm que (...) formar em várias vertentes, têm de ensinar, de educar. Eu julgo que seria interessante voltarmos a centrar a ação do professor naquilo que é a pedagogia, o saber científico, o saber cultural (...). Para que o professor tenha energia, vontade e possa refletir sobre este processo de desenvolvimento curricular não pode estar preocupado, na minha opinião, com as chaves dos cacifos.

14.Na sua opinião, a formação inicial prepara o docente para todos os papéis inerentes à função docente? Prepara-o(a) para outras áreas que não as somente ligadas ao contexto de sala de aula?

Sim/Não

14.1. Justifique com situações da sua experiência pessoal.

Resposta: A formação inicial, julgo que não prepara para todos. E daí a importância que a formação poderá ter, porque se há tantos contextos, tantas tarefas, até mesmo algumas de carácter mais pedagógico (...) que o professor é chamado a desempenhar, a de Diretor de Turma, de Coordenador da Biblioteca, de Secretariado de Exames, Coordenador de Departamento... quer dizer, seria (diria!) impossível, impensável uma formação inicial contemplar tudo isso.

Por exemplo, na minha experiência pessoal, a determinado momento, vi-me confrontado com as funções de Professor Bibliotecário e eu não tinha qualquer formação nessa área, a não ser fazer parte de equipas de biblioteca, com aquilo que ia aprendendo no dia a dia (...). Senti que era importante fazer formação nessa área e procurei-a e fi-la. Penso que não é possível um curso de formação inicial preparar para todas essas funções (...); é importante talvez dar um conjunto de ferramentas e de competências mais gerais que depois permitem à pessoa criar a capacidade de refletir e de se consciencializar relativamente à necessidade... para determinadas tarefas que a profissão docente exige, é necessária uma formação complementar mais específica que a formação inicial logicamente não terá, porque não pode responder (...) a toda essa diversidade.

15.Na sua opinião, a formação de professores, nomeadamente, a de professores de língua estrangeira deve acompanhar todo o seu percurso de vida, desde a formação inicial até à etapa da sua carreira, na qual presentemente se encontra, com a oferta de programas de formação continuada?

Sim/Não

Resposta: Penso que sim.

15.1.De que modo?

Resposta: Não só no domínio da língua que se ensina, mas também na parte das metodologias de abordagem, nas próprias necessidades... talvez hoje as razões que levam alguém a aprender uma determinada língua não são as mesmas que há uns anos atrás... e temos o caso do Espanhol, há uns anos atrás quase ninguém aprendia (...). Quais as razões que estão por detrás disso? Porque é que os alunos preferem Inglês, Alemão, Francês? Porque é que escolhem Latim? Portanto, tudo isso também pode condicionar um pouco a abordagem que vai ser feita e as revisões que vão sendo feitas nos programas; portanto, as novas formas de abordagem e se o professor não procurar essa formação... e volto a dizer, ela não tem de ser necessariamente organizada por um Centro, o próprio professor pode procurá-la, ela pode acontecer de uma maneira mais informal... estou a falar de dispositivos de autodidatismo, por exemplo (...); eu procurar um livro, procurar uma conferência, interessar-se e pesquisar sobre um determinado problema que surgiu; isso também é formação contínua e também contribui para o tal desenvolvimento pessoal e profissional do professor.

16. Ao nível das políticas de formação institucional, tem conseguido frequentar ações de formação (preferencialmente creditadas) de acordo com as suas necessidades e interesses reais?

Sim/Não

16.1. Justifique.

Resposta: Como já disse, nem sempre. A nível institucional há um número limitado de inscrições, há critérios para que os professores possam frequentar essas formações... portanto, nem sempre se consegue mas julgo que isso não é exclusivo dos Contratados, julgo que também quem é Professor de Quadro sente isso; a formação acaba por não ser muita; quando há alguma coisa muita gente se inscreve mas o nº de inscrições é limitado e, portanto, alguns terão necessariamente que ficar de fora.

16.2. Na sua opinião, quais as razões que à partida podem constituir um maior impedimento à existência de mais oferta formativa?

Resposta: A disponibilidade dos formadores, a disponibilidade financeira dos Centros, julgo que fundamentalmente estes, porque os formadores não se vão deslocar de outros locais mais distantes para vir dar formação, por exemplo, aqui ao Algarve. Julgo que estamos a caminhar para um modelo em que se tenta fazer a formação com “a prata da casa” o que pode ser uma opção interessante mas talvez seja importante continuar a existir formação dada externamente... na minha opinião, é importante também vermos outras perspetivas... o formador que vem doutro Centro ou que não está na nossa escola e pode dar um outro olhar que é enriquecedor, porque se às tantas andamos só os mesmos a fazer um determinado ciclo formativo pode ser vicioso... o ter contacto com outros formadores, com outras perspetivas, julgo que pode ser interessante e enriquecedor. Mas para isso é preciso disponibilidade, boa vontade... mas vamos ser realistas! E também algum dinheiro!

Transcrição das entrevistas feitas aos Professores de língua estrangeira

Entrevistado 7

- Situação profissional: Professor Efetivo do Quadro de Escola
- Total de número de anos de serviço como professor(a) de Língua estrangeira: 20 anos
- Número de anos como professor(a) de Língua estrangeira na escola onde atualmente leciona: sensivelmente 17/18 anos
- Anos a que leciona: 10º, 11º do Ensino Profissional
- Língua(s) estrangeira(s) a lecionar no presente ano letivo: Inglês

1.Considera o «estágio profissional» como uma mera preparação técnica para o desempenho de uma atividade?

Sim/Não

Resposta: Inicialmente a ideia que eu tinha do estágio era que era uma mera preparação. Quando fiz o estágio, verifiquei que não era bem assim. Penso que o estágio em si é digamos que o 1º contacto que nós temos, enquanto profissionais sobre aquilo que é a prática letiva. É aquela primeira *approach*, aquela primeira abordagem, aquele primeiro impacto com o público alvo, neste caso, são os alunos e que se formos mau ou bem orientados, poderá ser um boa ou má experiência mas que em momento nenhum poderemos dizer que possa condicionar tudo o resto de uma vivência profissional; mas sem dúvida que um bom ou mau período de estágio poderá afetar, digamos, aquilo que a pessoa tem, (...) o processo ensino aprendizagem, digamos assim.

1.1.Quais eram as suas expectativas iniciais relativamente à formação a obter durante o período da profissionalização?

1.1.1 Poder-se-á afirmar existir uma discrepância entre o perfil profissional necessário ao funcionamento e desenvolvimento da escola e o perfil profissional transmitido durante a profissionalização?

Resposta: As minhas expectativas eram mais altas do que aquilo que realmente se verificou na altura, porque por experiência própria eu fiz estágio em Inglês-Alemão e acho que fui um bocadinho mau orientado, sobretudo na parte do Alemão e isso condicionou um bocadinho a minha prática letiva a partir daí (...); em parte, sim, acho que há uma discrepância.

1.2.Em que dimensões/aspectos da sua prática enquanto docente se fez sentir essa formação inicial, os saberes/competências resultantes e adquiridos durante o seu estágio pedagógico?

1.2.1. Explícite.

Resposta: Sobretudo em termos de ministrar conteúdos, diversas maneiras de ministrar conteúdos (...); acho que foi mais a nível da prática letiva de ministrar conteúdos, do instruir, do ensinar. Acho que o estágio, para mim, não contribuiu em nada no saber lidar com os alunos; isso tive que eu ir aprendendo ao longo dos tempos à medida que as situações foram acontecendo de indisciplina por parte dos alunos. Isso fui aprendendo a lidar com isso. Agora o estágio preparou-me inicialmente só para ministrar, só para instruir. Não mais do que isso.

2.Como caracteriza o seu trajeto sócio-profissional até este momento?

Pouco satisfatório/Satisfatório/Bastante satisfatório/Bom/Muito bom

Resposta: Pessoalmente, acho que é bom.

2.1.Quais as razões que o(a) levaram a ingressar na carreira de professor?

Resposta: Eu acho que sempre tive vocação para ser professor; acho que isso já vem detrás, tive aquilo que nós dizemos um *calling*, digamos assim; acho que não me vejo a fazer outra coisa que não ensinar, porque é aquilo que realmente gosto de fazer. Se bem que na altura em que eu comecei, muitas pessoas iam para o ensino porque não havia mais nada e o ensino digamos que era apenas como tábua de salvação mas no meu caso, não; no meu caso, foi mesmo por vocação e é aquilo que me mantém ainda hoje no ensino; é o gostar de ensinar e sentir-me bem naquilo que faço

2.1.1. Como caracterizaria o seu ingresso na profissão? Que dificuldades e atrativos encontrou nos “primeiros tempos”?

2.1.2. Justifique.

Resposta: Eu acho que nós quando começamos a profissão, eu falo por mim, passamos um bocado; temos um período de estágio de um ano, que nem corresponde a um ano, são só alguns meses e depois somos atirados para uma escola em que por vezes não conhecemos ninguém, em que somos olhados um bocadinho assim de fora como um *outsider* que não faz parte de Quadro nenhum (inicialmente ainda somos um Contratado...) e é um bocado difícil logo de início, porque parece que nós vivemos com aquele estigma de ter que provar que sabemos, porque entramos para uma escola onde existe um grande número de pessoas com muitos anos e ensino que já fazem parte da “móvel da casa” e que nós somos uma peça nova que entramos e temos que provar por “A + B” que temos direito e que merecemos, se calhar, fazer parte dessa mesma móvel que já está lá há muitos anos; e senti isso ...senti! Coisa que não sinto hoje em dia, com os jovens que estão a entrar no ensino.

2.2. Considera-se realizado(a) a nível profissional?

2.2.1. Justifique.

Resposta: Sem dúvida. É como aquilo que eu disse, faço aquilo que gosto, tenho muito prazer naquilo que faço (...) sentir-me realizado traduz-se por gostar daquilo que faço, acordar todos os dias com vontade de ir trabalhar e essencialmente é isso.

2.2.2. Considera que as funções, atividades e tarefas que executa no âmbito do seu trabalho diário de professor(a) são iguais àquelas que executava quando começou a ensinar?

Resposta: Não, acho que ao longo destes quase 20 anos, o ensino tem-se vindo a tornar mais burocrático, porque é papelada atrás de papelada, são muitos documentos, muitos relatórios, são muitas coisas que se tem de fazer para além de ensinar. Acho que no início não era tão burocrático, não era preciso tanto papel, se bem que hoje em dia já está tudo muito mais informatizado... ainda assim ainda há muita coisa para fazer.

2.2.3. Na sua opinião, quais são os maiores constrangimentos ao desenvolvimento da carreira de professor?

Resposta: Eu acho que nós ainda somos vistos um bocadinho pela Sociedade como aquela profissão de *Persona non grata* em que tudo o que ocorre de mal no ensino é por culpa do professor. Se isso pode ser um constrangimento ou não, eu não a considero porque não me sinto afetado por isso. Só que... (não sei se será um estigma) é aquela ideia que paira no ar que os professores com a ideia de que tudo o que corre mal no ensino, é sempre culpa do professor. Pessoalmente, não me considero afetado por nada, sinto-me é um bocadinho, às vezes, não digo constrangido mas mal-amado por pertencer a uma classe tão mal amada.

2.2.4. Já alguma vez pensou em mudar de profissão? Porquê?

Resposta: Não, nunca, às vezes penso que estou farto, saturado mas basta um fim de semana para me afastar do local de emprego que fico mais “leve”, digamos assim.

2.3. O que é para si o «desenvolvimento profissional e pessoal» do docente do Ensino Secundário, numa perspetiva de *life span*?

Resposta: Para mim é baseado numa constante aprendizagem, é “o aprender todos os dias”, digamos assim; é o não encarar esta profissão como algo que estagnou no tempo mas é algo que todos os dias aprendemos, ao contrário daquilo que se pensa... não são só os alunos que aprendem connosco, nós também aprendemos com eles às vezes (...) acabamos por aprender algumas coisas com eles e acho que é isso que o ensino tem, é de ser um processo em si, o ser professor é estar em constante aprendizagem... não estagnamos! Se isto fosse uma profissão em que eu chegasse a um ponto e dizia “não tenho mais nada para aprender, não tenho mais nada para dar de mim”, acho que (...) tornar-me-ia um bocadinho obsoleto...

2.3.1. Considerando que o aperfeiçoamento das competências do professor é um desiderato atingível ao longo da vida, em que medida a sua participação em programas (ações) de formação contínua tem contribuído para colmatar algumas possíveis lacunas de uma formação inicial precária e/ou para adquirir/atualizar algumas das competências profissionais e pessoais previstas no Regime de Avaliação de professores?

2.3.2. Exemplifique.

Resposta: Em termos de formação e daquilo que tenho vindo a fazer e tenho feito no passado, tem-me ajudado sobretudo na parte da Indisciplina que acho que é uma coisa com que nós nos confrontamos hoje em dia e cada vez mais com a indisciplina, às vezes, na sala de aula, em saber lidar com a indisciplina, em adquirir, digamos, uma certa bagagem para poder lidar com essas situações. Em termos do próprio processo do ensino, digamos assim, se calhar no saber um bocadinho planificar melhor, no saber ... arranjar o material, tornar as aulas um bocadinho mais, não digo lúdicas, nem atrativas, mas interessantes (...); noto que a formação que tenho feito nessa área da Indisciplina tem-me ajudado bastante, porque cada vez mais, nós, no ensino secundário deparamo-nos com casos de indisciplina que às vezes não tem nada connosco mas se nós não soubermos lidar com eles rebenta-nos na mão!...

3. Se se lembra, no último ciclo de avaliação (2009/2011) de professores, os mesmos foram avaliados à luz de um referencial que durante anos legitimou um perfil geral de competência para a docência (Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto).

3.1. Tendo o já referido Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto sido considerado como a matriz complexa de competências até à entrada do novo e atual Regime de Avaliação do Desempenho Docente (Decreto Regulamentar nº 26/2012 de 21 de Fevereiro), e segundo o qual, o desempenho docente era equacionado tanto na sua vertente profissional bem como na sua dimensão pessoal, a qual das quatro dimensões (dimensão da vertente Profissional, Social e Ética; dimensão do Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem; dimensão da Participação na Escola e Relação com a Comunidade Educativa; dimensão do Desenvolvimento e Formação Profissional ao Longo da Vida) atribui primazia? Qual(ais) a(s) dimensão(ões) que melhor traduz(em) o conceito de «um bom docente do Ensino Secundário»?

3.1.1. Fundamente.

Resposta: Eu acho que elas são todas importantes, mas neste momento se me tivessem feito esta pergunta há uns anos atrás, se calhar a minha opção seria diferente mas eu acho que cada vez mais é importante a ligação da escola com a comunidade em que se insere. Acho que é muito importante, porque nós, os professores, por vezes perdemos um bocadinho o contacto, não por nossa culpa, (...) com a comunidade e quando digo comunidade entenda-se, por exemplo, os simples Encarregados de Educação. Hoje em dia, acho que é um bocadinho aflitivo os Encarregados de Educação (que eu também sou Diretor de Turma!) que comparecem (...) à reunião semanal para se inteirar do percurso académico do Educando e cada vez mais eu noto que há um “desligar” dos Pais, por isso acho, hoje para mim é muito importante, sem dúvida nenhuma, a parte de ligação da escola com a comunidade envolvente. Essa para mim é uma das mais importantes e depois como é óbvio há a (...) a 2ª dimensão, a do Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem... essa então é fundamental; acho que é nessa que qualquer carreira docente assenta... Mas lentamente se me tivesse perguntado há uns anos atrás seria sem dúvida nenhuma a do ensino e aprendizagem; mas lentamente, e dado a situação que nós vivemos hoje em dia, acho que a ligação com a comunidade vai ganhando terreno, por omissão às vezes dos Encarregados de Educação, e que também fazem parte da comunidade como é óbvio.

3.2. Através dos programas (ações) de formação contínua, conseguiu ampliar todas as competências legitimadas e traduzidas nesse referencial (Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto)?

3.2.1. Especifique.

Resposta: Algumas, sobretudo nesta questão aqui quando falei da dimensão, da ligação da escola com a comunidade; sem dúvida nenhuma se o Encarregado não contacta, não vem (...) sou eu que entro em contacto com os Encarregados de Educação. Também em termos de prática letiva, em termos de ensino aprendizagem, alguma formação feita nessa área tem feito com que... portanto, eu encaro o processo ensino aprendizagem de uma outra maneira, não de uma maneira tão fechada, não de uma maneira professor-aluno, o que nós costumamos dizer *one-way*, mas professor-aluno, aluno-professor, temos os dois sentidos, *two-way straight*, (...) tem-me alargado os horizontes nesse aspeto.

4. Na sua opinião, concorda com a necessidade de todos os professores frequentarem programas de formação contínua, o que se traduzirá necessariamente no desenvolvimento de diversas competências, tendo em conta a natureza multidimensional do conhecimento profissional dos professores?

Sim/Não

4.1. Justifique.

Resposta: Sim, sem duvida nenhuma. Eu acho que tem a ver com aquilo que eu disse ainda há bocado. A formação faz parte de qualquer profissão, se não faz, devia fazer parte. E não fazer formação para mim é não estar atualizado, tão simples quanto isso. E quem não está atualizado, penso que ... não digo que não será um bom profissional, mas não será um profissional por inteiro, porque falta alguma coisa! Eu acho que qualquer pessoa precisa estar *uptodate*, atualizado e a formação devia, e penso que nesse sentido, vai colmatar qualquer tipo de lacuna que possa existir e nesse sentido é muito gratificante, quando bem dada também (...).

5. Os programas de formação contínua têm-no(a) ajudado a redefinir objetivos relativamente à sua atuação estratégica enquanto professor(a)?

Sim/Não

Resposta: Sim.

5.1. Refira situações concretas de formação que tenham contribuído para o desenvolvimento de competências profissionais e pessoais levando-o(a) a alterar aspetos da sua prática pedagógica.

5.1.1. Refira as razões que conferiram significado a essa experiência formativa.

Resposta: Sem dúvida nenhuma que a prática da formação, é repetir um bocadinho daquilo que já foi dito, mas o saber lidar com a Indisciplina em espaço de sala de aula. Essencialmente isso, porque nós, por vezes, quando temos um caso de indisciplina no espaço de sala de aula, pensamos que é para connosco que o aluno está chateado por algum motivo e às vezes não é! Nós, às vezes, é que por um comentário inofensivo que possamos fazer, se calhar aquilo ... estava ali um vulcão prestes a entrar em erupção e algum comentário que nós fazemos, ele entra em erupção (...); ele está chateado ou ele vem com uma coisa detrás que não tem nada a ver connosco e a formação ajuda no sentido de perceber o que está por trás e tentar perceber essa parte do aluno, o que teria levado àquela ação de indisciplina. A experiência formativa e a experiência profissional, as duas intrinsecamente juntas ajudam sem dúvida nenhuma; a formação ajuda mas não há nada como a experiência de vida e experiência de profissão. É uma coisa sem a outra não iria ajudar muito, isso sem dúvida nenhuma.

6. Sobre a experiência profissional (níveis já lecionados, cargos anteriormente desempenhados...), bem como a formação específica (habilitações académicas) e a mobilidade profissional (situação profissional), considera-as como situações inovadoras enquanto fatores condicionantes de alguma mudança da sua prática pedagógica, e ao longo da sua carreira?

Sim/Não

6.1. Em que medida?

Resposta: Para mim o ser Efetivo numa escola, o ter ao longo destes anos dado aulas a vários níveis não me condicionou em nada. Até acho que tem sido bastante gratificante, porque se eu tivesse ao longo destes anos centrado só num nível de ensino, acho que a minha prática estaria muito mais, não direi monótona, mas (...) a minha prática não estaria tão diversificada, porque o passar por diversos níveis de ensino, o ministrar diferentes conteúdos, tudo isso poderá enriquecer uma prática letiva. A experiência profissional, a formação específica e a mobilidade profissional são fatores condicionantes de alguma mudança na prática pedagógica, mas (...) não me estagnaram, digamos assim.

6.2. Concorda com a ideia de que os professores com mais tempo de serviço e mais horas de formação são melhores profissionais no exercício da sua profissão?

Sim/Não

6.2.1. Em que dimensões e em que competências?

Resposta: Não, de todo (...), às vezes é o inverso, infelizmente... custa-me dizer isto mas é a realidade (...).

7. Sobre os programas de formação contínua frequentados ao longo dos anos, considera-os como dispositivos através dos quais tem conseguido ampliar algumas das suas competências cognitivas e/ou relacionais, enquanto professor(a) de língua estrangeira, concebidos numa lógica de educação permanente? Ou pelo contrário, tem-se deparado com alguns constrangimentos/obstáculos a esse desenvolvimento de competências?

7.1. Justifique contextualizadamente.

Resposta: Sim. Não me tenho deparado com constrangimentos (...) tenho conseguido desenvolver aquilo que é expectável.

7.1.1. Em termos gerais, como classifica então os programas de formação continuada frequentados por si?

Nada importantes; Pouco importantes; Importantes; Muitas vezes importantes; Sempre importantes

Resposta: Importantes. Eles acabam todos por ser importantes; aquilo que nós tiramos de um ou de outro, poderá ser mais ou menos de acordo com aquilo que conseguimos tirar. Mas todos eles têm a sua importância, grande ou pequena, acabam por ter importância.

8. Relativamente à sua conceção, em que modelos de aprendizagem se baseavam a maioria dos programas de formação que frequentou?

8.1. Explícite.

Resposta: Aquilo que tenho frequentado, tem tido um pouco de tudo, orientações teóricas, orientação práticas, orientações

teórico-práticas. Aquilo que tem sido mais benéfico para mim, sem dúvida nenhuma, é aquilo que tem mais uma orientação prática, porque, e eu estou sempre a voltar à mesma questão, da Indisciplina... para mim é fundamental que seja prático, que nós tenhamos, digamos, assim modos de atuar no momento, porque não basta estar ali com umas teorias (...) que depois na prática não resulta rigorosamente nada.

9.Já frequentou alguma ação de formação desenvolvida pelo CFAE de Portimão e Monchique sediado na escola Poeta António Aleixo?

Resposta: Sim.

9.1.Em caso afirmativo identifique o nome da ação e o ano em que a frequentou.

Resposta: Uma das últimas que eu frequentei... posso dizer, tive que frequentar (infelizmente, nós por vezes temos que frequentar porque pressupõe que tenhamos uma quota de créditos que temos de atingir, infelizmente tem que ser assim!), foi precisamente aquela que me ficou mais na memória (...), foi sobre Indisciplina no espaço de sala de aula. Não me recordo o nome exato (...) mas já frequentei sobre as Novas Tecnologias (...). A da Indisciplina foi há 3, 4 anos, se calhar, não sei precisar neste momento.

9.2.Enquanto professor(a) de língua estrangeira e na sua perspetiva, o CFAE de Portimão e Monchique tem conseguido dar resposta à procura de formação pelos professores dos grupos de recrutamento de língua estrangeira das escolas associadas ao centro, nomeadamente aquela que neste momento integra?

9.2.1.Justifique.

Resposta: Eu acho que tem conseguido dar. A única coisa que às vezes penso, e não é culpa do Centro de Formação, é do Ministério, é que condiciona um bocadinho a atuação do Centro de Formação, no sentido em que obriga a arranjar ações de formação específicas aos Grupos Disciplinares. E isso condiciona um bocado no sentido da procura que o Centro consegue fazer, porque não se consegue arranjar “n” ações de formação para todos os Grupos Disciplinares. Tenho conseguido, porque há algumas ações de formação que eu vou frequentar, porque sei que não vão ter utilidade em termos de/ para progressão na carreira, Mas que serão úteis para a minha prática letiva (...) e não estou nada preocupado a partir do momento em que seja útil para a minha prática letiva... é isso que me interessa e infelizmente é isso que não acontece; hoje em dia temos de frequentar ações de formação direcionadas para o nosso Grupo Disciplinar... não podemos frequentar ações que não tenham a ver com o nosso Grupo Disciplinar... que acho que é um perfeito disparate!

10.Refira uma ação de formação que desejasse frequentar durante este ano letivo e que neste momento idealiza para si: descreva-a em termos dos seus objetivos, modalidades e conteúdos temáticos.

Resposta: Uma ação de formação seria para colmatar, não diria que era uma falha minha mas aquilo em que eu tenho um bocadinho de dificuldade, uma ação de formação no caso de avaliação na capacidade da oralidade que é aquilo em que eu tenho um bocadinho de dificuldade em avaliar (...) quando dava Regular, nós temos uma parte da oralidade que vale 30% (...) tenho alguma dificuldade em (...) balizar as coisas numa escala (...) e não vejo ações de formação, nem *workshops* (...), da oralidade é difícil encontrar, pelo menos eu tenho sentido isso, que é difícil.

11.Acha que as ações de formação contínua frequentadas por si (o)a têm ajudado na implementação de algumas práticas pedagógicas inovadoras?

Sim/Não

11.1.Dê exemplos de algumas dessas práticas no âmbito de Recursos Tecnológicos, Estratégias didáticas, Metodologias de Ensino e Dinâmicas de Sala de Aula.

Resposta: Não digo que me têm ajudado a implementar, mas digo que têm servido de apoio no melhorar de uma prática letiva. Vejo essa inovação na prática, em tudo, digamos assim, (...) no utilizar de um Quadro Interativo, no utilizar de um projetor... isto pode soar um bocadinho rudimentar mas é verdade (...) o projetor na sala de aula pode tornar alguma coisa mais, um conteúdo mais interessante do que utilizar o quadro (...). E nesse sentido as ações de formação que eu tenho feito têm ajudado a completar, a tornar a minha prática letiva um bocadinho mais completa e mais interessante... coisa que não se falava há 20 anos atrás.

12.Na sua opinião, quais os fatores que determinam/condicionam em grande escala o sucesso das aprendizagens dos alunos.

12.1Fundamente.

Resposta: Se o aluno não quer aprender, não havendo predisposição para aprender por parte do aluno, eu acho que por mais que a gente queira não conseguimos chegar lá. Não vale a pena dizer que temos que tentar chegar lá mas se o aluno constrói aquela barreira (...), se o aluno não está predisposto, se o aluno encara ir para a escola como uma obrigação, porque já lhe é imposta pelos Pais, cria-se ali uma barreira que acho, por vezes, é intransponível! (...). E isso para mim (graças a Deus não tenho muito disso, se bem que nos Profissionais está lentamente a aparecer!), o tipo de aluno que está na escola por, enfim, não ter outro sítio para estar e então vai para a escola, mas o não querer (...) aprender, o não estar predisposto para (eu continuo a acreditar nesse contacto com a realidade!), por mais que queira não se consegue (...) nem subornando o aluno!

13. Acredita na crescente autonomia do professor enquanto agente de desenvolvimento curricular?

Sim/Não

Resposta: Eu acredito porque me considero autónomo. Não me sinto condicionado, por assim dizer; também nunca tentaram condicionar-me nesse aspeto.

13.1. O processo de construção de um projeto curricular implica a sua avaliação e adaptação à realidade dos contextos escolares pela população docente. Sob que princípio(s) é que será possível a autonomia da gestão curricular?

Resposta: Às vezes, essa autonomia é posta um bocado em causa por quem tutela isto; o Ministério pregou a sete ventos que dá autonomia aos Diretores da Escola mas eles acabam por ter uma autonomia condicionada... é aquela autonomia com um condicionamento encapotado mas eu nunca me senti condicionado em nada!

14. Na sua opinião, a formação inicial prepara o docente para todos os papéis inerentes à função docente? Prepara-o(a) para outras áreas que não as somente ligadas ao contexto de sala de aula?

Sim/Não

14.1. Justifique com situações da sua experiência pessoal (...).

Resposta: Não. De maneira nenhuma! O simples facto de a pessoa ter alguma coisa que correu mal e depois, de um momento para o outro, cria-se ali um período morto em que se nós não tivermos agilidade, pensamento, de tentar dar a volta à situação, de tentar transformar aquela atividade menos bem conseguida em algo diferente, poderá resultar num fiasco, digamos assim e isso é uma coisa que, no estágio, treinamos este tipo de exercício, este tipo de atividade mas se calhar não treinamos o *what if*, “e se não funcionar”? (...) É uma coisa que se aprende ao longo da experiência; algo não corre bem hoje, e eu já sei que amanhã não vou tentar fazer isto ou vou tentar fazer de uma maneira diferente ... por isso, um estágio prepara-nos para a atividade A mas não nos prepara para “e se a atividade A não corre bem!”.

15. Na sua opinião, a formação de professores, nomeadamente, a de professores de língua estrangeira deve acompanhar todo o seu percurso de vida, desde a formação inicial até à etapa da sua carreira, na qual presentemente se encontra, com a oferta de programas de formação continuada?

Sim/Não

Resposta: Sim. Ainda mais sendo um caso de uma língua. È fundamental.

15.1. De que modo?

Resposta: O simples viajar numa língua estrangeira, o simples ler, o simples aprofundar diversas matérias na língua, nem que seja um conteúdo gramatical. Para mim é fundamental não parar, mas numa língua que está em constante mutação, em constante transformação, é importante estar atualizado, até o comprar de uma gramática nova mais atualizada, o comprar de um dicionário que é uma ferramenta básica para o ensino de qualquer língua. Eu acho que tem de partir de nós, nós temos de querer mudar e temos de querer acompanhar (...) porque senão tudo o que é transformação passa-nos ao lado e nós paramos um bocado no tempo.

16. Ao nível das políticas de formação institucional, tem conseguido frequentar ações de formação (preferencialmente creditadas) de acordo com as suas necessidades e interesses reais?

Sim/Não

16.1. Justifique.

Resposta: Sim, tenho tido a sorte de poder. Tenho tido sorte porque tem havido oferta nesse sentido. É como disse ainda há bocado, lamento é, neste aspeto estou então aqui um bocado condicionado, não porque queria mas porque há entidades superiores que acham que são iluminadas e que acham que nós só podemos fazer a formação naquela área, mas como eu

já lhe disse, não entendo a formação só necessária para progredir, mas acho que também faz parte da formação pessoal de cada pessoa para ser um bom profissional e tenho feito coisas que por vezes não interessam nada em termos de progredir no papel, mas interessam muito para progredir enquanto docente.

16.2. Na sua opinião, quais as razões que à partida podem constituir um maior impedimento à existência de mais oferta formativa?

Resposta: É se por um lado deixar de existir o Centro de Formação, como é óbvio, e se condicionarem ainda mais a formação que nos pedem, se condicionarem mais o tipo de formação que cada Grupo Disciplinar tiver que fazer (...) é formatar, é condicionar, digamos que, estreitar o leque de formação, a hipótese que a pessoa tem de fazer formação, o que é um disparate autêntico.

Transcrição das entrevistas feitas aos Professores de língua estrangeira

Entrevistado 8

- Situação profissional: professor do Quadro de Escola
- Total de número de anos de serviço como professor(a) de Língua estrangeira: 24 anos
- Número de anos como professor(a) de Língua estrangeira na escola onde atualmente leciona: cerca de 13 anos
- Anos a que leciona: 10º anos
- Língua(s) estrangeira(s) a lecionar no presente ano letivo: Inglês

1. Considera o «estágio profissional» como uma mera preparação técnica para o desempenho de uma atividade?

Sim/Não

Resposta: Não. Embora não tenha feito um estágio profissional convencional com planificação de aulas, aulas assistidas etc., porque eu fiz pela Universidade Aberta após seis anos de serviço em exercício, portanto, não é uma mera preparação técnica; tem uma componente humana muito importante também.

1.1. Quais eram as suas expectativas iniciais relativamente à formação a obter durante o período da profissionalização?

1.1.1 Poder-se-á afirmar existir uma discrepância entre o perfil profissional necessário ao funcionamento e desenvolvimento da escola e o perfil profissional transmitido durante a profissionalização?

Resposta: Como já referi, fiz o estágio pela Aberta, um ano de formação assistida com exames finais. Porque partia do pressuposto que eu já tivesse adquirido nos seis anos em que tinha lecionado competências e conhecimentos relativos ao exercício da profissão. E portanto, nesse sentido, (...) o formato de estágio que eu tive só me permitiu uma sistematização com alguns procedimentos. Neste caso, se tivermos em conta só o formato, claramente sim, embora ele assente num pressuposto de aquisição prévia de competências durante os seis anos de lecionação. Mas na verdade, é um pouco arbitrário, porque os seis anos de lecionação podem ter significado a aquisição dessas competências e de procedimentos ou não. Dependendo do docente e das circunstâncias que encontrou nas escolas onde exerceu a sua profissão. Considero que a formação inicial é extremamente importante, se é ajustada ou não, não tenho conhecimento de causa.

1.2. Em que dimensões/aspectos da sua prática enquanto docente se fez sentir essa formação inicial, os saberes/competências resultantes e adquiridos durante o seu estágio pedagógico?

1.2.1. Explícite.

Resposta: A minha formação inicial foi uma formação informal dada essencialmente por outros docentes mais experientes que me transmitiram a forma de fazer as coisas, que me ensinaram nomeadamente planificações, instrumentos de avaliação escrita, fichas formativas, fichas de trabalho, etc. Portanto, foram outros docentes mais experientes que nesta fase inicial me transmitiram esse conhecimento de uma forma informal.

2. Como caracteriza o seu trajeto sócio-profissional até este momento?

Pouco satisfatório/Satisfatório/Bastante satisfatório/Bom/Muito bom

Resposta: Eu optaria por Bastante satisfatório.

2.1. Quais as razões que o(a) levaram a ingressar na carreira de professor?

Resposta: No 1º ano, a possibilidade de articular os meus estudos universitários com uma fonte de rendimentos. No 2º ano, uma vocação descoberta com a experiência do ano anterior.

2.1.1. Como caracterizaria o seu ingresso na profissão? Que dificuldades e atrativos encontrou nos “primeiros tempos”?

2.1.2. Justifique.

Resposta: No 1º ano, muita falta de apoio por parte da escola e dos outros docentes. De facto, a pessoa é atirada para a escola por um sistema que lhe permite concorrer a professor sem estar preparado para o exercício da profissão e sem praticamente qualquer apoio por parte dos outros docentes que não estão sensibilizados, ou por razões várias, não podem dar esse apoio. Desse 1º ano até agora já lá vão 24 e fiz um percurso com aquisições várias e naturalmente que sim. Mas as dificuldades maiores que senti nesse 1º ano estavam essencialmente ligadas aos aspetos burocráticos, nomeadamente

até aos aspetos burocráticos relacionados com a avaliação dos alunos, que eu não sabia muito bem com que parâmetros é que iria avaliar de facto os alunos. Eu tive de descobrir por mim e foi uma questão mais sensível, porque o Inglês eu sabia, agora a forma como ia operacionalizar o ensino e a aprendizagem dos alunos é que não.

2.2. Considera-se realizado(a) a nível profissional?

2.2.1. Justifique.

Resposta: Considero-me bastante realizada.

2.2.2. Considera que as funções, atividades e tarefas que executa no âmbito do seu trabalho diário de professor(a) são iguais àquelas que executava quando começou a ensinar?

Resposta: Não, penso que se tem vindo a alterar com uma maior burocratização do ensino e com uma maior formalização também do ensino. Hoje, tudo é (...) muito mais qualificado. Isso por um lado tem aspetos positivos porque nos permite fazer uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido; por outro lado, representa, em conjunto com outros fatores, uma sobrecarga para o docente.

2.2.3. Na sua opinião, quais são os maiores constrangimentos ao desenvolvimento da carreira de professor?

Resposta: A perda da autoridade do professor, a insuficiência de materiais quando se pede a diversificação de atividades, de estratégias e de materiais utilizados, insuficiência ou mau funcionamento de alguns materiais na escola... dificulta de facto a aplicação dessas estratégias com materiais diversificados e com atividades diversificadas. Portanto, eu diria essencialmente a perda da autoridade do professor, a falta de materiais e, também acrescentaria, uma sobrecarga de trabalho que permite ao professor ter menos tempo para fazer uma melhor gestão da aprendizagem dos alunos.

2.2.4. Já alguma vez pensou em mudar de profissão? Porquê?

Resposta: Já, várias vezes. Primeiro porque gosto de diversificar aprendizagens, eu própria, e portanto uma outra profissão dar-me-ia possibilidade de contactar com uma realidade sócio-profissional diferente, nunca tive essa experiência, fui desde sempre professora, desde os 21 anos. Portanto, seria interessante abordar a profissão numa perspetiva diferente, num contexto diferente.

2.3. O que é para si o «desenvolvimento profissional e pessoal» do docente do Ensino Secundário, numa perspetiva de *life span*?

Resposta: Pois, numa perspetiva *life span* eu diria que a formação contínua é essencial, é essencial porque permite ao docente confrontar-se com aquilo que faz, refletir sobre aquilo que faz e individualmente procurar melhorar o seu desempenho, mas porque permite também o confronto e a partilha de saberes com outras pessoas e isso pode também originar novas abordagens do ensino aprendizagem que podem conduzir a melhores resultados... não só conduzirão mas que são propiciadores desse melhores resultados.

2.3.1. Considerando que o aperfeiçoamento das competências do professor é um desiderato atingível ao longo da vida, em que medida a sua participação em programas (ações) de formação contínua tem contribuído para colmatar algumas possíveis lacunas de uma formação inicial precária e/ou para adquirir/atualizar algumas das competências profissionais e pessoais previstas no Regime de Avaliação de professores?

2.3.2. Exemplifique.

Resposta: Diria que no meu caso se aplicam as duas situações. Uma formação inicial precária e a adequação daquilo que é o meu exercício às necessidades. Faz todo o sentido, eu fiz ao longo destes anos várias formações; algumas relacionadas com a relação com os alunos, abarcando as questões disciplinares mas também as questões do assertivismo, da autoridade do professor (...), exercida de uma forma pedagógica. Nesse aspeto inter-relacional, fiz várias formações e elas têm ajudado bastante. Mas também em termos pedagógicos e didáticos, fiz formações a nível da leitura extensiva, a nível da utilização das TIC, embora aqui, porque depois não tenho grande facilidade em recorrer a esses instrumentos... acabo por esquecer, por exemplo, como se constrói uma *Webquest* ... já não me recordo! Enfim, em termos informáticos, porque ou

se aplicam de facto esses conhecimentos sistematicamente ou então esquecemos um pouco e depois é mais difícil retomá-los (...). Alguns desses instrumentos, nomeadamente, os que recorrem à informática requerem do professor muito tempo de preparação e depois o impacto não sei se compensa, se está equilibrado em relação ao tempo que se perde ou se gasta a construir esses instrumentos. Em termos informáticos, há alguma formação e essencialmente em termos de instrumentos de avaliação, penso que foi nesta área que a minha formação se deu de forma mais óbvia e mais benéfica também.

3. Se se lembra, no último ciclo de avaliação (2009/2011) de professores, os mesmos foram avaliados à luz de um referencial que durante anos legitimou um perfil geral de competência para a docência (Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto).

3.1. Tendo o já referido Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto sido considerado como a matriz complexa de competências até à entrada do novo e atual Regime de Avaliação do Desempenho Docente (Decreto Regulamentar nº 26/2012 de 21 de Fevereiro), e segundo o qual, o desempenho docente era equacionado tanto na sua vertente profissional bem como na sua dimensão pessoal, a qual das quatro dimensões (dimensão da vertente Profissional, Social e Ética; dimensão do Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem; dimensão da Participação na Escola e Relação com a Comunidade Educativa; dimensão do Desenvolvimento e Formação Profissional ao Longo da Vida) atribui primazia? Qual(ais) a(s) dimensão(ões) que melhor traduz(em) o conceito de «um bom docente do Ensino Secundário»?

3.1.1. Fundamente.

Resposta: Elas são complementares umas das outras, em 1º lugar: o “profissional” não existe sem a pessoa, a pessoa não existe sem o “profissional” e portanto, quando se assina um contrato de trabalho, há obrigações de deontologia profissional que temos de respeitar e, portanto, elas são implícitas e não creio que seja tão necessário assim mostrar a dimensão ética da nossa atividade porque ela está implícita nesse acordo tácito que se estabelece quando se assume essa responsabilidade, enquanto profissional. As outras são todas de facto complementares umas das outras, se bem que me parece que, sendo todas importantes, a mais importante é de facto a do ensino aprendizagem porque é para isso que cá estamos; nós somos docentes, temos discentes, e portanto temos que nos concentrar essencialmente no ensino, na forma como nós ensinamos e na forma como os alunos aprendem.

3.2. Através dos programas (ações) de formação contínua, conseguiu ampliar todas as competências legitimadas e traduzidas nesse referencial (Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto)?

3.2.1. Especifique.

Resposta: Sim, embora tenha algumas deficiências na parte da utilização das TIC (...) mas sim porque o professor não se pode dissociar das outras dimensões que o compõem também. E as formações abordam de facto estas questões.

4. Na sua opinião, concorda com a necessidade de todos os professores frequentarem programas de formação contínua, o que se traduzirá necessariamente no desenvolvimento de diversas competências, tendo em conta a natureza multidimensional do conhecimento profissional dos professores?

Sim/Não

4.1. Justifique.

Resposta: Pois, quando elas são adequadas e sirvam de facto o interesse da docência, sim! Não só por fazer!

5. Os programas de formação contínua têm-no(a) ajudado a redefinir objetivos relativamente à sua atuação estratégica enquanto professor(a)?

Sim/Não

Resposta: Não me têm ajudado a redefinir objetivos, porque o meu objetivo sempre foi que os alunos aprendessem. Têm-me ajudado a refletir sobre a forma como procedo e a forma como melhor poderei ajudar os alunos, embora eu não tenha chegado a conclusões definitivas.

5.1. Refira situações concretas de formação que tenham contribuído para o desenvolvimento de competências profissionais e pessoais levando-o(a) a alterar aspetos da sua prática pedagógica.

5.1.1. Refira as razões que conferiram significado a essa experiência formativa.

Resposta: Sim, por exemplo a avaliação que fiz, a formação que fiz sobre avaliação da oralidade em língua estrangeira. Claramente sim, porque aí essa (...) fez-me alterar a forma como fazia, como conduzia essa avaliação da oralidade e avaliava essa oralidade. Esse claramente sim... a avaliação da oralidade promovida pelo GAVE. A partir do momento em que há um Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas e há competências que têm que ser avaliadas (...), em que duas são *listening* e *speaking* e em que temos que produzir, interagir oralmente, torna-se necessário criar instrumentos

de avaliação que sejam consecutâneos com os objetivos previstos nessas competências, ou seja, e neste caso, a produção de guiões de avaliação da oralidade permite que se faça de uma forma mais organizada, mais sistematizada e equitativa para os vários discentes em avaliação, a aplicação desse guião permite que se faça a avaliação dessa oralidade de uma forma mais séria, mais formalizada, mais sistematizada, mais organizada e essa prática, o uso desses guiões alterou de facto a forma como... até a percepção que nós tínhamos da forma como conduziâmos os exames orais!

6.Sobre a experiência profissional (níveis já lecionados, cargos anteriormente desempenhados...), bem como a formação específica (habilitações académicas) e a mobilidade profissional (situação profissional), considera-as como situações inovadoras enquanto fatores condicionantes de alguma mudança da sua prática pedagógica, e ao longo da sua carreira?

Sim/Não

6.1. Em que medida?

Resposta: Sim, quanto mais diversas as experiências, maior a compreensão global do ensino. E nessa medida com uma compreensão mais alargada, mais global do ensino, nós podemos delinear melhor estratégias e os instrumentos a desenvolver para podermos atingir os nossos objetivos.

6.2.Concorda com a ideia de que os professores com mais tempo de serviço e mais horas de formação são melhores profissionais no exercício da sua profissão?

Sim/Não

6.2.1. Em que dimensões e em que competências?

Resposta: Diria que não, porque para além do tempo de serviço e da experiência profissional, há outros fatores que têm de ser tidos em conta, nomeadamente, a vocação da pessoa, a capacidade inter-relacional da pessoa, a vontade que o profissional tem que os seus alunos efetivamente aprendam; (...) neste caso, eu diria que não é o “hábito que faz o monge”, é a vocação essencialmente, é a vocação, é a vontade, é o profissionalismo com que as pessoas abordam... muitas vezes uma pessoa com mais tempo de serviço pode... tem mais experiência é certo! Mas se não estiver predisposta a aprender e se não estiver sensibilizado para aquilo que o rodeia, vai continuar, vai repetir práticas inadequadas ao longo dos anos. Por outro lado, uma pessoa nova, menos experiente, pode colmatar essa inexperiência com uma vontade de ensinar que depois vai permitir obter melhores resultados.

7.Sobre os programas de formação contínua frequentados ao longo dos anos, considera-os como dispositivos através dos quais tem conseguido ampliar algumas das suas competências cognitivas e/ou relacionais, enquanto professor(a) de língua estrangeira, concebidos numa lógica de educação permanente? Ou pelo contrário, tem-se deparado com alguns constrangimentos/obstáculos a esse desenvolvimento de competências?

7.1.Justifique contextualizadamente.

Resposta: Não, a formação contínua nunca pode ser considerada como um obstáculo, porque ela é à partida uma desculpa para a reflexão. Só por isso, só pelo facto de nos confrontarmos com aquilo que vamos fazendo e termos de refletir sobre isso, já vai valer a pena! Depois depende da ação, da forma como ela está organizada, da adequação que ela tem à realidade escolar ou não, se é demasiado teórica... . O problema que eu tenho encontrado ao longo destes anos de formação tem sido exatamente esse: frequentemente as ações de formação têm uma componente teórica muito acentuada e adequam-se pouco às realidades escolares que nós encontramos no exercício da docência.

7.1.1.Em termos gerais, como classifica então os programas de formação continuada frequentados por si?

Nada importantes; Pouco importantes; Importantes; Muitas vezes importantes; Sempre importantes

Resposta: Têm sido importantes.

8.Relativamente à sua conceção, em que modelos de aprendizagem se baseavam a maioria dos programas de formação que frequentou?

8.1.Explicite.

Resposta: Diria que na maior parte dos casos foi aplicada uma orientação conceptual mais de teor prático ou pelo menos pretendia-se, embora como já referi anteriormente, muitas tenham ficado muito na parte teórica mas penso que, de um modo geral, quase todas pretendiam de facto essa orientação conceptual, pretendiam uma orientação mais de teor prático.

9.Já frequentou alguma ação de formação desenvolvida pelo CFAE de Portimão e Monchique sediado na escola Poeta António Aleixo?

Resposta: Várias.

9.1.Em caso afirmativo identifique o nome da ação e o ano em que a frequentou.

Resposta: Não me recordo, confesso, da designação destas ações de formação (...). Frequentei aqui uma sobre *Webquest*; também frequentei sobre o papel do Diretor de turma (...) o ano passado(...).

9.2.Enquanto professor(a) de língua estrangeira e na sua perspetiva, o CFAE de Portimão e Monchique tem conseguido dar resposta à procura de formação pelos professores dos grupos de recrutamento de língua estrangeira das escolas associadas ao centro, nomeadamente aquela que neste momento integra?

9.2.1.Justifique.

Resposta: Creio que não totalmente. Creio que a nível da língua estrangeira, falta a componente da didática. Temos tido algumas ações de formação mas de caráter mais geral. Relativamente à prática da docência da língua estrangeira, há algumas áreas a colmatar, nomeadamente, as que têm a ver com a didatização das nossas aulas.

10.Refira uma ação de formação que desejasse frequentar durante este ano letivo e que neste momento idealiza para si: descreva-a em termos dos seus objetivos, modalidades e conteúdos temáticos.

Resposta: Embora haja oferta na escola, por sobrecarga horária, eu não vou conseguir frequentá-la, embora tivesse grande interesse, uma ação de formação sobre Quadros Interativos. É uma inovação no ensino, não estou minimamente preparada, penso que pode ser um instrumento de trabalho bastante útil, a escola começa a ficar apetrechada, embora não nas condições ideais e é uma área de conhecimento que eu preciso ativar com alguma urgência.

11.Acha que as ações de formação contínua frequentadas por si (o)a têm ajudado na implementação de algumas práticas pedagógicas inovadoras?

Sim/Não

11.1.Dê exemplos de algumas dessas práticas no âmbito de Recursos Tecnológicos, Estratégias didáticas, Metodologias de Ensino e Dinâmicas de Sala de Aula.

Resposta: Eu penso que em todas estas áreas, que todas estas áreas me têm ajudado a desenvolver algumas planificações de aulas mais inovadoras, embora depois eu não faça uma aplicação sistémica dessas inovações.

12.Na sua opinião, quais os fatores que determinam/condicionam em grande escala o sucesso das aprendizagens dos alunos.

12.1Fundamente.

Resposta: Penso que em 1º lugar, é essencial, é determinante aliás, o *Background* familiar e o quadro sócio-económico do aluno. E é determinante por vários motivos: por exemplo, pela forma, pela imagem que a própria família transmite, a imagem do docente que a própria família transmite ao menor; frequentemente se vê as famílias a denegrir a imagem do professor, e isso não ajuda depois a relação professor / aluno na escola. Por outro lado, há alunos com imensas carências a nível económico mas também a nível cultural porque as famílias não têm essa cultura e que partem com um défice para o ensino. Há outros alunos que têm, não a Português mas uma outra língua como língua primeira, como Língua Mãe, por exemplo, os nossos alunos dos PALOP, que frequentemente têm o Criolo como primeira língua, encontram depois dificuldades acrescidas quando frequentam a escola e fazem as suas aprendizagens. Portanto, a questão do *Background* familiar e do quadro sócio-económico do aluno para mim é determinante na forma como ele vai depois fazer as suas aprendizagens. Mas há outros aspetos: a atuação da escola em termos disciplinares, a forma como a escola, a prontidão e a forma como a escola reage às situações disciplinares; há também depois os instrumentos que os docentes dispõem na escola para poder trabalhar, nomeadamente os recursos informáticos, se há em número suficiente, se estão operacionais, se o docente tem acesso a salas onde possa de facto fazer uso desses instrumentos tecnológicos, TIC e outros, etc.

13.Acredita na crescente autonomia do professor enquanto agente de desenvolvimento curricular?

Sim/Não

Resposta: Sim e não.

13.1.O processo de construção de um projeto curricular implica a sua avaliação e adaptação à realidade dos contextos escolares pela população docente. Sob que princípio(s) é que será possível a autonomia da gestão curricular?

Resposta: Eu não sei se a população docente tem uma “voz” neste processo. Eu penso que a imposição de metas, a imposição de percentagens de sucesso e a imposição de resultados pode condicionar, senão mesmo, fazer perigar aquilo que deve ser a ação fundamental do professor que é a aprendizagem feita pelos alunos. Portanto, acho que há algumas condicionantes em termos de metas da escola que podem determinar de forma negativa e condicionar bastante essa autonomia do professor (...); não creio que o professor tenha grande... até porque se isso acontecesse, a voz dos professores de língua estrangeira, quando dizem que o Inglês deveria ser uma disciplina existente na escola no 12º ano, teria sido ouvida e até ao momento, pelo menos nas escolas onde eu estive, não tenho conhecimento total que tenha vindo a acontecer.

14. Na sua opinião, a formação inicial prepara o docente para todos os papéis inerentes à função docente? Prepara-o(a) para outras áreas que não as somente ligadas ao contexto de sala de aula?

Sim/Não

14.1. Justifique com situações da sua experiência pessoal.

Resposta: Como disse no início, eu não tive um estágio convencional, no sentido em que ele é praticado atualmente. Mas não creio que o faça; há depois a componente da experiência e do confronto com a realidade que vai completar esse processo de aprendizagem do docente.

15. Na sua opinião, a formação de professores, nomeadamente, a de professores de língua estrangeira deve acompanhar todo o seu percurso de vida, desde a formação inicial até à etapa da sua carreira, na qual presentemente se encontra, com a oferta de programas de formação continuada?

Sim/Não

Resposta: Sim, não consigo conceber a existência de um professor que não queira aprender.

15.1. De que modo?

Resposta: Formação especializada. Penso que será a melhor opção.

16. Ao nível das políticas de formação institucional, tem conseguido frequentar ações de formação (preferencialmente creditadas) de acordo com as suas necessidades e interesses reais?

Sim/Não

16.1. Justifique.

Resposta: Sim. Apesar de tudo, o balanço é positivo. Como já disse anteriormente, falta a parte das didáticas mas apesar de tudo, o balanço é positivo.

16.2. Na sua opinião, quais as razões que à partida podem constituir um maior impedimento à existência de mais oferta formativa?

Resposta: Penso que em primeiro lugar, a mais óbvia, a falta de recursos financeiros dos Centros de Formação para poderem recrutar formadores. Depois, esta poder-se-á acrescentar a uma segunda que é a pouca disponibilidade de tempo por parte dos docentes com uma carga burocrática cada vez maior e uma exigência cada vez maior em termos letivos; falta pouco tempo e as pessoas já fazem sacrifícios a nível da sua vida pessoal para poder de facto fazer esta formação.

Transcrição das entrevistas feitas aos Professores de língua estrangeira

Entrevistado 9

- Situação profissional: professor do Quadro de Escola
- Total de número de anos de serviço como professor(a) de Língua estrangeira: 28 anos
- Número de anos como professor(a) de Língua estrangeira na escola onde atualmente leciona: 25 anos
- Anos a que leciona: 10º e 12º anos, Ensino Profissional
- Língua(s) estrangeira(s) a lecionar no presente ano letivo: Inglês

1. Considera o «estágio profissional» como uma mera preparação técnica para o desempenho de uma atividade?

Sim/Não

Resposta: Para mim o estágio foi um estágio que não me serviu para nada porque fiz o estágio através da Universidade Aberta, uma vez que não existiam vagas para outro tipo de estágio e quando eu tirei o curso, não existia estágio (...); fiz as Línguas e Literaturas Modernas, variante Inglês/Alemão, não havia estágio integrado nem nada disso e depois fiz o estágio pela Universidade Aberta, 6 anos depois de eu ter começado a dar aulas. Isto é, aquilo que o estágio me ensinou, pouco me serviu porque muitas das coisas até entravam em contradição com aquilo que eu observava na prática (...), porque a teoria nem sempre está de acordo com a prática... é impossível! Principalmente aquilo que dizia respeito à Psicologia, aquela parte da Psicologia Educativa. Teoricamente, é muito bonito mas na prática não funciona assim. Portanto o meu estágio foi feito pela Universidade Aberta com exame... fiz o estágio assim, nunca tive aulas assistidas embora já tivesse 6 anos de serviço. Não aprendi grande coisa com o estágio; quer dizer, posso ter eventualmente aprendido algum suporte teórico em termos de didática... talvez aí, embora talvez tenha aprendido muito mais na prática, no dia a dia, no fazer, do que propriamente com o estágio.

1.1. Quais eram as suas expectativas iniciais relativamente à formação a obter durante o período da profissionalização?

1.1.1 Poder-se-á afirmar existir uma discrepância entre o perfil profissional necessário ao funcionamento e desenvolvimento da escola e o perfil profissional transmitido durante a profissionalização?

Resposta: As minhas expectativas, aquilo que se estava à espera, uma vez que se falava quando estava no final do curso, que aquele curso poderia ser para investigação, mas claro que na altura Portugal não oferecia qualquer tipo de hipótese para que alguém fizesse Investigação na área das Línguas, ou para o Ensino... não tínhamos Vertente Ensino exatamente no curso (...) não houve propriamente uma preparação para ensinar, era um bocado acabar o curso e ser “atirada aos bichos”. Depois daí, ou tinha jogo de cintura ou não tinha jogo de cintura; ou tinha vocação para a coisa ou não tinha vocação para a coisa. Eu só posso falar no meu caso e no meu caso o que aconteceu foi isso, uma vez que já tenho 28 anos de ensino e daí para cá muita coisa mudou. Hoje em dia já há estágio integrado, portanto, as pessoas antes de começarem a dar aulas, já têm as noções básicas do que é que devem fazer e do que não devem fazer; hoje em dia as coisas funcionam muito melhor. No meu tempo, não; começávamos a dar aulas e fazíamos estágio quando houvesse vaga... portanto, o que entendo é que agora assim está bem, como está é que está bem! Quer dizer, não faz sentido nenhum começar a trabalhar e fazer estágio depois! Isso é um contrassenso, não faz sentido nenhum! A pessoa começa a trabalhar e ganha determinados vícios que se calhar depois muito dificilmente os perde e é capaz de estar a fazer coisas erradas durante não sei quantos anos e depois é que vai aprender como as faz bem, mas entretanto já as fez mal e isso não faz muito sentido.

1.2. Em que dimensões/aspectos da sua prática enquanto docente se fez sentir essa formação inicial, os saberes/competências resultantes e adquiridos durante o seu estágio pedagógico?

1.2.1. Explícite.

Resposta: Como já referi, aprendi em termos da Didática, em termos da Psicologia do Ramo Educativo, em termos de problemas de adolescentes, como lidar com conflitos, embora não a gestão de conflitos, mas como detetar conflitos, etc., daí aprendi alguma coisa (...). Mas o facto de também não haver a possibilidade de partilhar ideias, dúvidas; é que o estágio feito pela Universidade Aberta era um estágio solitário, em que nós tínhamos os manuais, as Didáticas, a Didática do Inglês, a Didática do Alemão, mas era solitário! Quer dizer, nós estudávamos sozinhos e íamos fazer as frequências (...), não havia partilha, não havia troca de ideias, não havia nada, (...) fez-me lembrar um bocado o Propedêutico, que foi o que eu fiz também que não havia 12º ano na altura (...) era estudar e fazer os exames.

2. Como caracteriza o seu trajeto sócio-profissional até este momento?

Resposta: Como um trajeto que tem vindo... eu costumo dizer uma coisa que é assim, “quanto mais aprendo, mais certeza tenho que tenho que aprender muito mais”. Nunca tenho certezas e “quanto mais sei, mais dúvidas tenho”. Nunca parto do princípio que tenho a certeza absoluta que uma coisa vai funcionar bem, que aquilo é assim (...) e não se pensa mais nisso. Faço sempre uma reflexão sobre aquilo que faço, os passos que dei, os resultados que tive, e acho que na profissão de professor deve ser essa a atitude que devemos ter, nunca podemos achar que o assunto está terminado, a tarefa está terminada, é preciso sempre aprender, é preciso sempre investir; e o professor está a aprender até ao final a vida. No meu caso Bastante satisfatório (...) não vou considerar Bom, exatamente, porque acho que ainda tenho muito que aprender.

2.1. Quais as razões que o(a) levaram a ingressar na carreira de professor?

Resposta: Vocação. Nunca quis ser outra coisa.

2.1.1. Como caracterizaria o seu ingresso na profissão? Que dificuldades e atrativos encontrou nos “primeiros tempos”?

2.1.2. Justifique.

Resposta: Os atrativos era que eu gostava de ensinar, sempre gostei de ensinar, sempre gostei muito de línguas, nunca quis tirar outro curso que não fosse relacionado com línguas e sempre gostei de ensinar. Os atrativos eram esses. As dificuldades, quando eu acabei, eram as dificuldades de colocação. Logo quando acabei o curso, as dificuldades de colocação eram algumas nessa altura, e eu estive os três primeiros anos a trabalhar num Externato particular, o que significa que tenho a perfeita noção do que é trabalhar no Particular, e trabalhar no Público. Simultaneamente, depois no 2º ano do Particular, trabalhei também no Público porque fui fazer uma substituição de uma colega que tinha tido bebé. Portanto as dificuldades foram essas, a dificuldade de colocação no Público, era o que eu queria, o meu sonho não era ir trabalhar para o Particular. Mas foi o que me surgiu na altura e na altura tive de agarrar essa oportunidade (...) que foi valiosa na altura.

2.2. Considera-se realizado(a) a nível profissional?

2.2.1. Justifique.

Resposta: Diria o seguinte: se me perguntar, se me sinto realizada profissionalmente em termos da relação com os meus alunos e em termos do meu trabalho como professora, somente como professora e a relação com os alunos, sim, perfeitamente realizada; se me perguntar se me sinto realizada com tudo aquilo que o trabalho atualmente do professor acarreta, não, não me sinto realizada; não foi para isto que estudei, não foi para isto para que vim para cá. Todo o tempo que eu perco, porque considero que é perder tempo, a fazer trabalho administrativo, consome muito, consome a minha força, consome a minha paciência, estou a perder tempo e não estou a trabalhar para os meus alunos que era o que eu gostava de poder fazer. E neste momento não estou a conseguir fazê-lo.

2.2.2. Considera que as funções, atividades e tarefas que executa no âmbito do seu trabalho diário de professor(a) são iguais àquelas que executava quando começou a ensinar?

Resposta: De todo, são completamente diferentes. Tal como em todas as áreas, o Ensino também tem evolução, é óbvio, e não tem nada a ver com o que eu fazia no princípio. O que faço hoje em dia, não tem nada a ver com o que eu fazia no princípio. A abordagem aos assuntos é completamente diferente. A pesquisa que eu faço hoje em dia não tem nada a ver com a pesquisa que eu não fazia antigamente. Hoje em dia, qualquer professor faz pesquisa sobre assuntos, vai tentar arranjar textos que não os do manual porque muitas vezes estão desatualizados... nós procuramos textos mais atuais noutros sítios; a abordagem dos temas é completamente diferente, tem de ser mais viva, mais lúdica, devido à diferença que existe entre os alunos de hoje em dia e os alunos de há 20 anos atrás (...).

2.2.3. Na sua opinião, quais são os maiores constrangimentos ao desenvolvimento da carreira de professor?

Resposta: Eu acho que neste momento um dos maiores constrangimentos é a falta de motivação que quase todos os professores sentem em relação à profissão; e essa desmotivação não passa só por dinheiro, pelo menos no meu ponto de vista (...), é óbvio que isso não nos faz sentir bem, mas passa pelo desprestígio a que os professores têm sido alvo ultimamente; quer dizer, a classe dos professores tem sido maltratada, humilhada, espezinhada, como se fossemos os párias da Sociedade, não fizéssemos falta nenhuma, a ninguém, e parece que toda a gente que tem esse tipo de opinião, e que emite essas opiniões às vezes, sem percebermos muito bem porque é que têm aquelas opiniões, se esqueceram que também andaram na escola e que também tiveram professores (...); para mim isso é muito mais desmotivante do que ganhar mais ou ter os descontos salariais(...) acho que é a falta de prestígio e a falta de respeito que têm pela nossa

profissão. Ninguém consegue perceber o desgaste que é ser professor atualmente.

2.2.4. Já alguma vez pensou em mudar de profissão? Porquê?

Resposta: Nos últimos dois anos, sim (...) porque estou a ficar farta, porque estou cansada (...) estou cansada de tudo... eu não estou cansada de ensinar, não estou cansada dos alunos, não estou cansada de preparar aulas, de fazer investigação, estou cansada do resto!

2.3. O que é para si o «desenvolvimento profissional e pessoal» do docente do Ensino Secundário, numa perspetiva de *life span*?

Resposta: Acho que tem de haver formação, sempre, mas acho que a formação tem de vir ao encontro das nossas necessidades; fazer formação só por fazer formação, não vejo qual é o objetivo. Eu pessoalmente nunca fiz formação só por fazer formação de uma coisa que eu via que aquilo não me iria servir para coisíssima nenhuma. Formação teórica também não me agrada sobre maneira, porque se for teórica, ler também eu sei, portanto, leio. Interessa-me e sempre me interessou, e as ações de formação que fiz foram sempre nesse âmbito, tudo o que seja prático, tudo o que efetivamente possa utilizar em sala de aula, tudo aquilo que me possa servir enquanto professora, e tudo aquilo que me possa orientar e tudo aquilo que os meus alunos possam usufruir e não grandes teorias de sistemas educativos (...) que hoje são uma coisa e daqui a 10 anos já não é assim.

2.3.1. Considerando que o aperfeiçoamento das competências do professor é um desiderato atingível ao longo da vida, em que medida a sua participação em programas (ações) de formação contínua tem contribuído para colmatar algumas possíveis lacunas de uma formação inicial precária e/ou para adquirir/atualizar algumas das competências profissionais e pessoais previstas no Regime de Avaliação de professores?

2.3.2. Exemplifique.

Resposta: Fiz todas as ações de formação que tinham a ver com a Didática e com a Didática que eu pudesse aplicar no ano em que estava a dar, (...) se eu estivesse a dar 10º ou se estivesse a dar 11º ou se estivesse a dar 12º. Tive a sorte de ter feito muitas ações de formação com uma formadora que sabe muito de Didática e na altura era Curso de Formação e tudo aquilo que fazíamos era numa perspetiva prática, numa perspetiva de utilizar *à posteriori* (...) fiz formação em Abordagem à Leitura Extensiva, porque foi uma coisa que apareceu de novo nos Programas (...) e logo à partida (...), embora partilhássemos porque conversávamos sobre como é que a gente pode abordar isto, como é que se pode fazer, e surgiu a ideia de fazer o curso de formação sobre isso, sobre a Abordagem à Leitura Extensiva, que foi interessantíssimo e que depois se aplicou. Fiz também um Curso sobre Avaliação, e acho que esse é um dos aspetos que temos que ter em mente que nunca sabemos tudo sobre avaliação e a avaliação tem sempre obrigatoriamente alguma percentagem de subjetividade (...) mas quanto mais objetiva a consigamos tornar melhor. Portanto, nesse fiz várias ações de formação sobre avaliação... Avaliação em Línguas Estrangeiras, sempre dentro da Didática. Fiz também uma formação sobre Portefólio, portanto, Autonomia do Aluno e Portefólio, uma vez que também era contemplado nos Currículos, que o Portefólio seria também um dos aspetos a ser avaliados, e as pessoas não estavam muito bem habituadas àquilo (...) fiz alguma avaliação em TIC, alguma formação em TIC; claro, atendendo à idade que tenho, é óbvio que as TIC para mim eram assim um bocadinho “bicho de sete cabeças”, depois lá me fui habituando; agora estou a fazer o Excel, porque é uma coisa que sinto que faz falta. Sempre fui muito contrária a fazer formação que eu acho que não me vai servir para nada, porque acho que é uma perda de tempo (...) serviram para pensar as coisas e ser capaz de criar eu, a partir daquilo que tinha aprendido, outros materiais.

3. Se se lembra, no último ciclo de avaliação (2009/2011) de professores, os mesmos foram avaliados à luz de um referencial que durante anos legitimou um perfil geral de competência para a docência (Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto).

3.1. Tendo o já referido Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto sido considerado como a matriz complexa de competências até à entrada do novo e atual Regime de Avaliação do Desempenho Docente (Decreto Regulamentar nº 26/2012 de 21 de Fevereiro), e segundo o qual, o desempenho docente era equacionado tanto na sua vertente profissional bem como na sua dimensão pessoal, a qual das quatro dimensões (dimensão da vertente Profissional, Social e Ética; dimensão do Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem; dimensão da Participação na Escola e Relação com a Comunidade Educativa; dimensão do Desenvolvimento e Formação Profissional ao Longo da Vida) atribui primazia? Qual(ais) a(s) dimensão(ões) que melhor traduz(em) o conceito de «um bom docente do Ensino Secundário»?

3.1.1. Fundamente.

Resposta: Ao Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem. Essa sim, porque isso é aquilo que é mais importante na

vida de um professor e na sala de aula (...). Não faz do docente um bom professor, porque o sistema de avaliação que era proposto não fazia coisa nenhuma, nem bom nem mau, era uma coisa que alguém se lembrou de escrever, ou copiando de algum sítio (...) e não se fazia nada. Eu por exemplo, essa 1ª dimensão quando a li (...) gostava de saber como é que se mede essa coisa, como é que se mede a dimensão ética, o social e ética, como é que isso é mensurável (...); a relação com a Comunidade acho que é importante também; a formação, claro que também é importante... talvez lhe desse menos importância e já concordo com este novo sistema um bocadinho mais do que com o ex-actual, e a importância disso já não é tão grande como era com o outro (menos importância!) porque muitas vezes as pessoas não faziam ações de formação porque não existiam; se não existiam, as pessoas não podiam fazer (...).

3.2. Através dos programas (ações) de formação contínua, conseguiu ampliar todas as competências legitimadas e traduzidas nesse referencial (Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto)?

3.2.1. Especifique.

Resposta: Não, porque não há ações de formação contínua suficientes e interessantes para todos os grupos; e não estou só a falar do meu grupo mas para todos os grupos. Se calhar há grupos que nunca têm nenhuma ação de formação que seja dirigida para eles e precisavam. Investiu-se tanto agora nas TIC, isto virou tanto a moda... o choque tecnológico é um choque daqueles choques tipo bomba atómica que isto realmente só se pensa em TIC agora, e em Quadros Interativos (...), essas coisas são importantes mas quer dizer, se a pessoa também não tiver algum conhecimento (eu não gosto de dizer «bom» ou «mau» professor porque não consigo dizer o que é que é isso!), mas se a pessoa não souber aquilo que está a dizer aos alunos ou se a pessoa não tiver estudado, ter feito algum investimento ou ter feito alguma pesquisa, gostava de saber para que é que serve o computador ou para que é que serve um quadro interativo; eu posso chegar lá e dizer “meia dúzia de balelas”, escrevo no quadro interativo e tenho uma grande aula!... E eu posso dizer que eu fiz a formação também do Quadro Interativo (...), agora eu para fazer uma aula, para preparar uma aula a utilizar o quadro interativo, levo 1 hora para apresentar interativo 15 minutos... não sei qual é a vantagem; posso fazer exactamente a mesma coisa num *powerpoint* que faço muito mais depressa. O quadro interativo entendo, se calhar num nível de ensino mais baixo, em que se pode fazer umas brincadeirinhas com as coisas (...). No Secundário em que se tem que fazer outro tipo de coisas, não quer dizer que não se façam coisas giras com o quadro interativo, mas e segundo eu li (...) que, e num estudo dos Estados Unidos, para se trabalhar com o quadro interativo com um mínimo de eficácia se leva 3 anos a aprender. Ora, nós fizemos uma ação de formação de 15 horas (...). Os estudos dizem que para se trabalhar com aquilo, e nós tínhamos exemplos americanos, os professores nas aulas levaram 3 anos a aprender e nós em 15 horas utilizamos o quadro interativo (...).

4. Na sua opinião, concorda com a necessidade de todos os professores frequentarem programas de formação contínua, o que se traduzirá necessariamente no desenvolvimento de diversas competências, tendo em conta a natureza multidimensional do conhecimento profissional dos professores?

Sim/Não

4.1. Justifique.

Resposta: Todos, (...) como em qualquer profissão, nós não podemos parar, temos de estar sempre a aprender, as coisas evoluem naturalmente e nos dias de hoje evoluem muito rapidamente, que aquilo que é verdade hoje em dia, é mentira daqui a 1 ano (...). Os professores têm de acompanhar a evolução, senão estagnam e ficam ali *frozen* (...).

5. Os programas de formação contínua têm-no(a) ajudado a redefinir objetivos relativamente à sua atuação estratégica enquanto professor(a)?

Sim/Não

Resposta: Sim, se (...) a formação for uma formação com um objetivo prático, naturalmente que essa formação é essencial porque eu vou pô-la em prática, vou analisá-la e vou avaliá-la, e no fim vou ver, isto resultou ou isto não resultou, onde é que tenho de alterar as coisas, onde é que isto resultou pior e porquê. Nesse aspeto, sim, fez-me alterar o meu trabalho e a minha reflexão...

5.1. Refira situações concretas de formação que tenham contribuído para o desenvolvimento de competências profissionais e pessoais levando-o(a) a alterar aspetos da sua prática pedagógica.

5.1.1. Refira as razões que conferiram significado a essa experiência formativa.

Resposta: Hoje em dia, consigo fazer sozinha, embora (...) porque acho que o trabalho do professor nunca pode ser um trabalho solitário, tem de ser sempre um trabalho de partilha, as pessoas têm de aprender a partilhar, embora isso às vezes não seja muito fácil (...) mas hoje em dia já se consegue pegar, por exemplo, numa obra de leitura extensiva e fazer uma abordagem diferente da que se fez no ano anterior, sob pena daquilo não estar sempre a mesma coisa; por exemplo, uma

coisa que eu não sou capaz de fazer enquanto professora é repetir os materiais e daí que eu se calhar estou um bocado revoltada e se calhar isto vai transparecer ... eu fico muito zangada quando não tenho tempo para fazer estas coisas, porque é isto que eu gosto de fazer e não são as outras; e ter que estar a fazer às vezes coisas iguais que eu não gosto, irrita-me, porque eu preferia ter feito outra coisa.

6.Sobre a experiência profissional (níveis já lecionados, cargos anteriormente desempenhados...), bem como a formação específica (habilitações académicas) e a mobilidade profissional (situação profissional), considera-as como situações inovadoras enquanto fatores condicionantes de alguma mudança da sua prática pedagógica, e ao longo da sua carreira?

Sim/Não

6.1. Em que medida?

Resposta: Talvez não sejam condicionantes da prática pedagógica do professor; são de certeza absoluta condicionantes do conhecimento da escola onde se insere. Isto é, se o professor for somente professor e nada mais que isso, tem muito pouco conhecimento sobre a escola onde está, sabe muito pouco do que se passa na escola. Se tiver um cargo que vá para além de entrar na sala de aula e dar a sua aula, de certeza que vai ter uma visão muito mais ampla da escola, vai ter uma visão completamente diferente às vezes da escola, porque vai estar em situações ou de reuniões, ou de elaboração de documentos estruturantes para a escola, etc, onde se vai aperceber que a escola afinal não era aquilo que estava a pensar mas é outra coisa. O professor que vem cá à escola só dar as suas aulas conhece os seus alunos e pouco mais. Eu já fui Coordenadora dos Diretores de Turma, tenho sido Diretora de Turma, talvez em 28 anos não tenha sido 2 ou 3 anos... portanto, tenho sido sempre Diretora de Turma, fui Coordenadora, sou Assessora de Grupo, já desempenhei diversos cargos e cada cargo que desempenho dá-me uma visão obviamente; já estive no Conselho Pedagógico enquanto Coordenadora e portanto, fiz parte das Comissões do Pedagógico que elaboraram diversos documentos estruturantes o que me deu uma visão da escola que eu não tinha e isso enriqueceu-me, obviamente. Eu quando falo da minha escola, sei do que é que estou a falar. (...). Penso que isto é verdade para quase todas as pessoas: se eu souber e pensando agora nos jovens que estão no ensino há pouco tempo e que estão numa situação sempre periclitante (não sabem se vão ficar, se não vão ficar!), a motivação não é a mesma de todo (não pode ser!); se a pessoa sabe que daqui a 4 anos se calhar vai estar noutro sítio, se calhar não vai dar tanto de si como se soubesse que vai ficar para ali naquela escola muito mais tempo, naturalmente; eu sabendo que estou estável num sítio, que conheço aqueles alunos e que aqueles alunos à partida irão ser meus para o ano que vem, que estou a prepará-los com um determinado sentido, naturalmente que estou motivada para!...

6.2.Concorda com a ideia de que os professores com mais tempo de serviço e mais horas de formação são melhores profissionais no exercício da sua profissão?

Sim/Não

6.2.1. Em que dimensões e em que competências?

Resposta: Sempre disse que a idade não é um posto (...) não dá mais conhecimento, ou mais competência (...) embora também perceba que as pessoas têm de ser (enfim!)... não pode ser esquecido, a idade da pessoa e os anos de serviço que tem, isso tem que ser levado em conta, mas não será só isso que terá de ser levado em conta, porque a idade não é um posto e não dá competências a ninguém e também não as tira.

7.Sobre os programas de formação contínua frequentados ao longo dos anos, considera-os como dispositivos através dos quais tem conseguido ampliar algumas das suas competências cognitivas e/ou relacionais, enquanto professor(a) de língua estrangeira, concebidos numa lógica de educação permanente? Ou pelo contrário, tem-se deparado com alguns constrangimentos/obstáculos a esse desenvolvimento de competências?

7.1.Justifique contextualizadamente.

Resposta: O facto de nos últimos tempos não ter sido possível fazer ações de formação, Cursos, Oficinas, seja o que for, com maior amplitude, isto é, que vão ao encontro de um maior número de áreas. As áreas têm sido muito fechadas; têm sido feitas ações de formação basicamente só nas áreas das TIC, e pouco mais. Houve ações de formação nas áreas da Avaliação de Desempenho Docente, por necessidade obviamente, porque as pessoas não estavam preparadas para desempenhar essas funções para as quais foram “empurradas”, nomeadas, etc., e não tinham conhecimentos teóricos suficientes para o fazer. Portanto, houve essa formação, que foi também uma formação para mim muito... eu não me senti depois da formação mais preparada do que antes, gostava de me ter sentido mais preparada depois do que estava antes (...) senti-me foi pior!

7.1.1.Em termos gerais, como classifica então os programas de formação continuada frequentados por si?

Nada importantes; Pouco importantes; Importantes; Muitas vezes importantes; Sempre importantes

Resposta: Importantes.

8.Relativamente à sua conceção, em que modelos de aprendizagem se baseavam a maioria dos programas de formação que frequentou?

8.1.Explicite.

Resposta: Tudo era feito de forma a que fosse possível usar aqueles conhecimentos, portanto, aplicar aquela teoria. Dêmos que havia umas primeiras horas que eram poucas com suporte teórico, mas depois partíamos para a prática... sendo que a componente prática era superior à componente teórica.

9.Já frequentou alguma ação de formação desenvolvida pelo CFAE de Portimão e Monchique sediado na escola Poeta António Aleixo?

Resposta: Já!

9.1.Em caso afirmativo identifique o nome da ação e o ano em que a frequentou.

Resposta: Frequentei essa sobre a Avaliação do Desempenho Docente e estou a frequentar uma sobre *Excel* ... este ano (...) com esta nova designação do Centro, não frequentei mais nenhuma. Quando era Centro de Formação com a designação anterior, frequentei várias; uma sobre Direção de Turma, e todas as outras que mencionei, a de Leitura Extensiva...

9.2.Enquanto professor(a) de língua estrangeira e na sua perspetiva, o CFAE de Portimão e Monchique tem conseguido dar resposta à procura de formação pelos professores dos grupos de recrutamento de língua estrangeira das escolas associadas ao centro, nomeadamente aquela que neste momento integra?

9.2.1.Justifique.

Resposta: O Centro só consegue dar resposta aos pedidos que lhe deixam dar, o Centro não manda nada, o Centro limita-se a gerir, digamos, aquilo que lhe é dado para gerir e que pode, não tem assim grande autonomia para fazer muito mais do que aquilo. Portanto, quando muitas vezes as pessoas dizem que o Centro não oferece... o Centro não oferece? Não!... Não deixam que o Centro ofereça! A tutela é que....

10.Refira uma ação de formação que desejasse frequentar durante este ano letivo e que neste momento idealiza para si: descreva-a em termos dos seus objetivos, modalidades e conteúdos temáticos.

Resposta: Gostava de frequentar, e daí que tenha feito esta proposta em sede de grupo, uma ação de formação sobre Avaliação e Gestão de *Speaking*, em termos de avaliação mesmo formal, uma vez que nas línguas temos um peso de 30% para o *Speaking* e as modalidades em que se pode fazer essa avaliação... sei lá, o debate, mesa redonda, seja o que for, não propriamente na elaboração de grelhas para avaliar, porque as temos feitas, mas gostava de fazer uma ação de formação com outras escolas e outras pessoas, partilhar saberes e partilhar grelhas, partilhar coisas porque as pessoas não podem estar fechadas assim num redoma, temos de conversar uns com os outros; as pessoas têm de perceber o que se anda a fazer no 3º ciclo, o 3º ciclo tem de perceber o que se anda a fazer no secundário e a Universidade tem que perceber o que se anda a fazer no secundário. Andamos todos virados de costas uns para os outros; por isso é que isto tem dado tão bom resultado! (...) A modalidade seria Oficina, acho que seria talvez o ideal (...); por outro lado, também uma ação de formação no âmbito dos Cursos Profissionais. E aqui acho que a maior parte dos professores precisaria disto: a elaboração de instrumentos de avaliação para os Profissionais

11.Acha que as ações de formação contínua frequentadas por si (o)a têm ajudado na implementação de algumas práticas pedagógicas inovadoras?

Sim/Não

11.1.Dê exemplos de algumas dessas práticas no âmbito de Recursos Tecnológicos, Estratégias didáticas, Metodologias de Ensino e Dinâmicas de Sala de Aula.

Resposta: Sim. Eu não abordo todo um texto da mesma forma que eu fazia antes de ter feito a ação de formação; aquela coisa de ler o texto na aula (...) e fazer aquela abordagem dos assuntos sem dar automaticamente o texto ou sem dar qualquer coisa para a mão, isso tem exatamente a ver com as ações de formação que fiz e com a forma como se pode

pegar nas coisas... portanto, muito mais motivante para os alunos.

12. Na sua opinião, quais os fatores que determinam/condicionam em grande escala o sucesso das aprendizagens dos alunos.

12.1 Fundamente.

Resposta: Os fatores podem ser diferentes todos os anos. Os fatores podem ser: os próprios alunos, porque há anos em que podemos ter uma leva de alunos que são francamente bons e por isso aí o sucesso é evidente; há anos em que podemos ter os alunos que nesse ano em que aquilo parece que veio cá do piorio! Em termos de fatores físicos, a escola está neste momento com um nível de degradação (talvez existam poucas escolas com este nível de degradação!), senão de perigosidade (...); o espaço físico não é o espaço físico agradável à aprendizagem, que seja propício à aprendizagem (...) uma série de fatores que contribuem talvez para o desinteresse de alguns alunos. Então aí passa (...) pelo professor... eu costumo dizer, olha! Temos uma racha na parede, no teto, um taco fora do sítio mas temos um professor que consegue dar a volta a esta coisa e os moços até ficam interessados nisto! Portanto, passa pelo professor. E o ter sucesso ou não muitas vezes não depende do professor, quer dizer o professor pode lá ter sucesso mas resta saber se esse sucesso é fictício... tem a ver com os alunos, tem a ver com as famílias. Eu o ano passado lembro-me de ter sugerido (não, há 2 anos!), exatamente porque tivemos um ano com alunos mais complicados, sugerido à Associação de Pais exatamente que fizessem alguma coisa no sentido de orientação parental (...), porque cada vez acho que é mais necessário (...), porque os miúdos não são assim porque são assim... os miúdos são assim porque passa-se qualquer coisa no seio da Família e se calhar é a própria Família que precisa de ajuda e não o miúdo (...),... sugerimos isso à Associação de Pais (...).

13. Acredita na crescente autonomia do professor enquanto agente de desenvolvimento curricular?

Sim/Não

Resposta: Se a autonomia for a autonomia no papel como tem sido muitas vezes a autonomia dada às escolas, que está somente no papel pois efetivamente as escolas não têm autonomia nenhuma, se essa for a autonomia, não acredito!

13.1. O processo de construção de um projeto curricular implica a sua avaliação e adaptação à realidade dos contextos escolares pela população docente. Sob que princípio(s) é que será possível a autonomia da gestão curricular?

Resposta: Com o princípio da diferença. É preciso perceber que há diferenças, diferenças regionais, locais, diferenças entre interesses, cursos, percursos, etc. Não se pode ensinar (...) o mesmo Inglês que se ensina a um aluno do Ensino Regular e a um aluno de um Curso Profissional de Mecânica ou a um aluno de um Curso Profissional de Organização de Eventos. Não pode ser a mesma coisa, não faz sentido! (...). O programa está feito, e parece que é uma coisa estanque, não pode ser estanque, o programa não pode ser estanque! Os temas são iguais para todos e aquilo é igual para todos... “chapa 3”! Um programa é para ser interpretado e para ser trabalhado... por exemplo, eu às vezes digo “o manual não é o programa, o manual é uma coisa que lá uma Editora faz com base no programa!” (...) Temos é que ter o programa na cabeça, depois a gestão dele... era bom que nos dessem mais autonomia, por exemplo, porque de certeza que teríamos resultados diferentes. Eu estar a ensinar a uma turma de Mecânica, por exemplo, estar a dar O Ambiente a uma turma de Mecânica... os putos devem estar interessadíssimos naquilo, se calhar se tivesse ali a dar uma listagem de vocabulário... olha, esta peça do carro diz-se desta maneira! Quando vais à oficina e tal e chega lá o cliente, e tu tens que dizer isto!... É mais interessante!

14. Na sua opinião, a formação inicial prepara o docente para todos os papéis inerentes à função docente? Prepara-o(a) para outras áreas que não as somente ligadas ao contexto de sala de aula?

Sim/Não

14.1. Justifique com situações da sua experiência pessoal.

Resposta: Não, de todo. As pessoas nunca estão preparadas. Na vida vão-nos aparecendo sempre situações diferentes e são sempre coisas novas. Todos os anos nos aparece um aluno que tem uma telha diferente, ou que nos dá mais trabalho (...) todos os anos temos sempre surpresas. Daí eu dar muito valor aos professores, porque são das pessoas desta sociedade que maior capacidade de ajustamento têm, quer dizer nós temos que nos ajustar às situações e temos de saber levá-las, e temos de convencer os meninos que aquilo faz falta e temos que ter aquilo que eu gosto de dizer que é o “jogo de cintura”. Temos de ter de sambar muito bem (...) todos os anos é diferente.

15. Na sua opinião, a formação de professores, nomeadamente, a de professores de língua estrangeira deve acompanhar todo o seu percurso de vida, desde a formação inicial até à etapa da sua carreira, na qual presentemente se encontra, com a oferta de programas de formação continuada?

Sim/Não

Resposta: Sempre.

15.1. De que modo?

Resposta: Acho que não podemos cair em exageros. E se houver pelo menos uma formação por ano, já chegaria. Cair em exageros e obrigarem-nos a fazer x horas de formação anuais, principalmente quando a formação oferecida é tão restritiva, quer dizer, a mim não me interessa nada ir fazer uma formação... por exemplo, eu agora, ia fazer uma formação em Direção de Turma, a propósito de quê?... Há 25 anos que sou Diretora de Turma, o que é que têm mais para me ensinar?!... Pouco! Só se no sentido da partilha, tudo bem!... Aí nem era preciso uma ação de formação, a gente fazia um encontro e era a mesma coisa (...), acho que podiam dar um mínimo de x horas, mas estarem a dar-nos a obrigatoriedade de frequentar ações de formação, num mínimo x horas, pronto! Mas depois também não há oferta. Não, não concebo só a formação acreditada; por exemplo, no outro dia fui assistir a uma Palestra dada por um neurologista pseudo-psiquiátrica interessantíssima; aprendi mais naquelas 3 horas porque efetivamente eu fui assistir, porquê?... Porque tinha um menino com aquele tipo de problemas e pensei, “olha, é uma oportunidade para eu o entender melhor, ou para o perceber melhor”... Se calhar, aprendi muito mais nessas 3 horas do que numa ação de formação qualquer sobre As Especiarias de África. Se é uma coisa que me interessa, claro que depois aí quem me avalia vai ver, o meu avaliador, vai ver até que ponto aquela conferência a que fui assistir, ou aquela Palestra tem algum interesse, ou não (...)! Portanto, esse tipo de formação devia ser também considerada, e numa percentagem superior àquilo que estão a propor neste momento.

16. Ao nível das políticas de formação institucional, tem conseguido frequentar ações de formação (preferencialmente creditadas) de acordo com as suas necessidades e interesses reais?

Sim/Não

16.1. Justifique.

Resposta: Não, pagar não pago, não pago formação (...). Dentro do Inglês tem havido algumas da API mas eu não pago formação. Se querem que eu faça formação dêem-ma.

16.2. Na sua opinião, quais as razões que à partida podem constituir um maior impedimento à existência de mais oferta formativa?

Resposta: É o mal nacional... neste momento não há dinheiro. Portanto, é assim, é dizer que, é empregar o eufemismo de “queremos que os professores sejam todos proficientes nas TIC”, para não dizer, (...)” façam TIC que nós agora não temos dinheiro para fazer mais nada!” Não há dinheiro! Mas acho que era preferível, era mais honesto dizer, “não há dinheiro (...)!”

Transcrição das entrevistas feitas aos Professores de língua estrangeira

Entrevistado 10

- Situação profissional: professor do Quadro de Escola
- Total de número de anos de serviço como professor(a) de Língua estrangeira: 35 anos
- Número de anos como professor(a) de Língua estrangeira na escola onde atualmente leciona: 24 anos sensivelmente
- Anos a que leciona: 11º e 12ºanos
- Língua(s) estrangeira(s) a lecionar no presente ano letivo: Inglês

1.Considera o «estágio profissional» como uma mera preparação técnica para o desempenho de uma atividade?

Sim/Não

Resposta: Não.

1.1.Quais eram as suas expectativas iniciais relativamente à formação a obter durante o período da profissionalização?

1.1.1 Poder-se-á afirmar existir uma discrepância entre o perfil profissional necessário ao funcionamento e desenvolvimento da escola e o perfil profissional transmitido durante a profissionalização?

Resposta: Eu fiz estágio já com 8 anos de ensino e já com alguma formação, porque a partir do momento em que entrei na profissão, agarrei todas as oportunidades de formação; portanto, digamos que o estágio era uma...eu via-o como uma possibilidade de consolidar algumas áreas em que já ia, enfim, procurando investigar, e descobrir coisas... sobretudo isso, era uma consolidação já de um caminho que vinha fazendo e ao mesmo tempo, provavelmente, a validação de algumas das coisas que já fazia ou não. A minha profissionalização foi a 1ª, portanto (...) nós fomos cobaias, foi a 1ª fornada e, portanto, nem os formadores sabiam muito bem exatamente o que é que se pretendia. Portanto, nesse sentido, digamos que não é um bom exemplo (...) tanto que era desajustada que só durou, ou então porque neste país são ciclicamente substituídas sem que se faça avaliação, mas só durou, penso eu, 2 períodos exatamente naquele formato, mas sim, não era provavelmente o melhor formato.

1.2.Em que dimensões/aspectos da sua prática enquanto docente se fez sentir essa formação inicial, os saberes/competências resultantes e adquiridos durante o seu estágio pedagógico?

1.2.1. Explícite.

Resposta: O atualmente para mim... neste momento, essas questões não fazem grande sentido porque se pensarmos que eu fiz a formação em 80/82, se eu aplicasse atualmente aquilo que aprendi na formação devia ser com certeza uma péssima professora... há aí um conjunto de questões que para quem está num determinado estado da carreira depois não fazem sentido dessa maneira.

2.Como caracteriza o seu trajeto sócio-profissional até este momento?

Pouco satisfatório/Satisfatório/Bastante satisfatório/Bom/Muito bom

Resposta: Eu acho que dentro daquilo que é o Quadro Português e o facto do tipo de carreira que temos, acho que é Muito bom.

2.1.Quais as razões que o(a) levaram a ingressar na carreira de professor?

Resposta: Motivação. Vocaçao, mesmo. Tinha possibilidades de ter ingressado em muitas outras em termos do meu percurso.

2.1.1. Como caracterizaria o seu ingresso na profissão? Que dificuldades e atrativos encontrou nos “primeiros tempos”?

2.1.2. Justifique.

Resposta: O ingresso na profissão, no meu caso, foi no ano conturbado de 1970 e qualquer coisa. Portanto, obviamente que era uma revolução nas escolas; não é provavelmente em termos de entrevista um dos melhores exemplos, porque realmente não havia ... lembro-me que eu era mais qualificada do que a pessoa que era na altura Coordenadora de Departamento... não se chamava Departamento, se calhar era Grupo Disciplinar, havia imensos professores a dar aulas com o 12º ano, com muito pouca formação, portanto.

2.2. Considera-se realizado(a) a nível profissional?

2.2.1. Justifique.

Resposta: Não, porque se tivesse absolutamente realizada, não me punha a mim própria a questão todos os anos “o que é que eu posso fazer de diferente?”, porque quem fez o percurso que eu fiz, se disser “estou realizada”, o que é que descobre mais?!! Além disso, quem é formador como eu também sou, o meu laboratório é a sala de aula. Portanto, todos os anos, com certeza, que há sempre qualquer coisa que eu gostaria de fazer diferente ou melhor do que fiz no ano anterior. É essa busca constante que não me dá a realização plena.

2.2.2. Considera que as funções, atividades e tarefas que executa no âmbito do seu trabalho diário de professor(a) são iguais àquelas que executava quando começou a ensinar?

Resposta: De todo, não. Na altura ensinar era rigorosamente isso, era dar aulas; e, portanto, hoje em dia, até porque obviamente tenho outras responsabilidades, mas ainda que fosse só professora, as tarefas que o professor executa hoje em dia são muitíssimo mais complexas e abrangentes do que aquelas que eram há 30 anos.

2.2.3. Na sua opinião, quais são os maiores constrangimentos ao desenvolvimento da carreira de professor?

Resposta: Em 1º lugar, eu não sei muito bem o que é a “carreira de professor”, porque um professor pode ser Coordenador de Departamento e ter uma série de coisas e no ano seguinte, pode ser apenas Professor. Portanto, não vejo que haja exatamente uma carreira de professor; e não vejo que a antiguidade, que é aquilo em que se tem baseado a dita carreira de professor, seja exatamente o melhor dos critérios. Portanto, a questão, da maneira como está formulada, não faz muito sentido; em 1º lugar, teria que haver provavelmente uma carreira muito mais assente em princípios pedagógicos de competência, de competência por execução, de um determinado tipo de cargos, etc., e não vejo que isso esteja estruturado dessa forma.

2.2.4. Já alguma vez pensou em mudar de profissão? Porquê?

Resposta: Não, mas para ser honesta, se houvesse na altura em que eu ingressei na profissão outro tipo de cursos que, por exemplo, neste momento existem, não sei muito bem se fazendo, sei lá, fazendo uso daquilo que já eram as minhas capacidades, que achava que poderia ter nalguns domínios, não sei se teria enveredado por aqui. Vejo também que, se houvesse uma carreira como tal, imagino que havia um Ministério, que havia Direções Regionais que tinham por exemplo, funções de curricularista, eu provavelmente gostaria muito; portanto, poderia não estar a ensinar e poderia desenvolver competências nessa área, fazer um trabalho nessa área, portanto, não sei...

2.3. O que é para si o «desenvolvimento profissional e pessoal» do docente do Ensino Secundário, numa perspetiva de *life span*?

Resposta: É mesmo isso, é formação ao longo da vida; portanto, eu penso que, quando às vezes as pessoas dizem “não há cursos de formação suficientes (...)”, o professor tem que ter as ferramentas básicas para procurar a formação e a formação não é só formação formal, é sobretudo, no meu entender, e cada vez mais formação também informal, procurada pelo próprio, que são as leituras; hoje em dia temos aquela coisa fantástica que é a *Internet* à disposição... não consigo entender o professor que, a começar, não leia jornais, por exemplo, não conheça qual é a realidade que o circunda a vários níveis. Eu não sou de Ciências, mas procuro estar informada por exemplo, sobre a Ciência, por questões pessoais em casa, mas também porque tenho alunos de Ciências, procuro ler, saber em várias áreas; portanto, acho que o desenvolvimento profissional é esse, uma procura constante do conhecimento e uma curiosidade intelectual.

2.3.1. Considerando que o aperfeiçoamento das competências do professor é um desiderato atingível ao longo da vida, em que medida a sua participação em programas (ações) de formação contínua tem contribuído para colmatar algumas possíveis lacunas de uma formação inicial precária e/ou para adquirir/atualizar algumas das competências profissionais e pessoais previstas no Regime de Avaliação de professores?

2.3.2. Exemplifique.

Resposta: Absolutamente, mas detalhar 30 anos ou 30 e tal anos de formação, digamos que não haverá praticamente ano nenhum em que eu não feito algum tipo de formação. Agora, cada vez mais e “cada vez mais” já se reporta se calhar aos

10 últimos ou aos 10/ 15 últimos anos, sou mais seletiva, porque não me interessa fazer formação por fazer formação, analiso perfeitamente o que é que é a oferta e aquilo que são as minhas necessidades do momento e procuro a formação que satisfaça essas necessidades. Digamos que ao longo destes 30 anos, fiz muitíssimas formações, mas há 2 ou 3 que são as basilares, que são aquelas que, se eu não as tivesse feito, seria hoje provavelmente uma professora diferente ou não teria enveredado por algumas áreas que enveredei (...). Mesmo antes da formação inicial eu já tinha como disse tido outras formações e, sim, decisivamente; não sei quantas horas neste momento, não contabilizei quantas horas de formação terei no currículo ... muitos milhares.

3. Se se lembra, no último ciclo de avaliação (2009/2011) de professores, os mesmos foram avaliados à luz de um referencial que durante anos legitimou um perfil geral de competência para a docência (Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto).

3.1. Tendo o já referido Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto sido considerado como a matriz complexa de competências até à entrada do novo e atual Regime de Avaliação do Desempenho Docente (Decreto Regulamentar nº 26/2012 de 21 de Fevereiro), e segundo o qual, o desempenho docente era equacionado tanto na sua vertente profissional bem como na sua dimensão pessoal, a qual das quatro dimensões (dimensão da vertente Profissional, Social e Ética; dimensão do Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem; dimensão da Participação na Escola e Relação com a Comunidade Educativa; dimensão do Desenvolvimento e Formação Profissional ao Longo da Vida) atribui primazia? Qual(ais) a(s) dimensão(ões) que melhor traduz(em) o conceito de «um bom docente do Ensino Secundário»?

3.1.1. Fundamente.

Resposta: Naturalmente a 2ª dimensão é central em termos daquilo que é um «bom professor», mas eu não vejo que as coisas possam funcionar dessa forma e dessa maneira. Também não vejo o «bom professor» como aquele que até pode ser exímio nas aulas que dá mas ao mesmo tempo que se desliga da unidade onde trabalha que é a escola e, portanto, aí já estamos a falar da 3ª dimensão; também não vejo um «bom professor» que não procure a autoformação ainda que seja apenas autoformação e então estamos a falar da 4ª dimensão; e também não vejo um «bom professor» que não tenha uma dimensão ética no exercício da sua profissão e então estamos a falar da 1ª dimensão. O que significa que (...) vejo que ser «bom professor» é realmente (...), tem uma complexidade de variáveis que interagem e não vejo que se possa dizer é apenas a 2ª dimensão. Obviamente que passa muitíssimo pela 2ª dimensão.

3.2. Através dos programas (ações) de formação contínua, conseguiu ampliar todas as competências legitimadas e traduzidas nesse referencial (Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto)?

3.2.1. Especifique.

Resposta: É difícil... eu quando estive a preencher ao 1º questionário, realmente não é qualquer tipo de basófia nem nada, do género, mas é realmente difícil para quem ainda por cima faz formação, etc. que ao longo de 30 anos de formação não tenha passado por tudo aquilo... passou de alguma forma, porque no meu caso, verdadeiramente passei! Mas há duas formações que para mim foram *turning points*: uma delas foi ... eu fui convidada em (...) 86/88, por aí, fui convidada para pertencer a um grupo de formadores que seriam o grupo 1º a nível Nacional pela Direção, na altura, Geral do Ensino Secundário (...) para formar o 1º grupo de formadores de Inglês que depois disseminaria a formação pelo País. E portanto essa formação, que foram aproximadamente 400 horas de formação, foi absolutamente de luxo, porque (...) eram convidados professores, diversos formadores de Universidades Americanas e Inglesas; nós tivemos formação ao longo de 4 anos e tínhamos diversos Seminários ao longo desses 4 anos. Depois tivemos também uma ida aos Estados Unidos, no meu caso eu fui para a Universidade de Nova Iorque; outra ida a Inglaterra, obrigatoriamente; fui também para a Escócia, e depois acabei por ir também para o Sul de Inglaterra para uma Universidade. A própria Metodologia de Formação baseava-se em metodologia de Projeto, o que significa que nós nas escolas desenvolvíamos Projetos; eu acabei por depois publicar também nessa área, porque acabei por desenvolver também Projetos que foram considerados também inovadores pelo Ministério da Educação e saíram aí em Publicações do Ministério da Educação e depois acabei por escrever um livro próprio também a dar conta desse tipo de projeto. E digamos que foi um *turning point* completo em termos do que passei a fazer a seguir, em termos, por exemplo, da criação de centros de recursos nas escolas, na altura, os chamados Centros de Aprendizagem e tudo isso vem daí; tive a oportunidade de visitar a Inglaterra, como é que funcionavam os Centros de Aprendizagem... claro que não tinham nada a ver com a nossa realidade, mas procurei depois adaptá-los um bocado àquilo que eram as nossas necessidades e a nossa realidade. Depois O Trabalho de Projeto, a Autonomia do Aluno, a área em que depois me comecei a dedicar que era A Autonomia do Aluno e a Aprendizagem Autodirigida vem muito daí e muito do trabalho que desenvolvíamos e, portanto, digamos que essa formação foi o meu verdadeiro estágio. Portanto, não foi o estágio pedagógico daqueles 2 anos, enfim, uma coisa mal estruturada e ainda muito insipiente, mas foi realmente esta formação que foi absolutamente fantástica como formação; os grandes nomes que se vêem hoje aí nos livros ingleses que nós utilizamos (...) eu tive a sorte de os ter como formadores. E outro grande momento de formação foi procurado por mim, este que foi o de ter feito Mestrado e na altura fiz o Mestrado na área em que queria, com grandes custos pessoais, porque era dar aulas aqui, fazer Mestrado em Lisboa (...) na área de Currículo e Desenvolvimento Curricular, porque tinha tudo a ver com tudo aquilo que eu vinha já fazendo anteriormente. Desenvolver currículos centrados no

aluno, etc., e portanto, interessava-me agora, agora que já que estou a fazer isto na prática, o que é que está a montante e deixa-me conceptualizar muito mais o currículo e foi o que fiz (...), deu-me uma visão mais sustentada sobre as coisas, muito mais conceptual; era um ... era e é, penso que o Mestrado continue na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Clássica em Lisboa; tive também grandes Mestres nessa área com o Professor Estrela, o Nóvoa, que é agora Reitor da Universidade Clássica, e estruturou-me muito mais ao nível de pensar a Educação e muito mais depois ao nível da própria Formação de Professores e também numa área de que eu particularmente gosto, que é a área da Avaliação, uma vez que também tinha cadeiras nessa área e que também me ajudou a conceptualizar muito melhor as questões que se levantam.

4. Na sua opinião, concorda com a necessidade de todos os professores frequentarem programas de formação contínua, o que se traduzirá necessariamente no desenvolvimento de diversas competências, tendo em conta a natureza multidimensional do conhecimento profissional dos professores?

Sim/Não

4.1. Justifique.

Resposta: Absolutamente! Também concordo absolutamente que as pessoas fazem porque não têm alternativas e não vejo que a formação tenha que ser feita assim, porque “preciso de um crédito e é a única coisa disponível, portanto, deixa-me lá fazer isto”, mas, sim, se realmente ao encontro daquilo que é uma autoanálise das necessidades, acho que é absolutamente imprescindível!

5. Os programas de formação contínua têm-no(a) ajudado a redefinir objetivos relativamente à sua atuação estratégica enquanto professor(a)?

Sim/Não

Resposta: Sim.

5.1. Refira situações concretas de formação que tenham contribuído para o desenvolvimento de competências profissionais e pessoais levando-o(a) a alterar aspetos da sua prática pedagógica.

5.1.1. Refira as razões que conferiram significado a essa experiência formativa.

Resposta: Dentro destas duas, estou-me a lembrar, por exemplo, a leitura, a Leitura Extensiva. Por exemplo, no 1º curso de formação de formadores, a leitura, técnicas de leitura, a leitura extensiva foi um dos módulos (...) foi com o Roger Gower que é um dos maiores peritos em Leitura Extensiva e em Ensino da Literatura e daí que a minha abordagem da obra de leitura extensiva, o facto de eu desde então até agora não conseguir lecionar sem que integre, ainda que seja um conto, mas sem que integre a leitura extensiva no meu currículo pessoal, sem duvida nenhuma que levou um grande impulso e não quer dizer que hoje não pudesse fazer por outra razão qualquer, ou porque eu própria tivesse procurado isso, mas esta consigo ligar perfeitamente à paixão com que vivi aquela formação. A mesma coisa em relação à autonomia do aluno, tudo aquilo que venho fazendo ao longo destes anos nessa área, consigo pensar em ações de formação muito concretas, mas muito ligadas, como digo, porque depois de ter feito aquela formação, realmente, as pequenas formações que são oferecidas são pequenas formações... são pequenas oportunidades, porque houve uma abertura tão grande e uma excelência mesmo de formação de tal maneira que eu acabo por me reportar muito a estes momentos (...).

6. Sobre a experiência profissional (níveis já lecionados, cargos anteriormente desempenhados...), bem como a formação específica (habilitações académicas) e a mobilidade profissional (situação profissional), considera-as como situações inovadoras enquanto fatores condicionantes de alguma mudança da sua prática pedagógica, e ao longo da sua carreira?

Sim/Não

6.1. Em que medida?

Resposta: A mobilidade profissional, acredito perfeitamente que pelo desgaste (estou a falar agora sobretudo no drama dos professores Contratados que se vêm na contingência de saltar de escola para escola), acredito perfeitamente que em termos de consolidar projetos de ação e os projetos de ação estão muito ligados também à envolvente, à capacidade que a escola tem ou não para acarinhar esse tipo de projetos; considero que possa ser uma condicionante muito limitativa. Eu acho que a experiência nos permite desenvolver rotinas e as rotinas têm um aspeto positivo e têm um aspeto negativo: o aspeto positivo é que todos nós temos rotinas na nossa vida diária... também as temos na profissão e as rotinas são securizantes, e portanto, a rotina, a mim dá-me a todo o momento um menu que me permite, se qualquer coisa corre mal, eu tenho o menu e sei que posso ir ao ponto 2., ao ponto 3. ou ao ponto 4., posso dar-lhe a volta. A parte negativa da rotina é para quem a rotina é demasiado securizante e diz “bem, eu já faço isto e não preciso de fazer mais do que isto”. Como não corresponde àquilo que é a minha maneira de ser, digamos que não será por aí que me afeta, mas eu acho que as rotinas em Educação são absolutamente vitais como em qualquer outra profissão. Não temos todos que ter Mestrados e Doutoramentos mas se se quer fazer determinado e, nomeadamente, eu vejo muito ligado mais ainda do que à profissão docente *stricto sensu*, eu vejo muito ligado à execução de cargos, à formação, aí sem dúvida nenhuma que permitem

pensar a montante, enquanto que o professor é muito desgastado pelo imediato, pelo dia a dia, tem muito pouco tempo para pensar, para racionalizar. E estas formações dão-nos realmente essa dimensão, e nesse aspeto são mesmo muito importantes.

6.2.Concorda com a ideia de que os professores com mais tempo de serviço e mais horas de formação são melhores profissionais no exercício da sua profissão?

Sim/Não

6.2.1. Em que dimensões e em que competências?

Resposta: Eu acabei por responder um pouco a isso na questão anterior. Penso que há pessoas que, enfim, mesmo com poucos anos (...) de serviço vê-se que há lá um potencial de bom professor. Mas, por exemplo, quando se assiste a aulas de uma dessas pessoas, vê-se que realmente está lá tudo, mas há partes que ainda estão em bruto. E que se realmente houver a *guidance* necessária que aquela pessoa pode desabrochar para áreas que ela própria provavelmente ainda não descobriu. Portanto, nesse aspeto acho que a formação pode ser *enlightening*, que pode ser esclarecedora. Agora não é pelo facto de ter muitos anos de serviço também que é necessariamente bom professor. Tem outra vez a ver, por exemplo, com o papel das rotinas. Pode ter rotinado procedimentos e pode pura e simplesmente não estar aberto a questionar-se, a enveredar por novos caminhos. Portanto, não vejo uma relação de causa-efeito direta.

7.Sobre os programas de formação contínua frequentados ao longo dos anos, considera-os como dispositivos através dos quais tem conseguido ampliar algumas das suas competências cognitivas e/ou relacionais, enquanto professor(a) de língua estrangeira, concebidos numa lógica de educação permanente? Ou pelo contrário, tem-se deparado com alguns constrangimentos/obstáculos a esse desenvolvimento de competências?

7.1.Justifique contextualizadamente.

Resposta: Sim, no caso das novas tecnologias, porque como fiz Mestrado já há alguns anos e o Mestrado dava bonificação, passei rapidamente para o 10º escalão e, portanto, fui sistematicamente excluída das ações de formação nas Novas Tecnologias porque não precisava de créditos. E, portanto, foi realmente um grande constrangimento, porque sabendo eu que para as tecnologias não serei a pessoa mais dotada do mundo, eu teria precisado numa determinada altura de uma formação nesse caso formal; e, portanto, aquela que eu tenho ainda hoje é informal; é aquela que fui ganhando pela prática, mas teria sido muito importante e inscrevi-me em várias e fui sistematicamente rejeitada.

7.1.1.Em termos gerais, como classifica então os programas de formação continuada frequentados por si?

Nada importantes; Pouco importantes; Importantes; Muitas vezes importantes; Sempre importantes

Resposta: Essa questão, no que respeita ao meu percurso, não faz muito sentido (...), exatamente, porque quando começou a haver obrigatoriedade da formação, eu não precisava de fazê-la porque (...) ou estava a fazer Mestrado e tinha, portanto, os créditos do Mestrado. Eu depois do Mestrado (quem estava no 10º escalão durante muitos anos não tinha de fazer formação!), eu fui sempre fazendo formação por iniciativa própria e não dentro do programa de formação que me era oferecido; por exemplo, o Centro de Formação de Professores (...).

8.Relativamente à sua conceção, em que modelos de aprendizagem se baseavam a maioria dos programas de formação que frequentou?

8.1.Explicite.

Resposta: Eu acabei por escolher nos últimos tempos sempre ações de formação ou formações que tinham muito mais a ver com Currículo, com Projeto Educativo, portanto, não propriamente na área da Didática, porque na área da Didática não havia nada de verdadeiramente novo e muito entusiasmante para mim, em função daquilo que eu já vinha fazendo e que eu própria fazia formação nessas áreas; (...) as únicas que me lembro que, dos últimos anos, que possam ter tido alguma coisa a ver com isso e que eu procurei, foi uma do Britânico, e que até foi feita aqui nesta escola, de *refreshment*, portanto, linguístico e para mim faz todo o sentido; e o resto eu procurei sempre coisas muito específicas na área daquilo que eram as minhas, os meus interesses. Nomeadamente sempre à volta de Currículo, de Desenvolvimento e Avaliação de Projeto, ... Projeto, mas Projeto Educativo, Projeto de Escola, etc. Agora não tenho aqui o cardápio das formações... “Formação de Formadores”; “Formação de Professores”; “Estratégias de Formação”, portanto, eu procurei muito mais essas áreas. E os modelos eram muitos modelos de Curso, (...) algumas na modalidade de Oficina (...).

9.Já frequentou alguma ação de formação desenvolvida pelo CFAE de Portimão e Monchique sediado na escola Poeta António Aleixo?

Resposta: Sim, acreditada...sim!

9.1. Em caso afirmativo identifique o nome da ação e o ano em que a frequentou.

Resposta: Era Avaliação na Disciplina de Língua Estrangeira o que para mim era engraçado, porque é exatamente a pessoa, a formadora que fez parte comigo do tal Curso de Formação de Formadores de Inglês; tínhamos as duas, aliás, uma grande amiga, e ainda bem que foi ela a dar a formação (...) eu só fiz essa formação, porque não havia mais nenhuma. Nesse ano era a única formação que eu podia agarrar e que tinha a ver com o meu Grupo Disciplinar. Para mim não fez quase sentido nenhum porque (...) ela tem o mesmo tipo de abordagem que eu tenho... nós fizemos juntas a mesma formação, é o tipo de formação que eu dou, e que eu faço se for preciso no Centro de Formação do lado ou neste (...).

9.2. Enquanto professor(a) de língua estrangeira e na sua perspetiva, o CFAE de Portimão e Monchique tem conseguido dar resposta à procura de formação pelos professores dos grupos de recrutamento de língua estrangeira das escolas associadas ao centro, nomeadamente aquela que neste momento integra?

9.2.1. Justifique.

Resposta: Por aquilo que eu oiço comentar aqui na escola não me parece que se poderá ir mais longe. Em termos de oferta, acho que tem havido, da parte da Diretora do Centro, alguma preocupação nesse sentido, nomeadamente contactando a Associação Portuguesa de Professores de Inglês, também a mim... estava proposta uma e aprovada, só que depois não houve financiamento; já fiz algumas como formadora; eu acabo por ter mais ligação ao Centro de Formação de Professores na qualidade de Formadora do que na qualidade de Formanda. Já fiz realmente algumas na qualidade de Formadora e neste caso fiz, sobretudo, Cursos e Oficinas, sobretudo Oficinas nos últimos anos, e portanto, penso que há essa preocupação. A partir do momento em que acabaram os financiamentos, depois as questões ficaram muito mais difíceis. Nos próprios tínhamos acordado um plano, faríamos 2 ou 3 áreas, nomeadamente a Avaliação na Aula de Língua Estrangeira (...), Técnicas de Escrita, que eram tudo coisas que estavam faladas e aprovadas e depois foram cortados os financiamentos e não se realizaram.

10. Refira uma ação de formação que desejasse frequentar durante este ano letivo e que neste momento idealiza para si: descreva-a em termos dos seus objetivos, modalidades e conteúdos temáticos.

Resposta: Em termos muito pragmáticos, continuaria a frequentar uma ação de formação muito inicial em termos das novas Tecnologias da Informação; primeiro, para que aquelas lacunas que eu sinto que tenho pudessem ser respondidas; depois, provavelmente entusiasmava-me com essa 1ª formação e gostaria de aprender algumas coisas também mais sistematizadas da *Webquest 2.0*, isso em termos pragmáticos de sala de aula. Depois nas outras áreas em que trabalho, a Avaliação de Desempenho Docente (é uma área de que eu gosto muito!); não gosto do que se está a fazer, mas gosto muito dessa área; portanto, aí sempre que é possível aprender e fazer melhor, portanto, entraria perfeitamente numa ação de formação desse tipo; podia ser de carácter teórico, de carácter teórico-prático, desenvolver instrumentos, por aí adiante.

11. Acha que as ações de formação contínua frequentadas por si (o)a têm ajudado na implementação de algumas práticas pedagógicas inovadoras?

Sim/Não

11.1. Dê exemplos de algumas dessas práticas no âmbito de Recursos Tecnológicos, Estratégias didáticas, Metodologias de Ensino e Dinâmicas de Sala de Aula.

Resposta: Sim. O Trabalho de Projeto, Estudos de Caso, a própria Investigação- Ação... fiz muita Investigação- Ação quando durante muitos anos (...) na área da Avaliação, na área dos Portefólios, da Leitura Extensiva; há muitas áreas em que realmente fui fazendo pequenas investigações, umas vezes publicadas, outras vezes não publicando, mas fui fazendo algum trabalho nesse sentido.

12. Na sua opinião, quais os fatores que determinam/condicionam em grande escala o sucesso das aprendizagens dos alunos.

12.1 Fundamente.

Resposta: Começando a montante, efetivamente começa pela própria planificação do professor, portanto, uma planificação absolutamente equilibrada em que os objetivos estão muito bem definidos, em que (...) o grupo turma é muito bem conhecido, em que os grupos de nível e estilos cognitivos dos alunos estão perfeitamente identificados; nós, por exemplo, temos uma prática aqui na escola e eu também a tenho que é a caracterização da turma (...) no início,

enquanto aluno de Inglês, quem é aquele grupo que eu tenho e portanto, num 10º ano (o nosso ciclo aqui é 10º, 11º, 12º e o 10º ano é vital!), é procurar exatamente ver o que é que é possível fazer perante aquele grupo tão diversificado que nos chega e a partir daí são as estratégias o mais diversificadas possível; e parece-me que é muito importante uma prática que eu procuro também ter que é, se a diferenciação simultânea muitas vezes é difícil numa sala de aula e num ambiente, nomeadamente quando temos um grande grupo de alunos, às vezes impossível e eu procuro fazê-la, procuro fazer em determinados momentos, nomeadamente nos momentos de consolidação das aprendizagens, portanto, ter grupos a trabalhar diferentemente de acordo com aquilo que são as suas necessidades específicas... mas dizia eu, ser simultânea nem sempre é possível na aula, é possível uma diferenciação sucessiva e eu procuro fazer essa diferenciação sucessiva, submetendo-os a várias tipologias de exercícios, a vários tipos de materiais, etc., no sentido de que os vários estilos cognitivos se possam acomodar àquilo que é a prática letiva. E depois uma renovação constante do trabalho que é feito, uma monitorização constante do trabalho, dar voz aos alunos. Há um conjunto imenso de coisas que ou de opções que se tomam e que contribuem para que depois o resultado final seja mais satisfatório. Portanto, não há um fator, não vejo um fator; claro, do ponto de vista do professor também, o professor tem que estar cientificamente preparado, tem que saber pedagogicamente, tem que ter o tal menu, a tal diversidade de respostas possíveis para atender a situações que são diversificadas... portanto, há um conjunto de questões.

13. Acredita na crescente autonomia do professor enquanto agente de desenvolvimento curricular?

Sim/Não

Resposta: Não, eu penso que retrocedemos. Eu tive muito mais autonomia enquanto agente de desenvolvimento curricular há 20 anos do que tenho agora neste sentido: eu trabalhei muitos anos sem livro; foi o facto de ter trabalhado sem livro que me permitiu fazer alguns projetos daqueles que eu desenvolvi, em que eu chegava cá e cheguei a pedir autorização ao Ministério da Educação, que me foi concedida na altura, e duvido que hoje fosse para, por exemplo, trabalhar sem livro... até pedi autorização ao Ministério da Educação para os meus alunos, enquanto estive grávida três meses em casa, os meus alunos não terem professor para que durante esses três meses eu pudesse desenvolver com eles um projeto de autonomia e de aprendizagem autogerida. Duvido muito que hoje, com estas normalizações às vezes excessivas, eu pudesse ter respostas positivas a coisas que foram absolutamente determinantes na minha carreira, naquilo que fiz, e nalgumas coisas que penso terei contribuído, nem que seja “um pontinho” para aquilo que era o ensino-aprendizagem no Inglês na altura. Portanto, penso que hoje a tendência é muito mais para a normalização e eu vejo ... uma coisa é a regulação e outra coisa é a regulamentação excessiva. E eu penso que regulação é absolutamente indispensável e regulamentação excessiva é absolutamente contraproducente, e eu penso que podemos estar a caminhar para aí (...).

13.1. O processo de construção de um projeto curricular implica a sua avaliação e adaptação à realidade dos contextos escolares pela população docente. Sob que princípio(s) é que será possível a autonomia da gestão curricular?

Resposta: A partir do momento em que eu sei que tenho... eu acho que tem a ver com Perfis de Saída. Se eu tiver um perfil de saída, eu posso ter toda a autonomia para chegar lá. O grande problema é que continua-se sem se perceber muito bem, nalguns ciclos, o que é o dito Perfil de Saída. O Perfil de Saída, aquilo que são as competências que eu quero que o aluno tenha à saída (isso parece-me que é determinante e portanto, aí temos todos de concorrer para isso!), a forma como eu aí chego... eu penso que podia ter absoluta autonomia, sendo que naturalmente as escolas têm órgãos de supervisão pedagógica que teriam que acompanhar, monitorizar, estar informados daquilo que era o desenvolvimento curricular e a adaptação curricular pudesse ser feita numa determinada turma, ou até a inovação curricular pudesse ser feita na turma do lado.

14. Na sua opinião, a formação inicial prepara o docente para todos os papéis inerentes à função docente? Prepara-o(a) para outras áreas que não as somente ligadas ao contexto de sala de aula?

Sim/Não

14.1. Justifique com situações da sua experiência pessoal.

Resposta: Eu neste momento não tenho tido estagiários saídos da formação inicial nos últimos anos, e tenho alguma dificuldade em saber o trabalho que estava a ser feito na ESE. Na altura em que eu estive na ESE a fazer esse mesmo trabalho, tínhamos uma grande preocupação em que realmente o discurso não fosse um discurso teórico, porque eramos um grupo de pessoas que estavam ligadas à escola, que sabíamos exatamente o tipo de problemas que os formandos iam encontrar e tínhamos uma grande preocupação em adaptar os currículos, e portanto, toda a componente prática do nosso trabalho àquilo que sabíamos que íamos encontrar. Neste momento, penso que é gratuito estar a dizer se vêm bem ou mal preparados porque não tenho acompanhado a formação inicial e agora praticamente não há estágios nas escolas, nomeadamente, nesta (...) temos supra- numerários e não propriamente falta e portanto, não temos aceiteado estagiários nos últimos anos. (...) Eu posso dizer que nalguns aspetos, (...) a minha orientadora que era minha amiga e era minha colega de Liceu era apenas minha orientadora porque tinha feito estágio um ano antes de mim, portanto, isto “vale o que vale”! Eu provavelmente, no início, as primeiras vezes que também orientei estágio, de certeza absoluta que não tinha a

capacidade de resposta que hoje terei. Portanto, aquele estágio não me acrescentou nada de novo mas eu fiz estágio já com 7 anos de serviço para trás e 7 anos de muita curiosidade, de muita procura, muita pesquisa; não era propriamente uma novata absoluta como alguém que acabou o 3º ano de um Bacharelato, de uma Licenciatura e a seguir está a fazer o Estágio Integrado, portanto eu já tinha 7 anos de tarimba e não posso dizer “não senti que também saí do estágio!” (...); acho que fiz algumas coisas engraçadas. Agora olha-se à distância de 30 anos ou de 20 e tal anos (...) e diz-se, “mas isso corresponde àquilo que eram as correntes da altura (...)!”.

15. Na sua opinião, a formação de professores, nomeadamente, a de professores de língua estrangeira deve acompanhar todo o seu percurso de vida, desde a formação inicial até à etapa da sua carreira, na qual presentemente se encontra, com a oferta de programas de formação continuada?

Sim/Não

Resposta: Sim.

15.1. De que modo?

Resposta: Considero que, ainda pelas piores razões atualmente, considero que uma formação centrada na escola não esgota a formação mas tem um elevadíssimo potencial. Nomeadamente, se houver dentro de vários Grupos Disciplinares pessoas que possam ter esse papel impulsionador, e esse papel de referência, porque digamos que é o garante de que a formação procure ir verdadeiramente ao encontro daquilo que é a escola em particular, de forma que os Círculos de Estudos em que neste momento as escolas estão a apostar, como eu digo, não pelos melhores motivos, mas considero que aí poderemos ter ganhos significativos de eficácia da formação. Vejo também, e como formadora (já fiz bastante formação na modalidade de Círculos de Estudos e de Projeto), considero também que são formações muitíssimo úteis... obrigam realmente o professor a ir para o terreno, a experimentar, levar os resultados da experimentação, a debater com os seus pares, a abrir (...) a porta da sala de aula, que é aquilo que tanto custa ainda a tantos professores, mas que é absolutamente vital no sentido de expor aquilo que são realmente as suas práticas, os seus pontos fortes, e as suas fraquezas. Portanto, aposto muito nesse tipo de modalidades. Depois, claro, há um outro nível que é o nível dos Cursos de Formação; e eu aí vejo que eles continuam a ter um papel, por exemplo, para mim em particular têm um papel muito importante porque eu aí vejo-os no sentido de... são os burgos (...); eu aí vejo que são as personalidades numa determinada área que podem também partilhar conhecimento e com conhecimento muito enriquecedor; vejo-os muito mais em termos de conceptualização. Eu não tenho a noção de que haja uma dicotomia entre teoria e prática, penso que se alimentam mutuamente; gosto muito da teoria, é a teoria que enforma e que ilumina a minha prática, tal como não tenho nada contra os Práticos que também são capazes de produzir teoria. Portanto, vejo que todo o tipo de formações tem um determinado lugar.

16. Ao nível das políticas de formação institucional, tem conseguido frequentar ações de formação (preferencialmente creditadas) de acordo com as suas necessidades e interesses reais?

Sim/Não

16.1. Justifique.

Resposta: Sim. Como digo, não de forma totalmente satisfatória, porque quando digo que vou fazer uma ação de formação sobre a avaliação na aula de Língua Estrangeira, quando para fazer aquela tive que deixar cair a minha porque não podia ser ... quer dizer, não estou a fazer na área em que eu queria (...)! Portanto, (...) eu preferiria ter frequentado qualquer coisa que, sim, correspondesse a uma necessidade minha... aquela não era a minha necessidade!

16.2. Na sua opinião, quais as razões que à partida podem constituir um maior impedimento à existência de mais oferta formativa?

Resposta: Neste momento, à cabeça, obviamente a situação económica e financeira do País. Portanto, não há dinheiro; duvido que haja dinheiro nos próximos anos; e portanto, acho que o paradigma da formação vai mudar pela força das contingências, não porque toda a gente achasse que realmente eram os Círculos de Estudos, e era tudo isso, depois, está a mudar noutro sentido que é no sentido da gratuitidade da formação porque (...) quem faz formação sente a pressão de que os colegas também precisam e ele próprio também precisa, e portanto vai haver um sistema de troca de bens (...) e portanto, vamos a ir muito por aí. Penso que grandes planos de formação que vão realmente, que identificam as necessidades de uma determinada escola podem esbarrar no facto de que não haja financiamento e se a nível local nós ainda podemos ir sendo conquistados para dar a formação gratuitamente, já não será tanto assim para convidar pessoas exteriores que poderiam trazer nalgumas áreas uma mais-valia, porque não temos aqui capacidade com certeza de responder com igual qualidade a todas as áreas (...).

Anexo 13

Registo das unidades de sentido, tema por tema, por categorias e subcategorias emergentes das entrevistas aos professores de língua estrangeira com indicadores de frequência

TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS/ Unidades de sentido	Frequência (por anos de experiência docente) (n= 10)				
Conhecer a representação que os docentes têm do conceito de «estágio pedagógico»	Expectativas iniciais relativamente à formação a obter durante o período da profissionalização	<p>Perfil profissional idealizado/esperado</p> <p>.ir a Reuniões de Departamento E1</p> <p>.aprender a gerir as questões de Direção de Turma E1</p> <p>.envolver-se em diferentes Projetos de Escola E1</p> <p>. participar em visitas de estudo E1</p> <p>.aplicar e testar conhecimentos teóricos aprendidos durante o curso E2</p> <p>.adquirir muitas competências E3</p> <p>.partilhar experiências com pessoas E4</p> <p>.aprender a dar aulas E5/ E6/ E8</p> <p>.gerir situações de indisciplina e saber lidar com os alunos E5 E7</p> <p>.consolidar conhecimentos E9/ E10</p>	1-4 ano	5-7 ano	8-15 ano	15-20/25 ano	25/40 ano
	Saberes/competências resultantes e adquiridos durante o seu estágio pedagógico	<p>Perfil profissional transmitido durante a profissionalização</p> <p>.pesquisar conteúdos enquanto trabalho autónomo E1 E4</p> <p>.adquirir competências cognitivas E1 E4</p> <p>.construir/selecionar materiais E1 E4 E6</p> <p>.adquirir competências pedagógicas e relacionais/interpessoais E1 E3/ E4 E9</p>					

O símbolo **n** significa “ dimensão da amostra “ (total de pessoas entrevistadas): **2** entrevistados no intervalo de 1-4 anos; **2** no intervalo de 5-7 anos; **2** no intervalo de 8-15 anos; **2** no intervalo de 15- 20/25 anos e **2** no intervalo de 25-40 anos.

		.aprender a planificar de acordo com interesses e necessidades dos alunos, e por objetivos de acordo com o texto programático	E2	E3/ E4	E5/ E6/	E7/ E8	
		.desenvolver atividades de reflexividade que incentiva a autoformação e processos de investigação-ação		E4	E6		
		.nada a observar					E10
Conhecer a representação que os docentes têm do conceito de «desenvolvimento profissional e pessoal»	Dificuldades e atrativos no trabalho do professor no início da carreira (“primeiros tempos”)	Os primeiros tempos na profissão					
		.o estágio é um trabalho muito árduo	E1				
		.desemprego/falta de colocação	E1/ E2				E9
		.estar longe de casa	E1		E5		
		.vencimento baixo			E5		
		.insuficiente acolhimento pelo meio escolar			E6	E7/ E8	
		.avaliar os alunos				E8	
		.bom relacionamento com o meio escolar (alunos, colegas...)	E2				
		.estabilidade		E3			
		.capacidade de gerir a diversidade em termos de perfil de aluno e de transmitir conhecimentos		E4	E5		
		.nada a observar					E10
	Constrangimentos ao desenvolvimento da carreira de professor	Obstáculos ao desenvolvimento da carreira docente					
		.fatores económicos	E1				E9
		.fatores familiares	E1				
		. estar colocado longe de casa	E1				
		.excesso de trabalho burocrático	E1	E4		E8	
		.precaridade laboral		E4			
		.”congelamento” na progressão por escalões		E3			
		.desprestígio e consequente desmotivação			E6	E7	E9
		.perda da autoridade do professor				E8	
		.inexistência de flexibilidade e de autonomia da escola na ministração dos <i>Curricula</i>			E5		
		.inexistência de uma “carreira”					E10

O símbolo **n** significa “ dimensão da amostra “ (total de pessoas entrevistadas): **2** entrevistados no intervalo de 1-4 anos; **2** no intervalo de 5-7 anos; **2** no intervalo de 8-15 anos; **2** no intervalo de 15- 20/25 anos e **2** no intervalo de 25-40 anos.

	<p>Significado do desenvolvimento profissional e pessoal do docente do Ensino Secundário numa perspectiva de <i>life span</i></p>	<p>estruturada e assente em princípios pedagógicos de competência e num determinado tipo de cargos</p> <p>.nada a observar E2</p> <p>Aspetos inerentes ao desenvolvimento profissional e pessoal</p> <p>.dinâmicas de atualização e aprofundamento do conhecimento E1/ E2</p> <p>.melhoria das práticas pedagógicas E2</p> <p>.aprendizagens adquiridas a partir da partilha de experiências/saberes/práticas pedagógicas com os pares, em contextos formais e informais E2 E3/ E4 E8 E9</p> <p>.atualização/aperfeiçoamento do conhecimento científico e didático da disciplina e em outras áreas de âmbito escolar, bem como sobre as novas pedagogias, a partir de contextos formativos/de formação contínua E5/ E6 E8 E9</p> <p>.aprendizagens adquiridas a partir do relacionamento diário com os alunos E7</p> <p>.frequência de dispositivos de formação que vá ao encontro das necessidades profissionais e pessoais do professor E9/ E10</p> <p>.procura de informação por iniciativa própria, acedendo aos meios de comunicação social, à <i>Internet</i> E10</p>
--	---	--

O símbolo **n** significa “ dimensão da amostra “ (total de pessoas entrevistadas): **2** entrevistados no intervalo de 1-4 anos; **2** no intervalo de 5-7 anos; **2** no intervalo de 8-15 anos; **2** no intervalo de 15- 20/25 anos e **2** no intervalo de 25-40 anos.

<p>Conhecer a representação que os docentes têm do conceito de «um bom profissional da educação do Ensino secundário»</p>	<p>O grau de importância das dimensões constantes no Decreto-lei nº 240/2001 de 30 de Agosto</p>	<p>As competências mais importantes, legitimadas e traduzidas no Decreto-lei nº 240/2001 de 30 de Agosto</p> <p>.dimensão da vertente Profissional, Social e Ética E2 E3/E4 E10</p> <p>.dimensão do Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem E1/E2 E3 E5/E6 E7/E8 E9/E10</p> <p>.dimensão da Participação na Escola e Relação com a Comunidade Educativa E7 E10</p> <p>.dimensão do Desenvolvimento e Formação Profissional ao Longo da Vida E10</p>
<p>Conhecer a representação que os docentes têm da sua experiência formativa continuada, associada a outras «experiências e situações profissionais», e a sua contribuição para o desenvolvimento de competências profissionais e pessoais</p>	<p>Razões que conferem significado à formação contínua recebida e a sua contribuição para a prática pedagógica</p>	<p>Implementação de práticas pedagógicas inovadoras através da experiência formativa obtida (formal e/ou informal)</p> <p>.no âmbito dos Recursos Tecnológicos ou utilização das TIC (ex. formação em Quadros Interativos Multimédia, em programas informáticos, em <i>webquest</i>, em <i>Excel</i>) para lecionação de conteúdos E1/E2 E3 E6 E7/E8 E9</p> <p>. no âmbito dos Recursos Tecnológicos através de dispositivos de autodidatismo E4 E10</p> <p>.no âmbitos das Metodologias de Ensino (ex. formação em Metodologia <i>deTask-based learning</i>) com recurso aos meios tecnológicos E2</p> <p>.no âmbito das Estratégias Didáticas e nas questões de Direção de Turma, da Indisciplina... a partir da troca de experiências em contextos formais e informais E3 E7/E8 E9</p> <p>.no âmbito das Estratégias Didáticas e na Didática da disciplina (ex. formação em gestão do erro, sobre a E4 E5/E6 E8 E9/E10</p>

O símbolo **n** significa “ dimensão da amostra “ (total de pessoas entrevistadas): **2** entrevistados no intervalo de 1-4 anos; **2** no intervalo de 5-7 anos; **2** no intervalo de 8-15 anos; **2** no intervalo de 15- 20/25 anos e **2** no intervalo de 25-40 anos.

		<p>importância da utilização de canções, na área da Gramática e da Linguística; na Avaliação da Oralidade, da Leitura Extensiva; em Avaliação na Disciplina de Língua Estrangeira)</p> <p>.formação em Dinâmicas de Sala de Aula E8</p> <p>.formação no âmbito da Avaliação do Desempenho Docente E9</p> <p>.formação centrada em Metodologia de Projeto (projetos a aplicar no contexto escolar <i>à posteriori</i>) na área da Autonomia do Aluno e da Aprendizagem Autodirigida, resultante da organização do 1º Curso para formadores de Inglês a nível Nacional E10</p> <p>.formação informal centrada em modelos conceptuais como Estudos de Caso; Investigação-Ação E10</p> <p>Cursos Pós-licenciatura (Mestrado...) E10</p>
<p>Conhecer a representação que os docentes têm dos dispositivos de formação frequentados, associada ao «desenvolvimento de competências cognitivas e/ou relacionais» e a um «paradigma conceptual» subjacente a esses mesmos dispositivos</p>	<p>Constrangimentos/obstáculos ao desenvolvimento de competências cognitivas e/ou relacionais</p>	<p>Razões explicativas da incapacidade de resposta aos pedidos de formação dos professores dos Grupos de Recrutamento de língua estrangeira pelo CFAE de Portimão e Monchique</p> <p>.nº insuficiente de vagas e critério de seleção E4</p> <p>.constrangimentos financeiros e dificuldades em deslocar formadores E6 E10</p> <p>.por imposição do Ministério relativamente a uma determinada formação específica a desenvolver nas escolas E7</p> <p>.falta de autonomia por parte do CFAE E9</p> <p>. não tem opinião sobre o assunto E1/ E2 E3 E5 E8</p>

O símbolo **n** significa “ dimensão da amostra “ (total de pessoas entrevistadas): **2** entrevistados no intervalo de 1-4 anos; **2** no intervalo de 5-7 anos; **2** no intervalo de 8-15 anos; **2** no intervalo de 15- 20/25 anos e **2** no intervalo de 25-40 anos.

<p>Conhecer expectativas quanto à formação ideal/desejada</p>	<p>Paradigma conceptual definidor das aprendizagens empreendidas durante os programas (ações) de formação</p> <p>Expectativas quanto à formação ideal/desejada em termos dos seus objetivos, modalidades e conteúdos temáticos</p>	<p>Modelo (e/ou orientação conceptual) subjacente (s) à formação frequentada</p> <p>.formações com uma orientação mais teórica E6 E7/E8</p> <p>.oficinas de formação (orientação teórica e prática) E1 E9/E10</p> <p>.formações mais de teor prático, estimulando a partilha e a reflexão sobre as práticas pedagógicas E2 E3/E4 E6 E7/E8</p> <p>.formações de teor mais desenvolvimentista, priorizando os processos de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos E5</p> <p>.Cursos de Formação E10</p> <p>Expectativas quanto à formação a obter, em termos dos seus objetivos, modalidades (ou orientação conceptual) e conteúdos temáticos</p> <p>.criar e diversificar instrumentos e recursos de avaliação; orientação prática ; ”Materiais Pedagógicos e de Avaliação para as Disciplinas de Línguas” E1</p> <p>.aprender técnicas por forma a estimular a participação oral dos alunos e desenvolver competências de avaliação da produção oral; Oficina de Formação; “Avaliação e Gestão de <i>Speaking</i>” E3/E4 E5 E7 E9</p> <p>.avaliar o portefólio nas línguas estrangeiras; Atelier ou Oficina de Formação; “Avaliação do Portefólio nas Línguas Estrangeiras” E5</p> <p>.explorar os recursos na <i>Internet</i> e utilizá-los no estudo das Línguas Clássicas; orientação prática; A Cultura, a História, o Património e a Arte Clássica E6</p> <p>.usar o quadro interativo como instrumento pedagógico para lecionação de conteúdos; orientação prática; Quadros Interativos E8</p> <p>.usar as TIC no contexto de sala E10</p>
---	--	--

O símbolo **n** significa “ dimensão da amostra “ (total de pessoas entrevistadas): **2** entrevistados no intervalo de 1-4 anos; **2** no intervalo de 5-7 anos; **2** no intervalo de 8-15 anos; **2** no intervalo de 15- 20/25 anos e **2** no intervalo de 25-40 anos.

		<p>de aula; teórico-prático; “Webquest 2.0”</p> <p>.aprender a avaliar o desempenho dos docentes; teórico-prático; “Avaliação de Desempenho Docente”</p> <p>.nada a observar</p>	E10	E2	
<p>Conhecer a representação que os docentes têm dos dispositivos de formação frequentados, associada a um conjunto de «objetivos definidores da atuação estratégica» do professor de língua estrangeira, tendo sobretudo em vista o sucesso das aprendizagens dos alunos</p>	<p>Importância da formação contínua na implementação de práticas pedagógicas inovadoras</p>	<p>Aplicação dos conhecimentos adquiridos em contexto formativo conducentes ao sucesso das aprendizagens dos alunos</p> <p>.implementação de Recursos Tecnológicos inovadores na prática pedagógica (com o uso de quadros interativos; da <i>Internet</i>; dos <i>blogs</i>, da <i>Web 2.0</i>...)</p> <p>.implementação de Estratégias Didáticas inovadoras na prática pedagógica (com o uso de canções como atividade introdutória, com a leitura de textos, a construção de portefólios; dinamização de trabalhos de grupo e individuais assente na diferenciação de estilos cognitivos)</p> <p>.implementação de Metodologias de Ensino inovadoras na prática pedagógica (com o uso de filmes para testagem de compreensão; a discussão de trabalhos realizados pelos alunos, seguida da sua avaliação)</p> <p>implementação de Dinâmicas de Sala de Aula inovadoras na prática pedagógica</p> <p>.a implementação de práticas pedagógicas inovadoras deve-se sobretudo a uma aprendizagem autoformativa</p> <p>. a implementação de práticas pedagógicas inovadoras embora depois não se faça uma aplicação sistémica das mesmas</p>	E1 E3 E6 E7	E1 E3 E5 E9/ E10	E2 E10
<p>Conhecer a representação que os docentes</p>	<p>Princípios reguladores da autonomia da gestão curricular</p>	<p>Princípios subjacentes à autonomia do professor enquanto agente de desenvolvimento curricular</p>			

O símbolo **n** significa “ dimensão da amostra “ (total de pessoas entrevistadas): **2** entrevistados no intervalo de 1-4 anos; **2** no intervalo de 5-7 anos; **2** no intervalo de 8-15 anos; **2** no intervalo de 15- 20/25 anos e **2** no intervalo de 25-40 anos.

<p>têm das vantagens do «modelo curricular» ao nível organizacional da gestão da prática pedagógica, da gestão dos tempos da prática pedagógica, e ao nível da gestão curricular</p>		<p>.formação centrada na escola, obrigatória para os docentes que terão a seu cargo novas áreas disciplinares (Sexualidade...) E1 E3</p> <p>.formação necessária por forma a ajudar os professores a adaptar os conteúdos programáticos à realidade escolar E2</p> <p>.redução na atribuição de tarefas extra-aula aos professores por forma a poderem melhor preparar as suas aulas E3/E4</p> <p>.redução do nº de alunos por turma E4</p> <p>.redução da carga letiva das disciplinas E5</p> <p>.diferenciação ao nível dos critérios de avaliação mediante a atividade a desenvolver e de acordo com a especificidade da disciplina (língua estrangeira) E5</p> <p>.adaptação dos programas curriculares aos alunos, pela definição do Perfil de Saída do aluno, ou seja, as competências que o aluno terá de ter no final do ciclo de estudos que frequenta E6 E10</p> <p>.adequação, adaptação e /ou inovação curricular aos Cursos ministrados, às turmas nas escolas E9/E10</p> <p>.dar autonomia aos Diretores de Escola E7</p> <p>.não tem opinião sobre o assunto E8</p>
<p>Conhecer a representação que os docentes têm relativamente a alguns problemas da carreira, na atualidade</p>	<p>As dificuldades na realização de mais oferta formativa</p>	<p>Obstáculos à existência de mais oferta formativa</p> <p>.questões económicas (do Centro, dos formandos...) E1/E2 E3/E4 E5/E6 E8 E9/E10</p> <p>.mau aproveitamento dos recursos humanos nas escolas E4</p> <p>.indisponibilidade dos formadores E6</p> <p>.leque restrito de opções formativas E7</p> <p>.impossibilidade de conciliação do horário das ações com a E8</p>

O símbolo **n** significa “ dimensão da amostra “ (total de pessoas entrevistadas): **2** entrevistados no intervalo de 1-4 anos; **2** no intervalo de 5-7 anos; **2** no intervalo de 8-15 anos; **2** no intervalo de 15- 20/25 anos e **2** no intervalo de 25-40 anos.

		disponibilidade de tempo do professor
--	--	---------------------------------------

O símbolo **n** significa “ dimensão da amostra “ (total de pessoas entrevistadas): **2** entrevistados no intervalo de 1-4 anos; **2** no intervalo de 5-7 anos; **2** no intervalo de 8-15 anos; **2** no intervalo de 15- 20/25 anos e **2** no intervalo de 25-40 anos.

Anexo 14

Transcrição da entrevista feita ao Diretor do Centro de Formação de Associação de Escolas - CFAE - de Portimão e Monchique

- Cargo que desempenha na Instituição: Diretora do Centro de Formação de Associação de Escolas - CFAE - de Portimão e Monchique
- Número de anos a desempenhar esse cargo: 6 anos

1. Em primeiro lugar, gostaria de saber, em sua opinião, como se desenrolou o processo de definição da política de formação do CFAE?

Resposta: Há talvez uma distinção a fazer relativamente às Políticas Formativas dos Centros de Formação até 2009 e a partir de 2009. Até 2009 (...) a organização das políticas formativas dependia mais da Tutela, portanto, do Ministério da Educação, nomeadamente através de orientações que eram emanadas da DGRHE, da Direção Geral dos Recursos Humanos da Educação, que anualmente definia quais eram as prioridades de formação. E eram iguais a nível Nacional, não tinham nenhuma particularidade a nível Regional e muito menos a nível de Centro de Formação, particularmente. E nesta fase, ainda havia candidaturas ao Fundo Social Europeu para financiamento e, exatamente, essas candidaturas só podiam, só eram aceites quando fossem respeitadas as prioridades definidas pela DGRHE, pelo Ministério da Educação. Até aí, os principais intervenientes na definição das Políticas da seleção da formação era o Ministério da Educação de acordo com a conjuntura sócio-económica, portanto, a possibilidade de obtermos financiamento através do Fundo Social Europeu para essa formação, e aos Centros de Formação ficava muito pouca margem de manobra. Em função das prioridades, era desenhado um Plano de Formação pelo Centro de Formação e era apresentada às escolas e aos professores de acordo com as orientações do Ministério, repito! A seguir, os professores e as escolas escolhiam daquele cardápio (...) de formação quais eram as que serviam os seus interesses e inscreviam-se nessas ações. A partir de 2009, porque deixou de haver, pelo menos aqui na nossa Região do Algarve, deixou de haver financiamento pelo Fundo Social Europeu, porque deixamos de estar na zona de convergência do Fundo Social Europeu, deixamos de ter verba para a formação e então os Centros de Formação passaram talvez... e é nessa altura que nascem os CFAE, (...) a reorganização dos CFAE, são reorganizados, porque antes no Algarve éramos 12 Centros de Formação, neste momento somos 6; portanto, em todo o País deu-se essa reestruturação dos CFAE, ao mesmo tempo que se deu uma mudança no Paradigma da Formação Contínua, ou seja, as orientações passaram a ser no sentido de serem os Centros de Associação de Escolas, juntamente com as suas escolas associadas, que iriam definir qual o Plano de Formação a oferecer aos professores das escolas associadas. As escolas associadas têm um representante que é o seu Diretor na Comissão Pedagógica do Centro de Formação: o CFAE tem dois órgãos diretivos, o Diretor do Centro (...) e a Comissão Pedagógica do Centro que é constituída pelos Diretores de cada uma das escolas associadas. (...) Voltando um bocadinho atrás à pergunta (...) que aflorou, no sentido de percebermos como é que o Conselho Pedagógico das escolas intervém no processo de seleção da oferta formativa: de facto, isso passa a acontecer mais, como já disse, a partir do ano 2010 e por um Normativo, através de um Despacho Conjunto do Ministério da Educação e do Conselho Científico, são as escolas associadas que através dos seus meios próprios desenham ou têm por atribuição fazer o seu Plano de Formação para um Biénio, para dois anos; e esses planos de formação das várias escolas associadas dão entrada no Centro de Formação e o Centro de Formação, em função de todos os Planos de Formação de todas as suas escolas elabora o seu Plano de Ação para um Biénio. Qual é o papel do Conselho Pedagógico das escolas e qual é o papel da Comissão Pedagógica do Centro? E agora aproveito para responder também à 2ª questão.

2. Pode-me descrever o modo como o CFAE concebeu o processo de identificação das necessidades de formação?

Resposta: É uma competência também do Diretor do Centro de Formação colaborar com as escolas na elaboração dos seus próprios planos de formação e, então para facilitar este trabalho, este Centro de Formação em articulação com outros do Algarve, estruturámos um documento orientador da construção do plano de formação das escolas que era suscetível de ser aceite ou recusado pelas próprias escolas. Pessoalmente, elaborei um Guião Operativo para a pesquisa das necessidades de formação, depois uma grelha que englobasse as solicitações e o plano de formação que a escola necessitava. Esse plano de formação de escola é obrigatoriamente aprovado pelo Conselho Pedagógico da escola. Os mecanismos que cada escola tem para fazer o levantamento das necessidades são da sua própria autoria, portanto, cada escola define como pretende fazer. Depois quando chegam ao Centro de Formação, os planos de formação da escola, então aí, a Diretora da escola, em função dos recursos que tem disponíveis para avançar com a formação, recursos humanos e materiais, elabora um Plano de Ação que deve englobar as propostas das várias escolas. Esse Plano de Ação

do Centro vai então à reunião da Comissão Pedagógica onde estão representados todos os Diretores das Escolas que o aprovam ou não aprovam, portanto, que têm uma palavra a dizer sobre ele.

3. Que prioridades foram definidas quanto às necessidades de formação decorrentes do levantamento efetuado? Quais foram os critérios que levaram a essa definição de prioridades?

Resposta: De uma forma geral, as prioridades são definidas pelos próprios grupos de recrutamento das escolas, embora possam e sejam muitas vezes orientadas pelo Conselho Pedagógico. Quando a Diretora da Escola ou o Diretor da Escola apresenta no Conselho Pedagógico a proposta de elaboração de um plano de formação, pode e muitas vezes faz isso dar alguma orientação no sentido de que a formação venha de facto contribuir para atingir objetivos do projeto Educativo daquela escola e é da responsabilidade do Diretor da Escola, da Direção da escola perceber quais são os pontos fracos da Avaliação Interna da sua escola, defini-los como objetivos de melhoria no seu Projeto Educativo e, portanto, a formação deve ser encarada como um meio para atingir esse fim. Posso dizer que nos últimos anos as Tecnologias da Informação e da Comunicação foram uma prioridade selecionada por quase todas as escolas e por quase todos os Grupos de Recrutamento; não é difícil perceber porquê... porque as escolas estão cada vez mais equipadas com meios associados às Novas Tecnologias e os professores precisam de formação para poderem utilizar esse recursos que têm nas escolas. Além de que a evolução das tecnologias é tão rápida que os próprios professores precisam de acompanhar essa rapidez através da formação contínua. Depois há outras prioridades de formação que são inerentes a Quadros Legislativos que entretanto vão saindo, por exemplo, Avaliação do Desempenho Docente... surgiu de repente, é preciso preparar os Avaliadores, é preciso preparar as Comissões de Avaliação, portanto, é uma prioridade para a escola promover formação para a Avaliação do Desempenho Docente (...), a Avaliação Interna das Escolas também foi uma área selecionada por muitas escolas, porque foi também uma necessidade de levar a cabo a Avaliação Interna de cada uma das unidades orgânicas (...), por fim, acabam por ficar muitas vezes as áreas disciplinares curriculares, exatamente porque em 1º lugar se colocam sempre aquelas que são as prioridades da escola e não aquelas que são as prioridades do professor. Portanto, há disciplinas como Matemática e Língua Portuguesa, e talvez Ciências Experimentais que são disciplinas onde os resultados escolares dos alunos são muito mais postos em causa, até através dos relatórios PISA, dos Estudos da OCDE, e portanto, há que melhorar esses resultados. Então para essas disciplinas, por vezes as escolas que analisam os seus resultados e consideram que estão a abaixo da média, promovem ou propõem formação específica para essas disciplinas. Nas outras disciplinas em que os resultados não se consideram tão abaixo da média ou não são tão evidentes alguma baixa de resultados, já não se dá tanta prioridade à formação.

4. Pode-me descrever o processo de elaboração dos planos de formação do CFAE? O que pensa do modo de elaboração dos planos de formação do CFAE?

Resposta: Penso que estão sempre sujeitos a tentativas de melhoria: portanto, quando nós elaboramos um Guião para acompanhar a construção dos planos de formação, achamos que estamos a fazer da melhor forma, depois quando obtemos os resultados e quando os queremos por em prática, pensamos que poderíamos fazer doutra maneira. Quero dizer com isto que nunca há um modelo ideal fechado (...). Como é que nós temos feito? (Eu já de alguma forma referi!). Há um Guião que é apresentado à Comissão Pedagógica aos Diretores das Escolas. Desse guião consta: um enquadramento legislativo; (...) sugere-se que seja feito um enquadramento teórico da Instituição, da escola, portanto, caracterização da escola a nível macro; depois, que sejam identificados os objetivos do Projeto Educativo da escola e, em seguida, sejam apresentadas as necessidades de formação de cada um dos grupos dentro da escola, e quando falo de grupos, não falo só Grupos de Docência mas também Administrativos, pessoal técnico, especificamente pessoas que estão relacionadas com Projetos de Educação para a Saúde, Escola Ativa, e por aí fora. O processo mesmo aqui neste Centro de Formação foi guiado da seguinte maneira: depois de aprovado este modelo pela Comissão Pedagógica, portanto, pelo conjunto dos Diretores das escolas, foi pedido por mim que cada escola indicasse uma ou duas pessoas que fossem as pessoas que iriam operacionalizar a construção do plano, porque nunca é o Diretor que faz diretamente isso. E então cada escola indicou uma ou duas que passaram a reunir comigo a quem eu expliquei aquele guião operacional e, portanto, fui fazendo o acompanhamento da construção do plano na fase do levantamento de necessidades, na fase de reunião dos conteúdos selecionados até à entrega do próprio plano de formação. Depois de eu ter em meu poder os planos de formação todos, fiz uma análise daquilo que era viável para este ano, porque como é um plano bianual fizemos uma análise daquilo que era viável para este ano e do que é que não era viável e do que deveria ficar para o próximo ano e elaborei então uma proposta de plano de ação do centro para o ano de 2011/2012 e voltei a apresentá-lo à Comissão Pedagógica que fez alguns reparos, portanto, colocámos algumas coisas a mais, retirámos algumas outras coisas e foi aprovado. Entretanto, ainda houve aqui outras reuniões intermédias com Direções de escolas para afinar...

5. Que tipo de estruturas de apoio foram necessárias criar para a conceção e implementação do plano de formação?

Resposta: A estrutura fundamental foi o tal Guião Operacional a que (...) todas as escolas tinham acesso (...) e tinham inclusivamente grelhas informatizadas (...) que poderiam enviar para os grupos de recrutamento e poderiam fazer a recolha por via informatizada das propostas. Depois também as vertiam de novo numa outra grelha síntese e, portanto, todos os planos de formação apresentavam mais ou menos a mesma estrutura o que facilitou de alguma forma o tratamento pela parte do Centro de Formação. Em termos de recursos humanos (...) foi, como já referi, importante termos identificado quem eram as pessoas que, para além do Diretor da escola que tem a 1º e a última palavra, que estavam diretamente a trabalhar nos planos de formação, porque foi fácil depois articular com essas pessoas e as próprias pessoas articularem com o Centro de Formação (...).

6. De que forma foi concebida a avaliação do plano de formação? O que pensa da forma como foi concebida a avaliação do plano de formação?

Resposta: Na minha opinião, a avaliação do plano de formação como a avaliação muitas vezes dos projetos (...) são aspetos menos conseguidos, menos elaborados porque realmente avaliar é sempre difícil. Também neste caso não tem sido, no meu ponto de vista, muito conseguido, o processo de avaliação dos planos de formação, cingindo-se a dados estatísticos: quantas ações foram desenvolvidas, quantos formandos as frequentaram, quantas horas de formação, qual o custo das horas de formação, não foi muito para além disto. Este ano, no tal Guião Operacional de que falei vinha também um pedido às escolas de que, no seu plano de formação, concebessem logo a forma como iria ser feita a avaliação do plano. Algumas escolas conceberam-nos de uma forma mais objetiva, outras deixaram-nos só ao nível do Concretizado/Realizado ou Não Realizado, mas penso que fundamentalmente falta desenvolver mecanismos que permitam avaliar o impacto da formação contínua recebida pelos professores da escola. E é neste sentido que estamos agora a começar a trabalhar mais intensamente.

7. O que pensa do tipo de comunicação estabelecido entre o CFAE e a DREALG?

E entre o CFAE e os diferentes programas do Fundo Social Europeu (FOCO, PRODEP, POPH) para financiamento da formação?

Resposta: Eu penso que também aí estão talvez duas dimensões de pergunta ou de resposta. E começando pela relação dos Centros de Formação com a DREALG, a Direção Regional de Educação do Algarve, tenho a dizer que, sobretudo, nos últimos anos tem sido excelente: (...) constituímos uma rede de Centros do Algarve, entre os 6 Centros de Formação do Algarve, que estabeleceu um Protocolo com a Direção Regional de Educação do Algarve e reunimos mensalmente nas instalações da própria Direção Regional com a presença de um elemento da Direção Regional de Educação, que tem esta função de acompanhar a Formação Contínua e quase sempre com a presença do Diretor Regional ou Diretor Regional Adjunto. Grandes benefícios têm advindo daqui porque há problemas que se resolvem mais facilmente com esta articulação e também o facto de termos conseguido que a Direção Regional integrasse em todas as suas áreas, onde tem projetos desenvolvidos com as escolas, integrasse uma componente de formação. E então todos os Centros de Formação do Algarve, posso dizer nestes últimos 3 anos, têm tido possibilidade de ver desmultiplicado no seu Centro formação contínua dada por técnicos da Direção Regional, relativamente a todos os projetos que estão em curso nas escolas do Algarve, o que alarga a oferta formativa (...) e faz sentido, porque se os projetos são da DREALG é porque fazem sentido para as escolas e faz sentido que os professores tenham formação para se atingir os objetivos. O outro nível da resposta ou da pergunta, as relações com as fontes de financiamento são sempre relações muito rígidas e muito fechadas. Portanto, são regras estipuladas a nível Nacional que surgem por *mail*, ou por um ofício igual em todo o País e, portanto, ou se respeitam aquelas normas e a candidatura tem possibilidade de ser aprovada ou não se respeita e a candidatura não é aprovada. Portanto, essa é uma dimensão. Mas também convém dizer que a nível regional tem havido, enquanto houve aqui no Algarve apoio do Fundo Social Europeu, tem havido sempre técnicos operacionais (desses ...de como falou!), no tempo do FOCO havia 1, no tempo do PRODEP também havia e agora do tempo do CREN também havia, técnicos com Sede na Direção Regional de Educação que faziam a articulação com as escolas. Quando nos pediam as documentações, quando nos pediam os comprovativos, quando nos pediam os Mapas de Execução Física e Financeira tinham sempre, se alguma coisa não estava bem, tinham sempre um papel de maior proximidade connosco, com os Centros e propunham a reformulação de alguma coisa que não estivesse bem. Era importante...esse apoio; agora já não temos, portanto já não há...!

8. Qual é a sua opinião acerca do tipo de comunicação estabelecido entre o CFAE e o Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua (CCPFC)?

Resposta: O Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua é assim uma entidade que à partida está um pouco distante do sistema de ensino. Primeiro, porque é um grupo de pessoas, é um Conselho constituído por algumas pessoas

que funciona em Braga, na Universidade do Minho, com quem nós comunicamos através de papel. Tem regras muito objetivas e que as cumpre (...) à risca. Portanto, (...) o Conselho Científico é um aliado dos Centros de Formação, sem dúvida nenhuma! Portanto, compreende melhor que ninguém o trabalho que os Centros de Formação fazem. Mas também está cada vez mais desprovido de meios, sobretudo, recursos humanos; então, em termos de operacionalização da relação entre os Centros e o Conselho Científico, o que se verifica é que os processos são muito demorados. Portanto, chegamos a passar 3 meses sem ter uma ação acreditada o que vai trazer grandes dificuldades (...) de dinamização do plano. Porque, repare! Se o plano de formação é construído até janeiro, porque o 1º período para as escolas constroem o plano de formação normalmente é o habitual, é entregue no Centro em janeiro, o Centro depois tem que elaborar a informação toda e construir o Plano de Ação, e nessa altura é que está em condições de identificar formadores e de preparar as ações de formação que vai mandar acreditar para o Conselho Científico; portanto, nunca antes dos finais de fevereiro consegue fazer isto. Se as ações vão demorar março, abril, normalmente só em maio, e é o que está a acontecer mais uma vez este ano, é que temos as ações acreditadas o que faz com que vá incidir toda (...) no 3º período do ano letivo e com grande sobrecarga para os professores. De qualquer forma, eu não posso dizer que é má, de maneira nenhuma... são colaboradores; por vezes, temos uma situação mais premente, conseguimos fazer um telefonema e pedimos que deem um bocadinho de celeridade àquele processo e isso é conseguido. Sobre os critérios de acreditação das ações e sobretudo os critérios de relevância para efeitos da formação ser considerada específica ou não, também às vezes os critérios são considerados demasiado fechados (...).

9. Que apreciação faz dos critérios de análise pedagógica e financeira utilizados, pelas equipas dos programas FOCO, PRODEP, POPH e com as quais já trabalhou, para a análise das propostas de ações de formação?

Resposta: Do ponto de vista financeiro, pois neste momento não há nada a dizer, porque não há financiamento (...). Nos últimos 2 anos, o financiamento foi também muito pontual e era totalmente determinado pela Tutela. Tivemos um financiamento para a formação do Plano Tecnológico da Educação, vulgo PTE, que foi totalmente liderado e monitorizado pela DGRHE, por uma equipa que tinha assento na DGRHE que foi quem fez a candidatura aos dinheiros do CREN e, portanto, nós não tivemos qualquer interferência nesse processo, a não ser cumprir as regras que nos foram indicadas. Do ponto de vista pedagógico, da apreciação das ações de formação, eu não posso propriamente fazer uma crítica baseada na minha experiência... não tenho tido más experiências com o Conselho Científico. Normalmente com um ou outro aditamento ao pedido de acreditação, consegue-se resolver o problema. E compreendo que isto é um assunto sério; portanto, se há regras para acreditar as ações em função do grupo de destinatário, pois elas têm que ser cumpridas de igual forma para todos. Há situações que eu oiço por vezes dizer que a mesma ação analisada por um grupo de pessoas foi acreditada para um determinado grupo específico, analisada por outro grupo de pessoas não foi ... mas não é a minha experiência.

10. Que tipos de apoio o CFAE recebeu da DREALG? Qual é a sua opinião acerca dos tipos de apoio recebidos?

Resposta: Na medida das possibilidades que uma estrutura como a Direção Regional de Educação, seja do Algarve ou de outro sítio qualquer, tem para apoiar os Centros de Formação, eu acho que foi excelente aqui, ao longo destes últimos anos. Não têm recursos financeiros para pagar formação, como se calhar gostariam de ter; portanto, não podemos exigir isso. De resto toda a colaboração tem sido ótima.

11. Quais foram as dificuldades que acredita terem existido nas relações entre o CFAE e o Ministério da Educação? Quais foram os fatores que facilitaram as relações?

Resposta: Eu não sei se posso responder ao “facilitar” ou “dificultar” as relações, porque as relações são estabelecidas por uma via hierárquica; portanto, cada região tem um representante dos Centros de Formação que são dessa região que articula com o Ministério da Educação e que transmite as dificuldades que a sua rede de Centros sente e, por sua vez, leva ao Ministério da Educação opiniões da sua rede de Centros sobre alguns aspetos para os quais é solicitado. Por exemplo, Regime Jurídico de Formação Contínua de Professores, é um documento que já está ultrapassado, está há muitos anos para ser reformulado e os Centros de Formação têm sido ouvidos, tal como o Conselho Científico tem sido ouvido pelo Ministério da Educação no sentido de reformular aquele documento, porque está desajustado; aliás, essa é a grande dificuldade com que nós lidamos, os Centros de Formação, é o desajustamento entre os Normativos legais que existem. Porque o Estatuto da Carreira Docente vai sendo alterado e o Regime Jurídico que faz parte do Estatuto deveria ser também alterado, mas não é alterado de acordo com os outros Normativos. Então, ficamos muitas vezes em situações de impasse porque há contradições entre uns Normativos e outros. Mas para a organização desses documentos como o Regime Jurídico, o Ministério de Educação convida sempre os (...) representantes dos Centros de Formação para reuniões, em que é levada a opinião dos vários Diretores de Centro. O que tem acontecido depois é que quando o documento está pronto para sair, muda o Governo, muda a Política do Ministério da Educação ou muda o Ministro, e não chega a sair. Portanto, nós temos há 7 ou 8 anos documentos preparados para estruturar a formação contínua, ajudar

a estruturar a formação contínua e eles não chegam a sair porque entretanto alguma coisa mudou. Neste momento estamos à espera que saia o Regime Jurídico da Formação Contínua qua vai estar de acordo com este novo Modelo de Avaliação, com este novo Estatuto da Carreira Docente, etc. Um dos fatores que facilitou a relação foi o facto de nós termos um representante de cada região junto do Ministério da Educação, porque aí há um veículo de informação, e de comunicação. Portanto, nós aqui reunimos, damos o nosso parecer sobre determinados aspetos e o nosso representante vai transmitir esse parecer junto do Ministério de Educação, e por sua vez traz a informação do Ministério de Educação. Esse é um fator favorável. Um fator, do meu ponto de vista, mais desfavorável é a mudança sistemática de Quadros Legislativos de opções educativas, de formas de enquadrar a formação contínua.

12.Quais foram as dificuldades que acredita terem existido nas relações entre o CFAE e o Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua (CCPFC)? E os fatores de facilitação?

Resposta: Fatores de facilitação são sem dúvida o facto do Conselho Científico ser um grande aliado dos Centros de Formação e conhecer o trabalho que os Centros de Formação desenvolvem e as dificuldades com que se movimentam. Portanto, não há de forma nenhuma qualquer má vontade, nem qualquer vontade de não facilitar o processo. Se nós conseguirmos falar pelo telefone, se conseguirmos chegar “à fala”, que a comunicação não seja só através de papel, as coisas resolvem-se mais facilmente. A grande dificuldade é o facto do Conselho Científico ter muito pouca gente, portanto, os processos serem demasiado morosos, e enquanto “vai papel” a pedir uma coisa, e “vem papel” a dar resposta e volta à reclamação, perde-se muito tempo e passam por vezes as oportunidades. Embora nos últimos tempos, as coisas estejam muito mais facilitadas a partir do momento em que começámos a articular através de uma plataforma *on line*. Portanto, é mais fácil a nossa interação com o Conselho Científico.

13.Com que instituições o CFAE estabeleceu relações de parceria?

Resposta: Temos a parceria com a Direção Regional de Educação, através de Protocolo; temos Protocolos com entidades mais próximas, neste caso aqui em Portimão, a Câmara Municipal; a Universidade, temos Protocolo mais a nível do Algarve, mesmo, com a ARH (Administração dos Recursos Hídricos do Sul), (...) Protocolos específicos com as Escolas e Autarquia e sempre que há oportunidade, estabelecemos parcerias.

14.Qual é a sua opinião acerca das razões que conduziram às relações de parceria?

Resposta: Normalmente tem a ver com projetos que se podem desenvolver, que podem surgir em articulação. Pensamos por exemplo, (...) o Protocolo com a Administração dos Recursos Hídricos do Sul, a ARH tem objetivos a cumprir em relação aos recursos Hídricos, aos cursos de água, às zonas costeiras, etc. e acredita-se que através da Educação e da Formação se conseguem melhores resultados ao nível da Educação Ambiental e do respeito por este tipo de recursos; então faz todo o sentido dar formação aos professores no sentido de poderem trabalhar estes conteúdos com os seus alunos. Portanto, a entidade responsável pela formação de professores são os Centros de Formação; quem tem o *know-how*, relativamente às questões ambientais, neste caso, e quem consegue pedir financiamento para pagar a formação é a ARH, portanto, juntam-se as duas necessidades e as duas vontades. Normalmente, aqui depois entra a Universidade do Algarve, a Universidade de Évora, portanto, juntam-se motivações em comum e juntam-se parceiros que podem ir buscar recursos de diversos tipos: uns têm o recurso financeiro, outros têm recursos humanos, outros têm a necessidade e é esse o motor das parcerias.

15.O que pensa acerca dos objetivos que as parcerias se propuseram atingir?

Resposta: Eu penso que, de uma forma geral, eles foram ou são objetivos que têm sido atingidos de uma forma satisfatória para ambas as partes...aliás, só assim é que se pode fazer um bom Protocolo; portanto, que o interesse de ambas as partes sejam atingidos. Em relação à Universidade, nomeadamente em relação à Universidade do Algarve, eu não posso deixar de dizer que as parcerias que já tentámos estabelecer, e algumas já têm sido estabelecidas, não têm sido muito eficazes, nem muito eficientes. Não sei explicar bem porquê! Sei que talvez haja aqui interesses que colidam uns com os outros e do meu ponto de vista é uma pena porque a Universidade deveria ser um parceiro dos Centros de Formação, e das escolas, e das Comunidades Educativas em que se insere e deveria haver muito mais partilha entre a Investigação que está a ser feita na Universidade com as pessoas que estão a desenvolver o processo de ensino nas escolas (...) A Universidade está muito virada para si própria e para os seus problemas, para as suas preocupações e não tem havido aquela interação que era desejável. Agora, deixando os Centros de Formação de ter financiamento para pagar a formação, nota-se que as Universidades começam a apresentar muitas propostas de formação para serem custeadas pelos próprios formandos, como uma forma de angariar financiamento para a Universidade, através da formação contínua. Tenho conhecimento, por exemplo, (...) na Universidade do Minho e nos Centros de Formação

envolventes há uma partilha e uma articulação muito mais profícua, muito mais proveitosa e mais desinteressada que tem dado bons resultados ...gostava que aqui no Algarve isso também pudesse vir a acontecer.

16. Que tipos de mecanismos foram criados para a comunicação, a coordenação de iniciativas e a tomada de decisões entre o CFAE e os parceiros educativos locais?

Resposta: Como digo, normalmente relacionados com Projetos: quando nas escolas, nos agrupamentos surgem projetos que têm uma componente de formação (...) esses projetos envolvem outros parceiros da comunidade, o Centro de Formação, através de Protocolos específicos com essas entidades, atribui, estabelecem-se atribuições para cada um dos parceiros, fazem-se reuniões, partilham-se objetivos, partilham-se responsabilidades e depois partilham-se resultados.

17. Qual é a sua opinião acerca da evolução das parcerias que o CFAE tem estabelecido?

Resposta: As parcerias têm sido mais eficazes: as que têm sido mais eficazes são com entidades públicas e não com entidades privadas e cada vez mais, então em momentos de dificuldades económicas, as entidades privadas (...) não colaboram muito. Quem colabora e quem é mais solícito nestas questões de parcerias são normalmente as Autarquias, a Direção Regional de Educação, a Universidade e, por vezes, (...) as Associações de Profissionais, portanto, a Associação de Professores de Inglês, a Associação de Professores de Matemática; só que neste momento estas próprias associações também não estão a ter financiamento para as suas formações e estão também a cobrar individualmente aos formandos as formações que dão. Como é uma política deste Centro de Formação, que foi aprovada pela sua Comissão Pedagógica, não facultar formação que tenha que ser paga pelos formandos, uma vez que o Estatuto da Carreira Docente diz que é um direito, que o professor tem de ter a formação contínua que é obrigatória, financiada de forma gratuita, não queremos entrar nesse sistema de convidar Associações de Profissionais para virem cá dar formação desde que tenham de ser os formandos a pagar. Se o Centro não tem dinheiro para pagar acabamos por não ter a oferta desejável.

18. Em sua opinião, qual tem sido o impacto das relações de parceria na política de formação do CFAE?

Resposta: Nos últimos anos, tem tido (...) um impacto significativo por todas aquelas parcerias que já referi com a Autarquia e com a Direção Regional de Educação; e com a Administração dos Recursos Hídricos do Sul... foram as três parcerias que deram melhores resultados e que puseram em prática pacotes de formação que envolveram Projetos e que foram mesmo Projetos que deram resultados ao nível de sala de aula, portanto, ao nível do trabalho com os alunos. Nos anos anteriores, não foram tão exploradas estas dimensões das parcerias. Há um aspeto que eu não posso incluir nas parcerias mas que é, sobretudo este ano, muito relevante em termos da oferta formativa, que é o facto de as escolas poderem identificar formadores dentro do seu corpo docente e a esses formadores ser-lhes dada alguma facilidade para puderem desenvolver formação interna, dentro da própria escola. Portanto, uma formação em comunidades de prática, debatendo e trabalhando as questões relacionadas com os conteúdos curriculares, com os processos de avaliação, daquele grupo especificamente. Esse processo tem estado a dar muito bons resultados e os resultados são tanto melhores quanto melhores são as condições que a gestão da escola consegue dar à pessoa que vai ser formadora e aos próprios professores/formandos.

19. O que pensa acerca das grandes linhas orientadoras definidas pelo CFAE para a formação?

Resposta: Em relação a este último biênio (...) estou bastante satisfeita com a forma como conseguimos estruturar o plano de ação do Centro. Portanto, no fundo aquela frase que se ouve muito “ tempos de crise são tempos de oportunidade” aqui faz sentido, porque este ano não havia previsão de qualquer fonte de financiamento para a formação. Portanto, à partida poderia dizer-se que então não há formação! Ninguém vai dar formação de graça! O que de facto não aconteceu (...) porque tínhamos Protocolos e parcerias estabelecidos, portanto, aproveitámos o mais possível e temos de facto um pacote de formação que é consequência dos tais Protocolos com a Direção Regional, com outras entidades. Por outro lado, explorámos esta dimensão de centrar a formação nas escolas. Portanto, foi uma política deste Centro de Formação através da sua Comissão Pedagógica criar as condições melhores, que fosse possível, para que em cada escola existisse uma política de formação, existisse um espírito de formação; houve escolas que inclusivamente atribuíram horas para trabalho colaborativo intragrupo, identificando um formador e desenvolvendo ao longo do ano, com 90 m por semana, um trabalho colaborativo do qual faz parte uma ação de formação; houve outras escolas que não conseguiram fazê-lo, incluindo no horário dos professores esse tempo para trabalho colaborativo, mas tomaram a decisão de a determinados professores que eram formadores ou que tinham perfil de formadores dispensarem outro tipo de atividades não letivas para que eles pudessem no seio da escola desenvolver formação contínua. Portanto, eu acredito que esta perspetiva, esta política de formação contínua centrada nas escolas e utilizando e rentabilizando os recursos existentes na própria escola é muito importante neste momento. Claro que não esgota, no meu ponto de vista, todas as necessidades da formação.

20.Quais as razões que considera estarem subjacentes à definição dessas grandes linhas orientadoras?

Resposta: A questão de centrar a formação na escola; portanto, uma Formação Institucional e de acordo com as necessidades dessa escola e com os objetivos do Projeto Educativo dessa escola.

21.Qual a sua opinião acerca das prioridades, definidas pelo CFAE, para a formação?

Resposta: As prioridades são definidas não propriamente pelo Centro; as prioridades são definidas pelas Escolas Associadas quando nos entregam um plano de formação. Já há pouco referi que as prioridades foram relacionadas com as Tecnologias da Informação e da Comunicação, com o processo de Avaliação e com alguma formação específica para determinadas áreas. Houve por exemplo, escolas que acharam que uma área deficitária era a formação para os Cursos EFA, de Educação e Formação de Adultos, e então disponibilizam-se inclusivamente a repartir entre si os custos dessa formação. Portanto, isto são prioridades assumidas pelas escolas e faz sentido que seja assim. O Centro de Formação depois quando recebe os planos de formação todos e vai desenvolver o seu plano de ação, de alguma forma também tem que definir prioridades. As prioridades este ano foram definidas em função daquilo que era exequível e não era exequível.

22.Quais as razões que considera estarem subjacentes à definição dessas prioridades?

Resposta: As razões são fundamentalmente razões de, no fundo, financiamento ou não financiamento da formação. Portanto, (...) nós identificámos nos planos de formação quais eram as ações de formação propostas que podíamos levar a cabo, com recursos internos, com formadores da própria escola, ou aquelas que não podiam ser feitas com recursos da própria escola, se as escolas podiam ou não responsabilizar-se pelo seu financiamento; e portanto, só podemos fazer aquilo que temos condições materiais e humanas para fazer.(...) Foram no fundo estes os principais condicionalismos.

23.Na sua perspetiva que fatores têm afetado negativamente a implementação da política de formação do CFAE? Como é que têm sido contornados esses problemas?

Resposta: Gostaríamos de ter sempre uma oferta formativa abrangente, de todos os grupos disciplinares, de todos os níveis de ensino para que realmente a formação fosse direcionada em todos os sentidos. Nem sempre isso é possível e acontece que há grupos que têm mais oferta formativa do que outros (...); este aspeto prende-se muito com a falta de formadores e uma vez que me diz que este estudo está a ser feito no âmbito das Línguas, da formação em relação às Línguas, é uma das áreas em que este Centro de Formação tem mais falta de formadores. Se nós tivéssemos financiamento para chamar um formador da Associação de Professores de Inglês ou qualquer outro formador, pagando deslocções, alojamento (...) e a formação, teríamos com certeza possibilidade de responder também ao Grupo das Línguas. Como não temos financiamento para isso, os recursos internos que temos não são suficientes. Portanto, é um *handicap*; temos apenas uma formadora de Línguas e que tem estado muito ocupada e não tem querido dar formação. Portanto, esse é o principal problema para algumas disciplinas, não é só para a disciplina das Línguas. Outro condicionalismo (...) são os prazos, os *timings* de acreditação das ações de formação que nós pensamos, como já disse há pouco, desejaríamos ter formação a começar em janeiro e fevereiro e março e muitas vezes não é possível porque as ações não vêm acreditadas a tempo... fundamentalmente são estes os constrangimentos.

24.Na sua perspetiva, que influência (positiva/negativa) as alterações legislativas referentes à formação contínua tiveram na implementação da política de formação do CFAE?

Resposta: Têm muita influência, porque numa determinada fase, ainda relativamente recente a Legislação estava constantemente a mudar. Portanto, nós preparávamos um plano de ação ou preparávamos a nossa intervenção para o horizonte de um ano letivo, por exemplo, e de acordo com um determinado Quadro Legislativo. Passado 1 mês ou 2, a legislação tinha mudado e nós tínhamos que voltar atrás, com todo o processo que estávamos a construir e recomeçar a construir tudo com base no novo Quadro Legislativo. Depois os próprios professores e as próprias escolas não estavam suficientemente esclarecidos sobre estas mudanças sucessivas. Portanto, também não se dispunham a colaborar no processo de formação contínua. Depois, por outro lado também (...), o mal-estar docente que aconteceu ao longo destes últimos anos, por razões de todos conhecidas, pela instabilidade que se sentiu ao nível das escolas, foi também um fator negativo, portanto, que desmotivou os professores a colaborarem na formação contínua, quer como formadores, quer como formandos; portanto, não sentiam que fosse esse o seu principal problema e cada vez têm mais tarefas a cumprir na escola e cada vez têm menos tempo para a sua própria formação.

25.Que critérios têm determinado as áreas/temas mais abrangidos pelas ações de formação?

Resposta: Enquanto os critérios foram definidos pelo Ministério da Educação, foram prioridades definidas superiormente, portanto, desconheço quais foram os motivos que determinaram essas opções. Depois posso dizer que houve ainda a este nível de decisões do Ministério de Educação, de prioridades para a formação, houve fases em que a Avaliação do Desempenho Docente era uma prioridade, a Avaliação Interna das Escolas era uma prioridade, resultante de um momento sócio-político e de uma reestruturação que se pretendia fazer numa reorganização do sistema de ensino e, portanto, foi esse o fator motivador dessas opções. Depois passámos por uma fase em que a decisão foi no sentido de toda a formação ser para as Tecnologias da Informação e da Comunicação, portanto, foi o Plano Tecnológico, foi uma opção do Governo a todos os níveis, portanto, todas as verbas que existiam foram canalizadas para a formação do Plano Tecnológico da Educação, que neste momento está interrompido; portanto, só abrangeu um terço dos professores a nível Nacional. Depois outro aspeto que condicionou as escolhas das áreas de formação, também se prende com algo que eu já disse há pouco que é com os resultados dos relatórios PISA, que dizem (...) de 2 em 2 anos, penso, quais são as áreas em que (...) os resultados dos alunos são mais fracos, portanto, Português e Matemática, as literacias para a Leitura e para a Matemática foram as que foram alvo de um plano de formação mais estruturado. Depois são opções a nível Regional, portanto, do próprio conjunto de escolas: quando há um problema que é sentido numa determinada escola, opta-se por fazer formação naquela área, para aquela escola.... “Violência em Meio Escolar”, “Educação para a Saúde”. O próprio Ministério, ao introduzir Projetos como o Projeto para a “Educação para a Saúde”, obrigatório nas escolas; o Projeto “Escola Ativa”, a que muitas escolas aderiram; ao sair a legislação relativa à obrigatoriedade da Educação Sexual nas escolas... portanto, são áreas de alguma forma novas que obrigam a escola a investir nesse sentido para poder dar resposta às solicitações do Ministério de Educação. Portanto, se tem de desenvolver um Projeto de Educação para a Saúde, o Ministério define como área prioritária a formação na Educação para a Saúde; se temos, por exemplo, formação em relação às novas tecnologias, se temos escolas equipadas com as novas tecnologias, as escolas pedem formação para as novas tecnologias; e por aí adiante.

26. Em que áreas/temas não tem sido possível dar resposta à procura de formação? Na sua perspetiva, que razões determinaram essa incapacidade de resposta?

Resposta: Como já há pouco disse temos aqui a nível interno falta de formadores no Centro de Formação de Professores de Portimão e Monchique, temos muita falta de formadores de línguas estrangeiras. Já tenho lançado esta questão à Comissão Pedagógica solicitando que incentivem os professores de cada escola, que tenham pós-graduações, Mestrados, a puderem vir ter com o Centro de Formação para pedirem a certificação como formadores, para podermos rentabilizar esses recursos. Tal ainda não aconteceu.

26.1. Relativamente aos grupos de recrutamento de língua estrangeira (Inglês, Alemão, Espanhol, Latim) das escolas associadas de ensino secundário, tem sentido alguma dificuldade em dar resposta aos pedidos de formação? Na sua perspetiva, que razões determinaram essa incapacidade de resposta?

Resposta: (...) considero mesmo que as línguas estrangeiras são (...) dos grupos mais carenciados em formação nos últimos anos. A formação que tem sido feita, ou é uma formação mais generalista, onde também se incluem os Grupos de Línguas Estrangeiras, ou foi formação encomendada e paga pelo Centro à APPI, (...) porque aqui a nível Local não temos recursos (há colegas que vêm dizer ” mas a APPI tem tanta oferta formativa, porque é que vocês não pedem para que eles venham cá?) ... porque não temos dinheiro para pagar, nós não podemos encomendar coisas que depois não podemos financiar.

27. Quais as modalidades de formação que têm sido na sua maioria levadas à prática?

Resposta: Neste momento, posso dizer que temos mais ou menos equitativamente três modalidades: Cursos de Formação; Oficinas de Formação e Círculos de Estudos. Temos também alguns Projetos; portanto, são as quatro modalidades mais levadas à prática. Inicialmente havia mais Cursos, portanto, são formações mais teóricas, mais centradas em sala; (...) nos últimos anos, todo o incentivo do Centro é para que se desenvolvam modalidades de formação mais viradas para o contexto educativo, para a prática, portanto, Oficinas e Círculos de Estudos.

27.1. Porquê?

Resposta: Porque o 1º objetivo da formação, do nosso ponto de vista, é capacitar os professores para trabalharem com os seus alunos com vista à melhoria dos resultados escolares; (...) em todos os níveis, para trabalhar conhecimentos utilizamos umas estratégias, para trabalhar competências, temos que utilizar outras estratégias. Ou seja, a natureza dos objetivos define a natureza das estratégias. Como nós pretendemos sobretudo que os professores na formação contínua desenvolvam o saber-fazer prático, as competências práticas, porque o professor sendo uma pessoa diferenciada tem perfeitamente capacidade para ir investigar aos livros, a todos os meios, à *Internet*, onde quer que seja, o conhecimento

teórico precisa é de ser mobilizado e de mobilizar esse conhecimento em comunidades de prática e portanto, pondo-se ele próprio em ação. Ora, as Oficinas de Formação implicam que haja uma aplicação dos conteúdos da formação em contexto de sala de aula, portanto, aplicação com os alunos (...); os Círculos de Estudos pressupõem que um grupo de pessoas que têm as mesmas matérias de trabalho, as mesmas dificuldades, o mesmo público-alvo, os mesmos conteúdos, discutam sobre os seus casos, sobre os seus problemas, portanto, partilhem formas de fazer, o que também é bastante eficaz do nosso ponto de vista em termos de melhoria do desempenho do professor.

28. Para além da formação financiada que outras iniciativas de formação foram desenvolvidas pelo CFAE?

Resposta: Pois este ano não tivemos nenhuma formação financiada e temos neste momento 40 Ações de Formação, ou já terminadas ou em curso ou muito prestes a começar. Portanto, como já disse há pouco, estou bastante congratulada com a forma como as escolas responderam à nossa solicitação de aproveitamento de recursos humanos e, portanto, é à custa de alguma boa vontade, das pessoas e das escolas que esta formação está a ser levada a cabo.

29. Qual é a sua opinião sobre os ciclos de formação de curta duração?

Resposta: Pois depende! Acho que faz sentido que seja incluído na formação contínua dos professores, ou seja, (...) considerada a formação que os professores fazem, por exemplo, em Congressos, em Seminários, (...) embora não sejam formações acreditadas pelo Conselho Científico. De qualquer forma, acho que deve haver uma proporção entre a formação certificada pelo Conselho Científico e a formação não certificada. Ou seja, ao longo do Ciclo Avaliativo de Desempenho, do ciclo para a progressão na carreira, o professor, do meu ponto de vista, deve poder ter horas de formação conseguidas através desta formação de curta duração (Congressos, Seminários, Workshops, etc), mas deverá ter também uma percentagem de formação contínua acreditada pelo Conselho Científico.

30. Na sua opinião, para além das ações de formação, como é que as escolas associadas e os professores podem utilizar os recursos do CFAE?

Resposta: Em 1º lugar, podem consciencializar-se de que o Centro de Formação de Associação de Escolas é aquilo que as escolas associadas desejam que ele seja. Portanto, o Centro de Formação é de Associação de Escolas; os recursos humanos, os recursos até físicos do Centro de Formação dependem das escolas associadas e que têm igualmente obrigação ou dever de conceder ao Centro de Formação esses recursos. E estou a pensar concretamente no facto de, neste momento, o Centro de Formação de Associação de Escolas de Portimão é constituído pela sua diretora e pela Comissão Pedagógica que reúne de 3 em 3 meses. Portanto, não há Funcionária Administrativa e não há Professores Assessores. (...) É impossível ter em funcionamento um plano de ação alargado como se pretende sem ter recursos humanos para o desenvolver. Portanto, se as escolas investirem, e como têm obrigação de investir no seu Centro de Formação, colaborando com recursos humanos e colaborando com sugestões, com solicitações, envolvendo-se na própria política formativa do Centro, o Centro pode melhorar significativamente. Por outro lado, como é que as escolas podem aproveitar os recursos do Centro? - Temos um centro de recursos com documentação (...) que está na Biblioteca da Escola Sede, a Escola Secundária Poeta António Aleixo, e que está *on line* (...). Temos também uma plataforma *moodle*, onde são colocados os trabalhos das várias ações de formação e temos trabalhos das ações de formação que podem ser consultados, portanto, é um recurso que está acessível a quem o queira utilizar.

31. Quais eram as suas expectativas, no início do processo, acerca da formação contínua a desenvolver no âmbito do CFAE? Que razões estavam subjacentes a essas expectativas? O que sentia pessoalmente acerca da construção da formação contínua no âmbito do CFAE?

Resposta: Uma prova de que é viável construir planos de formação de acordo com as necessidades das escolas, ou muito próximo das necessidades das escolas, é aquilo que está a acontecer este ano; portanto, sem financiamento... aqui a grande questão que se tem colocado ao longo dos anos tem sido sempre as restrições de financiamento, as prioridades que o Ministério determina para esse financiamento ou determinava; as prioridades de formação que poderiam ser financiadas e os Quadros Legislativos que orientavam a atuação do Centro num determinado sentido e, portanto, não podíamos tomar iniciativas que não fossem enquadradas legalmente. Neste momento, como esquecemos a parte do financiamento e nos é dito que devemos, pela Tutela, rentabilizar os recursos e que as escolas (...) devem colaborar com os Centros de Formação neste sentido, eu acho que neste momento conseguimos fazer mais coisas do que estávamos a fazer anteriormente. Portanto, vai mais ao encontro daquilo que eram as minhas expectativas. Quando eu entrei para o Centro de Formação achava que um Centro de Formação de Associação de Escolas devia ser uma comunidade de formação em que se rentabilizavam os recursos das escolas, se rentabilizavam o conhecimento das pessoas, porque há muitos professores com Doutoramentos que não estão a ser (...) partilhados com a restante comunidade; (...) cada vez

temos professores mais qualificados e mais competentes que, se lhes fossem dadas oportunidades e se fosse enquadrada essa possibilidade a nível da escola e da organização da sua atividade na escola, poderiam ser muito mais rentabilizados como formadores, como dinamizadores de processos de formação do que a dar aulas de substituição ou a tomar conta da Sala do Aluno, ou qualquer outra tarefa que lhe seja atribuída.

32.Houve mudanças em torno dessas expectativas decorridos três anos de funcionamento do CFAE? No caso de terem existido mudanças, como se operou essa evolução? Que razões crê estarem subjacentes a essa evolução?

Resposta: Houve, mas pode haver ainda mais passos no sentido de atingir aquelas que eram as expectativas que eu tinha inicialmente. Pensando que aquilo que eu acho foi o aspeto mais positivo (...), que levou a que melhorasse as expectativas que eu tinha (...), foi o facto de se poder gerir os recursos humanos da comunidade em que se insere o Centro com mais facilidade. Está a haver, para benefício das escolas!... Neste momento posso-lhe dizer que em todas as escolas (...) associadas a este Centro de Formação está a acontecer formação nesta modalidade, em que formadores internos, pessoas da própria escola estão a partilhar os seus conhecimentos acrescidos, as suas áreas de especialização com grupos dentro da própria escola (...) e daqui saem resultados. Porque o facto de estarem a reunir e a ouvir opiniões diversas sobre os seus problemas quotidianos e sobre as suas necessidades, a nível da sala de aula, a nível da própria escola, contribui grandemente para a formação contínua dessas pessoas

33.Que projetos existem para o futuro quanto à formação a desenvolver pelo CFAE? Em sua opinião quais são os pressupostos subjacentes a esses projetos? Que apoios crê existirem para esses projetos? O que sente pessoalmente em relação a esses projetos?

Resposta: Gostaria muito que, se pudesse concretizar, uma ideia que já tem sido discutida entre nós, Diretores de Centros de Formação e Diretores de Escolas, que é um pouco na continuidade disto que tem sido feito este ano, de poder rentabilizar os recursos das próprias escolas. E então, o 1º passo seria identificar em cada escola os professores que têm formação acrescida, e que têm perfil de formadores ou que já são formadores; e esses professores constituiriam uma bolsa de formadores interna do Centro de Formação; (...) portanto, o Centro de Formação teria um conjunto de formadores, pessoas com Mestrados, com Doutoramentos, com Pós-graduações em determinadas áreas que cobrissem todas as áreas de formação que são necessárias e que o Centro de Formação “utilizaria”, portanto, que seriam os formadores deste Centro de Formação ao longo do ano para todas as escolas, ou para todos os professores que precisassem de fazer formação nessa área. Por exemplo, temos um professor com Mestrado na Didática das Línguas Estrangeiras que tem no seu horário, em vez de ter as 24 ou 25 horas de trabalho na escola, componente letiva e não letiva, mas só direcionada para a sua escola, teria por hipótese 4 horas por semana que eram atribuídas ao seu trabalho no Centro de Formação. Claro que isto é, se ele estiver nessa disposição! (...) Mas há muitas pessoas que gostam de ser formadores, preferem ser formadores do que estar a fazer aulas de substituição. Então, o Centro de Formação sabe que ao longo do ano tem um formador de línguas que pode desenvolver formação no correspondente a 4 horas por semana. Então desenham-se as formações a pedido dos professores e das escolas e não temos custos, porque o professor já está a ser pago. (...) Portanto, a bolsa de formadores interna do Centro de Formação seria constituída por professores com uma formação acrescida em todas as áreas disciplinares, em todas as áreas que fossem consideradas necessárias para promover a formação daquele conjunto de escolas associadas. E penso que por aqui se resolviam os problemas da formação contínua. (...) Eu sinto que é uma via importante para resolver a formação contínua. E com benefícios para os professores e para as escolas. Mas também sinto que é preciso que se reúnam algumas condições para que isto aconteça. E essas condições terão que (...) surgir da Tutela; portanto, quando (...) chega às escolas o Despacho que determina as condições de arranque do ano letivo e a atribuição dos horários aos professores, isto teria que ser legislado que, “os professores que fossem considerados aptos e que estivessem disponíveis para ser formadores” tivessem x horas no seu horário passíveis de serem utilizadas como formadores. (...) Depois inerente a isto haveria outro tipo de legislações e de medidas que deveriam ter que ser tomadas para que isto fosse possível.

34.Em sua opinião, qual tem sido o valor/relevância da formação que o CFAE tem oferecido?

Resposta: Não posso dizer que a formação que tem sido oferecida é a desejável. Por todas as razões que já mencionei. Todos os anos sentimos angústia no momento de organizar a oferta formativa, no momento de receber os planos de formação e quando verificamos que não temos condições para por aqueles planos de formação de pé. Os grandes *handicaps* são os que já falámos: falta de recursos financeiros... eu já nem digo falta de recursos humanos para o Centro de Formação! Porque posso dizer que não deixámos de fazer formação pelo facto do Centro de Formação não ter Funcionário Administrativo ou não ter outros apoios! Temos conseguido o que temos pretendido! (...) Tem sido feito tudo o que nos propusemos fazer! Agora, não podemos ir além daquilo que é determinado pela Tutela e que os recursos financeiros nos permitem fazer ou que as escolas se disponibilizam para colaborar!

Anexo 15

Registo das unidades de sentido, tema por tema, por categorias e subcategorias emergentes da entrevista ao Diretor do Centro de Formação de Associação de Escolas - CFAE - de Portimão e Monchique

TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS/ Unidades de sentido
<p>Conhecer os papéis a desempenhar pelos vários intervenientes relativamente à conceção, implementação e avaliação da política de formação do CFAE de Portimão e Monchique</p>	<p>O modo como se desenrolou o processo de definição da política de formação do CFAE</p> <p>O modo como o CFAE concebeu o processo de identificação das necessidades de formação</p> <p>Que prioridades foram definidas quanto às necessidades de formação decorrentes do levantamento efetuado; e quais os critérios que levaram a essa definição de prioridades</p> <p>O processo de elaboração dos planos de formação do CFAE</p>	<p style="text-align: center;">Processo de definição do Plano de Ação do CFAE</p> <p>.as escolas associadas desenham ou têm por atribuição fazer o seu Plano de Formação para um biénio</p> <p>. os planos de formação das várias escolas associadas dão entrada no Centro de Formação e o Centro de Formação, em função de todos os planos de formação de todas as suas escolas elabora o seu Plano de Ação para um biénio.</p> <p style="text-align: center;">Processo de identificação das necessidades de formação</p> <p>.elaboração de um Guião Operacional para a pesquisa das necessidades de formação</p> <p>.sistematização da informação através de uma grelha por forma a englobar as solicitações/pedidos de formação das escolas associadas</p> <p>.a Diretora do CFAE , em função dos recursos que tem disponíveis para avançar com a formação, recursos humanos e materiais, elabora um Plano de Ação que deve englobar as propostas das várias escolas</p> <p>.esse Plano de Ação do Centro vai então à aprovação em reunião da Comissão Pedagógica onde estão representados todos os Diretores das Escolas</p> <p style="text-align: center;">Definição de prioridades e critérios para essa definição</p> <p>.as prioridades são definidas pelos próprios Grupos de Recrutamento das escolas, embora possam e sejam muitas vezes orientadas pelo Conselho Pedagógico</p> <p>.o (a) Diretor(a) da escola (Direção da Escola) pode dar orientações no sentido de que a formação venha de facto contribuir para atingir objetivos do Projeto Educativo daquela escola, e mediante os resultados da Avaliação Interna da sua escola, bem como mediante os resultados alcançados pelos alunos (no final do ciclo, em provas de Exames...), definir formação no sentido de melhorar os resultados dessa mesma Avaliação em determinadas áreas</p> <p>.prioridades de formação inerentes a Quadros Legislativos, por exemplo, formação na área da Avaliação do Desempenho Docente, da Avaliação Interna das Escolas</p> <p>.priorizam-se as necessidades de escola em detrimento das necessidades dos professores /Grupos de Recrutamento</p> <p style="text-align: center;">Modo de elaboração dos planos de formação do CFAE</p> <p>.apresentação de um Guião à Comissão Pedagógica com a presença dos Diretores de todas as escolas associadas. Nesse guião consta um enquadramento legislativo e sugere-se que seja feito um enquadramento teórico da Instituição, ou seja, que se caracterize a escola a nível macro; depois, que sejam identificados os objetivos do Projeto Educativo da escola e, em seguida, sejam apresentadas as necessidades de formação de cada um dos grupos de docência</p>

	<p>Quais as estruturas de apoio necessárias para a conceção e implementação do plano de formação</p> <p>O modo como foi concebida a avaliação do plano de formação</p>	<p>.depois de aprovado o Plano de Ação do Centro, pela Comissão Pedagógica, pelo conjunto dos Diretores das escolas associadas , é pedido pela Diretora do Centro que cada escola indique uma ou duas pessoas que irão ser responsáveis pela operacionalização da construção do plano, construção monitorizada pela Diretora do Centro</p> <p>.depois da fase do levantamento das necessidades de cada escola, reúne-se os conteúdos selecionados</p> <p>. depois de sistematizadas as necessidades das escolas, a Diretora do Centro analisa os pedidos em função da sua viabilidade e fazem-se reuniões intermédias com as Direções das Escolas</p> <p>.na fase final, a Diretora do Centro elabora uma proposta de Plano de Ação para o biénio seguinte e apresenta-o à Comissão Pedagógica para posterior ratificação das propostas</p> <p style="text-align: center;">Estruturas de apoio</p> <p>.o Guião Operacional</p> <p>.grelhas informatizadas por forma a fazer a recolha das propostas dos professores das diferentes escolas, por via informatizada</p> <p>.grelha síntese para registo e tratamento dos dados</p> <p>.nomeação de uma ou duas pessoas de cada uma das escolas associadas, que irão auxiliar a Diretora do Centro desde a fase de construção do Plano de ação do CFAE até ao lançamento/sistematização dos dados e posterior apresentação do mesmo à Comissão Pedagógica do Centro</p> <p style="text-align: center;">Avaliação do Plano de Formação</p> <p>.é pedido às escolas, no Guião Operacional, que façam sugestões sobre o modo como poderá ser feita a avaliação do plano de formação</p> <p>.tratamento estatístico dos dados: quantas ações foram desenvolvidas, quantos formandos as frequentaram, quantas horas de formação, qual o custo das horas de formação...</p>
<p>Conhecer as relações que se têm estabelecido entre o CFAE em estudo e o Ministério da Educação entre o CFAE e o Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua (CCPFC) e entre CFAE e os parceiros educativos locais (instituições do ensino superior</p>	<p>O tipo de comunicação estabelecido entre o CFAE e a DREALG; E entre o CFAE e os diferentes programas do Fundo Social Europeu (FOCO, PRODEP, POPH) para financiamento da formação</p>	<p style="text-align: center;">Comunicação estabelecida entre o CFAE e a DREALG;</p> <p style="text-align: center;">Comunicação estabelecida entre o CFAE e os programas do Fundo Social Europeu</p> <p>.reuniões mensais entre os 6 Centros de Formação do Algarve nas instalações da própria Direção Regional e com a presença de um elemento da Direção Regional de Educação, que tem esta função de acompanhar a Formação Contínua e quase sempre com a presença do Diretor Regional ou Diretor Regional Adjunto</p> <p>. todos os Centros de Formação do Algarve, nestes últimos 3 anos, têm tido possibilidade de ver desmultiplicado no seu Centro formação contínua dada por técnicos da Direção Regional, relativamente a todos os projetos que estão em curso nas escolas do Algarve, o que alarga a oferta formativa</p> <p>. as relações com as fontes de financiamento são sempre relações muito rígidas e muito fechadas: as regras estipuladas a nível Nacional surgem por <i>mail</i>, ou por um ofício igual em todo o País</p> <p>.enquanto houve (no Algarve!) apoio do Fundo Social Europeu, havia sempre a presença de técnicos operacionais , técnicos com Sede na Direção Regional de Educação (1 técnico do FOCO; 1 do PRODEP; e 1 também do CREN), que faziam a articulação com as escolas. Tinham um papel de grande proximidade e eram solícitos em situação de pedido de esclarecimento relativamente a documentação (comprobativos...), sobre os Mapas de Execução Física e Financeira</p>

<p>e autarquias)</p>	<p>Opinião acerca do tipo de comunicação estabelecido entre o CFAE e o Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua (CCPFC)</p> <p>Apreciação dos critérios de análise pedagógica e financeira utilizados, pelas equipas dos programas FOCO, PRODEP, POPH para a análise das propostas de ações de formação</p> <p>Quais os tipos de apoio que o CFAE recebeu da DREALG</p> <p>Dificuldades sentidas nas relações entre o CFAE e o Ministério da Educação; e os fatores de facilitação dessa relação</p> <p>Dificuldades sentidas nas relações entre o CFAE e o Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua (CCPFC); e os fatores de facilitação dessa relação</p>	<p style="text-align: center;">Comunicação estabelecida entre o CFAE e o CCPFC</p> <p>.espírito de colaboração: é um aliado dos Centros de Formação, pois compreende melhor que ninguém o trabalho que os Centros de Formação fazem</p> <p>.em virtude de estar cada vez mais desprovido de meios, o processo de acreditação das ações de formação pedidas pode ser demorado; no entanto, por vezes, em situações mais prementes, o processo pode ser mais célere.</p> <p>.sobre os critérios de acreditação das ações e sobretudo os critérios de relevância para efeitos da formação ser considerada específica ou não, também às vezes os critérios são considerados demasiado fechados</p> <p style="text-align: center;">Critérios de análise pedagógica e financeira utilizados, pelas equipas dos programas FOCO, PRODEP, POPH</p> <p>.nos últimos 2 anos, o financiamento foi muito pontual e era totalmente determinado pela Tutela. (ex. a formação do Plano Tecnológico da Educação, vulgo PTE, foi totalmente liderado e monitorizado pela DGRHE, por uma equipa que tinha assento na DGRHE)</p> <p>.do ponto de vista pedagógico, por norma, com um ou outro aditamento ao pedido de acreditação, o processo é célere</p> <p style="text-align: center;">Apoios recebidos pelo CFAE da DREALG</p> <p>.espírito de colaboração</p> <p style="text-align: center;">Dificuldades e fatores facilitadores nas relações entre o CFAE e o Ministério da Educação</p> <p>.a mudança sistemática de Quadros Legislativos de opções educativas, relativas, por ex., a Modelos de Avaliação de Professores, com o novo Estatuto da Carreira Docente, estipulando-se novas formas de regulamentar e enquadrar a formação contínua.</p> <p>.as relações são estabelecidas por uma via hierárquica: cada região tem um representante dos Centros de Formação que são dessa região, que articula com o Ministério da Educação e que transmite as dificuldades que a sua rede de Centros sente e, por sua vez, leva ao Ministério da Educação opiniões da sua rede de Centros sobre alguns aspetos para os quais é solicitado a apresentar sugestões, como por ex, o Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores que se encontra em fase de revisão</p> <p style="text-align: center;">Dificuldades e fatores facilitadores nas relações entre o CFAE e o CCPFC</p> <p>.falta de agilização aos pedidos de acreditação por falta de recursos humanos</p> <p>.criação de uma plataforma <i>on line</i> facilitadora da comunicação</p>
----------------------	---	--

	<p>Instituições com as quais o CFAE estabeleceu relações de parceria</p> <p>Razões que conduziram às relações de parceria</p> <p>Os objetivos que as parcerias se propuseram atingir</p> <p>Tipos de mecanismos criados para a comunicação, a coordenação de iniciativas e a tomada de decisões entre o CFAE e os parceiros educativos locais</p> <p>Evolução das parcerias que o CFAE tem estabelecido</p> <p>O impacto das relações de parceria na política de formação do CFAE</p>	<p style="text-align: center;">Relações de parcerias (Entidades)</p> <p>.Protocolos com a Direção Regional de Educação, com a Câmara Municipal de Portimão; cm a Universidade; com a ARH (Administração dos Recursos Hídricos do Sul). Com as Escolas e Autarquia também se estabelecem parcerias.</p> <p style="text-align: center;">Razões conducentes às relações de parceria</p> <p>.possibilidade de articular interesses e motivações em comum entre as partes intervenientes nos projetos de parceria a desenvolver: uns têm os recursos humanos, outros têm os recursos financeiros</p> <p>.através da Educação e da Formação conseguem-se melhores resultados ao nível da sensibilização e conscientização para certas questões/problemas</p> <p style="text-align: center;">Objetivos resultantes das parcerias</p> <p>.os objetivos são, na sua generalidade, alcançados para ambas as partes em resultado de uma articulação mais proveitosa e mais desinteressada</p> <p style="text-align: center;">Mecanismos criados para a comunicação, a coordenação de iniciativas e a tomada de decisões entre o CFAE e os parceiros educativos locais</p> <p>.estabelecem-se atribuições para cada um dos parceiros, fazem-se reuniões, partilham-se objetivos, partilham-se responsabilidades e depois partilham-se resultados.</p> <p style="text-align: center;">Evolução das parcerias estabelecidas pelo CFAE</p> <p>.as parcerias que têm sido mais eficazes são as estabelecidas com entidades públicas e não com entidades privadas, por questões económicas; quem colabora e quem é mais solícito nestas questões de parcerias são normalmente as Autarquias, a Direção Regional de Educação, a Universidade e, por vezes, as Associações de Profissionais</p> <p style="text-align: center;">O impacto das relações de parceria na política de formação do CFAE</p> <p>.impacto significativo em virtude de os formandos/ professores da escola puderem por em prática “pacotes” de formação, com resultados ao nível de sala de aula, ao nível do trabalho com os alunos, com os quais poderão ser implementadas práticas pedagógicas inovadoras</p>
<p>Conhecer as fundamentações acerca das grandes linhas orientadoras da política de formação, assim como das prioridades definidas pelo CFAE em estudo</p>	<p>As linhas orientadoras definidas pelo CFAE para a formação</p>	<p style="text-align: center;">As linhas orientadoras definidas pelo CFAE para a formação</p> <p>.rentabilizar ao máximo os Protocolos estabelecidos com a Direção Regional e outras entidades</p> <p>.centrar a formação nas escolas no sentido de rentabilizar os recursos humanos existentes na escola: é política deste Centro de Formação, através da sua Comissão Pedagógica, criar condições para que em cada escola haja uma política de formação, quer através da atribuição de horas para trabalho colaborativo intragrupo, identificando um formador e desenvolvendo ao longo do ano formação, quer questionando determinados professores, que já eram formadores ou que tenham perfil de formadores, sobre a sua disponibilidade de eles próprios puderem dar formação no seio da escola, futuramente, desenvolvendo formação contínua.</p>

	<p>Razões subjacentes à definição dessas grandes linhas orientadoras</p> <p>As prioridades, definidas pelo CFAE, para a formação</p> <p>Razões subjacentes à definição dessas prioridades</p>	<p>Razões subjacentes à definição dessas linhas orientadoras</p> <p>.centrar a formação na escola (Formação Institucional), de acordo com as necessidades dessa escola e com os objetivos do Projeto Educativo dessa escola</p> <p>Prioridades definidas pelo CFAE</p> <p>.as prioridades são definidas pelas Escolas Associadas quando entregam o seu plano de formação, não são propriamente definidas pelo Centro; por ex. as prioridades têm sido relacionadas com as Tecnologias da Informação e da Comunicação, com o processo de Avaliação e com alguma formação específica em determinadas áreas</p> <p>.este ano, as prioridades foram definidas em função daquilo que era exequível e não era exequível.</p> <p>Razões subjacentes à definição dessas prioridades</p> <p>.as razões são fundamentalmente de ordem financeira: foram identificadas nos planos de formação as ações de formação propostas que podiam realizar-se com recursos internos, com formadores da própria escola; ou aquelas pelas quais as escolas se podiam ou não responsabilizar pelo seu financiamento</p>
<p>Conhecer os problemas que têm sido sentidos pelo Diretor do Centro de Formação de Associação de Escolas quanto à concretização da política de formação do CFAE em estudo</p>	<p>Fatores de impedimento da implementação da política de formação do CFAE; o modo como têm sido contornados esses problemas</p> <p>Quais as influências (positiva/negativa) das alterações legislativas referentes à formação contínua na implementação da política de formação do CFAE</p>	<p>Constrangimentos à implementação da política de formação do CFAE e formas de contornar a questão</p> <p>.há Grupos de Recrutamento que têm mais oferta formativa do que outros. Este aspeto prende-se muito com a falta de formadores e falta de financiamento a fim de se poder requisitar formadores externos. Um dos Grupos Disciplinares mais carenciados a nível de formação na Didática é precisamente o Grupo de Línguas Estrangeiras onde existe apenas uma formadora de Línguas que, por razões profissionais, não tem podido comprometer-se em dar formação contínua</p> <p>.outro condicionalismo, são os prazos, os <i>timings</i> de acreditação das ações de formação o que muita vezes impede o cumprimento do cronograma inicialmente programado</p> <p>.nem sempre é possível uma oferta formativa abrangente, de todos os Grupos Disciplinares, de todos os níveis de ensino para que realmente a formação seja direcionada em todos os sentidos</p> <p>As influências (positiva/negativa) das alterações legislativas referentes à formação contínua na implementação da política de formação do CFAE</p> <p>.reformulação dos planos de formação de acordo com um novo Quadro Legislativo. Nessa situação era difícil, por vezes, sensibilizar os professores a colaborar no processo de formação contínua, uma vez que eles próprios não estavam suficientemente esclarecidos sobre estas mudanças</p> <p>.por outro lado, o mal-estar docente que aconteceu ao longo destes últimos anos, por razões de todos conhecidas, pela instabilidade que se sentiu ao nível das escolas, o que foi também um fator negativo, e desmotivou os professores a colaborarem na formação contínua</p>

<p>Conhecer as características da formação oferecida pelo CFAE em estudo</p>	<p>Os critérios que têm determinado as áreas/temas mais abrangidos pelas ações de formação</p> <p>Áreas/temas menos abrangidos pela procura de formação; e razões para essa incapacidade de resposta</p> <p>Razões das dificuldades em dar resposta aos pedidos de formação por parte dos grupos de recrutamento de língua estrangeira (Inglês, Alemão, Espanhol, Latim) das escolas associadas de ensino secundário</p> <p>Modalidades de formação de maior frequência e suas razões</p>	<p>Os critérios que têm determinado as áreas/temas mais abrangidos pelas formação</p> <p>.ao nível de decisões do Ministério de Educação, de prioridades para a formação, houve fases em que a Avaliação do Desempenho Docente era uma prioridade, a Avaliação Interna das Escolas era uma prioridade, resultante de um momento sócio-político e de uma reestruturação que se pretendia fazer numa reorganização do sistema de ensino e, portanto, foi esse o fator motivador dessas opções</p> <p>.a seguir passámos por uma fase em que a decisão foi no sentido de toda a formação ser para as Tecnologias da Informação e da Comunicação; foi o chamado Plano Tecnológico. Este foi uma opção do Governo a todos os níveis, portanto, todas as verbas que existiam foram canalizadas para a formação do Plano Tecnológico da Educação, que neste momento está interrompido, tendo abrangido somente um terço dos professores a nível Nacional.</p> <p>.outro aspeto que condicionou as escolhas das áreas de formação, também se prende com os resultados dos relatórios PISA, que dizem que os alunos portugueses acusam níveis de literacia na Leitura (conhecimentos de Língua Portuguesa) e na Matemática muito baixos, sendo que estas áreas foram alvo de um plano de formação mais estruturado</p> <p>.as opções a nível Regional, portanto, do próprio conjunto de escolas: quando há um problema que é sentido numa determinada escola, opta-se por fazer formação naquela área; por outro lado, as solicitações do Ministério de Educação para que se desenvolvam Projetos de carácter obrigatório como “Educação para a Saúde”, ou mesmo outros Projetos sem serem obrigatórios (“Violência em Meio Escolar”, “Escola Ativa”, a que muitas escolas aderiram) levam as escolas associadas a priorizar essas áreas nos seus planos de formação</p> <p>Áreas/temas menos abrangidos pela procura de formação; e razões para essa incapacidade</p> <p>.Grupo de Recrutamento das Línguas Estrangeiras</p> <p>.falta de formadores</p> <p>Razões das dificuldades em dar resposta aos pedidos de formação por parte dos grupos de recrutamento de língua estrangeira</p> <p>.incapacidade de financiamento para requisitar formadores externos</p> <p>Modalidades de formação de maior frequência e suas razões</p> <p>.Cursos de Formação; Oficinas de Formação; Círculos de Estudos e também alguns Projetos, são as quatro modalidades mais levadas à prática.</p> <p>.inicialmente havia mais Cursos; estas são formações mais teóricas, mais centradas em sala. Nos últimos anos, todo o incentivo do Centro é para que se desenvolvam modalidades de formação mais viradas para o contexto educativo, para a prática, portanto, Oficinas e Círculos de Estudos.</p> <p>.o 1º objetivo da formação, do nosso ponto de vista, é capacitar os professores para trabalharem com os seus alunos com vista à melhoria dos resultados escolares; para tal, é preciso que os professores na formação</p>
--	---	--

	<p>Outras iniciativas de formação desenvolvidas pelo CFAE além da formação financiada</p> <p>Opinião sobre os ciclos de formação de curta duração</p> <p>O modo como as escolas associadas e os professores podem utilizar os recursos do CFAE</p>	<p>contínua desenvolvam o saber-fazer prático, as competências práticas, porque o professor sendo uma pessoa diferenciada tem perfeitamente capacidade para ir investigar aos livros, a todos os meios, à <i>Internet</i>. O conhecimento teórico precisa de ser mobilizado e de mobilizar esse conhecimento em comunidades de prática e portanto, pondo-se ele próprio em ação. Ora, as Oficinas de Formação implicam que haja uma aplicação dos conteúdos da formação em contexto de sala de aula, portanto, aplicação com os alunos</p> <p>.os Círculos de Estudos pressupõem que um grupo de pessoas que têm as mesmas matérias de trabalho, as mesmas dificuldades, o mesmo público-alvo, os mesmos conteúdos, discutam sobre os seus casos, sobre os seus problemas, portanto, partilhem formas de fazer, o que também é bastante eficaz do nosso ponto de vista em termos de melhoria do desempenho do professor.</p> <p style="text-align: center;">Outras iniciativas de formação desenvolvidas pelo CFAE</p> <p>.apelar à boa vontade dos professores das escolas para que deem formação aos seus colegas/pares, uma vez que este ano não iria haver (e não houve!) qualquer formação financiada</p> <p style="text-align: center;">ciclos de formação de curta duração (opinião)</p> <p>.a formação que os professores fazem, por exemplo, em Congressos, em Seminários, <i>Workshops</i>, embora não sejam formações acreditadas pelo Conselho Científico, deviam ser consideradas como horas de formação, conseguidas através desta formação de curta duração. Inclusive, devia haver uma proporção entre a formação certificada pelo Conselho Científico e a formação não certificada. Ou seja, ao longo do Ciclo Avaliativo de Desempenho, do ciclo para a progressão na carreira, o professor deveria poder ter horas de formação conseguidas através deste tipo de formação de curta duração</p> <p style="text-align: center;">O modo como as escolas associadas e os professores podem utilizar os recursos do CFAE</p> <p>.O centro de recursos com documentação, que está na Biblioteca da Escola Sede, a Escola Secundária Poeta António Aleixo, é acessível <i>on line</i></p> <p>.existe uma plataforma <i>moodle</i>, onde são colocados os trabalhos das várias ações de formação e temos trabalhos das ações de formação que podem ser consultados</p>
<p>Conhecer a evolução das expectativas, pressupostos e atitudes do Diretor do Centro quanto às iniciativas de formação do CFAE em estudo</p>	<p>Expectativas, no início do processo, acerca da formação contínua a desenvolver no âmbito do CFAE; razões subjacentes a essas expectativas; e opinião acerca da construção da formação contínua no âmbito do CFAE</p>	<p style="text-align: center;">Expectativas, no início do processo, acerca da formação contínua a desenvolver no âmbito do CFAE; razões subjacentes a essas expectativas; e opinião acerca da construção da formação contínua no âmbito do CFAE</p> <p>.alguns obstáculos que poderiam impedir a concretização do Plano de Ação pelo CFAE, e inicialmente concebido de acordo com as verdadeiras necessidades das escolas associadas, foram: as restrições de financiamento, as prioridades que o Ministério determina para esse financiamento ou determinava; as prioridades de formação que poderiam ser financiadas e os Quadros Legislativos que orientavam a atuação do Centro num determinado sentido o que impedia qualquer iniciativa que não fosse enquadrada legalmente</p> <p>.neste momento, a ação do Centro e as suas capacidades vão mais ao encontro daquilo que eram as expectativas iniciais: não havendo financiamento, a Tutela apela para que rentabilizemos os recursos humanos, para que as escolas associadas colaborem com o seu Centro de Formação no sentido de dar oportunidade aos professores, com Perfil de formadores, ou</p>

	<p>Mudanças em torno dessas expectativas decorridos três anos de funcionamento do CFAE; como se operou essa evolução; e razões subjacentes a essa evolução</p> <p>Projetos para o futuro quanto à formação a desenvolver pelo CFAE; os pressupostos subjacentes a esses projetos; apoios para a concretização desses projetos; e opinião em relação a esses projetos</p> <p>O valor/relevância da formação que o CFAE tem oferecido</p>	<p>que até gostassem de dar formação, desde que devidamente certificados, e para que os mesmos possam rentabilizar o seu conhecimento, pois cada vez há mais professores qualificados e mais competentes que, se lhes for dadas oportunidades, e se for enquadrada essa possibilidade a nível da escola e da organização da sua atividade na escola, poderão ser muito mais rentabilizados como formadores, como dinamizadores de processos de formação</p> <p>Mudanças em torno dessas expectativas decorridos três anos de funcionamento do CFAE; como se operou essa evolução; e razões subjacentes a essa evolução</p> <p>.o aspeto mais positivo que levou a que melhorasse as expetativas foi o facto de se poder gerir os recursos humanos da comunidade em que se insere o Centro com mais facilidade, uma vez que em todas as escolas associadas a este Centro de Formação está a acontecer formação nesta modalidade, em que formadores internos, pessoas da própria escola estão a partilhar os seus conhecimentos acrescidos, as suas áreas de especialização com grupos dentro da própria escola</p> <p>Projetos para o futuro quanto à formação a desenvolver pelo CFAE; os pressupostos subjacentes a esses projetos; apoios para a concretização desses projetos; e opinião em relação a esses projetos</p> <p>.criação de uma bolsa de formadores interna do Centro de Formação que seria constituída por professores com uma formação acrescida em todas as áreas disciplinares, em todas as áreas que fossem consideradas necessárias para promover a formação daquele conjunto de escolas associadas. Esta seria uma medida que poderia resolver os problemas da formação contínua.</p> <p>.para que a medida supracitada se possa concretizar é preciso que a Tutela contemple na Legislação que regulamenta as condições de arranque do ano letivo e a atribuição dos horários aos professores, as situações dos professores que “fossem considerados aptos e que estivessem disponíveis para ser formadores” por forma a que estes possam ter x horas no seu horário passíveis de serem utilizadas para formação. Simultaneamente e inerente a isto, haveria outro tipo de legislações e de medidas que deveriam ter que ser tomadas para que isto fosse possível.</p> <p>O valor/relevância da formação que o CFAE tem oferecido</p> <p>.tem sido feito tudo o que tem sido proposto fazer! Os grandes <i>handicaps</i> são os recursos financeiros, essencialmente, o não poder ir além daquilo que é determinado pela Tutela ou para além daquilo que as escolas associadas ao Centro se disponibilizam para colaborar!</p>
--	---	--

Anexo 16

Transcrição da entrevista feita ao Diretor da Escola Secundária Poeta António Aleixo (A), Escola Secundária Manuel Teixeira Gomes (B) e Escola Básica e Secundária da Bemposta (C)

- Cargo que desempenha na Instituição: Diretora da Escola Secundária Poeta António Aleixo (A), Diretor da Escola Secundária Manuel Teixeira Gomes (B) e Adjunta da Diretora da Escola Básica e Secundária da Bemposta (C)
 - Número de anos a desempenhar esse cargo: 3 anos (A); 3 anos (B); 2 anos (C)
-

1. Em primeiro lugar, gostaria de saber, em sua opinião, como se desenrolou o processo de definição da política de formação do CFAE?

Resposta:

(A) Quanto ao processo, a Diretora do Centro de Formação reúne a Comissão Pedagógica para apresentar algumas orientações também, nomeadamente, superiores relativamente à política de formação e para ouvir os Diretores das diferentes escolas no que diz respeito e para definir a estratégia que vai ser utilizada para a definição, para a construção (...) do Plano do Centro de Formação.

(B) Através de um conjunto de reuniões. No início do ano é feita uma reunião em que participam os Diretores (também pertencemos à Comissão do Centro de Formação, a Comissão Pedagógica do Centro de Formação) e é delineado ou solicitado que cada escola apresente as suas necessidades e que formou no 1º programa relativamente às necessidades de formação quer do pessoal docente, quer do pessoal não docente. Esse trabalho é feito a nível de escola; é solicitado aos vários departamentos e também ao pessoal não docente que deem sugestões de áreas em que seja importante a implementação de formação.

(C) Houve uma reunião prévia no Centro de Formação onde estiveram presentes todos os agrupamentos, tanto de Portimão como de Monchique, onde se definiram algumas linhas orientadoras para os planos de formação, que posteriormente os agrupamentos elaborariam e devolveriam ao centro de Formação para se tentar articular em conjunto; quais as formações que era possível realizar, identificar logo os que existiam nas ditas escolas e depois, lançar então o conjunto de formações possíveis, que não envolvessem grandes custos, porque os formadores praticamente são todos internos, dos agrupamentos, e caso necessário, algumas serem pagas e partilhados esse custos por entre os diferentes agrupamentos.

2. Pode-me descrever o modo como a escola concebeu o processo de identificação das necessidades de formação?

Resposta:

(A) De acordo com algumas das orientações que são definidas nessa reunião da Comissão Pedagógica, nós na escola temos por prática para a definição ou para o levantamento das necessidades falar, ouvir os grupos disciplinares, dar também, e também vão ser incluídas nesse plano, depois (...) para o plano de formação do Centro, as ações que a própria Direção considera como sendo importantes para dar apoio ao projeto educativo da própria escola. Também para além disso, e estamos a falar agora, quer no campo do pessoal docente, quer do pessoal não docente, ouvimos o Conselho Pedagógico, ouvimos os grupos, ouvimos as pessoas individualmente, no caso do pessoal não docente também e depois definimos, para além do que vem proposto por esses órgãos, definimos também algumas áreas (...) que consideramos prioritárias para dar resposta ao nosso projeto educativo e assim como outras que (...) também são prioritárias ao nível ministerial.

(B) A sugestão normalmente é levada a Pedagógico, os Coordenadores de Departamento levam então aos vários Grupos a apresentação de sugestões e depois há uma equipa que vai organizar todas as sugestões e vai definir então as prioridades para a escola, para aquele biénio. Portanto, a escola já apresentou, já fez 2 Projetos, 2009/2011 e já apresentamos e este ano já foi apresentado o novo plano para 2011/2013.

(C) A escola, através do Conselho Pedagógico, elaborou um grelha que foi entregue a todos os Coordenadores de Departamento e, por sua vez, foram preenchidas pelos Grupos Disciplinares para apurar as necessidades de formação de cada um dos docentes, de cada área disciplinar.

3. Que prioridades foram definidas quanto às necessidades de formação decorrentes do levantamento efetuado? Quais foram os critérios que levaram a essa definição de prioridades?

Resposta:

(A) As da própria Direção, as do próprio Ministério e depois as que são provenientes dos Grupos Disciplinares.

(B) Houve um documento organizador, pelo Centro de Formação, (...) a partir do qual depois a escola trabalhou esse plano, portanto, havia já um Projeto pré-concebido para que depois a escola e os vários grupos iriam, dentro daqueles domínios, daquelas áreas mais genéricas, iriam apresentar propostas. Agora o que acontece é que nos últimos anos, as ações de formação programadas pelo Centro têm vindo a diminuir por falta de recursos e atualmente (...) o que se está a pedir e o que as escolas estão a fazer é implementar formação no interior da própria escola (...) aquelas formações (Círculos de Estudos...) que se está a apelar aos Grupos que o façam (...) ou até nalguns casos através de uma partilha com outra escola secundária. Há Grupos que tendo um nº reduzido de professores pode desenvolver uma ação de formação, tipo Círculo de Estudos, que poderá funcionar em moldes de 2 grupos.

(C) Cada grupo disciplinar, cada grupo de docentes identificou as suas necessidades (...) e fizeram propostas concretas, e nós ao elaborarmos o plano de formação não excluímos nenhuma formação. Incluímos todas e mais tarde, em reunião, com a Presidente do Centro de Formação, (...) tentámos ver quais eram exequíveis, quais não eram, quais as que podíamos partilhar com outros agrupamentos de Portimão... houve até uma que já foi lançada, que nos comprometemos a pagar uma parte, porque era um formador externo, e a Pr^a Fernanda Branco é que articulou entre os agrupamentos... o pagamento dessa formação. Mas não excluímos nenhuma formação.

4. Pode-me descrever o processo de elaboração dos planos de formação do CFAE? O que pensa do modo de elaboração dos planos de formação do CFAE?

Resposta:

(A) O Centro define então quais são os contributos que tem para a definição do plano, apresenta-nos (...) via Diretor do Centro, embora com o contributo das escolas, guiões, portanto, conjunto de instrumentos operacionais para a elaboração do próprio plano de formação do Centro. Portanto, cada escola e nomeadamente esta escola, tem uma secção do Conselho Pedagógico que é responsável por elaborar o plano de formação da escola. E é esse plano de formação que depois é partilhado com o Centro de Formação e o Centro de Formação vai fazer, no fundo, uma seleção, uma seriação das ações que (...) podem ser transversais às várias escolas (...) e elabora então o Plano de Formação do Centro, tendo em consideração, quer aquelas ações que são mais transversais, que podem ser propostas por esta escola mas que depois pode integrar elementos de outras escolas (e vice-versa!) e, para além dessas, também contempla algumas que são mais dirigidas a um público, por exemplo, do Secundário, ou um público mais do Básico (...). E é com base nos contributos de cada escola que é feito então o plano de formação do Centro de Formação (...).

(B) Como disse, há reuniões preparatórias em que o Centro apresenta um fio condutor de uma proposta que depois cada escola vai trabalhar; portanto, cada escola vai trabalhar esse esquema conceptual e depois apresentamos então o nosso conjunto de propostas (...), depois o Centro faz a reorganização e constrói o seu Plano de Formação com base nas sugestões apresentadas em cada um dos planos de formação. É claro que, se houver ações que até são propostas por várias escolas, então procura gerir de modo a que essa formação contemple então os vários Grupos, das várias escolas.

(C) Nós fizemos as nossas propostas; nós temos o nosso plano de formação. Depois em reunião com a Presidente do Centro tentámos ver o que é que era possível realizar; numa 1^a fase já foram lançadas estas formações. No caso concreto em que estamos agora, o plano de formação é 2011/2013, (...) e nós temos algumas formações propostas por nós já a decorrer e outras vão ser lançadas numa 2^a fase que será depois a partir de setembro (...), portanto, noutra fase. Algumas são também do nosso plano, outras são de outras escolas (...).

5. Que tipo de estruturas de apoio foram necessárias criar para a conceção e implementação do plano de formação da sua escola?

Resposta:

(A) São recursos humanos; são recursos também informáticos, portanto, equipamentos informáticos porque o Projeto é todo feito (...); portanto, há formulários informáticos para preenchimento que seguem todos a mesma estrutura para que depois possa haver concordância com as diferentes escolas, portanto, nós seguimos os tais instrumentos, os tais conjuntos de instrumentos operacionais por forma a que o próprio plano de formação, quer o de cada escola, quer o do Centro depois seja facilmente convertido. Portanto, são recursos humanos, recursos económicos, isto para a elaboração. Depois para a concretização são alguns recursos financeiros.

(B) Fez-se uma Comissão no Pedagógico constituída por (...) Coordenadora do Ensino Noturno, (...) Coordenador de Departamento e está um outro Coordenador de Departamento, estão 3 pessoas, portanto, que desencadearam esse processo e que até participaram em reuniões, no Centro de Formação, porque a 1ª reunião foi com os Diretores e a partir daí, depois, este ano, cada escola nomeou uma Comissão, um grupo de trabalho que desenvolveu mais duas reuniões no Centro de Formação e a partir daí foi depois delineado e foi apresentado em Pedagógico e foi apresentado ao Centro.

(C) A boa vontade e a “carolice” dos nossos colegas, porque basicamente quase todas as formações são dadas por colegas, ou do nosso agrupamento, ou de outros agrupamentos mas todas a título gratuito. Só há uma formação que foi aprovada, vamos todos pagar entre os agrupamentos, dividimos custos entre os agrupamentos. Cada um, consoante o nº de inscritos na formação, cada um de nós agrupamentos aprovámos pagar a formação a estes colegas que tem a ver com Os Novos Programas de Língua Portuguesa... que não havia formador disponível neste leque de escolas e então teve de ser “contratado” um formador!

6. De que forma foi concebida a avaliação do plano de formação? O que pensa da forma como foi concebida a avaliação do plano de formação?

Resposta:

(A) (...) os planos dos Centros de Formação são feitos por dois anos. No final do biénio, a própria Diretora do Centro de Formação apresenta um relatório à Comissão Pedagógica do nº de ações que foram concretizadas (...), o grau de consecução, as que não foram e porque é que não foram... portanto, é feito um balanço, um relatório (...) com todo o Projeto que foi desenvolvido.

(B) Numa das reuniões finais de ano ou de ciclo, a Diretora do Centro apresentou à Comissão Pedagógica a percentagem de concretização e houve situações em que a concretização foi para além dos 100%. ... até as dificuldades nos últimos anos, o Centro conseguiu estender o nº de formandos que integraram as ações que foram delineadas e houve situações em que ultrapassou os 100%. As verbas também não permitiram ir muito além mas houve quer ao nível do pessoal não docente, quer do pessoal docente, houve um conjunto de iniciativas que permitiu (...) ir para além em termos de formação.

(C) No último biénio, ainda havia dinheiro! No nosso caso concreto, nós até pagamos várias formações, não só aos nossos professores mas também a professores de outras escolas de Portimão, porque nós o ano passado tínhamos verbas adjudicadas à formação do TEIP de Alvor, porque este agrupamento quando foi criado há 2 anos atrás albergou o agrupamento de escolas da Mexilhoeira e o de Alvor. E o agrupamento de Alvor tinha TEIP e tinha verbas para formação (...) pagámos várias formações, aliás, fomos a nível de Portimão das escolas que conseguiu pagar formação, para nós e para os outros. Este ano já não somos TEIP, já não temos verbas. A nossa formação, este biénio, já é toda proposta por colegas nossos. (...) Quando não há verbas, o Centro só pode gerir dentro daquilo que os agrupamentos propõem. Não é como há uns anos atrás, em que o Centro tinha dinheiro... eles é que compravam formação, eles é que nos propunham formação. Neste momento, não! (...) Nós é que temos formadores, nossos colegas, que os propomos para formação. Quando eu faço este plano de formação, antes de por o nome das pessoas, eu falei com as pessoas! E essas pessoas disponibilizaram-se (...), ou seja, quando isto foi proposto, já tínhamos praticamente os formadores todos escolhidos.

7. O que pensa acerca das grandes linhas orientadoras definidas pelo CFAE para a formação?

Resposta:

(A) Eu penso que as linhas orientadoras procuram dar resposta às necessidades identificadas; vão, de forma racional, porque têm de ser geridas... portanto, as necessidades têm de ser também geridas com alguma razoabilidade, em virtude da necessidade de recursos humanos que também estão envolvidos para a concretização das mesmas; e, portanto, eu penso que as linhas orientadoras estão bem definidas, que são importantes para depois a consecução do próprio plano de formação.

(B) (...) na 1ª reunião do Centro, foi apresentado o programa (...) a desencadear ao longo do ano, onde estava incluído cada uma das escolas apresentar o seu plano de formação e com base nisso depois foi organizado ... agora as linhas orientadoras também é em função dos recursos; neste momento o Centro de Formação debate-se com grandes dificuldades financeiras e, portanto, apelou (...) que cada escola tentasse promover dentro dos formadores disponíveis (...) a linha orientadora é essa, é que a formação seja feita na escola com os recursos da escola, ou então, em parceria com outras escolas e partilhando recursos.

(C)Nesse último biênio que terminou, e que terminou em 2009/2011, a nível da formação, não estava no grupo de formação do Centro de Formação. De qualquer forma, a sensação que tenho é que realmente já não havia dinheiro para formação, logo já eram os agrupamentos que propunham. No caso concreto em Alvor, que eu estava em Alvor há 2 anos, tínhamos dinheiro e nós é que afetámos verbas do TEIP para formação e propusemos ao Centro de Formação fazer essas formações acreditadas para Portimão, para os nossos professores de Alvor e também para outros professores que estivessem interessados em participar. Ou seja, os agrupamentos neste momento é que são o motor da formação, eles é que estão a propor essa formação. Quando se acabaram as verbas ministeriais dos PRODEPs para a formação, os formadores vão dos agrupamentos e as verbas também vão.

8.Quais as razões que considera estarem subjacentes à definição dessas grandes linhas orientadoras?

Resposta:

(A)A possibilidade de concretização do plano que passa pela questão dos recursos humanos, da gestão da bolsa de formadores internos do próprio Centro, depois (...) da gestão dos recursos financeiros que estão por vezes associados e muitas vezes associados também à possibilidade de concretização. Outra questão que também (...) está subjacente à definição do plano é quais as parcerias já existentes que podem ser utilizadas... portanto, as formações por via dessas parcerias.

(B)É aproveitar os recursos humanos da escola... também foi esta a indicação que os próprios Centros, não só o nosso, mas os daqui do Algarve, receberam das reuniões que tiveram com o Secretário do Estado. Para além da formação da área de TIC que nos últimos dois anos foi a grande aposta, (...) a partir de agora, a aposta é apenas em formação Círculo de Estudos a nível de escola, portanto, passa tudo por aqui! De modo que, e a Poeta fez o ano passado e nós estamos a pensar em fazer este ano, que é atribuir uma hora comum ou um bloco de 90m a todos os professores de modo a permitir a troca e a facilitar a produção deste tipo de formação.

(C)O condicionamento da verba e a existência ou não de formadores acreditados nos diferentes agrupamentos, nas diferentes escolas naquelas áreas... porque imaginemos que os colegas pediram formação numa determinada área, mas se não há formador também não há dinheiro para pagar, essa formação não vai avante!

9.Qual a sua opinião acerca das prioridades, definidas pelo CFAE, para a formação?

Resposta:

(A)Genericamente, parecem-me adequadas. Poderá eventualmente uma ou outra situação poder ter sido (...) proposta por outra via (...) mas genericamente são equilibradas, (...) adequadas às necessidades (...).

(B)No momento atual e atendendo às restrições financeiras, acho que o caminho só pode ser este: é cada escola, dentro do seu grupo de pessoal docente e não docente, tentarem encontrar as soluções possíveis ou em situações em que não dispõe de recursos humanos, procurar parcerias, partilhas com outras escolas de modo a fomentar a formação possível. É evidente que a escola tem tido alguma preocupação desde os últimos 2 anos até de promover algumas formações quer para professores, quer para pessoal não docente, que são pagas pela própria escola. Por exemplo, fizemos uma ação de formação no âmbito da Sexualidade em que a escola aproveitou uma parte da formação que era grátis e depois pediu o suplemento que foi pago pela escola de modo a permitir acreditação da formação (...).

(C)Nós no agrupamento... essa é a nossa prioridade, que é, nós não queremos lançar a formação para a escola, nós queremos é questionar os nossos colegas, os nossos professores, quais são as efetivas necessidades de formação que eles têm.

10.Quais as razões que considera estarem subjacentes à definição dessas prioridades?

Resposta:

(A) Com essa necessária gestão, por tudo aquilo que eu disse... dos recursos humanos (...). Também há uma situação que acho importante aqui referir que é, muitas vezes (...) no plano de formação também se rentabilizam formações que já estão acreditadas (...) porque no fundo está a ser rentabilizada uma formação que já foi acreditada por outro Centro que poderá ser utilizada pelo nosso Centro (...) isso também conta, porque para além de agilizar muitas vezes o processo, e porque também já há um conhecimento dessas formações e da avaliação dessas formações, o que também contribui para dignificar, para valorizar as ações que são desenvolvidas pelo próprio Centro.

(B)Razões económicas. A escola também promoveu, em parceria com a Poeta António Aleixo, juntando os 2 Psicólogos, também desenvolvemos dois conjuntos de ações de formação para Assistentes Operacionais e para

Assistentes Administrativos que decorreram no final do ano anterior (...).

(C) É a necessidade que as pessoas têm de formação e não nós lembrarmo-nos de arranjar 2 ou 3 formações muito bonitas e vamos lançar isto e toda a gente vai fazer esta formação! Não, as pessoas é que nos têm que dizer. “Eu tenho necessidade em *Excel*, eu tenho necessidade em Quadros Interativos, temos necessidade em Educação Intercultural, temos necessidade em formação na área do Inglês... necessidade de qualquer área! Os nossos colegas é que lançaram essas propostas.

11. Na sua perspetiva que fatores têm afetado negativamente a implementação da política de formação do CFAE? Como é que têm sido contornados esses problemas?

Resposta:

(A) Os problemas por vezes são (...) número insuficiente de formandos inscritos nalgumas formações... nalgumas é por excesso, e noutras é por defeito. E por defeito também não permite a concretização dessas formações, porque se forem formações muito específicas, dirigidas a um grupo muito restrito, por vezes poderão não se encontrar um nº de formandos necessários para a sua concretização... o que é pena, porque se ela for prevista (...) é porque havia essa necessidade e depois acabamos por não poder dar resposta a quem manifestou essa necessidade. (...) Outra grande dificuldade (...) situa-se ao nível dos cronogramas das próprias ações de formação, portanto, haver compatibilidade entre o horário dos professores e a dos próprios formadores para que se possa concretizar essas formações, portanto, (...) evitar aos fins de semana, ao sábado, (...) isso pode ser também (...) um dos constrangimentos. Um outro constrangimento é também naturalmente a questão da falta de alguns recursos financeiros específicos, porque algumas formações (...) não se concretizam porque efetivamente não há capacidade financeira para o fazer. Em concreto pela nossa escola tem sido através de promover dentro da nossa comunidade do tipo Círculo de Estudos, do tipo de Cursos de Formação em horário aí compatível entre todos os professores (...), como temos este ano, com o horário que nós consideramos, 4º feira à tarde (...) para fazer o Projeto Colaborativo. Depois é formação em diferentes modalidades: Círculos de Estudos, Cursos de Formação (...) e que são contabilizadas como formação contínua, porque foram acreditadas para poderem ser contabilizadas e aí fomos com recurso aos nossos professores, aos nossos formadores internos (...). Portanto é uma forma de contornar essas dificuldades.

(B) Eu penso que o Centro de Formação também, de acordo com indicações da Diretora do Centro de Formação, na parte de recursos humanos também tem alguma dificuldade. E as escolas também têm facilitado, têm cedido horas dos seus recursos humanos para prestarem serviço a nível de secretariado, do apoio informático e administrativo. Tem havido alguma facilidade, (...) e as escolas têm contribuído nos últimos 2 anos com 2 horas para atribuição de mais um recurso humano.

(C) Eu penso que mesmo assim, apesar de haver poucas verbas (...) tem havido bastante formação diversificada. Realmente também somos um Concelho muito grande e apanha também Monchique. E temos realmente também a nível de professores nas nossas escolas (...) de Portimão, temos muitas pessoas com formação que se têm disponibilizado para transmitir aos colegas. Portanto, acho que não tem faltado formação. Acho que também tem havido formação, muita e de muita qualidade, e se nós olharmos para a grelhas do Centro de Formação, a última que foi lançada, pode-se ver que realmente há uma grande diversidade e que todos os docentes de todos os grupos... temos realmente onde nos encaixar! Há sempre um ou outro grupo que é mais difícil! Eu acho que os recursos humanos até têm aparecido... acho é que realmente são recursos humanos de boa vontade! E voluntários! (...) Os colegas fazem cada um formação voluntariamente e acho que se calhar vão chegar a um dia em que se vão cansar! (...) Acabaram por trabalhar sem receber (...); é o voluntariado dos colegas e penso que isso não pode ser a matriz! (...) Isto não pode ser a regra! Nós o ano passado tínhamos verba do TEIP e pagamos a colegas nossos, que foram formadores de colegas nossos deste agrupamento, que receberam dinheiro. Mas agora, quando os convidamos para este biénio de formação, já não temos nada para lhes oferecer. E isso também a nível profissional, a nível pessoal, não podemos achar que isto seja bom. Isto não pode ser uma regra! O trabalho é pago! As pessoas passam muitas horas a preparar uma formação (...), a as horas que estão a dar, as horas de avaliação, tudo isto deve ser pago!

12. Na sua perspetiva, que influência (positiva/negativa) as alterações legislativas referentes à formação contínua tiveram na implementação da política de formação do CFAE?

Resposta:

(A) Eu não sei se a alteração da legislação teve muitas implicações na concretização do plano de formação. Penso que não foi significativo (...). É evidente que a necessidade de créditos para as transições de escalão para os professores é um dos fatores que também determina muito a assiduidade, a frequência das ações, mas sinto que, para além da necessidade para efeitos de progressão, as pessoas também sentem necessidade e também frequentam na mesma,

mesmo sem ser para esse efeito apenas... mas também para seu desenvolvimento pessoal... não só para efeitos avaliativos mas também para efeitos de melhorar o seu desempenho.

(B) Nos últimos anos, na área de TIC, das Novas Tecnologias, houve por parte do Ministério um investimento prioritário em formação em Quadros Interativos e de uma série de Novas Tecnologias de apoio à sala de aula. Neste momento as coisas são diferentes. Neste momento não há qualquer incentivo... ou há um ação de formação para Diretores que são os líderes inovadores, (...). Mesmo a nível das Direções seria importante algumas formação, ou na área dos recursos humanos, ou na área financeira e a Escola, as Direções não têm tido esse tipo de formação. Segundo indicação do Senhor Diretor Regional, está previsto uma formação nesse âmbito para as Direções.

(C) Como princípio, eu penso que a formação é muito importante e que todos os profissionais, sejam professores ou não, devem fazer formação, porque ninguém pode achar que fazendo um curso há 20 anos atrás, ache que hoje em dia a pessoa se mantenha atualizada, nos conteúdos... tudo evoluiu, mesmo a nível disciplinar. Eu acho que a formação como princípio deve existir. Agora a forma como as alterações legislativas têm aparecido e a formação ser uma obrigação, uma obrigação até para concluir o ciclo de avaliação docente (...), tem que ter x horas de formação! Também sabemos que isso depois acaba por ser perverso, porque algumas pessoas só fazem formação porque são obrigadas a fazer 25 horas de formação ou 50 horas. E não procuraram na sua área ou não procuraram aquilo que lhes fazia realmente mais falta, por um lado. Por outro lado, também todos sabemos que a formação é feita já há vários anos no horário da atividade não letiva dos docentes onde eles têm mil e uma coisas para fazer... estão exacerbados de trabalho (...). Penso que sim, todos devem fazer formação. Agora, em que moldes é que poderia ser feito, se calhar havia de se pensar outra forma, talvez!? Como uma obrigação, por um lado, e por outro lado, sendo sujeito a n° de horas obrigatório, a uma série de contingências.

13. Que critérios têm determinado as áreas/temas mais abrangidos pelas ações de formação?

Resposta:

(A) Os critérios partem muito como disse, já de princípio, (...) no nosso caso, (...) partem da definição da Direção... o trabalho de equipa foi um dos nossos objetivos para este ano. O ano passado, por exemplo, outro dos objetivos para o plano de formação era o Diretor de Turma, o Diretor de Turma enquanto Liderança. E este foi um dos critérios objetivos para definição de algumas das ações que estão a ser desenvolvidas e que foram desenvolvidas o ano passado. E outras da própria identificação dos colegas, dos professores.

(B) É pedido aos grupos e aos Departamentos que vejam as necessidades e prioritariamente têm ido para a área da disciplina, da Didática da disciplina. Tem sido uma das áreas prioritárias aqui na escola. (...) mas há outras áreas, a área da Informática (...), o recurso às Ferramentas que tem sido muito sugerido e pedido por professores, de modo que a escola tem feito algumas autoformações. No início dos últimos 2 anos (...) até com a introdução dos programas do "Inovar" da "Truncatura", para os sumários *on line*, a escola tem promovido formações pequenas. Para além disso, nos Quadros Interativos, logo no início, também se promoveu uma mini formação no início do ano letivo para utilização daquele recurso.

(C) Pedidos de professores. Pelo menos, no nosso agrupamento foi o nosso critério! Tivemos pedidos de formações que foram pedidas por vários grupos disciplinares. Por exemplo, a nível da Informática; foi uma área em que o ano passado tivemos 2 ou 3 ações de formação (...); tivemos 1 de Quadros Interativos; tivemos *Excel* (...) e mesmo assim, este ano quando questionamos os colegas, voltamos a sentir que muitos colegas continuam a querer esta área de formação (...) e vários grupos disciplinares pediram.

14. Em que áreas/temas não tem sido possível dar resposta à procura de formação? Na sua perspetiva, que razões determinaram essa incapacidade de resposta?

Resposta:

(A) Por exemplo, uma das áreas (...) em que é mais difícil dar resposta neste Centro de Formação é por exemplo a área da Economia (...) porque o n° de escolas com a área de economia é reduzida neste Centro de Formação e, portanto, é um bocadinho difícil o Centro desenvolver... pela questão da rentabilização da própria formação. Portanto, pelo n° de elementos que estão envolvidos no Centro nessas áreas, por exemplo é uma das áreas que não em sido muito contemplada. Por exemplo, a área das línguas também acaba por ser assim (...).

(B) Por um lado, a não disponibilidade de recursos humanos para as áreas em eu as pessoas pedem essa formação. Por outro lado, o próprio Centro não tendo recursos financeiros também não pode procurar no meio os formadores para a realização dessa formação. Portanto, há aqui dois fatores: por um lado, a falta de recursos nas escolas para determinadas áreas; por outro lado, a falta de recursos do Centro para promover e colmatar essas necessidades.

(C)No nosso caso concreto, (...) havia formação que nós não conseguíamos dar resposta, por exemplo, na área das Línguas, apesar de termos 1 programada para Inglês, mas para as outras línguas, não conseguimos, por falta de formadores. Na área de Físico-Química também aprovamos 1, mas também havia mais pedidos de outras que não conseguimos abranger por falta de formadores, porque nós não temos formadores para propor e sabendo que o Centro também não tem dinheiro para contratar... este é o constrangimento!

14.1.Relativamente aos grupos de recrutamento de língua estrangeira da sua escola, tem sentido alguma dificuldade em dar resposta aos pedidos de formação? Na sua perspetiva, que razões determinaram essa incapacidade de resposta?

Resposta:

(A)Alguma, exatamente (...) porque o nº de elementos não é suficiente para podermos por vezes promover essas ações. Aí o que tem acontecido é efetivamente através do próprio GAVE que promove também formação ou, por vezes noutras áreas (...) no Departamento de Línguas; por exemplo, já tem sido com recurso a outros Centros de Formação... portanto, os professores deslocam-se para outros Centros de Formação para poder haver já um nº significativo e aí puderem frequentar ações dentro dessas áreas. Esses grupos são um bocadinho mais difíceis de se poder... precisamente pelo nº de elementos que estão também envolvidos. Portanto, se nem todos se inscreverem, não há viabilidade para a concretização da ação.

(B)Especialmente na área das novas tecnologias e tem havido dificuldades para os professores de línguas. Portanto, os professores de línguas... é uma das áreas, (para além da Didática da disciplina, mas isso também a área de Informática é um dos grupos!), é dos Grupos Disciplinares ou de Departamento que queria maior disponibilidade na área das Novas Tecnologias e tem havido alguns condicionalismos (...) porque a formação também está condicionada ao critério da progressão e só quem está em condições, ou está próximo da progressão, precisa então da formação e tem prioridade...o critério é atribuir formação às pessoas que necessitam do nº de vagas (...) o que significa que há professores que sistematicamente vão ficando para trás.

(C)A não existência de formadores. Neste caso, nós temos uma proposta. É uma professora nossa; é a nossa professora de Inglês (...) é no âmbito do *Comenius*, Projeto *Comenius*, e ela vai dar formação de Inglês no âmbito do *Comenius*.

15.Quais as modalidades de formação que têm sido na sua maioria levadas à prática?

Resposta:

(A)Fundamentalmente é Círculos de Estudos, Oficinas, Cursos de Formação.

(B)Os Círculos de Estudos (...) são aqueles que acabam por ser mais valorizados porque é mais fácil formalizar este tipo de formação(...) do que outros modelos.

(C)Eu penso que tem a ver com as horas de formação, porque cada vez menos têm apostado na formação de 30 horas. Mais para as Oficinas de Formação, uma parte presencial, outra parte não presencial... aliás as nossas propostas são praticamente Cursos de Formação, Oficinas de Formação.

15.1.Porquê?

Resposta:

(A)Isso é muito varável, e varia muito de disciplina para disciplina. Varia muito também com o formador, portanto, a modalidade que o formador também propõe e, (outra que eu acho que é muito determinante!) e em que momento é que ela se vai aplicar e que se pode desenvolver, e em que condições. (...) Para além também da questão do nº de formandos a puderem usufruir da mesma formação e isso muitas vezes também condiciona a modalidade em que se vai desenvolver.

(B)É evidente que os professores continuam a ter alguma dificuldade em pagar a sua formação. (...) O que se verifica é que as pessoas não estão a aderir, até por razões económicas, a fazer a sua autoformação (...) deve ser a estrutura, deve ser o organismo que prolonga essa formação e não a autoformação. Portanto, como até agora nunca foi exigido a autoformação, portanto, (...) os Centros de Formação tinham de promover e disponibilizar formação, as pessoas ainda estão agarradas a esse conceito (...) a formação não paga.

(C) Penso que tem a ver com os próprios formadores quando estão a organizar...talvez o nº de horas... é uma condição. (...) Para ser um Curso, tem a ver com o nº de horas... eu penso que isto está associado ao nº de horas que se pretende para aquela formação; daí se escolhe uma ou outra modalidade.

16.Quais eram as suas expectativas, no início do processo, acerca da formação contínua a desenvolver no âmbito do CFAE? Que razões estavam subjacentes a essas expectativas? O que sentia pessoalmente acerca da construção da formação contínua no âmbito do CFAE?

Resposta:

(A)O que eu penso sobre o que foi feito neste último biénio, penso que o plano foi rico em diversidade de formação e o público abrangente. Tenho pena, e a própria Diretora do Centro também expressou, que mesmo algumas das ações não tivessem esgotado, isto é, não se inscreveram todos quantos podiam se inscrever. Em relação ao que nos diz respeito, à nossa proposta, eu penso que ela foi genericamente satisfeita, uma vez que a própria escola contribui bastante para a execução desse plano, portanto, a dinâmica da escola (...) apoia muito o Centro para a concretização, porque (...) criamos condições para podermos desenvolver algumas das ações.

(B)Eu penso que o Centro de Formação tem procurado ao longo dos últimos 3 anos (...) promover e atender às solicitações, é evidente, sempre com algumas restrições e cada vez mais restrições económicas e financeiras, mas tem promovido e tem procurado, dentro daquilo que é possível, apoiar as escolas e na dinamização de ações de formação... aquelas que consegue. Penso que o balanço dos últimos 3 anos tem sido positivo. A Diretora tem referido que vai para além do cronograma que está previsto, consegue mais turmas do que as que estavam previstas inicialmente, porque tem ultrapassado o cronograma em termos da formação prevista.

(C)Eu penso que aquilo que nós esperávamos é aquilo que está a acontecer. É o Centro de Formação fazer a coordenação e, uma vez que está numa posição diferente da nossa porque tem a visão do geral dos agrupamentos todos, e tem os planos de todos os agrupamentos, portanto, consegue gerir dessa forma e muitas vezes encontrar formadores (algumas propostas nossas levavam formador, outras não!), e é o próprio Centro de Formação que tenta encontrar formador dentro dos professores neste grupo de associação de escolas, que tenta encontrar formadores para as nossas formações. E o contrário também se verifica: vêm-nos pedir formadores que nós temos para outras escolas que o nosso agrupamento não precisa nessa área. Eu acho que o Centro de Formação faz um bom trabalho de coordenar a formação entre todos os agrupamentos.

17.Houve mudanças em torno dessas expectativas decorridos três anos enquanto escola associada ao CFAE? No caso de terem existido mudanças, como se operou essa evolução? Que razões crê estarem subjacentes a essa evolução?

Resposta:

(A)Por exemplo, o que eu tenho visto é que há uma preocupação criteriosa na definição de quais são as ações que efetivamente devemos apostar e que devemos fazer todos os esforços para que se desenvolvam; talvez (...) devido às diversas circunstâncias que já referimos anteriormente, muitas vezes por causa de questões de cronogramas, de recursos humanos para, portanto, o formador, ou até das questões financeiras, há um maior critério na seleção efetiva das ações e fazer as que são de maior importância dando resposta a cada Projeto Educativo. Claro que os Projetos Educativos das escolas são todos diferentes, as necessidades também não são todas iguais, porque as escolas estão em estados e são de níveis diferentes e só aí também já justifica uma diversidade de formação. Eu penso que ao longo dos anos, o Centro tem evoluído nesse sentido (...), de não fazer ações só para termos um Plano de Formação rico, mas fazermos ações que realmente sejam necessárias e até porque o tempo dos professores é precioso e portanto, tem que valer a pena as formações, porque independentemente das necessidades dos créditos, as pessoas gostam de aprender. Portanto, nós devemos ser muito rigorosos na formação que se desenvolve para que haja “clientes”.

(B)As necessidades dos professores continuam a ser prioritárias, agora a dificuldade é sempre a mesma: é a falta de financiamento para promover as formações, por isso ela neste momento restringe-se a possibilidades de formação desenvolvidas dentro da escola. Neste momento não há opção e tenho ideia de que a nível do Centro de Formação, ele só está a organizar formações que estão previstas dentro e que nasceram no seio das escolas e não há nenhuma ação que esteja a ser promovida, porque não há financiamento. É só feito com a “prata da casa”, penso eu. Em termos globais, se isso vai de encontro às necessidades, pois poderá ficar aquém das necessidades.

(C)Penso que não!

18.Que projetos existem para o futuro quanto à formação a desenvolver pelo CFAE? Em sua opinião quais são os pressupostos subjacentes a esses projetos? Que apoios crê existirem para esses projetos? O que sente pessoalmente em relação a esses projetos?

Resposta:

(A)Cada vez mais vamos para a necessidade de realmente utilizarmos os nossos recursos para desenvolver formação.

As escolas estão ricas de experiências, de boas práticas que se devem desmultiplicar e portanto, se nós utilizarmos esses recursos, podemos contribuir para melhorar as práticas educativas e, concretamente, a prática de sala de aula... pressuposto subjacente à formação, tem claro, fundamentalmente a questão das práticas educativas e a prática de sala de aula (...) desde o mais específico às disciplinas, desde as questões relacionais, etc. Vai caminhar muito por aí (...), até porque as escolas vão tendo cada vez mais pessoas com muita formação e pessoas com muita habilitação; temos cada vez mais professores com Mestrados, com Doutoramento e, portanto, os nossos recursos são potencialmente bons quer para o aprofundamento nas áreas mais específicas e científicas, quer mais para a outra questão de promover o desenvolvimento pessoal (...), mas isso também não invalida que também não se recorra às tais ditas parcerias, até para com as próprias Universidades, em que se possa também aí socorrer-mos também desses formadores/professores Universitário para um grau de aprofundamento mais elaborado (...). Embora que grande parte, penso que vai ter que ser muito centrada nos recursos humanos das (...) várias escolas. Também penso que terá que passar muito pela questão da autoformação. A formação também passa muito pela formação do pessoal docente, também deve passar pela sua autoformação e que depois pode partilhar (...) com a equipa, com o seu grupo (...). E também através dos próprios meios de comunicação... das *Internets* (tipo *e-learning*) que também é uma boa forma de promover a formação.

(B) Neste momento não sei (...). Não tenho opinião. Neste momento com a indecisão e com a indefinição de orientações em termos de financiamento, não se pode programar para o futuro desencadear isto ou aquilo. (...) Podia-se pensar em criar parcerias com as empresas do meio, mas atendendo às dificuldades que o País está a atravessar e as empresas, nem aí podemos procurar algum apoio... podia-se pensar em algumas empresas que podiam financiar determinados Projetos a nível das escolas, mas neste momento está tudo parado, não há perspetivas.

(C) A perspetiva que eu tenho é este trabalho que temos em mãos... das ações que já foram lançadas e aquelas que vão ser lançadas no próximo ano letivo. (...) Não me parece que haja, a não ser que a nível do Governo venha a sair alguma Legislação ou mais alguma situação... ou um concurso do PRODEP onde se possa ir buscar algumas verbas, porque fora isso, não me parece que venha a haver (...) mais do que aquilo que está a acontecer (...). Os apoios serão os mesmos, os logísticos da parte do Centro de Formação: (...) as inscrições são feitas através dele; depois de estar aprovado, lançado é o próprio Centro de Formação que gere a formação; os formadores estão afetos ao Centro de Formação ... no caso, por exemplo, de alguns professores (...) que não estavam ainda acreditados pelo Conselho Científico, o Centro de Formação também colaborou para que os formadores ficassem certificados. Quer dizer, nós propomos e o Centro de Formação faz depois a logística e a organização da formação.

19. Em sua opinião, qual tem sido o valor/relevância da formação que o CFAE tem oferecido?

Resposta:

(A) Eu penso que sim. Genericamente, (...) tem correspondido. Em relação às nossas, tem contribuído para que a maioria das que nós tínhamos proposto se tivessem concretizado; daquilo que me dá a conhecer, pelo próprio relatório que a própria Diretora nos apresentou (...) e pelas avaliações que são feitas das formações (...); julgo que genericamente as ações que têm sido e que o Centro tem feito todo o esforço para que o plano continue a ser um plano rico e que corresponda a diversos níveis... penso que, genericamente, tem sido muito positivo e que tem contribuído muito para que dentro deste contexto se continue a ter formação.

(B) Penso que tem sido um “valor acrescentado”. Se pensarmos bem, se calhar há 5/6 anos atrás a dinâmica do Centro era uma e atualmente é outra, porque tudo gira à volta de haver ou não financiamento para promover formação, portanto, se me falar há 5/6/7 anos atrás que a dinâmica do Centro era enorme, e praticamente (...) andava próximo de 60%/70% das necessidades dos professores,... pois atualmente não tem capacidade financeira para satisfazer essas necessidades e, portanto, tem que ser a nível de escola! Por isso, as poucas ações de formação que se fazem são promovidas pela escola e pelo Centro de Formação que tem de gerir e organizar, dinamizar (...), aproveitando um formador de uma escola ou estender a formação a outra escola... há aqui uma gestão que é importante e que o Centro tem feito (...). Penso que o Centro de Formação tem criado uma dinâmica de envolvimento das escolas todas do Concelho... isso é visível, poderá ser visto e reconhecido através dos Planos de Formação (...), os próprios planos têm alguma dinâmica (...). Penso que o Centro tem feito um bom trabalho e tem promovido, dentro do possível (...).

(C) Eu acho que é positivo. Havendo áreas (...) em que realmente é mais difícil encontrar formadores, uma vez que não há financiamento (...); mesmo assim temos um Projeto bastante rico. O nosso é bastante rico e sei que o das outras escolas, dos outros agrupamentos, também são. E sei que o Centro de Formação tem um grande leque, mesmo assim, de formadores voluntários... eu não sei se no futuro se vão cansar de ser voluntários (...) porque os incentivos são muito importantes, o incentivo monetário é muito importante.

Anexo 17

Registo das unidades de sentido, tema por tema, por categorias e subcategorias emergentes da entrevista ao Diretor da Escola Secundária Poeta António Aleixo (A), Escola Secundária Manuel Teixeira Gomes (B) e Escola Básica e Secundária da Bemposta (C)

TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS / Unidades de sentido	FREQUÊNCIA		
			Diretor da esc. Poeta António Aleixo	Diretor da esc. Manuel Teixeira Gomes	Diretor da esc. Bás. e Sec. da Bemposta
Conhecer os papéis a desempenhar pelos vários intervenientes relativamente à conceção, implementação e avaliação da política de formação do CFAE de Portimão e Monchique	O modo como se desenrolou o processo de definição da política de formação do CFAE	<p style="text-align: center;">Processo de definição do Plano de Ação do CFAE</p> <p>.a Diretora do Centro de Formação reúne a Comissão Pedagógica para apresentar algumas orientações também, nomeadamente, superiores relativamente à política de formação e para ouvir os Diretores das diferentes escolas no que diz respeito à estratégia a utilizar para a definição, e construção do Plano do Centro de Formação</p> <p>.posteriormente os agrupamentos elaboram e devolvem ao centro de Formação para se tentar articular em conjunto; identificam-se as formações que são possíveis de realizar, que não envolvem grandes custos, porque os formadores praticamente são todos internos, dos agrupamentos, e caso necessário, identificar algumas dessas formações que possam ser pagas por forma a partilhar esses custos por entre os diferentes agrupamentos</p>	X	X	X
	O modo como a escola concebeu o processo de identificação das necessidades de formação	<p style="text-align: center;">Processo de identificação das necessidades de formação</p> <p>.a escola, através do Conselho Pedagógico, elaborou um grelha que foi entregue a todos os Coordenadores de Departamento que, por sua vez, foram preenchidas pelos Grupos Disciplinares para apurar as necessidades de formação de cada um dos docentes, de cada área disciplinar</p> <p>.para o Plano de Formação do Centro, as ações que a própria Direção considera como sendo importantes para dar apoio ao Projeto Educativo da própria escola</p> <p>.há uma equipa que vai organizar todas as sugestões e vai definir então as prioridades para a escola, para aquele biénio</p>	X	X	X

	<p>Que prioridades foram definidas quanto às necessidades de formação decorrentes do levantamento efetuado; e quais os critérios que levaram a essa definição de prioridades</p> <p>O processo de elaboração dos planos de formação do CFAE</p> <p>Quais as estruturas de apoio necessárias para a conceção e implementação do plano de formação</p> <p>O modo como foi concebida a avaliação do plano de formação</p>	<p>Definição de prioridades e critérios para essa definição</p> <p>.as da própria Direção, as do próprio Ministério e depois as que são provenientes dos Grupos Disciplinares X X</p> <p>.houve um documento organizador, elaborado pelo Centro de Formação, a partir do qual depois a escola trabalhou esse plano, registando as propostas dos grupos X</p> <p>.o que se está a pedir e o que as escolas estão a fazer é implementar formação no interior da própria escola X</p> <p>Modo de elaboração dos planos de formação do CFAE</p> <p>. O Centro define então quais são os contributos que tem para a definição do plano, apresenta-os via Diretor do Centro; com o contributo específico das escolas, há um conjunto de instrumentos operacionais que irão ser preenchidos <i>à posteriori</i>, a fim de se proceder à elaboração do próprio Plano de Formação do Centro com as propostas sugeridas pelas escolas. Portanto, cada escola tem uma secção do Conselho Pedagógico que é responsável por elaborar o plano de formação da escola. E é esse plano de formação que depois é partilhado com o Centro de Formação e o Centro de Formação vai fazer, no fundo, uma seleção, uma seriação das ações que podem ser transversais às várias escolas; e elabora então o Plano de Formação do Centro, tendo em consideração, quer aquelas ações que são mais transversais, que podem ser propostas por uma das escolas associadas mas que depois pode integrar elementos das outras escolas associadas (e vice-versa!)</p> <p>.há reuniões preparatórias em que o Centro apresenta um fio condutor de uma proposta que depois cada escola vai trabalhar; portanto, cada escola vai trabalhar esse esquema conceptual X</p> <p>Estruturas de apoio</p> <p>.são recursos humanos, recursos económicos, isto para a elaboração. Depois para a concretização são alguns recursos financeiros X</p> <p>.cada escola nomeou uma Comissão, um grupo de trabalho que desenvolveu mais duas reuniões no Centro de Formação X</p> <p>.a boa vontade e a “carolice” dos colegas, porque basicamente quase todas as formações são dadas por colegas dos diferentes agrupamentos mas todas a título gratuito X</p> <p>Avaliação do Plano de Formação</p> <p>.numa das reuniões finais de ano ou de ciclo, a Diretora do Centro apresentou à Comissão Pedagógica a percentagem de concretização X X</p> <p>.quando não há verbas, o Centro só pode gerir dentro daquilo que os agrupamentos propõem X</p>
--	--	--

Conhecer as fundamentações acerca das grandes linhas orientadoras da política de formação, assim como das prioridades definidas pelo CFAE em estudo	As linhas orientadoras definidas pelo CFAE para a formação	<p>As linhas orientadoras definidas pelo CFAE para a formação</p> <p>.as linhas orientadoras procuram dar resposta às necessidades identificadas; as necessidades têm de ser também geridas com alguma razoabilidade, em virtude da necessidade de recursos humanos que também estão envolvidos para a concretização das mesmas</p> <p>.quando se acabaram as verbas ministeriais dos PRODEPs para a formação, os formadores vão dos agrupamentos e as verbas também vão.</p>	X	X	
	Razões subjacentes à definição dessas grandes linhas orientadoras	<p>Razões subjacentes à definição dessas linhas orientadoras</p> <p>.a possibilidade de concretização do plano passa pela questão dos recursos humanos, da gestão da bolsa de formadores internos do próprio Centro, pela gestão dos recursos financeiros. Outra questão que também está subjacente à definição do plano é quais as parcerias já existentes que podem ser utilizadas</p> <p>.para além da formação na área de TIC que nos últimos dois anos foi a grande aposta, a partir de agora, a aposta é apenas em formação Círculo de Estudos a nível de escola</p>	X	X	X
	As prioridades, definidas pelo CFAE, para a formação	<p>Prioridades definidas pelo CFAE</p> <p>.genericamente, são adequadas</p> <p>.cada escola, dentro do seu grupo de pessoal docente e não docente, deve encontrar as soluções possíveis ou em situações em que não dispõe de recursos humanos, procurar parcerias, partilhar com outras escolas de modo a fomentar a formação possível</p> <p>.questionar os colegas, os professores, sobre quais são as efetivas necessidades de formação que eles têm</p>	X		X
	Razões subjacentes à definição dessas prioridades	<p>Razões subjacentes à definição dessas prioridades</p> <p>.gestão dos recursos humanos. Outra situação que também é importante referir é que, muitas vezes se rentabilizam formações que já estão acreditadas, porque no fundo está a ser rentabilizada uma formação que já foi acreditada por outro Centro que poderá ser utilizada pelo “nosso” Centro. E esta situação, para além de agilizar muitas vezes o processo, e porque</p>	X		

		<p>também já há um conhecimento dessas formações e da avaliação dessas formações, contribui para dignificar, para valorizar as ações que são desenvolvidas pelo próprio Centro</p> <p>.razões económicas X</p> <p>.é a necessidade que as pessoas têm de formação X</p>
<p>Conhecer os problemas que têm sido sentidos pelo Diretor da escola quanto à concretização da política de formação do CFAE em estudo</p>	<p>Fatores de impedimento da implementação da política de formação do CFAE; o modo como têm sido contornados esses problemas</p> <p>Quais as influências (positiva/negativa) das alterações legislativas referentes à formação contínua na implementação da política de formação do CFAE</p>	<p>Constrangimentos à implementação da política de formação do CFAE e formas de contornar a questão</p> <p>.número insuficiente de formandos inscritos nalgumas ações X</p> <p>.outra grande dificuldade situa-se ao nível dos cronogramas das próprias ações de formação, portanto, haver compatibilidade entre o horário dos professores e a dos próprios formadores para que se possa concretizar essas formações X</p> <p>.um outro constrangimento é também naturalmente a questão da falta de alguns recursos financeiros específicos X</p> <p>.formação em diferentes modalidades: Círculos de Estudos, Cursos de Formação que são contabilizadas como formação contínua, porque foram acreditadas para poderem ser contabilizadas e foram possíveis de se realizar com recurso aos “nossos” professores, aos “nossos” formadores internos X</p> <p>.o Centro de Formação, na parte de recursos humanos, também tem alguma dificuldade X</p> <p>.as escolas também têm facilitado, têm cedido horas dos seus recursos humanos para prestarem serviço X X</p> <p>As influências (positiva/negativa) das alterações legislativas referentes à formação contínua na implementação da política de formação do CFAE</p> <p>.a alteração da legislação não teve muitas implicações na concretização do plano de formação, porque a necessidade de créditos para as transições de escalão, para efeitos de progressão não é o único fator que determina a assiduidade, a frequência das ações, mas também a necessidade que os professores sentem de se desenvolverem a nível pessoal... não só para efeitos avaliativos mas também para efeitos de melhorar o seu desempenho. X</p> <p>.nos últimos anos, na área de TIC , das Novas Tecnologias, houve por parte do Ministério um investimento prioritário em formação na temática Quadros Interativos e numa série de Novas Tecnologias de apoio à sala de aula. Neste momento as coisas são diferentes, pois não há qualquer incentivo... X</p>

		.as alterações legislativas que têm aparecido e os moldes em que os professores podem fazer formação podem desmotivar e inibir as pessoas no sentido de não a procurarem: o facto de a formação ser uma obrigação, condição <i>sine qua non</i> para concluir o ciclo de avaliação docente; os professores acabam por procurar formação não na sua área e não procuraram aquilo que lhes fazia realmente mais falta. Por outro lado, o facto da formação ser feita já há vários anos no horário da atividade não letiva dos docentes pode condicionar esse desincentivo							X
Conhecer as características da formação oferecida pelo CFAE em estudo	Os critérios que têm determinado as áreas/temas mais abrangidos pelas ações de formação	<p>Os critérios que têm determinado as áreas/temas mais abrangidos pelas formação</p> <p>os critérios partem muito da definição da Direção... o trabalho de equipa foi um dos nossos objetivos para este ano. O ano passado, por exemplo, outro dos objetivos para o plano de formação era o Diretor de Turma, o Diretor de Turma enquanto Liderança</p> <p>.os pedidos dos Professores</p> <p>.as necessidades têm ido prioritariamente para a área da disciplina, da Didática da disciplina. Tem sido uma das áreas prioritárias aqui na escola mas há outras áreas, a área da Informática, o recurso às Ferramentas, que tem sido muito sugerido e pedido por professores, de modo que a escola tem feito algumas autoformações.</p>	X						
	Áreas/temas menos abrangidos pela procura de formação; e razões para essa incapacidade de resposta	<p>Áreas/temas menos abrangidos pela procura de formação; e razões para essa incapacidade</p> <p>.a área da Economia</p> <p>.a área das línguas</p> <p>.a não disponibilidade de recursos humanos para as áreas em que as pessoas pedem formação. Por outro lado, o próprio Centro não tendo recursos financeiros também não pode procurar no meio os formadores para a realização dessa formação.</p>	X	X	X				X
	Razões das dificuldades em dar resposta aos pedidos de formação por parte dos grupos de recrutamento de língua estrangeira (Inglês, Alemão, Espanhol, Latim) das escolas associadas de ensino secundário	<p>Razões das dificuldades em dar resposta aos pedidos de formação por parte dos grupos de recrutamento de língua estrangeira</p> <p>.o nº de elementos não é suficiente para se poder por vezes promover essas ações e se nem todos os professores se inscrevem, não há viabilidade para a concretização da ação</p> <p>.a formação também está condicionada ao critério da progressão e só quem está em condições, ou está próximo da progressão, precisa então da formação e tem prioridade</p> <p>.a não existência de formadores</p>						X	
	Modalidades de formação de maior frequência e suas razões	<p>Modalidades de formação de maior frequência e suas razões</p> <p>.Círculos de Estudos, Oficinas, Cursos de Formação.</p>	X	X	X				X

		<p>.Os Círculos de Estudos são aqueles que acabam por ser mais valorizados porque é mais fácil formalizar este tipo de formação X</p> <p>.tem a ver com as horas de formação, porque cada vez menos têm apostado na formação de 30 horas X</p> <p>.varia muito de disciplina para disciplina. Também depende muito da modalidade que o formador propõe, em que momento é que ela se vai aplicar e que se pode desenvolver, e em que condições. Para além de também haver a questão do nº de formandos inscritos X</p> <p>.os professores têm dificuldade em pagar a sua formação e/ou autoformação, pois ainda veicula aquele pressuposto (conceito) de que os Centros de Formação é que têm de promover e disponibilizar formação X</p>
<p>Conhecer a evolução das expectativas, pressupostos e atitudes do Diretor da escola quanto às iniciativas de formação do CFAE em estudo</p>	<p>Expectativas, no início do processo, acerca da formação contínua a desenvolver no âmbito do CFAE; razões subjacentes a essas expectativas; e opinião acerca da construção da formação contínua no âmbito do CFAE</p> <p>Mudanças em torno dessas expectativas decorridos três anos de funcionamento do CFAE; como se operou essa evolução; e razões</p>	<p>Expectativas, no início do processo, acerca da formação contínua a desenvolver no âmbito do CFAE; razões subjacentes a essas expectativas; e opinião acerca da construção da formação contínua no âmbito do CFAE</p> <p>.o Plano de Formação foi rico em diversidade de formação e o público abrangente. Por outro lado, as escolas associadas têm ajudado muito o Centro na execução desse plano, portanto, a dinâmica das escolas apoiam muito o Centro, uma vez que juntas conseguem criar as condições para se poder desenvolver algumas das ações de formação propostas X</p> <p>.a Diretora do Centro tem referido que vai para além do cronograma que está previsto, consegue mais turmas do que as que estavam previstas inicialmente, porque tem ultrapassado o cronograma em termos da formação prevista X</p> <p>.o Centro de Formação tem feito uma boa coordenação e, uma vez que está numa posição diferente da nossa porque tem a visão do geral dos agrupamentos todos, e tem os planos de todos os agrupamentos, portanto, consegue gerir dessa forma e muitas vezes encontrar os formadores necessários X</p> <p>Mudanças em torno dessas expectativas decorridos três anos de funcionamento do CFAE; como se operou essa evolução; e razões subjacentes a essa evolução</p> <p>.há uma preocupação criteriosa na definição de quais são as ações que efetivamente devemos apostar e para as quais devemos empreender todos os esforços para que se desenvolvam X</p>

	<p>subjacentes a essa evolução</p> <p>Projetos para o futuro quanto à formação a desenvolver pelo CFAE; os pressupostos subjacentes a esses projetos; apoios para a concretização desses projetos; e opinião em relação a esses projetos</p>	<p>.as necessidades dos professores continuam a ser prioritárias, agora a dificuldade é sempre a mesma: é a falta de financiamento para promover as formações</p> <p>Projetos para o futuro quanto à formação a desenvolver pelo CFAE; os pressupostos subjacentes a esses projetos; apoios para a concretização desses projetos; e opinião em relação a esses projetos</p> <p>.cada vez mais caminhamos para a necessidade de realmente utilizarmos os nossos recursos para desenvolver formação</p> <p>.neste momento com a indecisão e com a indefinição de orientações em termos de financiamento, não se pode programar para o futuro</p> <p>.os apoios serão os mesmos, os logísticos da parte do Centro de Formação: as inscrições são feitas através dele; depois de o Plano estar aprovado, lançado, é o próprio Centro de Formação que gere a formação; os formadores estão afetos ao Centro de Formação. No caso, por exemplo, de alguns professores que não estavam ainda acreditados pelo Conselho Científico, o Centro de Formação também deverá tomar as devidas diligências para que os formadores fiquem certificados</p>	<p>X</p> <p>X</p>	<p>X</p>
	<p>O valor/relevância da formação que o CFAE tem oferecido</p>	<p>O valor/relevância da formação que o CFAE tem oferecido</p> <p>.o Centro tem contribuído para que a maioria das ações que nós tínhamos proposto se tivessem concretizado</p> <p>.tem havido uma gestão que é importante e que o Centro tem feito: o Centro de Formação tem criado uma dinâmica de envolvimento das escolas todas do Concelho e isso é visível, poderá ser visto e reconhecido através dos Planos de Formação</p> <p>.havendo áreas em que realmente é mais difícil encontrar formadores, uma vez que não há financiamento, e perante isto, o Centro tem feito um bom trabalho</p>	<p>X</p> <p>X</p>	<p>X</p>